

ISSN - 0100 - 3437

ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Nº 59 - JULHO 2023

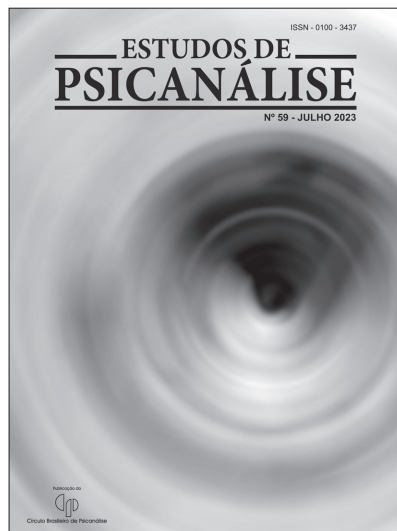
Publicação do



Círculo Brasileiro de Psicanálise

ESTUDOS DE PSICANÁLISE

ISSN - 0100-3437



Publicação do
Círculo Brasileiro de Psicanálise

REVISTA

ESTUDOS DE
PSICANÁLISE

Indexada em:
CLASE (UNAM – México)
IndexPsi Periódicos (BVS – PSI) – www.bvs-psi.org.br
Latindex (Sistema Regional de Información en Línea
para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal)
Diadorim

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia
Classificação Capes/Anppep–B2 - Psicologia - B2 - Interdisciplinar e A2 - Letras/Linguística

Esta revista é encaminhada como doação para todas as bibliotecas
da Rede Brasileira de Bibliotecas da Área de Psicologia – ReBAP

Os artigos são de total responsabilidade dos autores.

FICHA CATALOGRÁFICA

ESTUDOS DE PSICANÁLISE. Rio de Janeiro: Círculo Brasileiro de Psicanálise,
n. 59, jul. 2023. 162 p.

Semestral. ISSN: 0100-3437 – 28 x 21cm

1. Psicanálise – periódicos



Revista Estudos de Psicanálise

EDITORES DA REVISTA

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)
Elizabeth Medeiros de Almeida Martins (CPB)
Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)
Magda Maria Colao (CPRS)
Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)
Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

CONSELHO CONSULTIVO

Ana Cristina Teixeira da Costa Salles (CPMG)
Carlos Antônio Andrade Mello (CPMG)
Déborah Pimentel (CPS)
Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)
Marie-Christine Laznik (ALI-França)
Marta Gerez Ambertín (Universidad Nacional de Tucumán)
Michell Alves Ferreira de Mello (CBP-RJ)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Perissé (CBP-RJ)
Elizabeth Samuel Levy (CPPA)
Juliana Marques Caldeira Borges (CPMG)

ENDEREÇO DA REDAÇÃO

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana
22050-002 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 2236-0655
E-mail: cbp.rj@terra.com.br
Site: www.cbp-rj.com.br

PROJETO GRÁFICO E FORMATAÇÃO

Valdinei do Carmo

IDEALIZAÇÃO DE CAPA

Renata de Brito Pedreira
Foto: Gil Cerryle Fonkwo

REVISÃO

Português e normalização
Dila Bragança de Mendonça
Inglês
Anchyses Jobim Lopes

IMPRESSÃO E ACABAMENTOS

Gráfica Formato – Certificada – FSC®



Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

DIRETORIA 2023–2025

PRESIDENTE

Anna Lúcia Leão López (CBP-RJ)

VICE-PRESIDENTE

Cleo José Mallmann (CPRS)

TESOUREIRA

Renata de Brito Pedreira (CBP-RJ)

SECRETÁRIA

Helena Maria Melo Dias (CPPA)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Déborah Pimentel (CPS)

Eliana Rodrigues Pereira Mendes (CPMG)

Elizabeth Samuel Levy (CPPA)

Maria Beatriz Jacques Ramos (CPRS)

Maria José Trabazo Carballal (CPB)

Michell Alves Ferreira de Mello (CBP-RJ)

EDITORES DA REVISTA ESTUDOS DE PSICANÁLISE

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

Elizabeth Medeiros de Almeida Martins (CPB)

Maria Auxiliadora Toledo Garcia Freire (CPMG)

Magda Maria Colao (CPRS)

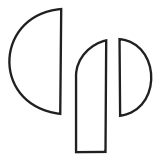
Paulo Roberto Ceccarelli (CPPA)

Ricardo Azevedo Barreto (CPS)

REPRESENTANTE JUNTO À ARTICULAÇÃO DAS ENTIDADES PSICANALÍTICAS BRASILEIRAS

Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ)

Michell Alves Ferreira de Mello (CBP-RJ)



Círculo Brasileiro de Psicanálise – CBP

INSTITUIÇÕES FILIADAS

Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro – CBP/RJ

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504 - Copacabana

22050-002 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 2236-0655

E-mail: cbp.rj@terra.com.br

Site: www.cbp-rj.com.br

Círculo Psicanalítico da Bahia – CPB

Av. Milton Santos, 1156, Sala 101,

Cond. Edf. Master Center, Ondina

40170-110 - Salvador - BA

Tel./Fax: (71) 3245-6015

E-mail: circulopsi.ba@veloxmail.com.br

Site: www.circulopsibahia.org.br

Círculo Psicanalítico de Minas Gerais – CPMG

R. Maranhão, 734/3º andar - Santa Efigênia

30150-330 - Belo Horizonte - MG

Tel.: (31) 3223-6115 Fax: (31) 3287-1170

E-mail: cpmg@cpmg.org.br

Site: www.cpmg.org.br

Círculo Psicanalítico do Pará – CPPA

Rua Boaventura da Silva, 1303/02/Altos - Umarizal

66060-060 – Belém - PA

(91) 99150-6200 e (91) 3355-6710

E-mail: contato@circulopsicanaliticodopara.com

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul – CPRS

R. Senhor dos Passos, 235/1001 - Centro

90020-180 - Porto Alegre - RS

Tel./Fax: (51) 3221-3292

E-mail: circulopsicanaliticors@gmail.com

Site: <http://www.circulopsicanaliticors.com.br>

Círculo Psicanalítico de Sergipe – CPS

Praça Tobias Barreto, 510/1208

São José Ed. Centro Médico Odontológico

49015-130 - Aracaju - SE

Tel.: (79) 3211-2055

E-mail: cps@infonet.com.br

Site: www.circulopsicanalitico-se.com.br

Sumário

15 Editorial

AUTORA CONVIDADA

- 17 Da vida de sites a um sítio na Serra
From the Life of Websites to a Place in the Mountains
Ninfa Parreiras

ARTIGOS

- 25 **Freud e os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” – interlocução com a primatologia em “Diferentes”, de Frans de Waal**
Freud and the “Three essays on the theory of sexuality” – dialogue with primatology in “Differents” by Frans de Waal
Anchyses Jobim Lopes
- 41 **Supervisão no Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência – NEPSI: ofício e transmissão da Psicanálise**
Supervision at the Center for Psychoanalytic Studies of Childhood and Adolescence
– *NEPSI: the craft and transmission of Psychoanalysis*
Anna Lucia Leão López
- 47 **Breves considerações acerca do “Recalcamento” em Freud**
Brief considerations about “Repression” in Freud
Cássio Eduardo Soares Miranda
- 55 **A escrita do feminino em *Dias de abandono*, de Elena Ferrante**
The writing of the feminine in “The Days of Abandonment”, by Elena Ferrante
Clarissa Ribeiro Vicente
Elizabeth Samuel Levy
- 63 **O corpo e a subjetividade do sujeito**
The body and subjectivity of the subject
Déborah Pimentel
- 75 **Os 125 anos da psicanálise e a ética do psicanalista**
125 years of psychoanalysis and the ethics of the psychoanalyst
Eliana Rodrigues Pereira Mendes
- 83 **O *concern* e a liquidez das relações humanas: uma leitura winnicottiana**
Concern and the liquidity of human relations: a winnicottian reading
Luan Sampaio Silva
Janari da Silva Pedroso
- 97 **Teoria dos sistemas de justificação (JUST) e alguns pressupostos psicanalíticos: reflexões transdisciplinares**
Justification Systems Theory (JUST) and some psychoanalytic assumptions: transdisciplinary reflections
Márcia Gralha
Paulo Roberto Ceccarelli

- 109** **A supervisão na clínica do curso do NEPIA-CPRS**
Supervision in clinic at the NEPIA-CPRS training course
Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski
- 119** **As (des)construções identitárias:
reflexões sobre os povos indígenas na Amazônia**
Identity (de)constructions: reflections on indigenous peoples in the Amazon
Maria do Rosário de Castro Travassos
- 127** **O desenho e a clínica psicanalítica com crianças e adolescentes**
Drawings and the psychoanalytic clinic with children and adolescents
Noeli Reck Maggi
Paola Giacomini Fachini
- 135** **Considerações sobre a sensibilidade do cuidado poético-analítico:
coisa versus humano em pandemia**
*Considerations about the sensibility of the poetic-analytical care:
thing versus human in pandemic*
Ricardo Azevedo Barreto
- 141** **A atemporalidade do inconsciente entre restos
e crocodilos que ainda vivem**
*The timelessness of the unconscious among remains
and crocodiles that still live*
Scheherazade Paes de Abreu
- 151** **Presos na rede:
efeitos do virtual na subjetividade contemporânea dos adolescentes**
*Trapped in the net:
effects of the virtual on the contemporary subjectivity of adolescents*
Vanessa Campos Santoro

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

- 157** Normas de publicação
- 161** Roteiro de avaliação dos artigos



*Este ofício de ser mulher
requer cuidar de tudo que nossa mulherice exige.
[...] somos tantas que às vezes rimos só
diante do matreiro das diversidades.*

Editorial

Este número da *Estudos de Psicanálise* exemplifica bem sua missão. Iniciada e mantida há 54 anos, abrange vários estados do Brasil. Trata-se de uma publicação que traz autores das sociedades filiadas ao Círculo Brasileiro de Psicanálise, além de outras instituições. A *Estudos 59* traz artigos originários de Minas Gerais, Pará, Piauí, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Sergipe. Além da abrangência geográfica, mais importante é o alcance teórico clínico. Ao contrário de outras federações psicanalíticas brasileiras, o CBP caracteriza-se pela completa autonomia administrativa entre suas filiadas e ampla diversidade de leituras e práticas psicanalíticas.

Freud e sua obra unem o todo. Tanto no ofício psicanalítico quanto nas diversas leituras que se seguiram da obra freudiana. Atendo-se apenas aos nomes mais conhecidos, nos textos publicados há Ferenczi, Klein, Winnicott, Lacan. Herança da diversidade teórico clínica dos fundadores do primeiro círculo em Viena em 1947 e do primeiro do Brasil, no Rio Grande do Sul, em 1956. A mesma diversidade une os vários temas abordados nestes artigos. Muitos com temas psicanalíticos universais, ali outro fundamentado diretamente na experiência clínica de duas colegas, lá um sobre os povos indígenas da Amazônia e até um que sai da exclusividade do *homo sapiens* e o compara com seus primos primatas. O lançamento de um novo número da *Estudos* é sempre um dia de comemoração.

Mas o luto também tem de ser celebrado. Cada número da *Estudos* rememora um nome, seja um autor muito difundido da psicanálise, seja um nome de peso na história do Círculo Brasileiro de Psicanálise, seja um colega que se foi há pouco e deixou saudade em seu círculo. A *Estudos 59* homenageia Stetina Trani de Meneses e Dacorso, colega do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro, que nos deixou em maio de 2023.

Todos os seres humanos são únicos. Mas alguns são mais. Stetina, há mais de duas décadas, era membro efetivo do *Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro*. E a partir dele presidiu o *Círculo Brasileiro de Psicanálise* entre 2010 e 2014. Mas era mineira e nesse estado viveu e trabalhou toda a sua vida. Embora entre os cariocas haja controvérsias a qual estado a cidade de Juiz de Fora realmente pertence. Seu lado mineiro era comprovado com a assiduidade anual, durante décadas, às jornadas do *Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*. E sua por sua intensa participação, como docente e organizadora, na seção psicanalítica da *SOBRAP (Instituto Brasileiro de Psicanálise, Dinâmica de Grupo e Psicodrama – Regional Juiz de Fora)*, com a qual teceu várias pontes com o *CBP-RJ*.

Além do vasto conhecimento teórico e da capacidade ímpar de saber transmiti-lo, Stetina jamais se afastou da clínica. Durante cerca de um ano, há mais uma década, aos sábados tínhamos sua presença em uma supervisão clínica coletiva. Não foram gravadas, mas ficaram consciente ou inconscientemente em todos que assistiram. Ficou em nossa memória a radicalidade de Stetina quanto à falta de pressa que se deve ter na clínica. Um bordão seu repetido nas supervisões: “isto vai aparecer daqui a uns seis ou sete anos”.

Homenagear Stetina é lembrar sua forte personalidade, sua expansividade, seu bom humor e sua vasta experiência psicanalítica.

Anchyses Jobim Lopes
*Presidente do *Círculo Brasileiro de Psicanálise**
– Seção Rio de Janeiro

Da vida de sites a um sítio na Serra

From the Life of Websites to a Place in the Mountains

Ninfa Parreiras

Resumo

Um fragmento de um caso clínico é apresentado para se pensar os fracassos do analisando e da analista. Intercorrências na vida social e profissional do analisando levaram a uma interrupção da análise. Haveria análise sem fracassos? Ficou uma escrita de textos livres do analisando e a gentileza da analista em ler e comentar os escritos.

Palavras-chave: Fracasso, Perdas, Escrita como elaboração.

Há (o) fracasso na clínica? Ah! O fracasso na clínica... Não somente há, como também nos traz o espanto e o assombro da polissemia: Ah! Quantos fracassos traz o psicanalisar!

Será que haveria uma clínica sem fracassos? A psicanálise lida com as perdas, os insucessos de quem é analisando e os insucessos da analista. Isso se revela na transferência, na mudez, no silêncio. Frustração, falta, ansiedade, sonhos e pesadelos.

E há o fracasso da palavra, do não nomeado. Do estranho sentimento que angustia e dói. O fracasso de não falar, de não pronunciar a palavra, do indizível. De não saber nomear os sentimentos.

A psicanálise vai investigar esses tijolos partidos e rotos das muitas casas que somos e habitamos. A análise pode dar sentidos e formas aos tijolos esfacelados. Pode emendar pedaços, substituir outros, mas a casa é sempre feita de remendos. Feita de labirintos e de uma montagem de mosaicos das nossas muitas partes.

A doença pode ser um fracasso do corpo, da medicina, da cura. E a morte? Seria o nosso maior fracasso? Uma entrega ao não ser, como nos diz Jorge (2010, p. 165):

O sujeito deseja morrer, mas morrer significa aqui esgotar dentro do interior da vida todas

as suas capacidades de perseveração no ser das quais ela é capaz, para poder, enfim, se entregar à tendência ao retorno ao não ser. Por isso Freud acrescentou que “o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo”. A expressão “morte natural” parece implicar a percepção de que há algo na vida que aspira a essa morte que brota dela mesma sem nenhuma outra interferência externa.

Fracasso deriva de uma mistura do italiano das palavras latinas *frangere*, “quebrar” e *quassare*, “sacudir, chacoalhar, bater repetidamente” e, por extensão, “ameaçar”. Essa origem etimológica da palavra estaria muito ligada ao propósito da clínica da psicanálise. Quebrar e romper amarras e opressões. Quebrar padrões rígidos. Quebrar rotinas e repetições. Fraturar para olhar os pedaços e remontar com um outro olhar. A transferência pode trazer rupturas. E o “bater repetidamente” estaria associado à compulsão à repetição.

Ao falar a respeito da transferência Freud, em *Além do princípio de prazer* (1920/1996) usa pela primeira vez o termo “compulsão à repetição” [*Wiederholungszwang*]. São experiências reprimidas, das quais o paciente não pode recordar. São repetidas como vivências atuais na situação analítica, após a repressão ter sido um pouco atenuada.

Assim, a compulsão à repetição, que se manifesta como transferência, é de início apresentada como uma manifestação do reprimido inconsciente. A repressão, como a resistência que depois se opõe ao retorno do reprimido, é uma operação executada pelo eu.

Tanto a repressão quanto a resistência podem ser compreendidas a serviço do princípio do prazer. Elas têm como finalidade evitar o desprazer que seria despertado se as representações reprimidas fossem liberadas e tivessem acesso à consciência. Logo, a oposição à recordação, levada a cabo pela resistência, parece estar totalmente a serviço do princípio do prazer.

Michael Balint (1967/2011), um dos principais discípulos de Sándor Ferenczi, nos aponta a divisão em três fases do percurso ferencziano, marcadas por alterações técnicas e teóricas na clínica da psicanálise.

Na primeira e mais extensa (1908-1927), Ferenczi se debruçou sobre o estudo aprofundado da técnica psicanalítica tradicional à época. Era caracterizada pela objetividade, pela neutralidade e por uma paciência ilimitada. Ele iniciou a transição para a sua polêmica técnica ativa, baseada em intervenções diretivas, orientadas por uma observação atenta da transferência. Nesse sentido, ele praticava uma clínica marcada pela subjetividade e não pela neutralidade. Apesar dos avanços terapêuticos e do rico material clínico resultante da aplicação daquela nova técnica, Ferenczi pôde reconhecer que alguns pacientes não tiravam proveito.

Quando ele tomou como princípio norteador que caberia ao analista encontrar uma forma de ajudar ao paciente que desejasse prosseguir o tratamento, independentemente das dificuldades, o fracasso da técnica ativa representou um grande desafio. A busca pela mudança marcou a segunda fase (1927-1928) que levou Ferenczi a modificar suas intervenções para manter a atenção nas expectativas do paciente em relação ao analista. Esse deveria ser flexível ao máximo.

Textos produzidos naquele momento – *A adaptação da criança à família, O problema do fim da análise e Elasticidade da técnica psicanalítica* – podem nos guiar sobre como ele atenuou a força de suas intervenções. Em vez das ordens e dos interditos da técnica ativa, escolheu conselhos e sugestões.

Mais tarde, abandonou por completo a mais suave forma de intervenção. Ferenczi foi sincero ao admitir e publicar que o aumento da tensão provocada por sua técnica ativa levava muitos dos pacientes a uma espécie de reativação infrutífera das experiências traumáticas da infância. Ou seja, repetiam sintomas e regrediam na transferência. A técnica seria para facilitar as repetições e regressões.

A terceira fase (1928-1933) foi marcada por uma considerável queda em sua produção científica. Teria sido o indicativo de uma crise intelectual. Na verdade, a história do movimento psicanalítico caracteriza como uma crescente indisposição e um distanciamento entre Ferenczi e a sociedade psicanalítica. (Foi examinado por Balint, 1967/2011). Por que não mais publicara suas observações? Isso seria devido à acolhida que seus textos (não) recebiam?

A técnica e os resultados clínicos obtidos nessa fase refletiam a solução encontrada por Ferenczi para fixar os limites de tolerância e complacência com que o analista deveria tratar seu paciente: tal qual um adulto afetivo trataria uma criança. Ele afirmava que, caso as interpretações se mostrassem inúteis, o analista, em uma atitude de acolhimento diante do sofrimento do paciente, poderia recorrer à afeição e à gentileza sinceras.

Anos depois, Balint questionaria: a inserção dessas experiências afetivas no *setting* analítico seria legítima? Ou expressaria o sintoma do imenso desejo de amor e de afeição que Ferenczi carregava consigo? São questões que afetam minha clínica e voltaremos a elas após a apresentação de um fragmento de um caso clínico.

Passo agora a relatar esse fragmento de um fracasso da clínica que tenho desenvol-

vido. Assim, podemos pensar nas rupturas e repetições trazidas pela palavra “fracasso”. Os aspectos que poderiam identificar o paciente foram mudados sem prejuízo para a discussão do caso e sem possibilidade de permitir algum tipo de semelhança.

Atendi um analisando, aqui nomeado Beni, ao mesmo tempo em que ele mantinha o tratamento psiquiátrico para acompanhar suas crises de depressão e surtos. Inicialmente eram três vezes por semana, até que ele se estabilizou emocional e profissionalmente.

Começamos a ter sessões duas vezes por semana e, depois, uma. Com isso, Beni teve bons momentos, distanciado dos tratamentos psiquiátricos, da medicação e das interações. Ele conseguiu recuperar o trabalho (empresa de produção) do qual ficara afastado anos por causa do medo e de outras ameaças persecutórias quando iniciou a análise comigo.

Foi um processo longo, marcado por rompimentos de relações amorosas, distanciamento da família, perda do pai, posteriormente, da mãe, internações, mudanças de casa. Ora com autonomia, custeando sua vida; ora morando de favor, em um quarto da casa da irmã, e até na casa de uma ex-babá, por exemplo. Quando fiz a mudança física do meu consultório, ele estranhou bastante e trabalhamos isso na transferência. As mudanças eram recebidas como perdas, com sofrimento e não possibilidade de reparação.

Ele namorou, teve vida social, manteve seu espaço duplo de morada e escritório com grande movimento como gostava: reuniões de trabalho, finais de semana com amigos, e viagens de lazer. Além disso, fotografava e fazia poemas. Houve uma época em que ele desenvolvia um correio semanal de envios de foto-poema, por e-mail. Foi um período repleto de afazeres que apreciava e vivia cercado de familiares. Viveu inesquecíveis encontros, lembrados com nostalgia nos momentos melancólicos.

Ele encarou também fracassos, principalmente nos últimos anos: a perda da mãe, a saída do bairro onde morou a vida toda, a

mudança da capital, a falência dos seus empreendimentos de trabalho, o rompimento de longos relacionamentos de amor e de amizade, a morte do seu médico espírita em quem tinha total confiança, a traição de um irmão, o calote da sócia, a batida de um carro com perda total, uma infiltração na sua casa, que destruiu arquivos fotográficos, os sentimentos suicidas, a inadimplência de inquilinos, o despejo de um apartamento alugado, um infarto, covid-19 por duas vezes.

Isso tudo ampliou a impotência, a fobia, a insegurança e a tristeza.

E da minha parte, como me sentia? Ora frustrada com os impedimentos, ora animada com pequenas coisas. Os fracassos davam sinais nas interrupções da análise, quando ele teve que se mudar de bairro, e depois de cidade. Ele foi se distanciando, da Zona Norte da cidade, para o subúrbio, para a periferia, para a Baixada, para a Serra Fluminense. Quanto mais distanciamento da “Cidade Maravilhosa”, do “Beni maravilhoso, cheio de amizades”, mais impactado ele ficava pelas coisas e pelas pessoas que perdia. Ou que sumiam, ou se afastavam. Para ele, eram fracassos profundos, no fundo de um poço sem fim, como nomeava.

Para mim, os fracassos impediam o desenvolvimento da análise e me deixavam com um sentimento de impotência. O que eu poderia fazer? Para além de acolher, de escutar, de estar disponível nos dias combinados, de nomear as mudanças, de trabalhar os sonhos. Manter a análise com aquele furacão de perdas reforçaria a não possibilidade de seguir o trabalho analítico? Às vezes, parece que interromper o que não pode acontecer pode ser menos doído. Deveríamos, ali, ter colocado um fim? Fomos tentando fazer o possível, o que significava driblar com o quase impossível.

Em relação à distância da capital, onde foi morar, podemos olhar como algo dúbio. Por um lado, ele perdia autonomia, sim. Coincide com o momento em que não trabalhava e vivia da renda de um aluguel. E dependia da irmã ou do irmão para administrar sua vida.

Por outro lado, ganhava qualidade de vida longe do centro urbano da capital. Podia ir a pé a lugares, andando poucos metros, sem depender de companhias.

Para ele, tudo isso representava um sentimento paradoxal, confuso. Beni tinha dificuldades em lidar com mudanças, mesmo que fossem para circunstâncias mais saudáveis. No interior, onde está, conhece os médicos, os laboratórios, as farmácias. Mora numa casa-sítio, com quintal, jardim, animais domésticos.

Os fracassos na análise seguiam: quando ele precisava diminuir a quantidade de atendimentos e não conseguia pagar nem dar continuidade ao tratamento. Quando foi compelido a se entupir de medicamentos e até se internar. Quando se deprimia e parecia que a vida havia parado. Quando não conseguia um aparelho para fazer atendimentos virtuais, nem contava com recursos para pagar uma internet. Quando queria vir à análise e não contava com uma pessoa para acompanhá-lo e estava com fobia social. Já não conseguia se deslocar sozinho pela cidade grande. Nem se deslocar da pequena cidade para o meu consultório.

E o fracasso maior (dele? meu?): Beni foi obrigado a se mudar para a cidade do interior do estado, onde mora com a irmã e a companheira dela. Isolado, com fobias e depressão, depois de algumas internações em hospitais psiquiátricos, vive preso, onde não faz atividades físicas nem trabalha. Está recluso e insatisfeito. Não convive com a vizinhança, tem uma relação ruim com a irmã e a cunhada.

Não usa o transporte público, não tem recursos financeiros para otimizar a sua sobrevivência. E não se sente seguro com os deslocamentos na pequena cidade. Sua irmã recebe um valor de aluguel de um imóvel comercial dele, quantia usada na casa e na manutenção da saúde de Beni (plano de saúde básico e remédios). Ele perdeu o controle dos ganhos e gastos, do mover-se com autonomia. Suas ligações e contatos são vigiados pela irmã, segundo ele me conta. Se

ele deseja falar comigo deve ser pelo aparelho da irmã. Ou por um aparelho adquirido de segunda mão, com poucos recursos tecnológicos.

Teve um momento em que ele começou a pesquisar *blogs* e *sites* sobre suicídio e doenças psiquiátricas, na busca de entender seus (im)possíveis diagnósticos apontados por diferentes médicos. Numa dessas vezes, ele me ligou atordoado com o que leu. Chorava compulsivamente e se sentia perdido. Perguntei para que ele fazia aquelas pesquisas na internet se não se sentia bem. E o que ele ia fazer com aquilo? Respondeu-me que eram curiosidades ou tampões para a sua angústia. Sinalizei que as consultas a *sites* na internet estavam intensificando os sintomas ameaçadores. E que era uma repetição de coisas persecutórias e assustadoras. Parecia ser a escolha da companhia de um fantasma. E aquilo era monitorado pela irmã? Ou seria incentivado por ela?

Percebi que surtiram efeito as questões que coloquei porque ele diminuiu a compulsão para buscar *sites* (isso foi relatado por mensagens escritas). Quando tivemos oportunidade de conversar, falamos algumas vezes sobre as escolhas dele, inclusive por buscas na internet quando tinha acesso a um aparelho. E o que representavam aquelas pesquisas? O que Beni procurava e não encontrava?

Substituir as pesquisas foi uma das questões que trabalhamos com espaços de duas a três semanas entre os atendimentos por telefone. A análise não era por vídeo, nem semanal. Acontecia quando era possível.

E que tal transformar palavras assustadoras em outras coisas? Ou que tal voltar a criar textos, como havia feito antes? Ler poemas, com a pesquisa de *blogs* e *sites* de poetas. Ele fazia isso anos atrás, quando desfrutava de momentos lúdicos e retornos satisfatórios no correio de envios a alguns amigos e conhecidos.

Beni não dispõe de acesso a uma biblioteca nem a livros. E não quer frequentar a biblioteca pública da cidade serrana. Está

perdido num mundo decadente, controlador, capitalista, consumista, como ele me sinaliza. E no paradoxo que é morar no interior, ambiente pacato, vida simples e segura *versus* a falta de seu lugar na capital. Ou no capital? Ou na análise?

Dentro dessa situação de extremo sofrimento, ele veio ao meu consultório poucas vezes, trazido pela irmã que o esperou e avisou que não continuaria a voltar com Beni. Ela não disponibilizava de tempo nem de recursos para tornar viável a vinda para o Rio. Passei indicação de uma analista que atende na Serra.

Beni não conseguiu se ajustar ao novo momento de medicamentos, não tem acesso a amigos antigos, detesta a casa onde mora e a comida oferecida. Está preso a um passado. Vive uma apatia. Nada lhe apetece. Sente-se em uma casa desmoronada e, ao mesmo tempo, se sente na sua própria casa: despedaçada. O despedaçamento de si, da cidade, da capital, do capital.

O que conseguimos: estabelecer uma comunicação eventual, via WhatsApp. Ele se comunica comigo quando tem algo para compartilhar: uma dúvida, uma raiva, um breve desabafo. Conversamos quando ele está sozinho em casa. Sente-se sempre perseguido pela cunhada. Ou mesmo que esteja sozinho, ele se sente vigiado, como se uma câmera o estivesse gravando o tempo todo. Sabe o que ele conseguiu para fugir das perseguições tecnológicas?

Ele descobriu onde ficam o correio e a papelaria, perto de onde mora. Começou a se comunicar com as pessoas por bilhetes e cartas. Não tem certeza se os destinatários recebem sua correspondência e se ele recebe respostas de todos. Desconfia das pessoas e das instituições, inclusive do correio. Mas é o único modo de comunicação onde se entrega e se sente acolhido.

Beni decidiu me enviar, pelos correios, textos que parafraseia ou parodia. Ou mesmo reinventa na escrita a lápis no verso de papéis aproveitados. Isso depois de ler poemas de diferentes autorias na internet. Gosta

também de escrever em bulas de remédios. Ele me mandou textos em que parafraseia escritos de diferentes poetas.

A exemplo, coloco aqui.

Beni e suas cápsulas

Beni O.

Não te deixe abater..

Tomando novas cápsulas
e buscando novos problemas.

Sonhe, sempre.

Remove cápsulas e plante amigos.

Faz de tua vida de *sites* um sítio verde.

E sobreviverá da crise.

E da Cris. [ex-namorada de Beni].

O texto de Beni conversa com a poesia de Cora Coralina, autora goiana. Fui pesquisar e trago um trecho.

Aninha e suas pedras

Cora Coralina

Não te deixes destruir...

Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.

Recria tua vida, sempre, sempre.

Remove pedras e planta roseiras e faz doces.

Recomeça.

Faz de tua vida mesquinha
um poema.

E viverás no coração dos jovens

e na memória das gerações que não de vir.

Esta fonte é para uso de todos os sedentos.

Toma a tua parte.

Vem a estas páginas

e não entaves seu uso

aos que têm sede.

Um texto parafraseado pode parecer pouco. Beni precisaria de prosseguir o atendimento terapêutico diante de tantos lutos e perdas. E meu sentimento de impotência é grande. Indiquei atendimentos no local onde ele mora, contudo ele precisaria estar acompanhado para ir, porque demanda ir de condução (ônibus ou carro). Por enquanto, não

há disponibilidade afetiva da irmã para isso, porque ela não acredita em psicanálise nem em terapia. É evangélica e estabelece uma aversão a tudo que o irmão pratica: ser kardecista, ser poeta e fazer análise/terapia, etc. E para ele, ainda é difícil um deslocamento mais longo, que esperamos acontecer. Ou estaria esperando de uma outra (a irmã) as pernas para caminhar?

Talvez os textos poéticos sejam um caminho para manter uma comunicação com o mundo além da casa-despedaçada. E com seus muitos eus e casas. Algo como um adobe – parede orgânica que sustentaria as fraturas dos tijolos.

Volto à terceira fase das investigações teórico-clínicas de Ferenczi quando ele afirmava que, caso as interpretações se mostrassem inúteis, o analista, em uma tentativa de acolhimento diante do sofrimento do paciente, poderia recorrer à afeição e à gentileza sinceras. Esse desejo de afetividade pelo analisando seria um sintoma do fracasso? A análise dele foi atropelada não somente pela pandemia de covid-19, como também pela falência de Beni e pela mudança de cidade. O que significa escutar esses pequenos movimentos de escrita, de ida ao correio? Seria uma gentileza sincera? Uma elaboração dos tantos fracassos?

Volto ao meu fracasso e, ao escrever esse caso, confirmo que a escrita pode ser organizadora. Pode significar pequenos movimentos de subjetivação e uma possibilidade de olhar o atendimento e o que é caracterizado como ruptura, fratura.

Sonhe, sempre.

Remove cápsulas e plante amigos.

Faz de tua vida de sites um sítio verde.

Ah! Quantos fracassos há na clínica!

Voltamos à polissemia: há fracassos e ah, fracassos!

Abstract

A fragment of a clinical case is presented to reflect on the failures of the analysand and the analyst. Intercurrences in the social and professional life of the analysand led to an interruption of the analysis. Would there be an analysis without failures? There was a writing of free texts by the analyzing and a kindness in reading and commenting on the writings by the analyst.

Keywords: Failure, Loss, Written as elaboration.

Referências

BALINT, M. As experiências técnicas de Sándor Ferenczi: perspectivas para uma evolução futura (1967). In: FERENCZI, S. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. xvii-xxv.

CORALINA, C. *Melhores poemas*. São Paulo: Global, 2017.

CUNHA, A. G. D. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FERENCZI, S. *Psicanálise I, II, III e IV*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. (Obras completas).

FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: ———. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 17-75. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 18).

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan 2: A clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

Recebido em: 10/03/2023

Aprovado em: 26/06/2023

Sobre a autora

Ninfa Parreiras

Psicanalista.

Membro titular da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (SPID).

Coordenadora do seminário *Conversa entre a Literatura e a Psicanálise*.

Participante da Coordenação do Conselho Gestor da SPID.

Graduada em letras e psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

Mestre em literatura comparada pela Universidade de São Paulo (USP).

Foi pesquisadora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Foi pesquisadora sobre o desamparo na Biblioteca Internacional da Juventude de Munique, na Alemanha.

Agraciada em 2019 com o 2º lugar no Prêmio Biblioteca Nacional, categoria criança, da Fundação Biblioteca Nacional.

Atuou nos projetos *Caminhando*: atendimentos na Creche Cristo Redentor, no Rio de Janeiro, e PSIFERIA: supervisão ao grupo psicanalítico social, em Florianópolis (SC).
Autora de obras literárias e ensaios sobre literatura e psicanálise.

Autora de mais de 15 obras para crianças: premiadas, traduzidas e adquiridas em compras governamentais.

Autora de mais de 20 obras teóricas sobre leitura, educação infantil, literatura, psicanálise.

Organizadora de antologias e de coletâneas literárias. Como produtora cultural, fundou a *Letra Falante* (grupo de pesquisa de literatura infantil e juvenil), o sarau *Poesia Andarilha* (desde 2013), a *Cartonera Carioca* (selo de livros artesanais), o projeto *Recordar Infâncias*, a *Família Literária*.

Tem artigos publicados em revistas e livros em países como Brasil, Colômbia, Alemanha, Argentina e Suécia nas áreas de literatura e psicanálise, desamparo, literatura infantil, sonho e cinema, e psicanálise, educação infantil, infância.

E-mail: ninfaparreiras@gmail.com

Freud e os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” – interlocução com a primatologia em “Diferentes”, de Frans de Waal

*Freud and the “Three essays
on the theory of sexuality”
– dialogue with primatology in
“Differents” by Frans de Waal*

Anchyses Jobim Lopes

Resumo

A importância de Darwin na obra freudiana. A primatologia, ciência incriada ao tempo do pai da psicanálise. Classificação geral dos hominídeos, destacando as duas espécies mais próximas aos seres humanos: chimpanzés e bonobos. Paralelos entre a sexualidade segundo os *Três ensaios* e as descobertas sobre comportamento desses primatas. A frequência da bissexualidade observada nessas duas espécies conflui com as conclusões de Freud e as pesquisas de Kinsey. Frequência e variedade de condutas sexuais em ambas as espécies, amplamente contrárias e/ou superando a necessidade para reprodução. Também confluindo com a descrição da sexualidade perverso polimorfa. Bonobos como espécie que é governada por fêmeas alfa. Diferença entre sexo e gênero também observada em ambas as espécies próximas de primatas. Criação do conceito de sublimação por Freud tendo similaridade com o de “cola social” observado pelos primatólogos. O parentesco entre o conceito freudiano de pulsão com o biológico de neotenia – capacidade de aprendizado a vida inteira. O mito do patriarcado, desde os *Três ensaios* até *Moisés e o monoteísmo*, desmitificação como culturalmente recente e não sendo biológico.

Palavras-chave: Três ensaios, Neotenia, Chimpanzés e bonobos, Bissexualidade, Patriarcado e matriarcado, Waal.

*Comportamento “instintivo” soa inflexível,
não merecedor de atenção
porque sem dúvida dispensa inteligência.
O termo “instinto” agora não é bem-visto
no estudo do comportamento animal.
Frans de Waal. Diferentes, 2023.*

Introdução - da primatologia à psicanálise

Freud teve grande influência da obra de Charles Darwin. A bibliografia das obras completas de Freud cita todos os livros do pai da ideia de seleção natural, inclusive cartas e a autobiografia. Utilizada ao longo de toda a sua obra, Freud classifica o darwinismo como uma das três feridas narcísicas da humanidade, precedida pela copernicana e sucedida pela da psicanálise. Copérnico, Darwin e Freud, os três estão no mesmo plano quanto ao processo de crítica dos pilares judaico-cristãos do ocidente, e é o último da tríade que mais de uma vez veio a afirmar isso. As hipóteses freudianas do processo de antropogênese e das bases da cultura, iniciado em *Totem e tabu* (1913) e ainda inconcluso ao tempo de *Moisés e monoteísmo* (1939), tem sua semente no projeto darwinista.

Ciência muito mais recente, a primatologia – o estudo dos grandes primatas, seus corpos, mas, acima de tudo, sua psicologia e suas sociedades trazem novidades interessantíssimas para uma complementação da linhagem psicanalítica acima mencionada.

Os hominídeos, grandes primatas sem cauda, nossos primos mais próximos, são orangotangos, gorilas, chimpanzés e bonobos. Ao contrário da asserção atribuída a Darwin, que tanto ofende os fundamentalistas de várias religiões, não somos parentes próximos e muito menos descendemos dos macacos. Estes têm rabo, os grandes primatas não. Infelizmente não temos em nosso idioma termos específicos, como em inglês, em que *monkeys* designa aqueles com cauda e *apes* os sem cauda. A separação das duas linhagens, com ou sem cauda, ocorreu há cerca de 30 milhões de anos.

Classificado como a superfamília hominídea*, o ramo de nossos antepassados surgiu há cerca de 20 milhões de anos. Embora haja

alguma divergência, pode-se resumir que os orangotangos tenham sido os primeiros a se separar da linhagem comum, entre 16 e 14 milhões de anos atrás e depois foram os gorilas, entre 9 e 7,5 milhões de anos.

Entre as três espécies seguintes, que se separaram e possuem muitas afinidades biológicas e comportamentais entre si, a primeira foi a dos humanos, que mais tarde se autodenominaram *homo sapiens sapiens*. Os ancestrais dos seres humanos e os ancestrais dos chimpanzés e bonobos foram viver separados entre 6 e 5,5 milhões de anos. Já chimpanzés e bonobos se separaram entre si por volta de 2 a 1,5 milhões de anos. Em termos evolutivos e na história dos mamíferos, essas distâncias são mínimas. Todos os primos hominídeos compartilham entre si 97% do DNA, sendo que com os de primeiro grau – chimpanzés e bonobos – temos 98,4% de DNA igual.

Há cerca de um século a ciência que estuda os primatas – primatologia - vem fazendo grandes descobertas. Que têm refletido no conhecimento sobre o primo mais complicado da família, que sem qualquer modéstia se autodenominou *homo sapiens sapiens*. Frans de Waal, de origem holandesa e radicado há décadas nos Estados Unidos, é o mais divulgado de todos primatólogos. Editou nas últimas três décadas mais de dezesseis livros, dos quais seis foram publicados no Brasil desde 2007, ano em que também foi eleito pela revista *Time* uma das 100 pessoas mais influentes do mundo. O presente artigo utiliza em sua maior parte seu livro mais recente, publicado em 2022, nos Estados Unidos e este ano no Brasil: *Diferentes. O que os primatas nos ensinam sobre gênero* (Waal, 2023).

Waal sempre traça paralelos entre os nossos primos mais próximos, chimpanzés e bonobos com os *sapiens* e, com frequência, também com aqueles um pouco mais afastados. Em quase todos os livros menciona Freud. Mas não o tem em grande simpatia e o conhece pouco. Quanto ao behaviorismo, é crítico feroz e explicitamente lhe nega qualquer valor científico.

* As classificações diferem um pouco, inclusive na nomenclatura. Também são utilizados os termos “hominínios” e “hominóides”. A classificação usada neste texto seguirá a de Waal: hominídeos.

Há dez anos publicamos nesta revista, n.º 40 (Lopes, 2013), um artigo com aproximações psicanalíticas com obras de Frans de Waal e Takayoshi Kano, outro renomado primatólogo. A principal é que, nossos primos mais próximos, chimpanzés e bonobos, além levar cerca de 16 anos para se tornarem adultos, incluídos 4 a 6 anos de amamentação, e sempre reconhecem a mãe e os irmãos. Isso significa que, mesmo com corpo adulto, jamais têm relações sexuais com a mãe e irmãs. Isto é, possuem cérebro quase do tamanho do humano, é tanto aprendido na infância, e é tanta a memória infantil que, diante da mãe biológica ou adotiva, sempre se comportam como filhotes. No referido artigo, propusemos um estágio primeiro na filogênese do complexo de Édipo.

“Os grandes primatas estão entre as poucas espécies que se reconhecem no espelho” (Waal, 2023, p. 197). “Os chimpanzés reconhecem as vozes uns dos outros” (Waal, 2023, p. 261). A morte de um bebê não é fato isolado apenas para sua mãe. Que pode ser a mãe biológica ou não, porque, faltando a mãe biológica, os bebês são adotados, inclusive há relatos de adoção por machos. Uma chimpanzé pariu um filhote natimorto,

[...] a colônia inteira, inclusive indivíduos que não eram próximos, solidarizaram-se beijando e abraçando frequentemente a mãe infeliz. E a mudança foi prolongada. Durante no mínimo um mês, a colônia prodigalizou-lhe mais afeição que o habitual (Waal, 2023, p. 398).

No presente artigo desenvolvemos outras semelhanças com o *sapiens*, principalmente quanto à sexualidade. Ao início do século XX, ainda com grandes lacunas até sua metade, o comportamento dos primatas mais próximos era desconhecido e toda uma espécie – os bonobos – sequer identificada. Hoje, quando há muito mais informações, várias confirmam algumas das descobertas mais radicais de Freud. Escolhemos principalmente aquelas que podem ser diretamente referidas

ao primeiro e mais revolucionário texto de Freud (1905/1978): *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

Freud e os Três ensaios - bissexualidade

Desde a época de sua amizade com Fliess, a bissexualidade foi defendida por Freud como categorização básica da sexualidade humana. Princípio sedimentado nos *Três ensaios sobre a sexualidade* e que Freud manteve ao longo de toda a sua obra. Apesar de certa duvidade em alguns escritos, ao longo de sua obra e correspondência, também sustentou a despatologização da homossexualidade.

A bissexualidade tornou Freud refém de críticas por ambos os lados. A psiquiatria e o saber médico em geral consideravam a homossexualidade patológica e a bissexualidade apenas um eufemismo para disfarçá-la. Muitos, senão a maioria dos psicanalistas, qual fosse sua formação profissional, explicitamente também viam a homossexualidade como doença e a bissexualidade como um cacoete do mestre a ser piedosamente deixado de lado.

Ao final dos anos 1960, quando se inicia a despatologização das homossexualidades, a obra e a pessoa de Freud passaram também a receber críticas pelo viés oposto. Para muitos do movimento *gay*, a bissexualidade não existiria, era apenas um eufemismo para homossexualidades não aceitas.

Contudo, as pesquisas com nossos primeiros homínidos nas últimas décadas, têm caminhado na direção da bissexualidade. Waal é um dos pesquisadores que retornou à escala Kinsey formulada em 1948. Escala em que uma linha foi subdividida de 0 a 6, desde a heterossexualidade exclusiva até a homossexualidade exclusiva. Embora ao longo das décadas seguintes tenham existido grandes controvérsias e variações estatísticas, a maioria dos humanos está entre 1 e 5.

Durante décadas os bonobos nos zoológicos foram escondidos dos visitantes humanos. Enquanto espécie homínida independente, os bonobos foram a última a ser

identificada. Só ocorreu em 1929. O estudo dos bonobos ficou décadas atrás do dos chimpanzés porque biólogos e estudiosos humanos, até poucas décadas atrás todos do sexo masculino, tinham vergonha de pesquisá-los. Pesquisadores e cientistas deveriam ser observadores neutros. Essa conduta, nada científica, intencional ou inconsciente, aos leigos pode parecer absurda. Mas para muitos psicanalistas, que são especialistas em detectar o recalque sexual, bastante compreensível.

Os bonobos são conhecidos como os *hippies* do mundo primata. Sua diversidade de orientação sexual levou-os a “tornarem-se os favoritos da comunidade LGBTQIAP+” (Waal, 2023, p. 413). Embora não se tenha encontrado um único bonobo que seja exclusivamente homossexual, embora possa ser criticado que categorias humanas não se aplicam a bonobos. Mas, mesmo assim, podemos aplicar Kinsey.

Na famosa escala de zero a seis de Alfred Kinsey – de exclusivamente heterossexual a exclusivamente homossexual –, a maioria dos humanos até pode estar do lado heterossexual, mas cada bonobo é totalmente um bi, um três perfeito na escala Kinsey. Além da cópula de macho com fêmea em grande variedade de posições, o padrão mais característico é o da fricção gênito-genital entre fêmeas (Waal, p. 413). [...] Essa postura frontal – na qual uma fêmea pode ser erguida do chão por outra enquanto se agarra nela como um bebê à mãe – permite que ambas façam rápidos movimentos para os lados. Elas friccionam seus clitóris intumescidos um no outro ao ritmo médio de 2,2 movimentos pélvicos dos machos. Todo estudioso dos bonobos já observou a fricção gênito genital em cativeiro ou na natureza (Waal, 2023, p. 413).

Até quase uma década atrás, os chimpanzés eram tidos como exclusivamente heterossexuais, outra categorização humana erroneamente aplicada a esses primos hominídeos. Mas que para muitos pesquisado-

res mantinha a honra patriarcal possível da família hominídea como um todo. Pesquisas de campo mais recentes mostram uma crescente direção menos exclusiva, senão até mesmo ao meio, na escala Kinsey. Assim como o comportamento sexual em bonobos possui intensa função socializante, o mesmo ocorreu em alguns estudos mais recentes em chimpanzés. Mas um eufemismo foi criado:

No entanto, quando esses comportamentos nos bonobos são classificados como “sociosexuais”, enquanto nos chimpanzés são classificados como “tranquilização”, isso impede-nos de comparar e contrastar diretamente os comportamentos entre as duas espécies irmãs (Rodrigues, 2023).

Entretanto, o subterfúgio a eufemismos não mais impede que hoje novos primatólogos leiam relatos passados e mesmo diretamente observem em natureza com mais objetividade. Como a caracterização de primatólogos de gerações passadas de vários comportamentos entre chimpanzés machos, sendo o melhor exemplo o da detalhada descrição do que hoje pode ser facilmente caracterizado como coito anal, foi no passado interpretado lentes culturais defasadas.

Freud e os Três ensaios - sexualidade perverso polimorfa

Freud separou a noção de instinto, com objeto de sua satisfação biologicamente predefinido, de seu novo conceito de pulsão, cuja satisfação é construída pela história da primeira infância de cada ser humano. Conclui já no primeiro dos *Três ensaios sobre a sexualidade* que “[...] entre a pulsão sexual e o objeto sexual há apenas uma solda” (Freud, 1905/1978, p. 148, tradução nossa).

Até pouco tempo, a sexualidade dos animais em geral, não apenas de nossos primos mais próximos, quase sempre foi compreendida muito mais pela fantasia humana, em vez de observações neutras. Nessa fantasia a sexualidade era vista como algo puramente funcional e com objetivo apenas reprodutivo,

o que pode ocorrer em mamíferos menos complexos. Mas a sexualidade dos primatas também foi, até recentemente, condicionada por estudiosos a um papel meramente reprodutivo: puro instinto à procura de um objeto específico predeterminado. Esse desejo só ocorreria durante limitado período e só para a sobrevivência da espécie. E muitos primatólogos ainda acreditam desse modo que seja a sexualidade dos chimpanzés e bonobos.

Ela não inclui amor, diversão, gratificação e só pode ocorrer entre um macho maduro e uma fêmea fértil. Talvez projetemos nos animais o tipo de vida sexual que pensamos que deveríamos ter. [...] Deixamos para lá o fato de que em algumas espécies, como os bonobos, três quartos da atividade sexual não têm relação alguma com a reprodução (Waal, 2023, p. 412).

Mesmo sem ser adepto da psicanálise, Waal acertou em cheio o uso do termo “projeção”. A sexualidade animal sempre foi vista de uma perspectiva meramente funcional, tendo como único objetivo a reprodução. Hoje é tida como mera projeção, racionalizando a suposta superioridade do sexo masculino, que em realidade só ocorre quando predomina o patriarcado. Por essa visão o sexo masculino deve concentrar em si todo poder econômico e militar. Um dos objetivos principais é tentar garantir que sua herança irá para seus filhos biológicos. E para tal garantia, a liberdade das mulheres deve ser completamente cerceada.

Só podemos especular o que veio primeiro: o patriarcado exclusivo ou o monoteísmo. A base das religiões monoteístas originais é legitimar a figura de um deus masculino. E chega ao paroxismo de que o sexo só deve ocorrer quando autorizado pela instituição religiosa, apenas para reprodução e sem concupiscência. Deste modo, partir de Santo Agostinho temos uma das mais exatas e radicais definições do patriarcado sacramentado pelas religiões monoteístas.

A candidata perfeita a esposa não deve ter tido nenhuma experiência sexual anterior ao matrimônio. Crença consciente ou inconscientemente hipócrita, porque os homens não lhe obedecem, e a maioria sabe que, para eles, desde o início que não será obedecida. Além domais, previamente ao matrimônio, os homens já tiveram várias experiências sexuais. Contudo, impõem toda forma de restrição às mulheres.

Apesar de sua prescrição milenar, todo esse sistema parece ter frequentemente funcionado pior do que se supõe. Freud discorre sobre a repressão sexual do sexo das mulheres na adolescência e início da idade adulta, acarretando um descompasso que, quando ocorre o casamento legal, religiosa e socialmente reconhecido, leva ao fracasso a sexualidade do casal. O domínio do patriarcado permite que todo poder e lucro do trabalho feminino (acima de todos o trabalho doméstico) aumente muito o capital exclusivamente utilizado por homens. Mas conduz ao fracasso da parceria, da felicidade e explode em neuroses e transtornos psicossomáticos de todos os tipos. O mundo em que viveu e sobre o qual escreveu Freud.

Mas, igual a muitas outras áreas do conhecimento, e em países mais democráticos, onde também obrigatoriamente também se separa o estado da religião, o sexo feminino também penetrou na primatologia. Comenta Waal (2023, p. 325):

[...] acho bom que a antropologia moderna tenha deixado para trás seu enfoque androcêntrico. Como na primatologia, tem havido tem havido nessa disciplina um afluxo de mulheres e uma consequente mudança de perspectiva.

Mas a atividade sexual amplamente ultrapassando a quantidade de relações necessárias para a reprodução não é exclusiva dos humanos, chimpanzés e bonobos. No entanto, o primeiro dos dois itens mais importantes recentemente reforçados ou descobertos, é que em todos – chimpanzés, bonobos e hu-

manos – as fêmeas copulam muito mais do que seria de esperar caso a concepção fosse o único objetivo.

Segundo estimativas, na natureza uma fêmea chimpanzé participará, ao longo da vida, de 6 mil cópulas com mais de uma dúzia de machos. No entanto, ela terá no total apenas cinco ou seis crias sobreviventes (Waal, 2023, p. 241).

O segundo item foi confirmado em todos os homínidos. Apesar de todo o cerceamento do comportamento feminino, também nos *sapiens* as fêmeas têm relações sexuais com muito mais machos do que se supunha. E o mesmo ocorre na espécie humana. Testes genéticos em nossos primos chimpanzés e nas fêmeas humanas, nestas complementados com entrevistas em sigilo absoluto e até detector de mentiras, revelaram que a multiplicidade de parceiros sexuais ao longo da vida é muito maior do que supunham os antropólogos e primatólogos mais antigos. E bem mais do que acreditam seus parceiros humanos do sexo masculino.

De um modo geral, é hora de abandonar o mito de que os machos têm desejo sexual mais intenso e são mais promíscuos que as fêmeas. Deixamos que esse mito se introduzisse na biologia na era vitoriana, quando ele foi adotado com entusiasmo como normal e natural (Waal, 2023, p. 245).

Ou, como rotulou Freud em 1905, uma sexualidade perverso polimorfa, mantendo as diversas características da sexualidade da primeira infância. Algumas condutas mais comuns: fricção gênito-genital entre fêmeas, masturbação de um macho em outro, sexo anal, beijo de língua e, possivelmente, outras práticas. Que a cegueira e o pudor humano rejeitaram ver na observação dos de sua espécie e extrapolaram para outros homínidos. O relato foi reprimido, porque a observação foi negada. Usando conceito psicanalítico: puro recalque.

Freud e os Três ensaios - início da diferença entre sexo e gênero

Em seu mais recente livro – *Diferentes. O que os primatas nos ensinam sobre gênero* (Waal, 2023) – são abordados temas que tem provocado polemica crescente em todas as áreas, inclusive a psicanálise: identidade de gênero e transexualidades. O primatólogo retorna ao conceito que nos dois homínidos que nos são mais próximos, os chimpanzés e os bonobos, “[...] indivíduos adquirem hábitos com aqueles que se sentem mais próximos. O aprendizado observacional é guiado pela vinculação e identificação” (Waal, 2023, p. 71).

O termo “gênero” há décadas tem originado diferentes conceitos. Utilizemos o mais comum: uma gama de características não biológicas pertencentes e diferenciadas entre a masculinidade e a feminilidade. “Expressão de gênero” denomina as características não biológicas, mas o que é cultural e socialmente tido como masculino ou feminino. Podendo mesmo designar algo mais amplo: “identidade de gênero”, alguém considerar-se homem ou mulher, geralmente desde quando se lembre na infância, que em algumas pessoas diverge do sexo biológico. Waal também segue essas distinções, igualmente utilizadas pela psicanálise contemporânea. Repete em seu mais recente livro a máxima “toda espécie tem sexo, só os humanos têm gênero” (Waal, 2023, p. 73). O sexo biológico é binário, mas o gênero um contínuo entre dois polos.

Quando falamos em gênero, os termos apropriados não são “fêmea” e “macho”, e sim “masculino” e “feminino” [...] O gênero resiste à divisão em duas categorias nitidamente distintas, e o melhor é vê-lo ao longo de um espectro que vai suavemente do feminino ao masculino, com todos os tipos de misturas de permeio (Waal, 2023, p. 79).

Gênero é um termo das últimas décadas do século XX. Mas as discrepâncias entre

sexo biológico, escolha objetal e gênero foram indiretamente intuídas no primeiro dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Freud fala das escolhas objetais pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo, ou ambas. Mas que a bissexualidade ou a homossexualidade várias vezes não são acompanhadas por

[...] alterações paralelas tanto em qualidades mentais, pulsões e traços de caráter que caracterizam o sexo oposto. [...] Nos homens a mais completa masculinidade mental pode estar combinada com a inversão (Freud, 1905/1978, p. 142, tradução nossa).

Waal acrescenta também o mesmo contínuo, há tempos observado nos humanos, para caracterizar comportamentos de nossos primos primatas mais próximos. Conclui que não apenas os humanos têm gênero, mas também chimpanzés e bonobos.

Nas minhas décadas de trabalho com grandes primatas, conheci vários deles que era difícil classificar como feminino ou masculino. Embora minoritários, parecem estar presentes em todos os grupos. [...] Infelizmente não temos ideia de quanto são comuns indivíduos de gênero inconforme, pois os cientistas procuram comportamentos típicos (Waal, 2023, p. 82-83).

Além da separação entre sexo e gênero não ser exclusiva dos *sapiens*, mas também exposta por chimpanzés e bonobos, pois nelas há uma diversidade de gênero ao longo de um contínuo. E nela também Waal observou um comportamento até recentemente pouco aceito ou compreendido entre os *sapiens*: algo semelhante à transexualidade. O primatólogo relata suas observações de uma chimpanzé apelidada de Donna.

Selecionamos algumas de suas observações sobre Donna:

[...] uma fêmea robusta de atitudes mais masculinas do que as outras fêmeas. [...] Os machos não mostravam interesse e não co-

pulavam com ela. [...] Sabia sentar-se apurada como um macho. [...] Quando eriçava os pelos [...] ela era bem intimidante, graças aos ombros largos. [...] Como Donna também nunca se masturbava, provavelmente não tinha um forte impulso sexual. Ela nunca foi mãe. [...] Quando os machos começavam suas exibições de força [...] Donna se juntava ao coro e arremetia ao lado deles. [...] Os gritos de Donna eram mais agudos que os dos machos, mas só o fato de ela os emitir já era atípico para uma fêmea. Agindo como camarada dos machos adultos, ela podia adquirir uma dominância temporária. Donna ocupava uma posição intermediária na hierarquia, mas até as fêmeas superiores saíam do caminho [...]. (Waal, 2023, p. 77-80).

Além da questão de que o conceito de gênero, diferenciado de sexo, também pode ser aplicado a chimpanzés e bonobos, há várias semelhanças entre algumas das características de Donna e as transexualidades humanas. São paralelos entre o *sapiens* e os primatas parentes mais próximos que seguramente precisam de mais pesquisa. Mesmo assim destrói o mito moralista, de que o que é contrário à natureza (*contranatura*) e apenas ocorre nos seres humanos seria perverso.

Freud e os *Três ensaios* - da sublimação à cola social

Uma vez que a sexualidade dos primos homínidos em muito ultrapassa a necessária para a reprodução, também ocorre aquém e além de práticas genitais. A sexualidade dos bonobos, em menor grau à dos chimpanzés, possui a função de que o sexo é “sua cola social” (Waal, 2023, p. 415).

Mas o conceito da sexualidade enquanto “cola social” é aplicável também aos humanos. Desde a libido que une grupos e interesses comuns, até sua transformação em objetos e comportamentos que aparentemente não possuiriam origem sexual, mas sem os quais não se vive. Práticas cuja origem é denominada genericamente por Freud de “su-

blimação”. Descoberta freudiana descrita pela primeira vez em dois artigos de 1908 que são a continuação direta dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: Caráter e erotismo anal e Moral sexual “cultural” e doença nervosa*. Da “cola social” dos primos hominídeos, a aumentamos e complicamos tanto que produzimos arte, cultura, tecnologia, talvez a linguagem humana como o primeiro de todos os produtos.

A sublimação, além de constituir um dos pilares da descoberta freudiana, neutraliza todas as proposições de uma “energia” cultural e/ou espiritual específica dos humanos. Força mística de origem sobrenatural que também seria desprovida de qualquer elo com a sexualidade. A existência comum entre todos os hominídeos da “cola social” fornece o embasamento para as ideias de Darwin, o evolucionismo e parentesco de toda vida na Terra.

Mas se os grupos humanos hoje numericamente reúnem-se até a casa de dezenas de milhões, os intensos e perenes conflitos ainda deixam muito a desejar. Principalmente quando comparados com os bonobos. A “cola social” ainda tem muito a ser melhorada em sua função original.

A ideia de “cola social” dos três hominídeos de parentesco mais próximo – chimpanzés, bonobos e *sapiens* – pode ser mais bem teorizada e explicada. Podem ser feitos alguns acréscimos. Propomos um deles.

Pulsão e neotenia

É inquestionável a proximidade do cérebro humano com o dos nossos primos hominídeos. Quando comparados em tamanho e estrutura, compõem-se de um número gigantesco de neurônios e sinapses, pouco diferindo do humano. Além desses números, ou mesmo por causa deles, chimpanzés e bonobos partilham conosco a neotenia, que é a propriedade da retenção, durante toda a idade adulta, de características típicas da sua infância e adolescência.

Considerando o quanto temos em comum com os bonobos, inclusive nossa célebre ne-

otenia, a ideia de que descendemos de um grande primata parecido com um bonobo não é absurda (Waal, 2023, p. 163).

A neotenia tanto possibilita a permanência durante toda a vida de uma característica encontrada em muitos outros seres vivos apenas na infância: a curiosidade e a plasticidade para a descoberta e o uso de novos conhecimentos, o que justifica a comparação com as descobertas de Freud sobre a sexualidade da primeira infância. Para Freud, essa curiosidade permanece a vida toda em adultos. E dela deriva o dom de adquirir durante toda a vida novos conhecimentos e comportamentos. Em outras palavras, o excesso da pulsão sexual infantil, sempre insatisfeita, é a origem da pulsão epistemofílica.

Já Melanie Klein acreditava que a pulsão epistemofílica era distinta da sexual. Contudo, poderia ser potencializada ou inibida pela pulsão sexual da infância. A neotenia também embasa muitas ideias de Winnicott. Possibilita que o brincar, mesmo quando transmutado e disfarçado nas mais sofisticadas técnicas ou conhecimentos adultos, dure pela vida inteira.

Nossos primos, embora de modo muito reduzido em comparação aos *sapiens*, também aproveitam objetos da natureza como artefatos, os quais passam à geração seguinte, embora não possam fabricar eles mesmos novos objetos. Mesmo assim, diante de novos desafios, criam novas soluções. Waal critica tanto quanto Freud a noção de instinto. Isto é, a forma como as pessoas ou animais reagiriam ou se comportariam mecanicamente, sem ter que pensar, aprender e passar às gerações seguintes. Crítica extensiva também ao comportamento de nossos primos, com os quais, para o primatólogo, mesmo existindo tendências inatas, necessitam interagir e aperfeiçoar com o aprendizado no meio ambiente.

Sintetiza Waal (2023, p. 54):

[...] No entanto vejo com ceticismo esse tipo de interpretação, pois a palavra “instinto” im-

plica comportamento estereotípico. Comportamento “instintivo” soa inflexível, não merecedor de atenção porque sem dúvida dispensa inteligência. O termo “instinto” agora não é bem-visto no estudo do comportamento animal. Embora todos os animais, assim como os humanos, possuam tendências inatas, elas são suplementadas por muita experiência. [...] Pouquíssimos comportamentos são instintivos no sentido de não exigirem prática.

Hominídeas fêmeas, das três espécies mais próximas, são criadas com outras, desde suas mães (biológicas ou adotivas) até outras das mais diversas idades. Justifica-se que o comportamento maternal seja compartilhado e incentivado desde a tenra idade, o que não quer dizer que nasçam com instintos maternais. Na perda da mãe biológica, outras fêmeas adotam órfãos. O quanto não é fruto de um instinto biológico e sim de afeto e aprendizado?

Descreve Waal (2023, p. 56):

Um recém-nascido pode buscar automaticamente um mamilo, mas a mãe ainda precisa aprender a amamentar. Isso vale para humanos e outros grandes primatas. Muitos primatas em zoológicos não têm êxito em cuidar de suas crias por falta de experiência e exemplos. Frequentemente precisam de modelos humanos para preencher a lacuna de conhecimento. Zoológicos que têm uma primata grávida costumam convidar mulheres voluntárias para demonstrarem como alimentar o bebê. A maternidade e a similaridade dos corpos aproximam naturalmente humanas e grandes primatas. Estas observam a humana nutriz e copiam cada movimento quando seu próprio bebê nasce.

Desde a publicação do livro *Um amor conquistado – o mito do amor materno*, de Elizabeth Badinter (1985), temos o embasamento por um estudo sério, de que na espécie humana um instinto materno é inexistente. Na prática, além dos casos policiais de mães que intencionalmente matam fisicamente

um ou mais filhos, também há a possibilidade de mortes psíquicas. A carência materna, levando em conta que pode ser suprida pelo pai, que também pode faltar, é a causa mais que provável de quadros psicóticos e depressivos muito graves, e mesmo de muitos suicídios. Não faltam relatos na clínica, além de observações pessoais corroboradas a partir de supervisão, seja na clínica particular, seja na clínica social do CBP-RJ.

Outro questionamento contra a noção de instinto é a capacidade dos outros primatas machos nossos primos para cuidar filhotes. Algo ainda mais difícil de compreender pela noção biológica de instinto, que no caso dos humanos. No caso do *homo sapiens sapiens*, pode-se apelar como justificativa para a noção de paternidade ou parentesco. Mas tanto quanto se saiba, são noções desconhecidas por chimpanzés ou bonobos. Voltemos aos relatos sobre adoções.

Na natureza, já foram observados chimpanzés machos adultos que adotaram um bebê e cuidaram dele amorosamente, às vezes durante anos. O macho desacelera seus deslocamentos para que o pequeno adotado consiga acompanhá-lo, procura-o quando ele se perde e tem um comportamento tão protetor quanto o de uma mãe (Waal, 2023, p. 18).

Instinto implica uma reação impensada e mecânica, disparada por algum tipo de forma externa que a desperte, um estímulo ou forma previamente determinado. Trata-se de comportamento automático e estereotipado, muito defendido por teorias como o behaviorismo. Waal defende que, embora todos os animais, assim como os humanos, possuam tendências inatas, elas são suplementadas por muita experiência. “Pouquíssimos comportamentos são instintivos no sentido de não exigirem prática” (Waal, 2023, p. 54).

Na última década, direta ou indiretamente, surgiu toda uma gama de supostos saberes e teorias que procuram justificar comportamentos e quadros clínicos em seres humanos com um “neuro” antes: neuropsicologia,

neuropediatria, neuropsiquiatria, neuropsicopedagogia e outras “neuros”. A busca de todas é reduzir o psíquico ao cerebral, isto é, ao instinto. O que é surpreendente, quando biólogos e primatólogos, que não se dedicam aos seres humanos, contestam o uso reducionista implícito no termo “instinto”.

Contudo, há muitos interesses políticos e econômicos nesse reducionismo de retorno ao “instinto”. Valida que se neguem várias condições – sociais, familiares, econômicas – tenham qualquer importância. Qualquer comportamento pode ser patologizado e passível ao uso de medicações. Além do reducionismo em aplicar essa lógica para além de transtornos facilmente reconhecíveis como fruto de lesões orgânicas, mesmo que existam alterações físicas em comportamentos sutis, “como diz o mantra científico, correlação não é causa” (Waal, 2023, p. 88). Qual é o efeito e qual a causa? Como estas “neuros” explicariam mães humanas que abandonam seu(s) filho(s)? Ou chimpanzés machos que adotam bebês de sua espécie?

Entretanto, sempre existem exceções. Embora em inglês seja designada como ‘neurobióloga’ e na edição brasileira como ‘neurocientista cognitiva’, também há Gina Rippon, Professora Emérita da Aston Brain Centre, Aston University, Birmingham. Defensora de *A nova neurociência que destrói o mito do cérebro feminino*, tradução do título original de um extenso livro, embasado pelos relatos de muitos anos de inúmeras pesquisas. Obra que também foi publicada há dois anos no Brasil: *Gênero e os nossos cérebros – como a neurociência acabou com o mito de um cérebro masculino ou feminino* (2021). Livro citado por Waal em *Diferentes*. que nele dedica mais de duas páginas para refutar Rippon.

A neurobióloga defende que o cérebro humano começa neutro no que diz respeito ao gênero. Waal discorda, defendendo que nos hominídeos o sexo simultaneamente possui uma parte inata, embora também seja necessária a outra parte, a do aprendizado. E o aprendizado pode superpor-se ao inato. Talvez a divergência entre o primatólogo e a

neurobióloga se deva à crença de que todo aprendizado é consciente. Aqui retornamos a Freud. Há aprendizado que pode ir direto ao pré-consciente ou ao inconsciente. O inconsciente da primeira tópica e o eu inconsciente e o isso da segunda tópica configuram-se no *sapiens* como gigantescos celeiros de conhecimentos adquiridos, mas hoje recalçados. Se não usado o referencial psicanalítico, o que já ao final da infância ou na adolescência é inconsciente pode parecer inato. Debates sobre conceitos e clínica psicanalítica muitas vezes também são complicados, entre eles, a distinção feita por Freud entre instinto e pulsão.

A pulsão pode ser confundida com instinto enquanto produtora do sintoma. Em muitos casos a resposta da pulsão, aparentemente mera reação, além de inadequada à realidade externa, é automática. Isto ocorre porque um conjunto de processos inconscientes recalçados associaram a situação externa com antigos conflitos internos. E a resposta predominantemente se dirige a esses conflitos hoje inconscientes, e não aos que hoje vêm do mundo externo.

Contudo, na maioria das vezes, a pulsão, por não possuir objeto predeterminado, pode aos poucos moldar-se aos objetos externos. Simultânea e gradualmente ajustar-se ao objeto e aperfeiçoá-lo, provocando um crescimento do eu e do objeto. E domesticando o lado agressivo de ambos. Como sempre há uma sobra, e um excedente de pulsão, predominando o lado amoroso, ocorre um aperfeiçoamento incessante do eu e do outro. Tanta sobra, que no *homo sapiens sapiens*, dela nasceram a linguagem e a arte. Ocorrendo a predominância de experiências boas, a neotenia se mantém, pois nunca cessa a capacidade de criação.

Embora possua raízes bem mais antigas, em sua acepção freudiana o termo novo também nasceu ao início do primeiro dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Mais especificamente, na primeira frase: “pulsão sexual [*Geschlechtstriebes*]” (Freud, 2023). Surge o contraponto ao “instinto”, no qual

o objeto de satisfação está biologicamente predeterminado. Já “[...] há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda” (Freud, 1905/1996, p. 148, tradução nossa). Na maioria das vezes, a origem da soldadura tornou-se inconsciente. Mas foi adquirida e não inata.

Entre outras qualidades, e através de uma leitura contemporânea, o termo “pulsão” completa o conceito de neotenia. Porque instinto é biologicamente hereditário e específico. Encontrando a forma externa que o satisfaça, pode ser completamente saciado. Ao menos por algum tempo. Ou por ser organicamente predeterminado, pode de tempos em tempos desaparecer.

Já para a pulsão, que preexiste ao objeto que a satisfaça, o encaixe de ambos permite muito mais incompletude. O objeto nunca satisfaz de modo absoluto ou permanente. E ao oposto do instinto, que pode desaparecer por longos períodos, a pulsão, exceto por breves momentos de satisfação, se tanto, é permanente. E esse excesso coloca a pulsão como manancial para a criação, através de todas as formas de cultura e arte, talvez da própria linguagem, que é a única e radical distinção entre nós e nossos primos mais próximos: bonobos e chimpanzés.

O mito do patriarcado - desde os *Três ensaios* até *Moisés e o monoteísmo*

O patriarcado baseia-se na discriminação do sexo feminino como inferior ao masculino. Os homens mantêm o poder, predominam em funções de liderança política, religiosa, autoridade moral, privilégio social, controle das propriedades e exercem autoridade sobre as mulheres e as crianças.

O sistema social do patriarcado só pode ser mantido se fundamentado num rígido binarismo sexual, superposto na crença de que o sexo masculino é superior ao feminino. Uma das justificativas mais populares é que os animais na natureza assim se comportam. Vimos como os bonobos, uma das duas espécies mais próximas do *sapiens*, senão a

mais próxima, é exatamente o oposto: as fêmeas são as dominantes. E além da dualidade biológica e reprodutiva sexual – macho e fêmea – os comportamentos são complexos e variam em uma escala contínua, com todas as combinações e percentagens entre masculino e feminino.

O mais próximo possível aos homens de qualquer grupo cultural ou étnico são as mulheres desse mesmo grupo. Se podem ser consideradas seres inferiores, é fácil estender a inferioridade para todos de ambos os sexos de outros grupos étnicos e culturais inteiros. Uma vez que o princípio da superioridade masculina é aceito, pode-se justificar quaisquer outras formas de discriminação. E para compreender o que inconscientemente subjaz a origem de quaisquer discriminações, podemos referir a Freud, utilizando sua própria interpretação.

Em *O tabu da virgindade (Contribuições para a psicologia da vida amorosa III)*, afirma

[...] que justamente as pequenas diferenças, em meio à semelhança em todo o resto, fundamentam os sentimentos de estranheza e hostilidade entre eles. Seria convidativo perseguir essa ideia e propor derivar desse “narcisismo das pequenas diferenças” a hostilidade que vemos em todas as relações humanas lutar com sucesso contra os sentimentos de união e vencer o mandamento do amor generalizado aos seres humanos. Sobre o fundamento dessa rejeição narcísica da mulher pelo homem, bastante deslocada para o menosprezo, a psicanálise acredita ter descoberto uma parte crucial, ao remetê-la ao complexo de castração e sua influência no julgamento sobre a mulher (Freud, 1918/2018, p. 164).

O termo “narcisismo” surge a primeira vez em uma nota de rodapé acrescentada por Freud em 1910 ao primeiro dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Para horror dos defensores mais radicais do patriarcado, que rejeitam em si mesmos quaisquer características do sexo oposto, e ainda mais a homossexualidade, a nota de rodapé refere-se

aos invertidos (termo utilizado por Freud) “buscarem como objeto sexual um homem jovem que lembre eles mesmos, o qual também possam amar, como suas mães amaram a eles mesmos” (Freud, 1905/1978, p. 145).

O investimento narcísico no pênis e o medo da castração e também foram descritos por Freud nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e posteriormente fundamentados no caso clínico por ele ilustrado: *A análise de uma fobia num menino de cinco anos*, mais conhecido como *O pequeno Hans* (1909).

Usando o tipo de interpretação um tanto selvagem de antigos psicanalistas, os defensores fanáticos do patriarcado negam em si mesmos qualquer acesso ao muito humano e universal medo que os homens têm de serem concretamente privados de seu pênis. Assim como recalcam e refutam qualquer traço de homo ou bissexualidade.

Mas o medo inconsciente ou não da castração pode ter construído algo muito além de quadros psicopatológicos individuais. Podemos acreditar ou não na postulação freudiana de uma pulsão de morte. Mas as crenças discricionárias do patriarcado justificam e potencializam todas as formas agressão contra os inferiores e “diferentes”. Passa-se da agressividade necessária para a sobrevivência e a defesa, para outro nível, ao qual se pode associar palavras como: violência, aniquilação, extermínio, apagamento, selvageria, entre outras, alcançando mesmo a autodestruição. O que infelizmente lembra nossos primos chimpanzés, capazes de tantas condutas amorosas individuais e grupais – fortes vínculos afetivos com os de sua espécie e até de outras, adotar órfãos, consolar quem sofre a perda de uma cria – mas também capazes de surtos de agressividade assassina contra outros grupos de sua própria espécie.

O perigo da crença na pulsão de morte freudiana é ser cooptada por alguma explicação biologizante ou, como está na moda, ‘neurocientífica’. Contudo, toda obra de Waal tende a colocar o adquirido como tão ou mais importante que o inato. E sem qualquer

conexão com o postulado freudiano da pulsão de morte, comenta Waal (2003, p. 286) em seu livro mais recente:

A ciência ainda vê a violência e a guerra como indissociáveis da herança da nossa espécie, apesar da escassez de evidências desse tipo de comportamento durante a nossa pré-história. O registro arqueológico, por exemplo, não contém evidência alguma de matança em grande escala antes de 12 mil anos atrás. Isso torna altamente especulativos os cenários que pressupõem que a guerra está em nosso DNA.

Em vários de seus livros, artigos e cartas, Freud escreveu de modo extremamente crítico contra as religiões. Mas de todos escritos, o que mais se aprofundou foram os três ensaios que compõem um de seus dois últimos e inacabados livros: *Moisés e o monoteísmo* (1939). Herdeiro final do primeiro livro sobre o tema *Totem e tabu*, *Moisés e o monoteísmo* possui uma de suas ênfases em um termo, tanto quanto tenhamos conhecimento, não usado antes na obra de Freud: “imperialismo”.

Citando diretamente Freud (1939/1978, p. 21, 59, 65):

Este imperialismo refletiu-se na religião como universalismo e imperialismo. [...] Como resultado das conquistas da décima oitava dinastia, o Egito tornou-se um império mundial. O novo imperialismo refletiu-se no desenvolvimento das ideias religiosas, senão de todo povo, pelo menos na camada dirigente e intelectualmente mais elevada. [...] No Egito, tanto quanto podemos compreender, o monoteísmo cresceu como um subproduto do imperialismo.

O monoteísmo judaico, que embasa o cristão e o islâmico, configura-se na adoração de um deus único que quase sempre é descrito em termos masculinos nas fontes bíblicas. E assim representado quando há autorização para fazê-lo por uma imagem.

Como na criação de Adão por Michelangelo na capela Sistina. Mas em seguida a queda pelo pecado original cuja culpada parece ter sido exclusivamente Eva.

Embora também haja o termo “*shekhinah*”, uma palavra feminina em hebraico, referindo-se a uma outra manifestação divina da presença de Deus, com base especialmente nas leituras do Talmud. O conceito de *shekhinah* também está associado ao conceito do Espírito Santo no judaísmo e, eventualmente, no cristianismo. Poderia ser interpretado como o lado feminino de Deus. Mas constitui uma interpretação ou esquecida, ou muito pouco comentada.

Em *Moisés e o monoteísmo*, Freud (1939/1978) defende a hipótese de que o deus do velho testamento foi herdeiro direto do primeiro monoteísmo, criado no Egito e posteriormente adotado pelos judeus. Deixaremos de lado discussões sobre um lado feminino de deus ou a polêmica sobre origem dos três monoteísmos.

Com a questão de Eva ter sido a causadora do pecado original, o feminino pode ser estigmatizado de todas as formas possíveis. Na igreja católica, até hoje, nenhuma mulher pode ministrar sacramentos ou ter qualquer papel relevante na hierarquia eclesial. Na ausência de um sacerdote do sexo masculino, mesmo que haja uma religiosa do mais alto escalão, um laico homem é quem pode ministrar sacramentos. O mesmo quase sempre ocorre nos demais monoteísmos.

Do monoteísmo ao patriarcado, parece imperar o narcisismo das pequenas diferenças postulado em 1918. Gigantescas guerras religiosas, que se tornaram até internas. Destruições maciças e imensos massacres, por interpretações e variações de comportamento supostamente embasadas nos mesmos textos. Exemplo mais próximo a nós, as guerras europeias entre católicos e protestantes, que se estenderam por três séculos. Haja narcisismo das pequenas diferenças para negar a castração! Nos anos seguintes, Freud chegará a um ponto de inflexão em sua obra que irá além da neurose.

Bem antes de *Moisés e o monoteísmo*, Freud (1939/1978) já assinalava em *O futuro de uma ilusão* (1927/1978) sua crítica à religião. Nesse texto tenta salvar as aparências diagnosticando a religião como ilusão, até perpetrar uma “escrita falha” em que confessa: “[...] minhas ilusões não são, como as ilusões religiosas, incapazes de serem corrigidas [...] não tem o caráter de delírios” (*The future of an illusion*, Freud, 1927/1978; p. 53, tradução nossa). Mas em *O mal-estar na civilização*, Freud (1930/1978, p. 82) abre o jogo:

As religiões da humanidade devem ser classificadas entre os delírios de massa [...] desnecessário dizer que quem compartilha de um delírio, nunca o reconhece como tal (tradução nossa).

O que nossos primos primatas podem nos ensinar

A pesquisa sobre os hominídeos mais próximos – chimpanzés e bonobos – e sua difusão pelo primatólogo mais difundido – Frans de Waal – nos fez retornar a vários conceitos e descobertas de Freud, que durante décadas foram pouco aceitas. Tivemos especial apreço pelas ideias de neotenia e da sexualidade como “cola social” entre chimpanzés e bonobos. Da qual fizemos o paralelismo com uma das origens do excesso pulsional dos *sapiens*, sublimado para a sua cultura e pulsão epistemo-fílica. Mas tendo em contrapartida também o excesso agressivo dos chimpanzés.

Quem sabe, os ancestrais do *sapiens*, há quantas centenas de milhares de anos ou mais, sendo mais fracos e mal adaptados, precisaram desses excessos para sobreviver cada vez mais longe de seu local de origem e em novos ambientes ainda mais hostis? Será que esta aposta evolutiva será válida em longo prazo?

Uma lista incompleta, baseada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*: a primeira infância e sua sexualidade perverso polimorfa, a bissexualidade como condição humana universal, a pulsão que em muito difere do instinto. E mesmo que existam pre-

disposições inatas de comportamento nos três hominídeos mais próximos – chimpanzés, bonobos e *sapiens* – há grandes variedades devidas à interação com outros do grupo e com o meio ambiente.

É como se os *Três ensaios*, descritos a partir da clínica e da observação humana de Freud, terminasse por confluir com as pesquisas dos primatólogos. As divisões criadas pelas principais sociedades humanas, e muito acentuadas pelo patriarcado, não possuem justificativas biológicas. Como defendeu Waal (2023, p. 286) em seu mais recente livro.

Muitas das principais descobertas de Freud explicam os maiores mitos que o próprio *sapiens* criou sobre si: a negação das três feridas narcísicas da humanidade. A crença da superioridade do *sapiens* em relação a todos os outros seres vivos. Negando qualquer continuidade com a natureza e atacando qualquer racionalidade que lhe fira a vaidade narcísica. A crença da superioridade do *sapiens* masculino sobre a *sapiens* feminina. A negação do fato de que pouco sabemos da mente humana, principalmente sobre a psique humana e suas pulsões. E as guerras, o imperialismo fundamentado em superioridades religiosas e ambições compensatórias ideologicamente disfarçadas, ameaçando toda vida na terra.

Esse patriarcado, em que predominam comportamentos violentos e restrições à sexualidade feminina, recusa qualquer continuidade com a natureza e ataca qualquer racionalidade. A fraqueza em tolerar a dor imposta pelas três feridas narcísicas leva ao absurdo de negar a astronomia e as ciências correlatas (a terra é plana), a origem e o parentesco dos seres humanos com toda a natureza (o evolucionismo não foi comprovado) e o inconsciente (psicanálise é uma pseudociência).

Abstract

The importance of Darwin in Freud's work. Primatology, uncreated science or time of the father of psychoanalysis. General classification of hominids, highlighting the two species closest to humans: chimpanzees and bonobos. Parallels between sexuality according to the Three Essays and discoveries about the behavior of these primates. The frequency of bisexuality observed in these two species converges with Freud's conclusions and Kinsey's research. Frequency and variety of sexual behaviors in both species, largely contrary to and/or exceeding the need for reproduction. Also converging with the description of polymorphous perverse sexuality. Bonobos as a species that are ruled by alpha females. Difference between sex and gender also observed in both closely related primate species. Creation of the concept of sublimation by Freud, similar to that of "social glue" observed by primatologists. The kinship between the Freudian concept of drive and the biological concept of neoteny – the ability to learn throughout life. The myth of patriarchy, from the Three Essays to Moses and monotheism, demystification as culturally recent and not biological.

Keywords: *Three essays, Neoteny, Chimpanzees and bonobos, Bisexuality, Patriarchy and matriarchy, Waal.*

Referências

- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- FREUD, S. Análise de uma fobia de um menino de cinco anos (1909). In: _____. *Dois histórias clínicas: "O pequeno Hans" e "O homem dos ratos"* (1909). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 10).
- FREUD, S. Civilization and its Discontents (1930). In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XXI. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.
- FREUD, S. Extracts from the Fliess papers (1950/1892-1899). In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. I. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.
- FREUD, S. Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. In: *Gesammelte Werke*, Funfter Band. Disponível em http://freud-online.de/Texte/PDF/freud_werke_bd5.pdf. Acesso em: 15 jun. 2023.
- FREUD, S. Moses and monotheism: three essays (1939/1934-1938). In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XXII. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.
- FREUD, S. O tabu da virgindade (1918) (Contribuições para a psicologia da vida amorosa III). In: _____. *Amor, sexualidade, feminilidade*. Tradução: Maria Rita Salzano Morais. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 155-178. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 7).
- FREUD, S. Three essays on sexuality (1905). In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. VII. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.
- FREUD, S. The future of an illusion (1927). In: *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, v. XXI. London: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1978.
- KANO, T. *Last ape: pigmy chimpanzee behavior and ecology*. Stanford University Press, 1992.
- LOPES, A. J. Breve sùmula de ateologia pràtica - psicanálise e religiào. *Estudos de Psicanálise*, Salvador, n. 31, p. 17-28, out. 2008.
- LOPES, A. J. O primata perverso polimorfo. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 40, p. 21-30, dez. 2013.
- LOPES, A. J. Transexualidades: o discurso do capital contra a ciência e a favor da anatomia. *Reverso*, Belo Horizonte, n. 85, p. 33-41, jun. 2023.
- RIPPON, G. *Gênero e os nossos cérebros. Como a neurociência acabou com o mito de um cérebro feminino ou masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.
- RODRIGUES, M. Same-sex sexual behavior in chimpanzees challenge our gendered biases about Evolution. In: *This view of life*. Disponível em: <https://thisviewoflife.com/same-sex-sexual-behavior-in-chimpanzees-challenge-our-gendered-biases-about-evolution/>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- WAAL, F. *Diferentes: o que os primatas nos ensinam sobre gênero*. Tradução: Laura Teixeira Motta. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- WAAL, F. *Somos inteligentes o bastante para saber quão inteligentes são os animais?* Tradução: Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- WAAL, F. *The bonobos and the atheist – in search of humanism among the primates*. New York; London: Norton & Company, Inc., 2013.
- WAAL, F. *Eu primata*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Recebido em: 20/05/2023

Aprovado em: 05/06/2023

Sobre o autor

Anchyses Jobim Lopes

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ). Filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS). Médico e bacharel em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em medicina (psiquiatria) e em filosofia pela UFRJ. Doutor em filosofia pela UFRJ. Professor do curso de formação psicanalítica do Centro de Estudos Antônio Franco Ribeiro da Silva do CBP-RJ. Supervisor clínico do Centro de Atendimento Psicanalítico (CAP) do CBP-RJ. Coordenador do Grupo de Trabalho Sobre Neo e Transexualidades (GTNTrans) do CBP-RJ. Foi professor assistente do quadro principal do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Professor adjunto da Faculdade de Educação e da graduação em psicologia da Universidade Católica de Petrópolis (UCP), Professor titular III dos cursos de graduação em psicologia e de especialização em teoria e clínica psicanalítica da Universidade Estácio de Sá (UNESA). Patrono das turmas de formandos em Psicologia da PUC-RJ, 1998 e 1999. Patrono da turma de formandos em Psicologia 2012, UNESA, Campus Ilha. Presidente do CBP-RJ e do CBP em vários mandatos. Delegado do CBP para a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS). Um dos editores regionais para a América do Sul da revista *International Forum of Psychoanalysis*.

E-mail: anchyses@terra.com.br

Supervisão no Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência – NEPsI: ofício e transmissão da Psicanálise¹

Supervision at the Center for Psychoanalytic Studies of Childhood and Adolescence – NEPsI: the craft and transmission of Psychoanalysis

Anna Lucia Leão López

Resumo

Este trabalho aborda o lugar da supervisão de atendimentos psicanalíticos de crianças e adolescentes na formação do analista, realizando uma articulação entre a constituição do analista e a constituição do sujeito. Também apresenta questões sobre a especificidade da supervisão de atendimentos psicanalíticos com crianças e adolescentes e seus efeitos no analista em formação, que está encontrando o seu estilo. Para essa reflexão, fazemos uma costura com a vivência como supervisora da clínica do Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência (NEPsI), que pertence a Clínica Social do Círculo Brasileiro de Psicanálise – seção Rio de Janeiro (CBP-RJ).

Palavras-chave: Supervisão, Psicanálise com crianças e adolescentes, Lugar do analista, Formação do analista, NEPsI.

*Se o que você diz ressoa (em alguém),
houve transmissão.
Houve um dizer que vale a pena.
Inês Catão*

Este trabalho é fruto da experiência como supervisora do NEPsI, com supervisionados no consultório e nas trocas realizadas durante as reuniões mensais das Clínicas Sociais do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP). E encontra oportunidade para a sua construção a partir da apresentação sobre Supervisão da Clínica Psicanalítica da Infância e Adolescência na VIII Jornada do NEPsI –

CBP-RJ (Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência – Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro) e I Jornada do NEPIA – CPRS (Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência – Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul).

Partindo do tripé analítico proposto por Freud, que nos sustenta ao longo do nosso ofício de analista – análise pessoal, teoria e

1. Trabalho apresentado na VIII JORNADA do NEPsI e I JORNADA DO NEPIA: CLÍNICA PSICANALÍTICA COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO SÉCULO XXI, Rio de Janeiro, 23-24 jun. 2023.

supervisão –, apresentamos aqui algumas reflexões sobre a experiência de algumas décadas na supervisão de analistas em formação, que realizam atendimentos psicanalíticos de crianças e adolescentes. Qual a especificidade dessa supervisão? Quais efeitos da clínica com crianças (com o sujeito em constituição e imprimindo sua identidade) no analista em formação? Qual o lugar da supervisão com o analista em formação, que está encontrando o seu estilo?

Seguindo essas reflexões, podemos dizer que tornar-se analista é descobrir a sua mão, encontrar o seu estilo. Na formação do analista, ele vai sendo atravessado pela psicanálise, se constituindo artesanalmente como analista.

E o NEPsI, a partir de sua criação, passa a funcionar como um espaço específico de supervisão para analistas em formação que realizam atendimentos psicanalíticos das crianças e adolescentes, oriundos da Clínica Social do CBP-RJ. O NEPsI e o Centro de Atendimento Psicossocial (CAP) do CBP-RJ conformam a Clínica Social, e são recebidos pelo NEPsI os encaminhamentos de pessoas de 0 a 18 anos. Durante o trabalho, optamos por chamar de analistas em formação aqueles alunos ou candidatos que estão realizando a sua formação analítica no CBP-RJ, sua travessia do vir a ser analista, e participam do NEPsI.

Existem requisitos para participar do NEPsI. O analista em formação deve ter percorrido os dois primeiros anos de seminários teóricos; ter aprovados os trabalhos de final de semestre; apresentar declaração de estar em análise pessoal, no mínimo duas vezes por semana, há pelo menos dois anos; e ter iniciado a sua supervisão individual. Aqui esclarecemos que o CBP-RJ exige que todo analista em formação realize duas supervisões individuais, de 50 horas cada, com dois supervisores diferentes que sejam membros efetivos da instituição.

A participação do analista em formação nas atividades do CAP e do NEPsI não é obrigatória. Porém, caso ele opte por participar de suas atividades, a frequência às su-

pervisões torna-se obrigatória e ocorrem em grupo com frequência semanal.

Logo no início das atividades do NEPsI, observou-se a importância de utilizar uma ficha específica para a realização da triagem, uma vez que as informações da ficha de triagem do CAP não atendiam às particularidades da clínica com crianças e adolescentes. A ficha de triagem do NEPsI foi reformulada e está de acordo com tais especificidades, como não é o próprio sujeito que busca atendimento; quem participa da primeira triagem são os pais ou responsáveis; existem informações importantes a serem escutadas sobre a primeira infância do sujeito que será atendido (de quem será o analisando).

Destacamos algo importante que comparece ao longo da existência do NEPsI. Com frequência, observa-se que a entrada no NEPsI ocorre após o analista em formação ter entrado no CAP. E nesse momento, escutamos relatos, falas de um certo “medo”, assustados com o infantil: “Não quero atender criança” ou “Não quero atender criança ainda”.

Nessa direção, pensamos no adulto cronológico que atendemos, que somos. O bebê, a criança e o adolescente que fomos ou somos, atualizados nas nossas relações atuais. Aqui vemos pistas para refletir sobre o lugar da supervisão dos atendimentos psicanalíticos de crianças e adolescentes na formação do analista.

Segundo Gueller (2020, p. 18), “[c]omo o candidato, a criança é alguém em formação e que precisa ser conduzido a bom porto”, ou seja, tanto na posição da criança como na do supervisionado que inicia sua formação, há algo de inacabado.

Nessa direção, o espaço da supervisão no NEPsI com o analista em formação oferece uma forma de atenuar a solidão do lugar do analista. Solidão vivenciada no exercício do ofício do analista. O nosso ofício clínico é muito solitário.

O espaço da supervisão do NEPsI oportuniza também a troca de indicações bibliográficas, de material de trabalho com crianças e

adolescentes, além de acesso a outros espaços de troca, como jornada, apresentação de trabalhos, encontro clínico e outros eventos.

Também pontuamos a importância das reuniões das clínicas sociais do CBP, desde 2021, com frequência mensal. Não temos uma pauta, os assuntos vão surgindo. Os participantes dessas reuniões são os coordenadores das clínicas sociais das seis filiais pertencentes ao CBP (CBP-RJ; CPRS; Círculo Psicanalítico de Minas Gerais - CPMG; Círculo Psicanalítico da Bahia - CPB; Círculo Psicanalítico de Sergipe - CPS e Círculo Psicanalítico do Pará - CPPA). São momentos ricos de troca entre os supervisores das filiais que ajudam a sustentar o nosso lugar de supervisor. Um continente para as angústias dos supervisores, para que possam dar continência para seus supervisionados.

Destacamos outro ponto interessante: a escassa bibliografia sobre o tema da supervisão na clínica psicanalítica com crianças e adolescentes. E por isso, como sustentação teórica, num chão freudiano, recorremos ao texto *O psicanalista e o sujeito em formação: Supervisão e análise com crianças*, de Adela Judith Stoppel de Gueller. Também utilizamos outros autores: Daniel Delouya e Eliana Mendes.

Refletir sobre o lugar da supervisão no ofício do analista nos leva a pensar no tripé analítico. Se um dos pés fica bambo, a poltrona do analista bambeia. Nesse sentido, recorremos a Freud para conseguir mais ferramentas a fim de realizar a articulação da vivência da clínica psicanalítica com crianças e adolescentes, a formação do analista e o lugar da supervisão.

Mendes (2012) nos diz que Freud, como fundador da psicanálise, não podia contar com o auxílio de um supervisor, mas frequentemente podemos vê-lo reavaliando o seu trabalho junto com os pacientes. Sabemos que o lugar do terceiro entre ele e seus analisandos era desempenhado pela escrita de sua obra.

Freud (1937/2017), em *A análise finita e a infinita*, ressalta que a análise é infinita, pois

sempre encontra a rocha da castração, sempre ficam restos inanalísáveis.

Stein *apud* Garrafa (2006, p. 84-85) afirma:

Percebeu-se, portanto, que as extensas narrativas das sessões informam mais a respeito do analista, e de sua própria análise, do que de seu paciente, pois os atendimentos são relatados tal como o analista pode escutá-los.

Nessa direção, Mendes (2012, p. 53) vai trazer a supervisão como “um lugar de elaboração de saber do analista: antes, durante, e depois de cada encontro com o supervisor”. A supervisão não como uma sucessão de encontros, e sim como um processo.

Um momento de elaboração de saber e de confronto com a elaboração de outro analista, não como uma prova ou exame, mas de confrontação de sua pertinência e coerência sob a prova da clínica (Mendes, 2012, p. 53).

Um espaço que articula o caso a caso com a teoria psicanalítica, ou seja, a supervisão “articula o universal da teoria ao particular da clínica e reabre o lugar da escuta, isto é, o lugar do analista para a subjetividade em questão” (Mendes, 2012, p. 54).

Gueller (2020) contribui nos apresentando uma importante reflexão: O que significa uma articulação entre teoria e clínica? Não é esse o espaço da supervisão?

O primeiro modelo de supervisão surgiu na Clínica de Berlim, onde trabalhavam Max Eitingon e Karl Abraham, que propuseram que a supervisão fosse feita por um analista diferente do que conduzia a análise do analista em formação, para promover a diversidade. Essa proposta foi formulada no Congresso de Budapeste, em 1918, ratificada em 1920 por Max Eitingon e delineou o tripé clássico da formação em psicanálise: análise pessoal, estudo teórico e supervisão.

A proposta considerava que mais supervisores e linhas teóricas aumentam o leque

de opções ao analista em formação, possibilitando escolhas de como se posicionar no ofício de analista. Todavia, a supervisão acabava sendo transformada numa análise de controle, o controle da análise do analista em formação. Tal como câmeras de vigilância sobre o agir do analista em formação, visando limitar os riscos do ofício do analista.

No primeiro modelo de supervisão, que considera importante ter um leque de opções, a questão da multiplicidade de transferências que encontramos é também uma das especificidades da clínica psicanalítica com crianças e adolescentes. Somos, com frequência, convocados a fazer algum trabalho com os pais, com a escola, o pediatra ou outros profissionais que estejam em contato com o analisando.

É importante compreender a formação, com suas riquezas e incertezas. Perrier *apud* Gueller (2020) nos provoca a pensá-la quando nos diz:

[...] não é querer tornar-se analista o que fundamenta o problema, mas antes o ter se tornado analista que o cria retroativamente. Desse modo, ele inverte o problema da formação: em vez de pensar geneticamente, propõe pensar que só depois se poderá dizer se houve análise, assim como só depois se poderá dizer se houve formação (Gueller, 2020, p. 28).

Como diz Gueller (2020, p. 21):

Assim como não há autoanálise, também não há como autoavaliar a condução de uma análise. É, pois, falando a um outro que podemos escutar o que nós mesmos dissemos ou não dissemos no campo transferencial. Assim, a supervisão deve favorecer a elaboração disso que transcorre no espaço analítico, no *après-coup* do ato e do dito, do tempo do acontecimento em que é impossível pensar.

Esse é um desafio da supervisão. Encontrar uma matriz diferente, tanto da matriz do modelo patriarcal de transmissão quanto da matriz do modelo do amor. Gueller (2020,

p. 29) pergunta/interroga/questiona: “Seria possível aventar que o modo como se aprende o ofício de analisar tem relação como de tomar/ser tomado pela linguagem?”

Gueller (2020) prossegue levantando questões: se a psicanálise é um modo de aprender uma função que habita o inconsciente de todo ser falante, será que o ofício de analista se aprende do mesmo modo como se aprende a falar? A linguagem se ensina?

Aprende-se a falar falando com os outros e, para isso, é preciso que esse outro seja situado como suposto interlocutor. Assim, que possamos pensar em tomar a apreensão da língua como matriz para conceituar a formação dos analistas, saindo do modelo pedagógico tradicional que delinea os lugares de mestre e aluno.

A clínica psicanalítica com crianças vem recriando a teoria psicanalítica e seus modos de intervenção. Apresentando uma proposta de formação que se detenha nas particularidades desse atendimento. Uma prática psicanalítica marcada pela impureza, pela sujeira e por entrar em cena o corpo do analista, uma vez que não podemos intervir no brincar sem vibrar num jogo, sem pôr as mãos na massinha, sem deixar respingar de tinta, sem mudar o tom de voz.

Como exemplo desse movimento, o CPRS, onde está o NEPIA, compreendendo tais especificidades, criou em 2022 e ofereceu o primeiro Curso Complementar de Formação Psicanalítica – Psicanálise da Infância e da Adolescência, com duração de um ano, contando com a participação das filiadas do CBP.

Afinal, atender crianças e adolescentes muda a maneira de pensar a análise com adultos. Como diz Gueller (2020, p. 31), “fico mais livre para brincar, menos abstinente e formal, sem medo de me fazer de bruxa, capitão, dinossauro, mãe, pai ou professor”.

Todos os analistas foram criança um dia, e aqui abordamos dois pontos cruciais na clínica com crianças e adolescentes: as múltiplas transferências em jogo e o lugar do brincar. Nesse sentido, o supervisor precisa dis-

por de experiência clínica, um certo dom da transmissão e familiaridade com a metapsicologia. Por isso, concordamos com Delouya (2020) que diz que enquanto supervisor ajudamos ao supervisionado a se tornar analista para o seu paciente. Ajudamos a escutar!

A metapsicologia é um órgão de percepção da transferência, assim como da configuração clínica a ela implícita: de nomeação e de articulação das cenas e dos processos que comparecem em meio à regressão em relação ao material trazido, e que se tornam, assim, objeto de diálogo e elaboração da dupla da supervisão. Como na análise, as elaborações na supervisão tendem a propiciar no supervisionado a rede associativa do campo transferencial, que se segue às formulações construtivas.

A prática clínica da supervisão diz respeito à percepção, no atendimento psicanalítico, das próprias transferências do analista, valorizando a supervisão como um instrumento para analisar a contratransferência do analista em formação.

E, de acordo com Delouya (2020, p. 29), “é preciso que haja um descolamento, um desprendimento, lenta e progressivamente, das miragens identificatórias e contra identificatórias do supervisionado”, possibilitando ao analista em formação se apropriar da posição de se tornar analista do seu paciente.

Pensando que o conhecimento produzido no dispositivo da supervisão não é exterior à experiência vivida na clínica, e que vem a ser sua característica própria, trazemos o espaço da supervisão no NEPsI. Espaço que possibilita abordar a singularidade da experiência psicanalítica com crianças e adolescentes e a particularidade de sua transmissão.

Se a escuta do caso em supervisão traz as marcas daquele que o escutou, o espaço da supervisão no NEPsI pode ser compreendido como um lugar de acolhimento da escuta do analista em formação, na clínica psicanalítica com crianças e adolescentes, com a delicadeza necessária para a releitura compartilhada de uma experiência de escuta. Criando a possibilidade para o analista em

formação de escutar o que fala a sua criança, assim como ajudá-lo a encontrar o seu próprio estilo, a constituir-se enquanto analista. Dessa forma, oportunizando que mais crianças e adolescentes encontrem mais espaços de escuta.

Abstract

This work addresses the place of supervision of psychoanalytic care for children and adolescents in the training of the analyst, creating a link between the constitution of the analyst and the constitution of the subject. It also presents questions about the specificity of supervising psychoanalytic care with children and adolescents and its effects on the analyst in training, who is finding his style. For this reflection, we draw on my experience as supervisor of the clinic at the Center for Psychoanalytic Studies of Childhood and Adolescence - NEPsI, which belongs to the Social Clinic of the Brazilian Psychoanalysis Circle - Rio de Janeiro - Section CBP-RJ.

Keywords: *Supervision, Psychoanalysis with children and adolescents, Analyst's place, Analyst training, NEPsI.*

Referências

CARLAN, J. R. B. Supervisão: um esconderijo essencial onde nosso olhar furta-se a nós mesmos. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 46, p. 87-94, dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-34372016000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 15 out. 2023.

DELOUYA, D. Notas sobre o trabalho da supervisão e seus fins. In: DUVIDOVICH, E.; GOLDENBERG, R.; BROIDE, E. E. (org). *A supervisão psicanalítica: ofício e transmissão*. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2020. p. 35-41.

DIAS, H. M. M. Reflexões sobre o lugar da supervisão na psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 56, p. 85-91, dez. 2021. Disponível em: <https://cbp.org.br/2022/n5607.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

FREUD, S. A análise finita e a infinita (1937). In: FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Tradução: Claudia Dombusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 315-364. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

GUELLER, A. J. S. O psicanalista e o sujeito em formação: sujeito e análise com crianças. In: DUVIDOVICH, E.; GOLDENBERG, R.; BROIDE, E. E. (org). *A supervisão psicanalítica: ofício e transmissão*. 1. ed. São Paulo: Zagodoni, 2020. p. 17-33.

LOPES, A. J. Sobre o Centro de Atendimento Psicanalítico do CBP-RJ - Clínica social, formação e supervisão em psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 43, p. 15-34, jul. 2015. Disponível em: <https://cbp.org.br/2022/n43a02.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.

MENDES, E. R. P. Sobre a supervisão. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 34, n. 64, p. 49-59, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0102-739520120003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 out. 2023.

PADILHA, M. T. M. Supervisão: o ato da palavra. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 103-109, set. 2005. Disponível em: <https://cbp.org.br/2022/rev2812.htm>. Acesso em: 15 out. 2023.

STEIN, C. et al. *A supervisão na psicanálise*. 1. ed. São Paulo: Escuta, 1992.

Recebido em: 30/07/2023

Aprovado em: 15/08/2023

Sobre a autora

Anna Lucia Leão Lopez

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ). Filiada ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS). Supervisora clínica e professora do curso de formação psicanalítica do Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ). Coordenadora do Núcleo de Estudos Psicanalíticos da Infância e Adolescência (NEPSI). Curso de observação de bebês (Modelo Esther Bick). Presidente do CBP-RJ (2004-2006; 2006-2008; 2018-2020; 2020-2022). Presidente do CBP (2023-2025). Musicista pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Musicoterapeuta pelo Conservatório Brasileiro de Música - Centro Universitário. Especialista em Psicanálise pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Educação Psicomotora pelo Centro Universitário do Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação (IBMR). Mestre em pesquisa e clínica em psicanálise pelo Instituto de Psicologia da UERJ.

E-mail: annalucia2004@gmail.com

Breves considerações acerca do “Recalcamento” em Freud¹

*Brief considerations about
“Repression” in Freud*

Cássio Eduardo Soares Miranda

Resumo

Este ensaio tem como finalidade discutir a elaboração do conceito de recalque presente no artigo *Recalcamento*, de Freud. A partir de uma vinheta clínica, busca circunscrever o conceito freudiano orientado pela perspectiva da primeira topologia do aparelho psíquico, dialogando com fragmentos de um filme. O artigo freudiano em discussão se configura como um dos temas metapsicológicos de Freud e ainda hoje nos auxilia na direção do tratamento psicanalítico.

Palavras-chave: Recalcamento, Metapsicologia, Direção do tratamento.

Introdução

“Minha adolescência e boa parte da juventude foram bastante inibidas em razão de uma obesidade e uma homossexualidade reprimida”. É assim que Antônio se apresenta em uma de suas primeiras idas ao analista. Passou boa parte de sua vida morando em uma pequena cidade no interior do Brasil. Suas experiências sexuais eram marcadas pelo anonimato em práticas fortuitas em parques e banheiros públicos de uma cidade vizinha à sua, um pouco maior. Dizia que aquela era a única forma de viver a sua sexualidade, pois temia as consequências de ser *gay* em um lugar tão provinciano quanto aquele em que vivia. Seus estudos universitários lhe permitiram realizar parte de seu doutorado no interior da França, levando consigo alguns anos de análise. Numa tarde qualquer, é interpelado por um rapaz com quem começa a ter encontros públicos. Em uma visita a um hipermercado, é lá presenteado por seu

“paquera fixo”, conforme dizia, e, junto com o presente, recebe um toque carinhoso no seu rosto seguido de um beijo. Incomodado, Antônio o afasta. Tempos depois, ao relatar tal cena em análise, questiona-se o porquê de ser tomado por uma vergonha tamanha e sentir que poderia estar sendo vigiado ou até punido, mesmo estando a milhares de quilômetros de distância de casa, em um país liberal e aberto, conforme ele mesmo dizia. Tal vinheta clínica talvez nos permita pensar no tema proposto aqui para nossa reflexão teórica, que é uma leitura do precioso texto freudiano de 1915, intitulado de *O recalque* (ou *O recalque*, a depender da edição).

No *Rascunho B. A etiologia das neuroses*, Freud (08 fev. 1893/1996) chama a atenção para a etiologia sexual das neuroses o que, para ele, associava-se com os impasses existentes entre as exigências de uma sexualidade sadia e as imposições sociais contraditórias de seu tempo. Para Freud, no entanto,

1. Este ensaio é parte das discussões apresentadas no seminário O SINTOMA: DE MARX A LACAN, coordenado por Clarice Gatto no Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro, a quem agradeço a acolhida e as considerações ao texto exposto.

essa antinomia não é insolúvel tendo em vista que é em nome de uma profilaxia médica que ele se posiciona.

Freud (1893/1996, p. 136) destaca:

Na ausência de qualquer solução possível, a sociedade parece condenada a tornar-se vítima de neuroses incuráveis que reduzem ao mínimo a alegria de viver, destroem as relações conjugais e, pela hereditariedade, trazem consigo a ruína das gerações vindouras.

Orientado pela crença de que existe um antagonismo entre a sexualidade do indivíduo e a civilização, Freud se imbuí de um ânimo reformista, ao acreditar que “a repressão sexual, essa nossa velha (des)conhecida”, encontrava seu respaldo necessariamente em uma sociedade conservadora e até mesmo reacionária. É certo que a repressão social contribui para o incremento das neuroses e, de algum modo, como Freud (1896/1996, p. 278) mesmo sustenta:

Seria necessário mudar muitas coisas. É preciso vencer a resistência de uma geração de médicos que já não podem lembrar-se de sua própria juventude, triunfar sobre o orgulho de pais que não querem se rebaixar ao nível humano diante de seus filhos, combater a hipocrisia insensata das mães, essas mães que consideram atualmente como um golpe imerecido e incompreensível do destino o fato de que seus filhos sejam os únicos a tornar-se neuróticos. Mas é preciso sobretudo dar lugar à discussão dos problemas da vida sexual junto à opinião pública. Teria que ser possível falar dessas coisas sem sermos considerados um fator de problemas ou alguém que explora os instintos mais baixos. E aqui também há muito o que fazer para que, no decorrer dos próximos cem anos, nossa civilização aprenda a se compor com as exigências de nossa sexualidade.

Esses apontamentos iniciais servem, de algum modo, para destacar que desde a *Comunicação preliminar*, de 1893, Sigmund Freud defendeu a proposição de que os sinto-

mas neuróticos são causados pelas fantasias e vivências sexuais submetidas à repressão pelo processo civilizatório. Entretanto, conforme pode ser visto nas modificações propostas por ele em sua teoria ao escutar suas pacientes, nota-se que a aposta no poder da palavra permite a ele verificar que é possível advir uma palavra no lugar do sintoma e, de algum modo,

[...] o que obstaculiza a palavra se opõe [...] ao progresso da civilização e até mesmo ao da humanidade [...]. Assim, Freud é levado a denunciar aqui os abusos de uma moral sexual que, não contente com reprimir os atos eventualmente prejudiciais à sociedade, chega mesmo a proibir as intenções e até o mero pensamento, acarretando, desta maneira, a inibição da atividade intelectual (Millot, 1995, p. 16).

Essas considerações iniciais nos permitem verificar que existe um mecanismo de poder que se impõe de fora pra dentro, embora se encontre uma certa vulgarização da psicanálise que defende a noção de que a repressão é um mecanismo consciente que atua ao nível da segunda censura. É o posicionamento encontrado em Laplanche e Pontalis (1988), a título de exemplificação. Segundo esses autores, Freud situa a repressão entre o consciente e o pré-consciente, tratando-se da exclusão de algum material do campo da consciência. As motivações morais desempenham um papel predominante na repressão.

Com Michel Foucault (1987), destacamos que os mecanismos de controle social na modernidade evidenciaram uma forma de poder denominada de “poder disciplinar”. Essa prática visa modelar as formas de condutas do corpo social, ou seja, de todos os indivíduos que o constituem. Talvez essa seja a concepção mais corriqueira de poder, com seu caráter repressor que, de maneira impiedosa, exclui e comanda as condutas sociais. Embora essa compreensão de repressão seja importante, o recalque, ao que nos parece, é algo de outra ordem.

Do recalque: uma proposição freudiana

Ora, se durante um tempo de seu percurso Freud utilizou os termos “recalque” e “defesa” quase indistintamente, em 1915 o termo assume uma precisão maior, fazendo com que a teoria do recalque seja “a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise”, como bem nos lembra a nota do editor. É Freud mesmo quem destaca o que vem a ser o recalque. Para ele, a clínica permite dizer que

[...] o recalque não é um mecanismo defensivo que esteja presente desde o início; que ele só pode surgir quando tiver ocorrido uma cisão marcante entre a atividade mental consciente e a inconsciente; e que a *essência do recalque consiste simplesmente em afastar determinada coisa do consciente, mantendo-a à distância* (Freud, 1915/1996, p. 152, grifos do autor).

O que se mantém à distância? Talvez o desejo inconsciente que tem no objeto sexual a sua proeminência.

Freud diferencia as modalidades do recalque: o recalque originário e o recalque secundário. O recalque originário não incide sobre a pulsão propriamente, mas em seus representantes, aqueles que não têm acesso à consciência e aos quais a pulsão permanece fixada. Consequência? O estabelecimento de um núcleo inconsciente que atua como uma espécie de “estação primeira” para o direcionamento dos elementos a serem recalcados.

Esse recalque

[...] consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) da pulsão. Com isso, estabelece-se uma *fixação*; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e a pulsão permanece ligada a ele (Freud, 1915/1996, p. 153, grifo do autor).

O recalque propriamente dito é um recalque posterior que, aliado à repulsa, é atraído para fora da consciência. Uma pequena li-

cença filológica: no *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Luiz Alberto Hanns (1996, p. 355) informa:

O verbo *verdrängen* genericamente significa “empurrar para o lado”, “desalojar” [...] Conotativamente, *verdrängen* remete a uma sensação de “sufoco”, “incômodo”, que leva o sujeito a desalojar o material que o incomoda.

Hanns (1996) destaca que a palavra “recalque” não é utilizada coloquialmente e abarca um sentido originário da linguagem da construção, como um rebaixamento da terra ou de paredes após a construção. De fato, na engenharia civil, o recalque nada mais é do que o fenômeno que ocorre quando uma edificação sofre um rebaixamento devido ao adensamento do solo sob sua fundação. Ou seja, é quando o solo “afunda”. Mas o problema mesmo, segundo os engenheiros estruturais, é quando esses recalques são diferentes ao longo da fundação ocasionando trincas na estrutura.

Hans (1996, p. 358) argumenta ainda que o radical “calcar” tem diversos usos, tais como calcar a terra ou o terreno, no sentido de pressionar, pisar, apertar. Também se aplica, em linguagem figurada, a ideia de oprimir, vexar, desprezar, etc.

A aposta na palavra e seus efeitos mobilizadores da transferência fazem com que Freud constate que no núcleo do inconsciente se encontram representantes pulsionais e o recalque, com sua característica – (1) atuar de forma altamente individual, com as vicissitudes próprias do recalcado; (2) e seu caráter extremamente móbil, com seu dispêndio persistente de força – passe a ser visto também como uma operação que consiste em retirar do campo da consciência aquilo que é intolerável. A relação sempre presente em Freud do conceito com a dita “técnica” é destacado por ele, o que nos faz sustentar, mais uma vez, na aposta que Freud faz no poder da palavra, bem como na sempre recorrente

te ideia de que a psicanálise é uma teoria da clínica.

Freud (1915/1993, p. 154) diz:

Ao executarmos a técnica da psicanálise, continuamos exigindo que o paciente produza, de tal forma, derivados do recalco, que, em consequência de sua distância no tempo, ou de sua distorção, eles possam passar pela censura do consciente. [...]. No correr desse processo, observamos que o paciente pode continuar a desfiar sua meada de associações, até ser levado de encontro a um pensamento, cuja relação com o recalco fique tão óbvia, que o force a repetir sua tentativa de recalque.

A repetição, em ato, apontada por Freud nessa citação, a meu ver, é um ponto que aparece na vinheta clínica apresentada na abertura deste ensaio. Quando Antônio, mesmo envergonhado frente ao gesto de carinho de seu “paquera fixo” permite-se continuar e retribuir, um pouco mais tarde, os presentes recebidos, talvez tenhamos o esboço de um posicionamento diferente do sujeito frente a seu desejo, o que lhe permite se colocar de outra forma frente ao Outro, saindo do desejo anônimo para um amor que ousa dizer seu nome, parafraseando Oscar Wilde.²

Em síntese, ousar dizer que esse momento da obra freudiana é orientado pela perspectiva da primeira tópica do aparelho psíquico, em que o recalco e o inconsciente se equiparam. Na suposição apresentada por Freud de um recalco primevo ou primeiro,³ nota-

2. *O amor que não ousa dizer seu nome* é uma frase da linha final do poema *Dois amantes*, de Lorde Alfred Douglas, de setembro de 1892. Tornou-se expressão notável ao ser mencionada por Oscar Wilde como metáfora para a homossexualidade no processo em que foi condenado por atos homossexuais envolvendo sua relação com Lorde Douglas). Peço licença para apresentar um trecho do belo poema ao final deste artigo.

3. O recalco originário ou primário é uma construção hipotética elaborada por Freud. Trata-se, segundo essa elaboração, de um primeiro momento da operação do recalco. A consequência desse primeiro tempo do recalco se dá na formação de representações inconscientes que formarão os núcleos inconscientes responsáveis pela “atração” de elementos a serem posteriormente recalcos.

se que esse tempo consiste em negar a passagem para a consciência do representante psíquico da pulsão. Com isso se estabelecerá uma fixação, por meio da qual o representante em questão permanecerá inalterado e a pulsão ali permanecerá concentrada. O segundo tempo do recalco seria o do recalco propriamente dito, que afetaria os derivados mentais dos representantes recalcos ou os resquícios de pensamentos a eles ligados. Por fim, o terceiro tempo caracteriza o retorno do recalco, deixando “sintomas em seu rastro”.⁴

Freud argumenta que só é possível ter acesso ao recalco a partir de seus resultados, ou seja, na formação substitutiva surgida como sintoma. Em sua argumentação, Freud (1915/1996, p. 153) se interroga:

Podemos então supor que a formação de substitutos e a formação de sintomas coincidem, e, admitindo que isso aconteça de um modo geral, será o mecanismo formador de sintomas o mesmo que o do recalco?

Conforme apontado, naquilo que diz respeito aos efeitos do recalco sobre a parcela ideacional do representante da representação, Freud salienta que o procedimento inicia a operação de geração de formações substitutas. Se o recalco deixa sintomas em seu rastro, Freud assevera que tanto as chamadas formações substitutas quanto o recalco são retornos do recalco, ao que ele indica: (1) o mecanismo do recalco não coincide com o mecanismo das formações substitutas; (2) há numerosos e diferentes mecanismos de formações substitutas; e (3) ambos os mecanismos se caracterizam por uma retirada do investimento de energia.

Ora, de algum modo esse texto de Freud

4. “Retorno do recalco” é uma das clássicas definições do sintoma em Freud. Refere-se a um processo pelo qual os elementos que foram extraídos do campo da consciência, ou seja, os elementos recalcos, reaparecem de modo deformado em razão do caráter indestrutível dos conteúdos inconscientes.

nos permite, mais uma vez, apostar que a linguagem está posta tanto em causa quanto em consequência. Com Lacan (1954-1955/1985), a partir do *Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, podemos defender que a novidade da empreitada freudiana é que o humano não domina a linguagem primordial, tendo sido introduzido nessa engrenagem, e nela se encontra, de algum modo, aprisionado. Para Lacan (1954-1955/1985), o homem se encontra posto em um primitivo simbolismo que difere das representações imaginárias, e é aí que algo dele precisa fazer-se reconhecer. Mas isso, conforme o ensinamento de Freud, está recalçado.

Declara Lacan (1954-1955/1985, p. 385):

É preciso maravilhar-nos com o paradoxo. O homem não é aqui senhor em sua casa. Há algo no qual ele se integra e que já reina por intermédio de suas combinações. A passagem do homem da ordem da natureza à ordem da cultura segue as mesmas combinações matemáticas que as que servirão para classificar e explicar. Claude Lévi-Strauss as denomina estruturas elementares do parentesco. E, no entanto, os homens primitivos não são supostos terem sido Pascal. O homem se acha metido, seu ser todo, na procissão dos números, num primitivo simbolismo que se distingue das representações imaginárias. É no meio disto que algo do homem tem de fazer-se reconhecer. Mas o que tem de fazer-se reconhecer não está expresso, nos ensina Freud, porém recalçado.

Essa longa citação nos faz recordar que o recalçado, conforme extraímos de Freud, sempre insiste, pede para ser. Nesse sentido, é possível destacar que, em Lacan, seguindo o caminho aberto por Freud, o sintoma é concebido como “o retorno, por via de substituição significante, do que se encontra na ponta da pulsão como seu alvo [a satisfação]” (Lacan, 1959-1960/1988, p. 139).

Freud finaliza seu trabalho apontando aspectos do recalque na histeria e na neurose

obsessiva. Não entraremos nos pormenores apresentados pelo autor, mas apontaremos algumas questões que poderão ser úteis para o diagnóstico e a consequente condução de tratamentos atuais. De início, na chamada histeria de angústia, um caso de fobia animal é utilizado por Freud para exemplificar como a pulsão sujeita ao recalque é uma atitude libidinal para com o pai, aliado ao medo dele. Após o recalque dessa moção pulsional, ele desaparece da consciência: o pai perde seu lugar de objeto de investimento libidinal e o animal surge como um substituto ao pai; a parcela quantitativa de afeto ligado à ideia original não desapareceu, mas foi transformada em angústia, tendo como resultante sintomática o medo do animal. A formação da fobia, desse modo, age como uma forma de fuga e impedimento da angústia.

Já na chamada histeria de conversão, o autor assevera que o conteúdo ideacional é completamente retirado da consciência e, como um substituto sintomático, surge a conversão somática.

Por fim, na neurose obsessiva, o recalçamento é exitoso e o conteúdo ideacional é afastado, fazendo com que o afeto desapareça. Entretanto, como uma espécie de recalçamento malsucedido, permanecendo o conteúdo ideacional na consciência permitindo com que emoção que estava desaparecida retorne, de maneira modificada, como angústia social, moral e autocensura.

Finalizo este breve comentário, indicando o filme *O dia em que eu não nasci*.⁵ Trata-se da história de uma nadadora alemã que, durante uma escala em Buenos Aires, reconhece uma canção de ninar cantada por uma jovem mãe. Maria não sabe sequer uma palavra da língua espanhola, mas começa a cantar acompanhando a jovem mãe que embala seu filho na sala de espera do aeroporto. Emocionada, ela telefona para o pai, na Alemanha, e fala sobre sua experiência. O título

5. Drama produzido conjuntamente por Alemanha e Argentina, dirigido por Florian Micoud Cossen e lançado em 2010.

em alemão [*A canção em mim*] talvez possa nos dar uma pista do que Freud (1915/1996) afirma sobre uma lembrança latente ser um resíduo de um processo psíquico; além disso, aponta as ressonâncias lacanianas no final do *Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, de que “o recalcado pede para ser”. Contudo, como defende Freud (1915/1996, p. 162) no texto em discussão,

[...] cada abordagem isolada do assunto será incompleta em si mesma, não podendo deixar de haver obscuridades sempre que ela se defrontar com material ainda não examinado; no entanto, podemos esperar que uma síntese final conduza a uma compreensão adequada.

Nesses termos, o filme nos ajuda a pensar em outros elementos presentes no recalque, como os efeitos de alíngua⁶ [*lalangue*] no corpo. É em *lalangue* que o sujeito vai enlazar seu desejo, ou seja, no excesso que escapa à língua, na fratura que a *lalangue* proporciona. E Milner (1987) nos ajuda a pensar em *lalangue* como algo que torna possível o ser falante, tendo em vista que amor e língua se enraízam em *lalangue*, enquanto lugar do impossível, daquilo que excede à língua e marca sua presença no desejo do ser falante. Para Milner, a existência de *lalangue* permite dizer que o amor é possível e que o signo de um sujeito pode causar um desejo.

Retomar as discussões em torno do recalque, a nosso ver, é muito importante; reto-

mar e tentar avançar, inclusive associando-as ao sintoma e à condução do caso clínico. Tratar disso, no entanto, já é outra coisa a ser retomada em momento oportuno.

Considerações finais

A proposta deste comentário acerca do recalque foi fazer uma breve incursão pelo texto *O recalque*, de Freud (1915/1996). Trata-se de uma apresentação do modo como o conceito se apresenta no interior de um artigo seminal sobre um tema que se constitui como um dos pilares do edifício teórico freudiano. Desse modo, é importante retomar as palavras de Lacan sobre o tema, tendo em vista que suas considerações nos auxiliam na leitura do texto freudiano.

Para Lacan (1955-1956/1985, p. 23), aquilo que é atingido pelo recalque sempre retorna,

[...] pois o recalque e o retorno do recalcado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa. O recalcado está sempre aí, e ele se exprime de maneira perfeitamente articulada nos sintomas e numa multidão de outros fenômenos.

Como os textos de Freud e Lacan nos deixam antever, o entendimento do processo do recalque é de fundamental importância tanto para as pesquisas que entrelaçam à práxis psicanalítica quanto para o ensino e transmissão da psicanálise.

6. É oportuno destacar que não discutiremos aqui acerca desse importante tema apresentado por Lacan no seminário *O saber do psicanalista* (1972). Entretanto, em razão de *lalangue* ter relação com o inconsciente e com a gramática advinda do Outro em sua relação com o desejo do Outro e com a repetição, é importante, para uma breve consideração no que tange ao tema proposto aqui, neste ensaio/comentário, retomar o que Lacan considera sobre isso: “Eu faço *lalangue* porque isso quer dizer lalala, a lalação, ou seja, é um feito muito precoce do ser humano fazer lalações, assim, basta apenas ver um bebê, escutá-lo, e verificar pouco a pouco que há uma pessoa, a mãe, que é exatamente a mesma coisa que *lalangue*, exceto que se trata de alguém encarnado que lhe transmite *lalangue*” (Lacan, 1974, s/p).

Extrato do poema *Dois amantes*, de Lorde Alfred Douglas

[...] Enquanto me assombrava, da parte oposta a esta chegou um jovem, que levantou a palma num gesto contra o sol, suas madeixas em desarranjo ao vento ornadas de flores;

[...] Branco como a neve intacta dos montes gelados, nu ele estava. Lábios da cor do vinho que caíra no soalho de alabastro; de calcedônia era sua pele. De mim se aproximou, amáveis lábios cindidos, segurou minha mão e minha boca beijou, deu-me de comer suas uvas e disse:

“Vem, te mostrarei imagens da vida, doce amigo, e as sombras do mundo. Repara desde o sul como o espetáculo sem fim previsto vem.” [...] Mas havia um colega caminhando ao seu lado, terno e lastimoso, com olhos esquisitos pois eram tão assombrosamente iluminados. Destarte me olhou e suspirou vários suspiros que me comoveram. [...]

Quando o vi, para ele gritei, desconsolado: “Amável jovem, dize-me por qual razão andarilhas por este reino encantador tão triste e suspirante?”

Conta de antemão, qual é teu nome?”

E ele diz: “Meu nome é Amor”.

De imediato, o primeiro se voltou pra mim e gritou: “Ele mente, pois Vergonha é seu nome!”

Amor sou eu, e estava habituado a neste jardim andar sozinho, até que ele veio sem que a noite o convidasse.

Sou a chama do amor verdadeiro, que mutuamente o rapaz e a moça consome.”

E diz o outro, suspirante,

“Pois como queiras, eu sou o amor que não se atreve a dizer seu nome”.

Abstract

This essay aims to discuss the elaboration of the concept of repression present in the article “Repression”, by Freud. Based on a clinical vignette, it seeks to circumscribe the Freudian concept guided by the perspective of the first topology of the psychic apparatus, dialoguing with fragments of a film. The Freudian article under discussion is configured as one of Freud’s metapsychological themes and still helps us in the direction of psychoanalytic treatment.

Keywords: *Repression, Metapsychology, Treatment direction.*

Referências

- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão* (1975). Tradução: Raquel Ramalhe. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.
- FREUD, S. A hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896). In: _____. *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893-1899). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 143-155. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 3).
- FREUD, S. Rascunho B. A etiologia das neuroses (8 fev. 1893). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 223-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- FREUD, S. Repressão (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 151-162. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar (1893) (Breuer e Freud). In: _____. *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 39-53. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).
- HANNS, L. A. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, J. *Le Séminaire, livre XXII: RSI* (1974-1975). Version de l'Association Freudienne Internationale (AFI). Inédit.
- LACAN, J. *O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (1954-1955). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Marie Christine Lasnik Penot. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 3: As psicoses* (1955-1956). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *Seminário O saber do psicanalista* (1971-1972). Tradução: Ana Izabel Corrêa, Letícia P. Fonsêca e Nanette Zmeryz Frej para uso exclusivo dos participantes do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2000.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. Tradução: Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- MILLOT, C. *Freud antipedagogo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- MILNER, J.-C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

Recebido em: 10/03/2023

Aprovado em: 26/06/2023

Sobre o autor

Cássio Eduardo Soares Miranda

Graduado em psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Fundação Mineira de Educação e Cultura (FCH/FUMEC). Psicanalista. Coordenador do Núcleo de Estudos Lacanianos de Teresina, iniciativa da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Laciano. Doutor em psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em estudos linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pós-doutor pela Faculdade de Letras da UFMG (FALE-UFMG). Pós-doutor pela Faculdade de Educação da UFMG (FAE-UFMG). Professor adjunto da Universidade Federal do Piauí. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Membro do GT Psicanálise e Educação da ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia).

E-mail: cassioedu@ufpi.edu.br

A escrita do feminino em Dias de abandono, de Elena Ferrante¹

*The writing of the feminine in
“The Days of Abandonment”,
by Elena Ferrante*

Clarissa Ribeiro Vicente
Elizabeth Samuel Levy

Resumo

Analisar uma obra literária para desenvolver conceitos psicanalíticos e apresentar os conflitos inerentes à subjetividade foi um recurso que Freud utilizou diversas vezes. Com esse objetivo, este trabalho examina a produção literária *Dias de abandono*, de Elena Ferrante, para refletir sobre a escrita e o encontro com o desejo de narrar como possibilidade de sobrevivência à experiência de devastação, que perpassa as mulheres ao perder o amor do objeto.

Palavras-chave: Psicanálise e literatura, Elena Ferrante, Devastação, Feminino.

Introdução

A psicanálise tem a sua gênese na fala das mulheres histéricas e no impossível da palavra escrita no corpo. Palavra e escrita que encontraram no médico Sigmund Freud um atento ouvinte e leitor. O significado dessas palavras escritas nos sintomas de suas pacientes permaneceu como enigma para Freud. A quem deseja se aventurar na decifração desse enigma, ele sugere buscar na literatura uma fonte de conhecimento (Freud, 1916/2010).

Como observa Rancière (2009), as figuras literárias e artísticas são testemunho do inconsciente e expressam a relação do pensamento com o não pensamento, do voluntário com o involuntário, da construção consciente com a manifestação inconsciente, que propõe um enigma ao leitor.

Vale lembrar que Freud (1907/2015) considerou os escritores de ficção como aqueles

que estão à frente das descobertas científicas no conhecimento da alma (ou da subjetividade) porque utilizam fontes que a ciência desconhece: a fantasia e o desejo inconsciente. Através das obras de ficção, o ser humano pode vivenciar seus conflitos psíquicos de modo prazeroso, sem vergonha ou censura (Freud, 1908/2015).

Contudo, há escritos literários que geram mais interesse no estudo da subjetividade do que outros. Segundo Freitas (2009), a identificação com o herói ou a heroína confere a uma obra o destaque cultural. Quanto maior a ambivalência nos afetos dos personagens, maior a possibilidade de identificação e de perpetuação no tempo da relevância que se atribui ao livro.

Este trabalho é de costura da psicanálise com a literatura, da palavra com o inconsciente, do feminino e do percurso de análise com a escrita como modo de proposição de

1. Trabalho a ser apresentado no XXV CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE e na XLI JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DE MINAS GERAIS, realizados em Belo Horizonte (MG), nos dias 28, 29 e 30 set. 2023.

um caminho para a mulher contemporânea que se depara com o sofrimento irrepresentável de perder o amor do objeto.

A mitologia e a literatura ocidentais perpetuam figuras femininas que expressam afetos ambivalentes e carregam o traço comum de sucumbir perante o abandono, cada uma a seu modo, como é próprio do feminino: Medeia, Ariadne, Dido, a mulher desiludida, de Simone de Beauvoir. Mulheres que amaram, se entregaram ao ser amado e perderam tudo quando a relação terminou por vontade do parceiro. O “tudo” pode se apresentar como a terra natal, a família, a maternidade, a cidade, a força de viver, os bens materiais, a vida. As margens se dissolvem. O final é trágico. Essas personagens são lidas, encenadas, interpretadas e reinterpretadas há séculos e décadas porque com elas o público se identifica, seja pelo horror, seja pela dor de perder o amor. Elas ensinam sobre o feminino, que se depara com o radical da falta na experiência do abandono.

O que essas personagens têm a nos dizer na contemporaneidade, quando as mulheres, ao menos de um determinado contexto socioeconômico privilegiado, ocupam o mercado de trabalho, os espaços públicos, escolhem o casamento ou o modo de viver o arranjo amoroso, se terão filhos ou não? Na tentativa de encontrar uma resposta, este trabalho segue o caminho indicado por Freud: buscar na ficção uma fonte de conhecimento do feminino.

O livro *Dias de abandono*, da escritora italiana Elena Ferrante, participa da literatura contemporânea que carrega a herança das personagens mencionadas. A hipótese deste trabalho é que Elena Ferrante, por meio das palavras de Olga, personagem principal de *Dias de abandono*, aponta um caminho para a mulher que perde o amor do objeto, um final outro que escapa ao trágico. Essa via de sobrevivência à devastação é possibilitada pelo encontro com o desejo. No caso de Olga, a realização do desejo de escrever, o que se aproxima do trabalho de reescrita do romance familiar em uma análise.

***Dias de abandono*: Elena, a autora;**

Olga, a personagem, e a escrita da ausência

Elena Ferrante é o pseudônimo de uma escritora italiana. Ela insiste em permanecer anônima, mesmo após o sucesso dos seus livros e das adaptações para filmes e séries, sucesso que a psicanalista Fabiane Secches (2020) denomina “febre Ferrante”. Apesar do anonimato, Elena Ferrante concede entrevistas e palestras, todas escritas, pois ela afirma que Elena Ferrante é constituída por suas palavras (Ferrante, 2017), incorporando a afirmação de Freud (1930/2015) de que a escrita é o lugar do ausente.

Em quase todas as obras ficcionais de Ferrante, a ambivalência na relação mãe e filha tece o conflito central da narrativa. Essa temática é desenvolvida em *Dias de abandono*, segundo livro da autora, romance publicado na Itália, em 2002 e no Brasil, em 2016 pela editora Biblioteca Azul.

Dias de abandono é narrado em primeira pessoa por Olga, uma mulher de trinta e oito anos, casada com o arquiteto Mário e mãe de duas crianças, Gianni e Ilaria. Ela nasceu num bairro pobre e violento de Nápoles. Mora em Turim. Não trabalha, mas vive confortavelmente com os ganhos do marido. É uma mulher culta, polida, educada, ponderada nas palavras e nos gestos.

A narrativa inicia com o ruir do mundo organizado de Olga. Em uma cena cotidiana, ela e o marido arrumam a cozinha após o almoço quando Mário anuncia que quer se separar. Inicialmente, Olga atribui a decisão do marido a um lapso de sentido da parte dele e relembra um episódio de separação na época do namoro e de traição no casamento, quando Mário se envolveu com Carla, adolescente filha de uma amiga dele. Ambas as situações, relembra Olga, foram resolvidas com longas conversas a portas fechadas, vozes baixas e palavras polidas. Contudo, ao perceber que Mário não retornará para casa, a narradora mergulha num processo de devastação que implica a perda do controle corporal (bate o carro, deixa cair objetos), na perda da noção lógico-temporal e no descontrole das pala-

vras e dos pensamentos, tomados por palavras, ditos e imagens obscenos. As fantasias que atormentam Olga encenam relações sexuais de Mário com outra. Ela tenta controlar os gestos e as palavras, e evita modificar a vida e os sentidos em razão do fim do casamento. Não quer se parecer com a mulher de um livro que lhe foi sugerido pela professora na escola, no qual a mulher abandonada sucumbe. Olga tenta manter o controle.

Ela é assombrada pelas palavras da mãe, costureira no bairro de Nápoles. Durante a infância, Olga escutava a mãe contar para amigas e clientes a história da “pobre coitada”, mulher que tentou o suicídio após ser abandonada pelo marido infiel e trocada por outra. Olga tenta fugir da imagem da mulher abandonada, mas a incorpora ao longo da narrativa, ao se perceber em uma perda de sentido. Ressente-se em relação ao ex-marido. Enumera tudo o que entregou a ele. Liga para os amigos em comum para relatar o abandono, mas sente que eles protegem Mário e não querem escutar o que ela tem a dizer.

Olga parece (re)viver um sentimento de desamparo que constitui todo ser vivente. O desamparo² traduz a situação antropológica fundamental do humano que, ao nascer, encontra-se em um estado de total dependência de um outro que lhe forneça ações específicas para garantir a sua sobrevivência. Esse outro que acolhe, alimenta e lhe fornece vida psíquica, pela linguagem e introdução na cultura.

Freud (1930/2016), em *O mal-estar na cultura*, ressalta que a dinâmica pulsional que configura o desamparo aponta para novas necessidades como o amor, o afeto, o reconhecimento, a palavra, a linguagem, ocasionando dependência psíquica, buscando seus

destinos na religião, nas ligações cegas aos mestres, nas ideologias, nas teorias inquestionáveis, nas adições, e no mais sofrível, que são os relacionamentos interpessoais (Levy; Ceccarelli; Dias, 2017, p. 49).

Não ser mais o objeto do amor do marido esvazia Olga como mulher. Ela vivencia uma experiência sexual com o vizinho desconhecido, o qual despreza, na tentativa de se sentir desejada e valorizada.

Freud (1930/2016, p. 75) afirma que o valor quantitativo do desamparo, sua intensidade, está diretamente ligado à maneira como foi elaborada a total dependência (de uma ajuda externa) no início da vida. Ou seja, a maneira como cada sujeito vivenciará uma (nova) situação de perda, sua capacidade de resignificá-la, de recuperar-se dela, dependerá de como ele lidou, que recursos teve, para enfrentar a situação de desamparo inerente ao humano: “jamais nos tornamos tão desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou o seu amor”.

Sem saber como lidar com a ausência de margens de si, Olga começa a escrever. Primeiro, escreve cartas para Mário, na esperança de que ele a ajude a compreender os fios da história partilhada. Depois, escreve como expressão de um desejo antigo. Olga queria ser escritora. Mário a convenceu de largar o emprego em uma editora para cultivar a escrita, mas ela não conseguiu escrever e se dedicou às necessidades do marido e dos filhos.

Ao longo da narrativa, Olga descobre que o marido entrou na casa quando não havia ninguém e levou embora uma joia de família. Ela encontra Mário com a nova namorada, Carla, que usa os brincos. Olga os agride verbal e fisicamente. O episódio do sumiço dos brincos aumenta a sensação de insegurança que Olga sente em sua casa: invadida por animais, como o cachorro, um lagarto, muitas formigas e por Mário. A insegurança também é sentida pelos filhos, que lhe lembram constantemente que ela é insuficiente

2. A palavra “desamparo” é a tradução da palavra alemã *Hilflosigkeit*. Ela é composta de três partes: *Hilfe*, que significa socorro; *los*, que pode ser definido por sem; *keit* que forma o substantivo. *Hilflosigkeit*, em inglês *helplessness*, seria melhor traduzido pelo neologismo “insocorribilidade”: somos, por definição, “insocorribéis” (Ceccarelli, 2005).

e que o pai faria melhor. Na tentativa de se proteger, Olga instala uma porta mais resistente, mas não consegue girar a chave e fica presa em casa.

A ‘virada de chave’ da narrativa ocorre quando Olga se encontra aprisionada no apartamento com o filho doente, com a filha que a espeta constantemente para que ela não perca o vínculo com o que acontece ao seu redor, com formigas por toda parte e com Otto, o cachorro que está em convalescência por ingerir veneno. O cachorro é mais um habitante da casa que lembra Olga de sua insuficiência e da ausência de Mário, pois era o cachorro do ex-marido. Com a morte de Otto, ela abre mão do controle e se depara com o absurdo do abismo no qual se encontra. Aos poucos, Olga constrói uma nova rotina. Inicia um emprego, desmonta a idealização da figura de Mário, percebe no vizinho um homem interessante, com quem se relaciona amorosamente. Olga consegue retomar as margens e criar nexos para a sua narrativa:

[...] cada movimento era narrável em todas as suas razões, boas ou más, que em suma chegara o momento de voltar à força dos nexos que enlaçam juntos os espaços e os tempos Olga (Ferrante, 2016, p. 182).

Perda do amor e a experiência de devastação

Quando o casamento de Olga chega ao fim por decisão do marido, ela não quer agir como as mulheres abandonadas das histórias que escutou em sua infância. Essas histórias eram contadas por sua mãe. Ela sentia as palavras da mãe. Ao tentar fugir dessas palavras, Olga é tomada por um vocabulário que escapa à polidez que ela costurou para si na vida adulta. A costura rompe, e ela emite palavras obscenas. Essas palavras remetem ao mundo infantil, no qual a violência do bairro napolitano era parte do cotidiano e no qual uma mulher abandonada pelo marido tentou o suicídio. O tom da narrativa evoca o desespero e a perda de si nos quais a personagem

mergulha. Em seu mergulho, ela vislumbra a mulher que se matou depois de entregar tudo ao marido.

Em *Frantumaglia*, Ferrante (2017) descreve Olga como uma mulher culta, preparada, cheia de defesas, que é tomada por uma desestruturação, um vazio de sentido. A autora explica que Medeia, Ariadne, Dido, Anna Karenina e a mulher abandonada pelo marido na obra *A mulher desiludida*, de Simone de Beauvoir são referências e imagens dessa “pobre coitada”, cuja herança chega a Olga misturadas à fala da mãe. Contudo, Elena Ferrante almejou um final diferente para a sua personagem.

Os textos de Freud sobre a feminilidade e a relação pré-edípica da menina com a sua mãe podem ajudar a compreender a experiência de “vazio de sentido” ou de desestruturação na qual Olga se encontra ao ser deixada pelo marido e trocada por uma mulher mais nova. Freud considerou importante o estudo da fase pré-edípica da menina no que diz respeito à relação com a mãe para a compreensão da feminilidade. A mãe é o primeiro objeto amoroso da menina. O investimento libidinal da garota em relação à mãe altera de acordo com a fase, apresentando desejos orais, sádico-anais (ambivalência e hostilidade manifesta em momentos de profunda angústia) e fálicos (vontade de fazer um filho na mãe ou dar um filho à mãe). Após um acúmulo de hostilidades, o ódio marca o fim dessa relação. A filha tem diversas acusações contra a mãe.

Segundo Freud ([1916], 2010), a filha acusa a mãe de não amamentar o suficiente, de estimular a descoberta sexual e depois a proibir, de dedicar amor a outros irmãos ou ao pai, o que gera ciúmes. A relação pré-edípica com a mãe apresenta reflexos nas demais relações que uma mulher desenvolve ao longo da vida, em especial com o pai e com o primeiro marido (Freud, 1917/2013).

Para Lacan (1972/2003), a relação mãe e filha é marcada pela devastação, pois a menina espera receber de sua mãe o que esta não tem: a transmissão da feminilidade. Contu-

do, como não há um significante que se refira à mulher de modo universal, cada uma deve inventar o seu caminho para a construção da feminilidade e se deparar com o vazio no campo do feminino: um gozo suplementar que não cessa de não se escrever (Lacan, 1972-1973/2008). A devastação que se apresenta na relação da mãe com a sua filha pode comparecer nas relações amorosas de uma mulher, que sente tudo entregar e que se ressentida ao ser abandonada, pois perde a imagem da feminilidade forjada no olhar do outro.

Em *Dias de abandono*, Olga busca no desejo masculino um modo de mascarar a sua falta e se ressentida diante da perda do amor, quando se depara com o abismo do que não tem representação. Ela experiencia a devastação como perda de sentido, de desmarginação, de descontrole das palavras e do corpo, de encarceramento. Contudo, Olga se encontra com o seu desejo ao perder o amor do objeto. O desejo de Olga é o desejo de escrita.

A escrita do feminino: outras possibilidades em análise

No ensaio *O riso da Medusa*, Hélène Cixous (2022) dialoga com Freud e com Lacan no que se refere ao feminino. Ela convoca as mulheres à escrita do feminino como modo de afirmar a diferença sexual e criar uma nova sintaxe, na qual as sensações, a felicidade, os segredos e os sofrimentos ganhem corpo nas palavras: negra e bela. É possível costurar o convite à escrita feminina de Cixous com a proposição de Freud de que é na literatura que se encontra a fonte de aprendizado sobre o feminino. Nessa costura, a relação do feminino com a literatura, para além de um lugar de aprendizado para os psicanalistas, possibilita a experiência de escrita, na qual as mulheres façam contorno ao vazio devastador no fim de uma relação amorosa.

Olga reescreve a sua história. Ela é a narradora de *Dias de abandono*, roteirista das imagens e diretora do olhar que o leitor lança sobre Mário, sobre Carla, sobre os filhos e sobre o fim da relação. Ela inventa um léxico

e uma sintaxe para dar margem ao vazio. O livro encerra com o retorno de Olga à vida cotidiana, ao amor e à possibilidade de narrar e construir nexos para os movimentos da vida.

Ferrante (2022) define a escrita como um processo de permanecer às margens, permitindo a abertura para que o obscuro se torne visível. Olga encontra as margens, o fio da narrativa, mas sabe que o vazio de sentido pode irromper a qualquer momento (Ferrante, 2017). A mulher contemporânea pode buscar o léxico para a perda do amor, de modo a transformar o negativo da falta em experiência de desejo.

O mesmo processo ocorre na travessia de uma análise, na qual a falta se coloca como espaço para a palavra e para o silêncio. O desejo do analisante se encontra com o desejo do analista na aposta de que o romance familiar se transforme em poesia na reinvenção do feminino.

Abstract

Mobilizing a literary work to develop psychoanalytic concepts and present the conflicts inherent to subjectivity was a resource that Freud used several times. To this end, this work mobilizes the literary production "Days of abandonment" by Elena Ferrante to reflect on writing and the encounter with the desire to narrate as a possibility of surviving the experience of devastation that pervades women when they lose the love of the object.

Keywords: *Psychoanalysis and literature, Elena Ferrante, Devastation, Feminine.*

Referências

- CECCARELLI, P. R. O sofrimento mental na perspectiva da *Psicopatologia Fundamental Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005.
- CIXOUS, H. *O riso da Medusa*. Tradução: Natália Guerellus e Raísa França Bastos. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- FERRANTE, E. *As margens e a escrita*. Tradução: Margarida Periquito. Lisboa: Relógio D'água, 2022.
- FERRANTE, E. *Dias de abandono*. Tradução: Francesca Cricelli. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.
- FERRANTE, E. *Frantumaglia: os caminhos de uma escritora*. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- FREITAS, L. A. P. Psicanálise e literatura. In: EDLER, S. P. B. et al. *Escritos sobre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009.
- FREUD, S. Análise terminável e interminável (1937). In: _____. *Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2018. p. 274-326. (Obras completas, 19).
- FREUD, S. O escritor e a fantasia (1908). In: _____. *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 325-338. (Obras completas, 8).
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 18).
- FREUD, S. *O mal-estar na cultura (1930)*. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- FREUD, S. O romance familiar dos neuróticos (1909). In: _____. *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 419-424. (Obras completas, 8).
- FREUD, S. O tabu da virgindade (contribuições à psicologia do amor III) (1917). In: _____. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 364-387. (Obras completas, 9).
- FREUD, S. Os delírios e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen (1907). In: _____. *O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 13-122. (Obras completas, 8).
- FREUD, S. Sobre a sexualidade feminina. In: _____. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 371-398. (Obras completas, 18).
- LACAN, J. O aturdido (1972). In: _____. *Outros escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 448-497. (Campo Freudiano no Brasil).
- LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).
- LEVY, E. S.; CECCARELLI, P. R.; DIAS, H. M. M. Violência e terror nas redes sociais: considerações sobre cultura, desamparo e narcisismo. *Estudos de Psicanálise*, n. 48, p. 43-52, dez. 2017.
- RANCIÈRE, J. *O inconsciente estético*. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.
- SECCHES, F. V. A. *Elena Ferrante: uma longa experiência de ausência*. São Paulo: Claraboia, 2020.

Recebido em: 10/06/2023

Aprovado em: 26/06/2023

Sobre as autoras

Clarissa Ribeiro Vicente

Mestre em Teoria do Estado e Direito Constitucional pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).
Analista Judiciário do Tribunal de Justiça do Estado do Pará (TJ/PA).
Candidata a psicanalista em Formação pelo Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).

E-mail: clarissavicente2@gmail.com

Elizabeth Samuel Levy

Psicóloga (UFPA).
Psicanalista e sócia fundadora do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA) filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).
Mestre em Psicologia Clínica e Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA).
Especialização em Psicologia Hospitalar pelo Conselho Regional de Psicologia 10.^a região.
Pesquisadora do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia Fundamental (UFPA).
Ex-docente do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (1999/2019).
Presidente do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA).

E-mail: bethslevy@gmail.com

O corpo e a subjetividade do sujeito

The body and subjectivity of the subject

Déborah Pimentel

Resumo

Trata-se de uma revisão sistemática sobre o tema corpo, cuja base de dados foi a revista *Estudos de Psicanálise*. **Método:** Os critérios de inclusão dos artigos foram a palavra-chave “corpo” e a limitação temporal dos últimos 10 anos. Durante os 54 anos em que a revista foi editada, apenas 15 trabalhos foram publicados com essa temática e 8 foram publicados de 2012 a 2022. **Objetivo:** Descobrir se houve mudanças na forma de pensar ou sentir o corpo, do ponto de visto psicanalítico, nestes últimos dez anos. **Resultados:** Cada texto ofereceu uma perspectiva única sobre a relação entre corpo e a lente poderosa da psicanálise para compreender o sofrimento psíquico expresso através do corpo. **Conclusão:** Com as novas formas de subjetivação na contemporaneidade, os sofrimentos não mais seguem a lógica do conflito psíquico, do recalque e da representação, pois são sofrimentos que se caracterizam pela impossibilidade de representação e nomeação. Entretanto, a psicanálise mantém a sua relevância, viva e atual, na análise das respostas humanas aos desafios sociais.

Palavras-chave: Corpo, Subjetividade, Imagem corporal, Revisão sistemática.

*Falo com meu corpo, e isto sem saber.
Digo, portanto, sempre mais do que sei.
É aí que chego ao sentido da palavra sujeito
no discurso analítico.
O que fala sem saber me faz eu,
sujeito do verbo.
Jacques Lacan. Seminário 20.*

*O registro psíquico do desamparo
é algo de ordem originária,
marcando a subjetividade humana
para todo o centro,
de maneira indelével e insofismável.
Joel Birman. Mal-estar na atualidade.*

Introdução

A nossa revista *Estudos de Psicanálise*, com edições semestrais na atualidade, traz artigos das múltiplas federadas pertencentes ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP), portanto é um verdadeiro mosaico que representa todas as instituições que são a ele filiadas.

Decidi me debruçar sobre as palavras-chave “corpo” dentro da revista *Estudos de Psi-*

canálise, editada pela primeira vez em 1969 pelo Círculo Brasileiro de Psicanálise.

A minha curiosidade era saber como o corpo era entendido e tratado pelos psicanalistas dessa instituição, considerando os preceitos de Sigmund Freud.

Esta minha proposta abrange 54 anos de edições da nossa revista. O primeiro deles foi escrito em 1989 e, neste período até os dias

atuais, foram publicados apenas 15 artigos sobre o tema. A Tabela 1 traz a relação dos títulos, dos autores, e o ano de publicação.

Critérios para seleção dos artigos

Para começar a revisão, definimos a pergunta que orientaria este artigo: Houve mudanças na forma de pensar ou sentir o corpo nestes últimos dez anos?

Para efeito de corte, detive-me em apenas dois filtros: a palavra-chave “corpo” e o espaço temporal referente aos últimos 10 anos. Destarte, para efeito deste artigo, examinei apenas os últimos oito textos.

Mas sem dúvida, se eu me tivesse atentado apenas sobre os títulos dos trabalhos, a despeito da palavra-chave escolhida, teria descoberto que a palavra “corpo” aparecia mais vezes, a exemplo da última revista *Estudos de Psicanálise* em circulação, número 58, de dezembro de 2022, onde na p. 73, consta o artigo de Márcia Costa Barbosa intitulado *Escutando o corpo*, e paradoxalmente, “corpo”, não consta nas palavras-chave.

Nesse trabalho mencionado, a autora (Barbosa, 2022) relata que, na clínica, analisando apresentam um discurso vazio, evocando sensações e dando origem a uma experiência que vai além do uso e da apreensão da própria palavra, demonstrando como o sujeito-corpo pode dar voz ao sofrimento psíquico não passível de elaboração. Outrossim, o trabalho de Barbosa (2022) não preencheu os critérios de inclusão, aqui estabelecidos, ainda que seu texto fale sobre o corpo. Vale lembrar que as palavras de destaque do título devem constar necessariamente entre as palavras-chave. Isso deve ter acontecido inúmeras vezes e passou despercebido até então.

Aliás, nesta pesquisa descobri outra questão considerada relevante no mundo acadêmico: não podemos inventar palavras-chave sob pena de sermos ignorados e não sermos lidos. Palavras-chave devem, no mundo das publicações, ser reconhecidas em qualquer parte do planeta.

O tesouro multilíngue DeCS/MeSH – Descritores em Ciências da Saúde/Medical Subject Headings foi criado pela BIREME para servir como uma linguagem única na indexação de artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos, e outros tipos de materiais, para serem usados na pesquisa e na recuperação de assuntos da literatura científica nas fontes de informação disponíveis no mundo, inclusive na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) como LILACS, MEDLINE e BVS-PSI, esta última, a plataforma onde nossa revista está indexada.

Se fizermos um trabalho mais acurado, diremos que somos, na revista *Estudos de Psicanálise*, os autores mais criativos do mundo, ou os mais rebeldes com relação às normas acadêmicas, com muitos neologismos, inclusive, como palavras-chave.

Mas voltemos para a pergunta principal, objetivo do nosso trabalho: algo mudou desde o entendimento de Freud até os dias atuais sobre a compreensão do corpo e, em especial, nos últimos 10 anos de publicação da *Estudos de Psicanálise*?

Referências de maior destaque nos oito artigos analisados

Os artigos juntos produziram 162 referências de autores consagrados da psicanálise incluindo os pioneiros. Esses artigos contemplaram Sigmund Freud 26 vezes, com destaque para os textos *O ego e o id*, (1923), citado em quatro dos oito artigos, seguido por *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905); *Inibição, sintoma e angústia* (1826-1929) e *O mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931), que foram citados por três artigos distintos. Freud ainda teve os trabalhos *Além do princípio de prazer* (1917-1920), *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos*; *Pulsions et destins des pulsions*; *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), usados em dois artigos diferentes.

Jacques Lacan foi citado dez vezes diferentes e três artigos repetiram a mesma obra, qual seja, *O Seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972-1973).

Tabela 1 – Artigos e respectivos autores de todas as edições da revista *Estudos de Psicanálise* (54 anos) que trazem “corpo” como palavra-chave

Título	Autor(es)	Referência
O inconsciente e a dimensão corporal na relação analítica (ou o corpo em análise)	Francisco Ramos de Farias	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 12, p. 4-12, 1989
Somatização e simbolização: seus destinos na psicopatologia freudiana	Zeferino Rocha	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 15, p. 29-56, 1992
Transferência na situação dialítica	Marli Piva Monteiro	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 12, p. 48-53, 1995
Desejo insensato	Ana Maria Fabrino Favato	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 21, p. 51-56, 1998
Psiquiatria e psicanálise: interlocução possível?	Marília Brandão Lemos Morais	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 23, p. 98-106, set. 2000
Estados conturbadas do corpo: dor, gozo e glória	Léa Meilman; Flávio José de Lima Neves; Wagner Siqueira Bernardes	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 30, p. 77-82, ago. 2007
Fenômeno psicossomático: entre a psicanálise e a medicina	Maria Carolina Bellico Fonseca	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 30, p. 95-102, ago. 2007
O desejo de servidão voluntária e a violência: o corpo do poder, o corpo social e o corpo do gozo	Christian Hoffmann	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 38, p. 45-52, dez. 2012
Ponderações sobre a feminilidade na condição travesti	Júlio Cesar D Hoenisch; Pedro Jose Pacheco;	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 38, p. 79-88, dez. 2012
Mal-estar na tríade profissional de saúde-pais-bebê e seus reflexos nos vínculos iniciais	Marisa Amorim Sampaio; Maria do Carmo Camarotti	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 46, p. 105-114, dez. 2016
Corpo e dor nas condutas escarificatórias na adolescência	Marta Rezende Cardoso; Aline Gonçalves Demantova; Gabriela Domingues Caetano Soares Maia	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 46, p. 115-124, dez. 2016
As peles de Almodóvar ou Existe alguém aí dentro?	Isabela Cribari	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 47, 149-156, jul. 2017
A construção do sentido de corpo na psicanálise freudiana e possíveis contribuições para a educação	Jeferson José Moebus Retondar	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 49, p. 105-114, jul. 2018
Harmonização orofacial e covid-19: a experiência estética e o desamparo psíquico na interlocução entre odontologia e psicanálise	Rodrigo Zanon de Melo; Luciana Freitas Bastos; Larissa Aparecida Vaz Oliveira, Cristina Fontes Puppim; Marcelo Daniel Brito Faria	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 56, p. 113-126, dez. 2021
Corpos que falam: escutando desamparos indizíveis	Márcia Alves da Rocha	<i>Estudos de Psicanálise</i> , n. 56, p. 127-134, dez. 2021

Joel Birman foi o autor mais citado depois de Lacan. Foram sete referências, e em três artigos distintos a obra *Mal-estar na atualidade* (2014) teve destaque.

Winnicott foi citado sete vezes com obras distintas.

Ainda merece destaque Joyce McDougall, citada quatro vezes, considerando que a obra *Teatro do corpo* (2013) foi citada em dois artigos.

Entre outros autores que foram citados duas vezes, em dois artigos, estão: Anzieu com *O eu-pele* (2000); Fernandes com o título *Corpo* (2005); Fontes com *Psicanálise do sensível: fundamentos e clínica* (2010), Roudinesco e Plon, com *Dicionário de Psicanálise* (1998); e Laplanche e Pontalis, com o *Vocabulaire de la psychanalyse* (1973).

Resultados e discussões

O texto de Cristian Hoffmann (2012) adentra nas complexas relações entre o desejo de servidão voluntária, a violência e o corpo humano. Hoffmann argumenta que, em diversas circunstâncias, os indivíduos voluntariamente se submetem a estruturas de poder opressivas. A psicanálise é empregada como uma lente para compreender a psicologia subjacente a esses atos de submissão voluntária. O autor explora como o corpo, tanto em sua dimensão individual quanto como um componente do corpo social, é profundamente influenciado por essas dinâmicas de poder. Em particular, Hoffmann analisa as interações intrincadas entre o corpo do sujeito, o corpo social e o corpo do gozo. Este trabalho estabelece uma base teórica sólida para uma investigação mais aprofundada das complexidades inerentes às relações de poder e submissão sob uma perspectiva psicanalítica.

Já Hoenisch e Pacheco (2012) abordam a questão complexa da feminilidade no contexto da experiência travesti. Eles exploram as nuances das identidades de gênero e como a condição travesti desafia as concepções convencionais de feminilidade. Os autores enfatizam a contribuição da psicanálise para a compreensão das experiências das pessoas travestis, especialmente no que diz respeito à relação com seu corpo e à busca por expressão de gênero. Por meio de análise de casos clínicos e teorias psicanalíticas, o texto fornece *insights* valiosos sobre como a travestilidade é vivenciada, examinando a interseção entre psicologia e identidade de gênero. Seu trabalho enriquece nosso entendimento da diversidade das experiências de gênero e das complexas relações entre corpo, identidade e psicanálise.

Sampaio e Camarotti (2016) exploram o fenômeno do mal-estar na tríade formada por profissionais de saúde, pais e bebês, e como isso afeta os vínculos iniciais entre os membros dessa tríade. Os autores aplicam a perspectiva psicanalítica para examinar os desafios enfrentados por pais e bebês du-

rante os cuidados de saúde iniciais, particularmente em situações de desconforto. Eles destacam como o mal-estar pode surgir nesse contexto e discutem suas implicações para o desenvolvimento dos vínculos iniciais. Este texto fornece uma visão valiosa sobre as dinâmicas psicológicas envolvidas na tríade de profissionais de saúde, pais e bebês, com relevância para a prática clínica e a compreensão do desenvolvimento infantil.

Cardoso, Demantova e Maia (2016) avançam para outra fase da vida do sujeito e abordam a questão da relação entre o corpo e a dor em condutas escarificatórias na adolescência. As autoras nos levam a uma tentativa de compreensão sobre as complexas interações entre corpo e dor na adolescência. O adolescente sofre transformações no próprio corpo, na sua sexualidade e no que tange o seu meio social.

O novo corpo é percebido inicialmente como estranho, exigindo do sujeito um processo de reconstrução subjetiva, a partir das transformações próprias da puberdade. As imensas transformações na puberdade colocam em risco os limites do corpo, podendo fazer com que o sujeito perca o sentimento de continuidade de si, resultante de um desequilíbrio no plano do conflito psíquico (Cardoso; Demantova; Maia, 2016).

Quais seriam as repercussões internas de um corpo transformado, nessa fase tão especial da vida de um sujeito? O que isso significa pensando na relação entre corpo e psiquismo e naquela existente entre o Eu e o outro?

Há uma alta incidência de quadros clínicos cuja principal via de expressão é o corpo. Pode-se, com facilidade, enumerar modalidades que demonstram passagens ao ato, com implicação corporal, a exemplo dos casos de anorexia e bulimia, os quadros crônicos álgicos, automutilações, entre outros. Além disso, percebe-se que esses quadros têm em comum a carência de uma elaboração psíquica no que diz respeito à singularidade de seu modo de funcionamento psíquico (Cardoso; Demantova; Maia, 2016).

As autoras nos apontam as motivações e os significados subjacentes a essas condutas autolesivas, que envolvem a autoinfligência de dor no próprio corpo e exploram como o corpo funciona à semelhança de um veículo para expressar o sofrimento psíquico e como a dor física pode ser uma forma de lidar com conflitos internos.

Ao atingir a fase da genitalização, o adolescente será exigido para que realize o distanciamento dos seus objetos edípicos e das imagens parentais que antes interiorizou, a real possibilidade da concretização das suas fantasias incestuosas. Esse distanciamento dos objetos parentais requer investimento em outros objetos fora do meio familiar gerando um estado de desamparo e o seu Eu deverá realizar um imenso trabalho de elaboração psíquica dessa violência interna (Cardoso; Demantova; Maia, 2016).

A adolescência acaba se transformando em uma experiência subjetiva, que pode ser considerada traumática e, às vezes, com caráter desestruturante.

E uma das possibilidades de defesa é o mecanismo da passagem ao ato, tão frequente nessa fase (Cardoso; Demantova; Maia, 2016). As passagens ao ato são verdadeiras descargas de uma quantidade excessiva de energia pulsional em uma ação extrema que leva a uma ruptura e uma alienação radicais com o desmoronamento de qualquer mediação simbólica (Cardoso; Demantova; Maia, 2016).

A automutilação favorece a projeção ao espaço corporal de uma luta travada no mundo interno onde o Eu se encontra transbordado pela força pulsional (Cardoso; Demantova; Maia, 2016). A dor diante da escarificação da pele constitui um recurso defensivo como uma tentativa do ego de se apropriar do próprio corpo (Cardoso; Demantova; Maia, 2016).

Ou seja, a passagem ao ato é uma resposta defensiva precária a uma invasão de um pulsional desligado que adentra o Eu. O apelo ao ato violento seria uma tentativa para a contenção dessa invasão e, na ausência de

recursos para uma elaboração, há um risco à integridade narcísica e ao sentimento de continuidade de si, frente a uma passividade egoica e de desamparo (Cardoso; Demantova; Maia, 2016).

O adolescente tenta recuperar o controle de sua existência, fazendo uso do seu masoquismo erógeno, se machucando e, assim, materializa no corpo esse sofrimento de existir (Cardoso; Demantova; Maia, 2016).

Infligir-se dor coloca o sofrimento psíquico na superfície do corpo, local onde ela é visível e controlada, como se possibilitasse a restauração das fronteiras entre corpo e psiquismo e o controle do objeto, uma espécie de erotização do corpo por meio da dor.

A repetição do ato de automutilação, em seu aspecto compulsivo, mostra experiências subjetivas que não foram simbolizadas. A passagem ao ato específico “busca dominar a irrupção das marcas do traumático, circunscrevendo-as pela via da dor física” (Cardoso; Demantova; Maia, 2016, p. 117).

A precariedade da elaboração psíquica se revela através da ausência de associações, do vazio de linguagem, da falta de produção fantasística, e os registros sensoriais são invocados. O corpo, por conseguinte, é um corpo *apresentado* em lugar de *representado*, situado aquém do processo de simbolização (Cardoso; Demantova; Maia, 2016). O artigo também examina as implicações clínicas e terapêuticas dessas condutas autolesivas e destaca a importância de abordagens sensíveis para lidar com adolescentes que as praticam.

Já Isabela Cribari, no ano seguinte (2017), explora a relação entre cinema, psicanálise e o conceito de identidade. Ela analisa filmes do diretor espanhol Pedro Almodóvar, examinando como as representações cinematográficas do corpo e da identidade refletem questões psicanalíticas.

Cribari investiga como o cinema pode servir como um espaço para a exploração da subjetividade e da corporeidade, especialmente em relação à identidade de gênero e à sexualidade. Ela oferece uma análise deta-

lhada das obras de Almodóvar, destacando como esses filmes desafiam as normas sociais e psicológicas, além de abrir espaço para a reflexão sobre o “Eu” e o corpo na psicanálise e na cultura contemporânea.

Em 2018, Retondar investiga a construção do sentido de corpo na teoria psicanalítica de Sigmund Freud e as suas implicações para a educação. Retondar explora como Freud abordou o corpo humano em sua obra, destacando a importância da sexualidade na formação do sentido de corpo.

O corpo, com Freud, aparece a partir dos *Estudos sobre a histeria* (1893), quando ele contrapõe o corpo biológico das histéricas ao corpo como lugar de inscrição de significados, marcado com desejos inconscientes e sexuais (Retondar, 2018).

Ao estudar as histéricas e seus sofrimentos, Freud percebeu que a fisiologia era insuficiente para justificar tais sintomas que não eram orgânicos. Para Freud, a histeria, sempre inconsciente, estava ligada a algum evento vivido ou imaginado e produzia uma imensa excitação em sua estrutura psíquica, diante de algum desejo não satisfeito. O corpo é o lugar dos desejos reprimidos (Retondar, 2018).

O corpo histórico ignora a anatomia ou fisiologia, pois o que importa é um corpo fantasmático, uma vez que o corpo expressa as representações recalçadas, diz Freud em *As neuropsicoses de defesa* (1894). Os desejos querem se manifestar e por estarem bloqueados, o caminho psíquico viável é o corpo (Retondar, 2018).

Para Freud, todas as representações têm uma base erógena e a atividade sexual passa a vida humana, inaugurada no nascimento, quando existe uma primeira tensão entre prazer e desprazer no ato da amamentação vivido pela criança. Desse encontro fica o primeiro registro inconsciente de prazer que o sujeito perseguirá por toda a vida (Retondar, 2018).

O corpo e sua imagem inconsciente formam um conjunto das primeiras impressões gravadas no psiquismo infantil pelas sensa-

ções infantis até cerca de 5 a 6 anos de idade. Tais impressões tornam-se o cerne estrutural do sujeito que leva a uma subjetivação e singularidade em relação ao diálogo com a cultura e o social.

Quando um sujeito, um aluno, por exemplo, lança mão de estratégias-limite como anorexia, bulimia, vigorexia, violência e hostilidade gratuita com o outro, é necessário o professor acolher e provocar que o sujeito fale de si e de sua vida. E isso funcionará melhor do que orientações moralistas que aquele jovem está cansado de ouvir, afinal trata-se de um sujeito de desejo e que por seu sintoma, se reconhece como tal.

O professor tem que ouvir mais e falar menos. Quando um aluno fala de si para o professor é porque há um nível de confiança e, falando, ele pode aprender sobre si mesmo e sobre o seu corpo. Falando sobre sua vida, o aluno aprende consigo mesmo, desde que não haja receios de julgamentos (Retondar, 2018).

O professor deve compreender que, mesmo quando não há um sentido imediato a ser visto no comportamento do aluno, não significa ausência de sentido. Certamente o aluno sentir-se-á acolhido e mobilizado pela escuta do professor gerando dúvidas, provocando reflexões, exigindo que pense e repense suas ações, enquanto se sente valorizado e com garantias de espaço para comunicação e expressão, e jamais qualquer palavra sobre a imagem corporal do aluno (Retondar, 2018).

Anorexia e bulimia não são distúrbios alimentares de um corpo que tem de voltar a funcionar como antes desse desajuste orgânico. Na verdade, são sofrimentos psíquicos de negação obstinada e dolorosa e que, ao negar alimento, talvez deseje negar alguma outra coisa e firmando para si uma nova imagem desse corpo (Retondar, 2018).

O que se supõe é que a cadaverização do corpo, o suplício da dor por carência alimentar traga um elogio como compensação psíquica que justifiquem o sofrimento mesmo que esteja na contramão do padrão saúde e do que se diz ser normal. Assim, não pode-

mos tratar, considerando a psicanálise, como pessoas doentes, mas as que apresentam sintomas por se tratar de manifestações de uma tensão intrapsíquica de desejos que só conseguem se manifestar sob a forma de sofrimento e dor (Retondar, 2018).

Retondar (2018) revela como as ideias freudianas podem ser aplicadas à educação, fornecendo *insights* sobre o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças. O autor argumenta ainda que compreender a relação entre psicanálise e corpo pode ser valioso para educadores ao lidar com questões de desenvolvimento infantil, identidade e sexualidade. O seu artigo oferece uma ponte entre a teoria psicanalítica e a prática educacional.

Enquanto isso, Melo *et al.* (2021) destacam a importância da interdisciplinaridade entre odontologia e psicanálise na abordagem de questões relacionadas à imagem corporal e saúde mental em tempos desafiadores.

Os autores exploram a interseção entre odontologia e psicanálise em um contexto específico: a harmonização orofacial durante a pandemia de covid-19. Eles investigam como a busca pela estética facial pode estar relacionada a questões psíquicas, especialmente em tempos de crise como a pandemia. Os autores analisam as dinâmicas de desejo e desamparo psíquico envolvidas na busca por intervenções estéticas no rosto e como a psicanálise pode contribuir para uma compreensão mais profunda dessas motivações.

É claro que, muito além da demanda de harmonização facial, as mudanças desejadas de cunho corporal são fachada para anseios de transformações, quer pessoais, amorosas e familiares, quer profissionais. Muitas vezes esses procedimentos representariam o reencontro com o seu amor-próprio, com sua imagem rejuvenescida e com a sua vaidade (Melo *et al.*, 2021).

O corpo é um reflexo dos modelos ideais que são vendidos nas plataformas digitais como Instagram, Facebook, Tik-Tok, onde celebridades e influenciadores colaboram na formação de uma sociedade narcísica que

também revela a indiferença e a precariedade das relações (Melo *et al.*, 2021).

Como elaborar as questões do corpo, saber de si, via imagem e nela se reconhecer, e ao mesmo tempo se reconhecer e se diferenciar do outro que é seu semelhante? Como eu me relaciono com a diversidade de outros que também sou eu? (Melo *et al.*, 2021).

A pandemia, a quarentena, o distanciamento familiar e o exponencial crescimento de experiências virtuais com o *home office*, fizeram com que as pessoas passassem a se preocupar mais com a própria imagem, uma vez que estavam mais tempo nas redes sociais, assim houve uma crescente demanda por procedimentos estéticos, haja vista o rosto ser a imagem de referência de cada sujeito (Melo *et al.*, 2021).

Entretanto, os procedimentos estéticos de harmonização facial ou qualquer outro convocam o registro corporal, de sorte que o sujeito em situação de sofrimento psíquico aproprie-se sintomaticamente do procedimento como solução para os sintomas próprios da sua subjetividade e, assim, simbolizar o seu sofrimento (Melo *et al.*, 2021).

Já o último artigo, o de Rocha (2021), explora a comunicação não verbal e a linguagem corporal na psicanálise. Ela investiga como os corpos dos pacientes “falam” e como os analistas podem aprender a escutar essas mensagens não verbais. Rocha argumenta que, muitas vezes, as emoções e os desamparos indizíveis podem ser expressos através do corpo e da postura. Ela discute a importância de desenvolver sensibilidade para a linguagem corporal na prática clínica e como isso pode enriquecer a compreensão dos processos psicológicos dos pacientes. Esse texto destaca a relevância da comunicação não verbal na psicanálise e sua capacidade de revelar aspectos profundos da experiência humana.

Semelhanças e temas recorrentes entre estes autores

Todos exploram as questões do corpo vinculadas à identidade, ao desejo e à subjetividade

sob a perspectiva da psicanálise, destacando a importância dessa teoria na compreensão das experiências humanas.

Vários artigos discutem a relação entre o corpo e a identidade. Isso pode ser visto na análise da travestilidade, da busca pela estética facial, da expressão de gênero, da sexualidade e da linguagem corporal. Todos esses aspectos estão ligados à forma como os indivíduos constroem e percebem sua identidade em relação ao corpo.

Alguns artigos exploram a intersecção entre a psicanálise e outras disciplinas, como odontologia, educação e cinema. Eles destacam como a psicanálise pode fornecer *insights* úteis para abordar questões específicas em diferentes campos e compreender o corpo do ponto de vista psicanalítico.

Muitos ressaltam a importância da comunicação não verbal, incluindo a linguagem corporal, expressão facial e gestos, como meios de expressar emoções, desejos e conflitos que podem não ser verbalizados diretamente.

Alguns autores fazem referência a eventos ou contextos contemporâneos, a exemplo da pandemia de covid-19, e exploram como esses eventos impactam a experiência psicológica e a relação com o corpo.

Birman (2012) nos diz que nos sentimos sempre faltosos e que sempre queremos fazer algo para melhorar a *performance* corpórea que sempre estará aquém do desejado, principalmente em um período em que existem múltiplas possibilidades e ofertas no que tange ao cuidado com o corpo.

Considerando a beleza uma questão subjetiva, que pode ser moldada pelos valores sociais e culturais, mobilizando questões que afetam a aceitação e a autoestima dos indivíduos, o desamparo torna-se uma marca da subjetivação contemporânea e das novas formas de sofrimento psíquico levando a uma precarização da relação entre corpo e imagem.

Considere-se que a transformação do desamparo em onipotência narcísica gera um aprisionamento a um ideal especular de be-

leza e dentro de um padrão que, quando não reconhecido, torna-se potencialmente ameaçador, porquanto a uma sensação de completude, características das vivências primárias do narcisismo. Isso transformaria a busca por um corpo ou rosto harmônico na tentativa de evitar a frustração, a falta e a insatisfação do desejo (Melo *et al.*, 2021).

E por fim, alguns autores incluíram análises de casos clínicos para ilustrar conceitos e aplicar a teoria psicanalítica.

Diferenças entre os artigos

Cada texto aborda tópicos específicos e únicos. Por exemplo, Sampaio e Camarotti (2016) lidam com o mal-estar na tríade de profissionais de saúde-pais-bebê, enquanto Melo *et al.* (2021) abordam a harmonização orofacial em relação à pandemia de covid-19. Cada um desses tópicos apresenta uma perspectiva única sobre a relação entre corpo e psicanálise.

Os artigos abrangem um período significativo desde 2012 até 2021. Isso significa que refletem mudanças nas preocupações e nas perspectivas ao longo dos anos. Por exemplo, Melo *et al.* (2021) exploram as implicações da pandemia na autoimagem do sujeito, uma questão que não estava presente nos anos anteriores.

Os procedimentos estéticos, em meio à pandemia, tinham como finalidade aumentar a autoestima, corrigindo as assimetrias, realçar e melhorar expressões faciais em desequilíbrio, reduzindo também os efeitos do envelhecimento. É inquestionável que a lógica mercantil e consumista faz um esforço para tornar o corpo desse sujeito em espelho dos modelos vendidos como idealizados e, por conseguinte, perfeitos, enquanto a psique fica à deriva e, por isso mesmo, os psicofármacos ganham espaço anestesando emoções, negando o sofrimento na busca da tal felicidade (Melo *et al.*, 2021).

Já outros autores trouxeram uma abordagem mais teórica e exploratória, Cardoso, Demantova e Maia (2016) nos enriqueceram com uma ênfase maior nos aspectos clínicos,

trazendo as condutas autolesivas na adolescência.

Implicações práticas para futuras pesquisas e artigos

As implicações práticas e as sugestões para futuras pesquisas variam de acordo com os temas específicos abordados em cada texto, mas há oportunidades para avançar na compreensão das complexas interações entre corpo e psicanálise e aplicar esses *insights* em contextos clínicos, educacionais e interdisciplinares.

Senão vejamos:

1. **Intervenções terapêuticas.** Os artigos que abordam questões clínicas, como autolesões (Cardoso; Demantova; Maia, 2016) e mal-estar na tríade de saúde-pais-bebê (Sampaio; Camarotti, 2016), têm implicações práticas para a psicoterapia e as intervenções terapêuticas. Pesquisas futuras podem se concentrar no desenvolvimento de abordagens que enfatizem as questões transferenciais eficazes para lidar com esses desafios.
2. **Educação e psicanálise.** Destaca a aplicação da psicanálise na educação. Pesquisas futuras podem explorar como as teorias psicanalíticas podem ser integradas ao currículo educacional para promover o desenvolvimento emocional saudável em criança (Retondar, 2018).
3. **Interdisciplinaridade.** Artigos que abordam a interdisciplinaridade, como o de Melo *et al.* (2021) sugerem a importância de colaborações entre diferentes campos, como odontologia e psicanálise. Futuras pesquisas podem explorar mais a fundo como essas colaborações podem beneficiar a prática clínica.
4. **Identidade de gênero e sexualidade.** Os artigos que exploram as questões de identidade de gênero e sexualidade, como os de Cribari (2017) e de

Hoenisch e Pacheco (2012) indicam a necessidade de pesquisas adicionais sobre como as normas de gênero são desafiadas e representadas na cultura contemporânea.

5. **Comunicação não verbal.** Rocha (2021) enfatiza a importância da comunicação não verbal na psicanálise. Pesquisas futuras podem aprofundar nossa compreensão do modo como a linguagem corporal e a expressão não verbal podem ser melhor percebidas e trabalhadas pelo psicanalista no *setting*.

Conclusão

Embora haja uma base comum na perspectiva psicanalítica e na exploração das complexas relações entre corpo, identidade, desejo e subjetividade, as diferenças entre os artigos surgem dos tópicos específicos, do contexto temporal, da interdisciplinaridade e da incontestável relevância contemporânea percebida nas ênfases individuais dos autores e dos meios de expressão utilizados. Cada texto oferece uma contribuição única para o entendimento das questões que envolvem o corpo.

O corpo é objeto de troca em uma sociedade capitalista, marcada pelo consumo que exige a perfeição idealizada pela cultura e nesse tipo de sofrimento há uma tentativa de existir psiquicamente através da convocação do registro do corpo, da passagem ao ato e das doenças psicossomáticas

Retomando a pergunta objetivo deste artigo, conclui-se que com as novas formas de subjetivação na contemporaneidade, os sofrimentos não mais seguem a lógica do conflito psíquico, do recalque e da representação, pois se caracterizam pela impossibilidade de representação e nomeação.

Os textos aqui analisados, em última instância, demonstram que a psicanálise pode ter aplicações práticas, podendo inclusive estar nas escolas e nas ruas, em diversos contextos, além do clínico. A velha e centenária dona psicanálise continua viva e cada vez

mais atual na análise das respostas humanas a eventos da contemporaneidade e aos desafios sociais.

Abstract

*This is a systematic review on the topic of the body, with the database being the journal “Estudos de Psicanálise”. **Method:** The inclusion criteria for the articles were the keyword “body” and a time limitation of the last 10 years. Over the 54 years during which the journal was published, only 15 papers were published on this theme, with eight of them being published from 2012 to 2022. **Objective:** To discover whether there have been changes in the way the body is thought about or felt, from a psychoanalytic point of view, in the last ten years. **Results:** Each text offered a unique perspective on the relationship between the body and the powerful lens of psychoanalysis for understanding psychic suffering expressed through the body. **Conclusion:** With new forms of subjectivity in contemporary times, suffering no longer follows the logic of psychic conflict, repression, and representation, as it is characterized by the impossibility of representation and naming. However, psychoanalysis remains relevant, alive, and current in analyzing human responses to social challenges.*

Keywords: Body, Subjectivity, Body image, Systematic review.

Referências

ANZIEU, D. *O eu-pele*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CARDOSO, M. R.; DEMANTOVA, A. G.; MAIA, G. D. C. S. Corpo e dor nas condutas escarificatórias na adolescência. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 47, p. 115-121, dez. 2016.

CRIBARI, I. As peles de Almadóvar ou Existe alguém aí dentro? *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 47, p. 149-156, jul. 2017.

FERNANDES, M. H. *Corpo*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005

FONTES, I. *Psicanálise do sensível: fundamentos e clínica*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

FREUD, S. Além do princípio de prazer. In: _____. *História de uma neurose infantil (“O homem dos lobos”)*, *Além do princípio do prazer e outros textos* (1917-1920). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 162-239. (Obras completas, 14).

FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. In: _____. *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (1926-1929). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 14-123. (Obras completas, 17).

FREUD, S. *Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 27-80. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: _____. *O futuro de uma ilusão; O mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 67-153. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. Pulsions et destins des pulsions. In: _____. *Métapsychologie*. Paris: Folio, 1968.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-113. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 128-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

HOENISCH, J. C; PACHECO, P. J. Ponderações sobre a feminilidade na condição travesti. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 38, p. 79-88, dez. 2012.

HOFFMANN, C. O desejo de servidão voluntária e a violência. O corpo do poder, o corpo social e o corpo do gozo. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 38, p. 45-52, dez. 2012.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Zahar, 1985 (Campo Freudiano no Brasil).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1973.

MCDUGALL, J. *Teatros do corpo: o psicossoma em psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2013.

MELO, R. Z.; BASTOS, L. F; OLIVEIRA, L. A. V.; PUPPIN, C. F; FARIA, M. D. B. Harmonização orofacial e covid 19: a experiência estética e o desamparo psíquico na interlocução entre odontologia e psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 56 p. 113-126, dez. 2021.

RETONDAR, J. J. A construção de sentido de corpo na psicanálise freudiana e possíveis contribuições para a educação. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 49 p. 105-113, jul. 2018.

ROCHA, M. A. Corpos que falam: escutando desamparos indizíveis. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro n. 56, p. 127-134, dez. 2021.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

SAMPAIO, M. A; CAMAROTTI, M. C. Mal-estar na tríade profissional de saúde-pais-bebê e seus reflexos nos vínculos iniciais. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 47 p. 105-113, dez. 2016.

Recebido em: 18/06/2023

Aprovado em: 26/07/2023

Sobre a autora

Déborah Pimentel

Psicanalista e membro do Círculo Psicanalítico de Sergipe (CPS). Presidente do Círculo Psicanalítico de Sergipe (CPS), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS). Presidente do CBP entre 2008-2010. Médica pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre e doutora em ciências da saúde pela UFS. Professora Associada III e Membro do Conselho do Departamento de Medicina da UFS. Membro das Academias Sergipanas de Medicina e de Educação. Membro da Sociedade Brasileira dos Médicos Escritores.

E-mail: deborah@infonet.com.br

Os 125 anos da psicanálise e a ética do psicanalista¹

125 years of psychoanalysis and the ethics of the psychoanalyst

Eliana Rodrigues Pereira Mendes

Resumo

A autora apresenta um panorama da evolução cultural humana, partindo dos primórdios da humanidade até o aparecimento da psicanálise, no final do século XIX e começo do século XX. Introduz a figura de Sigmund Freud, o criador da psicanálise, e a trajetória desse novo saber, que traz à luz a instância do inconsciente. Fala também das principais obras freudianas, chegando até Jacques Lacan, no século XX, que faz uma releitura de Freud. Discute ainda o conceito de ética, salientando que a psicanálise tem uma ética própria, que é a ética do sujeito do inconsciente, a ética do bem dizer. Por fim, destaca o papel do analista na sociedade e as diversas aberturas que a psicanálise trouxe para o ser humano.

Palavras-chave: Evolução cultural, Psicanálise e sua trajetória, Sujeito do inconsciente, Ética da psicanálise.

A psicanálise é um tipo de saber relativamente novo – 125 anos – em relação às origens da humanidade. O ser humano segue um padrão semelhante ao desenvolvimento da humanidade em suas conquistas: a ontogênese repete a filogênese em sua evolução. Nada nos é dado sem que seja conquistado. Embora os seres humanos já existam desde os tempos imemoriais, a psicanálise, como um saber sobre o próprio ser humano, teve também um tempo para seu surgimento.

Cada progresso material foi sendo duramente conseguido. Muitos séculos se passaram para que descobertas simples fossem sendo consumadas. Elas custaram o esforço e o uso do engenho do ser humano. Desde a descoberta do fogo, das vestimentas, da cocção dos alimentos, foi havendo um aumento na qualidade da vida humana. Há 5.000 anos, na Mesopotâmia, nosso devastado Ira-

que de hoje, foram criados o eixo da roda, a astronomia, a matemática e a escritura.

Esses progressos pareciam tão desconcertantes que Aristóteles, nos anos 300 a.C, no seu primeiro livro de metafísica, afirmava que tudo que se podia imaginar para tornar a vida humana mais confortável já tinha sido inventado. Portanto era hora de se dedicar à elevação dos espíritos (De Masi, 1993, p. 42).

Na Antiguidade, na ânsia de buscar uma explicação para o mundo, o ser humano cria a mitologia, onde vários deuses se encarregavam de ordenar o Universo e responder às perguntas que já se faziam sobre a origem e o destino dos humanos.

A Idade Média, período que vai do século V até o século XV, iniciou-se com a desagregação do Império Romano do Ocidente, no

1. Texto apresentado no evento *on-line* comemorativo dos 65 anos do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), na jornada intitulada A PSICANÁLISE ATRAVÉS DOS TEMPOS, realizada em 24 e 25 set. 2021.

século V. Dessa época histórica destacam-se o período de ruralização que a Europa viveu entre os séculos V e X, o fortalecimento da Igreja Católica, a estruturação do sistema feudal, os quais propiciaram que a Europa fosse o centro do mundo não só econômico mas também político e social. A religião, já agora com um só Deus, no cristianismo, era o instrumento regulador das condutas e prometia o inferno para os que transgredissem as normas, mas ainda justificava as desigualdades sociais, ao considerar os escravos inferiores e os reis e nobres como ungidos por Deus. Do século X até o século XV, a chamada Baixa Idade Média, temos o período do auge do feudalismo, no qual a Europa começou a sofrer transformações através da urbanização e do comércio entre os países. Vemos, então, a chegada do Renascimento.

Esse movimento consistiu na revalorização da Antiguidade Clássica, principiado na Itália tendo como principais características o humanismo, o antropocentrismo, o individualismo, o universalismo, o racionalismo, o cientificismo e a valorização da Antiguidade Clássica (greco-romana). Daí o nome de Renascença. Se, na Idade Média, a privacidade era quase inexistente, com as pessoas vivendo muito mais no coletivo, no Renascimento, já se valorizava mais a interioridade e a possibilidade das diferenças.

Nesse final do século XV e princípio do século XVI não posso deixar de citar não um filósofo, mas um escritor e dramaturgo de imensa importância, William Shakespeare (1564-1616), que revolucionou a literatura e o teatro com suas magníficas peças sobre o ser humano. Em toda a obra de Shakespeare, tanto em suas grandes tragédias, quanto nas comédias mais leves, há sempre uma tentativa de descobrir quem somos nós, os humanos. Já libertos de uma ideia religiosa opressiva, os personagens shakespearianos se interrogam sobre as grandes questões da vida e da morte, do poder, do amor, da liberdade. O mundo medieval se desmoronava e começava outro mundo, com a modernidade. Urge ao ser humano a tarefa de trazer à

tona um novo mundo interno e levantar o véu que encobre seu cerne. O que é a existência humana? Que atitudes cabem a nós? Já que estamos entregues a nós mesmos, somos os nossos próprios escultores. Temos em nós misturadas a razão e as paixões. E o nosso destino final é o mesmo, reis ou mendigos: o pó. Hamlet, com sua angústia, inaugura o homem moderno com dúvidas existenciais. Somos solitários, temos que arcar com a nossa consciência e a nossa liberdade. Somos responsáveis por nossa condição humana. Shakespeare foi uma grande influência para Freud, que não se cansou de citá-lo e de aprender com ele.

No século XVI aparece o empirismo com o filósofo inglês Francis Bacon, que, invertendo a lógica de Aristóteles, declara que tudo que se podia criar pela elevação do espírito já tinha sido feito pelos gregos (na filosofia e na ética) e os romanos (nas leis e na política). Quando os escravos começaram a rarear, nossos antepassados de então se lembraram das oportunidades oferecidas pelos instrumentos e passaram a se preocupar com as inovações que levariam ao progresso da ciência e à revolução industrial (De Masi, 1993). Iniciava-se, assim, a Economia Moderna, e estava sendo estabelecido o Iluminismo, dos séculos XVII, XVIII e XIX, os chamados de séculos das luzes por seu grande avanço nas ciências e nos ideais de liberdade e do afastamento de mistérios e crenças religiosas rígidas. Seus seguidores queriam impulsionar o ser humano a investigar cientificamente todos os fenômenos e buscar respostas sobre questões que antes somente eram respondidas por meio da fé. Atingiu seu apogeu no século XVIII, mas chegou até o século XIX.

A sociedade dos séculos XVIII e XIX foi marcada pelo Romantismo, movimento cultural e artístico que deixando para trás valores clássicos inaugura a modernidade. Eram seus valores o egocentrismo, com o indivíduo encarado como o centro do mundo, um sentimentalismo exacerbado, o nacionalismo, a idealização do amor romântico,

e o tom depressivo de vários autores, achando uma fuga da realidade pela morte, pelo sonho ou pela própria arte (Goethe, Byron, Victor Hugo, este já abordando o romantismo social, representando a miséria do povo, com *Os miseráveis*, chegando até aos indianistas brasileiros como Gonçalves Dias e José de Alencar).

Em meados do século XIX nasce Freud (6 de maio de 1856), em Freiberg, na antiga Morávia, hoje República Tcheca. Emigra com sua família para Viena, na Áustria, que era a capital da Confederação Alemã, congregando vários países da Europa Central e do Leste, sob a batuta do imperador Francisco José I de Habsburgo. Em 1867, ano de sua coroação, se dá o compromisso da Áustria com a Hungria, formando o estado Austro-Húngaro, que seria em sua breve existência o centro do mundo moderno. A emancipação dos judeus foi decretada pelo imperador em 1869, o que possibilitou ao jovem Sigmund o estudo da medicina. No período de sua fundação até seu término em 1919, depois da Primeira Guerra Mundial, o Império Austro-Húngaro testemunhou uma intensa transformação nas ciências, em geral, nas artes (pintura, literatura, música), na arquitetura, na filosofia, na política, engendrando e consolidando a modernidade, numa verdadeira explosão do espírito criativo da época. Nesse cenário novo e aberto, surge a necessidade de se usar também a ciência para se aprofundar no ser humano e em suas idiosincrasias. A psicanálise é inventada, no caudal de todos esses avanços (Schorske, 1979).

Criada no final do século XIX e consolidada na primeira metade do século XX, a psicanálise representa um mergulho no psiquismo humano, dando espaço e relevo à subjetividade. Ao se embrenhar nos enigmas da mente humana, o neurologista de então se depara com a questão dos diferentes, dos que não seguem o rebanho (as histéricas de Freud) e vai se dedicar à descoberta de uma outra instância, até então não reconhecida, que se aloja no mais profundo do psiquismo, mas que pode fazer uma irrupção a qualquer

momento, quando menos se espera: o inconsciente.

Ao considerar a normalidade como um conceito econômico e a sexualidade como um contínuo desde o nascimento até a morte do ser humano, Freud não só intrigou e revoltou seus contemporâneos, mas principalmente trouxe luz à constituição do sujeito: o que faz do Homem um ser humano? Apesar da polêmica toda, inaugurou-se com a psicanálise um novo capítulo na história das mentalidades, com a subjetividade devidamente considerada, sob o domínio da ciência e não mais apenas sob o domínio religioso e místico.

Mas trazia uma novidade desconcertante: o ser humano não é o senhor de sua própria morada. Muitos já tinham considerado o inconsciente como uma gradação da consciência. No entanto, Freud trazia agora a consideração de que sua natureza era totalmente diferente e possuía leis particulares de funcionamento como atemporalidade, lógica singular e não dependência da razão, não sendo acessível em termos volitivos ou cognitivos.

Ao constatar seu interesse no psiquismo humano e no estudo dos estados mentais, Freud parte para Paris, a fim de fazer um estágio com Martin Charcot no Hospital La Salpêtrière, onde se tratavam as histéricas pela hipnose. Chegando da França, se liga ao médico judeu e amigo Joseph Breuer, que começava a lidar com a histeria através de um novo método catártico, de associação livre. “cura pela fala” ou “limpeza da chaminé”, foi assim chamado esse novo tratamento pela paciente Anna O., pseudônimo de Bertha Pappenheim (Breuer e Freud, 1895/1969). Com a desistência de Breuer de continuar a atender Anna O., por causa dos ciúmes de sua esposa, Freud herda Anna O. e segue com a experimentação desse novo formato de tratamento. Através de Breuer, Freud chega até Wilhelm Fliess, médico judeu como ele, ficam amigos e trocam uma longa correspondência, relatando suas ideias e seus sonhos, casos pessoais e clínicos, o que vai

se constituir no que Freud chamou de sua autoanálise.

A princípio confinado apenas entre médicos judeus, Freud deseja abrir sua descoberta ao mundo e tenta uma parceria com Carl Jung, não judeu e muito bem relacionado com o mundo psiquiátrico da época. Mas essa parceria não se sustentou, tendo Jung se dedicado a outros domínios mais místicos do psiquismo, o que Freud queria evitar a qualquer custo, pois almejava que seu conhecimento nascente fosse reconhecido como uma ciência, com toda a credibilidade que ela implica. Freud trabalhou suas descobertas validando-as primeiro em si mesmo e depois em sua prática clínica, mas sem deixar de construir uma teorização concomitante, a metapsicologia. Esses dois polos se influenciam mutuamente: a clínica dá legitimação à teoria e esta dá estrutura à clínica. Como ciência do inconsciente a psicanálise ainda não tinha sido confrontada com nada que a superasse. A ótica freudiana enfocou desde os atos mais corriqueiros da vida cotidiana, como um lapso de memória ou uma troca de palavras, passando pela compreensão dos sonhos como realização de desejos latentes, à sexualidade presente desde o nascimento, à universalidade do complexo de Édipo, até questões mais altamente estimadas, como a sublimação das pulsões sexuais pelo trabalho intelectual e pela arte. As questões ligadas às instituições culturais como a ordem social, a religião, a moral e a ética foram minuciosamente trabalhadas em seus textos sobre a cultura.

Ao considerar a psicanálise primordialmente como uma ciência do inconsciente, deixando em outro plano os procedimentos terapêuticos, Freud quis evitar que ela se transformasse apenas num capítulo a mais da psicopatologia e que fosse colocada como tal nos manuais de psiquiatria. Não quis também que a psicanálise fosse ligada à religião ou à ideologia. Tampouco quis considerá-la como uma visão de mundo ou um sistema filosófico, porque a psicanálise nunca se encarrega de preencher os furos do

edifício universal. Ao contrário, ela fala do que há de inconsciente na cultura, daquilo que se manifesta no discurso da cultura. Embora a ciência não se preocupe com o sujeito que trabalha como produtor dela mesma, a psicanálise parte do que a ciência deixa de lado, que é justamente o sujeito do inconsciente e o mal-estar nas relações com a civilização. Apesar disso, Freud usou o referencial da ciência para construir as ficções teóricas com as quais o discurso analítico opera, o que fez também Lacan, ao usar da linguística e da topologia nas suas teorizações. A psicanálise não é aplicável como a ciência, nem é passível de verificações imediatas. Ela é um discurso que se constitui como um efeito da interdiscursividade, ou seja, ela possibilita que diferentes discursos da cultura se relacionem.

Desdenhado a princípio pelo mundo científico de sua época, que considerou suas teorizações um “conto de fadas científico” nas palavras pejorativas de Krafft Ebing (Freud *apud* Masson, 1986) Freud não desistiu de seus achados e foi em frente como pôde.

Formou, depois da separação de Jung, seu pequeno comitê, com colegas de sua confiança (Karl Abraham, Sandor Ferenczi, Otto Rank, Max Eitington, Hans Sachs e Ernest Jones, o único não judeu), para garantir a sobrevivência da psicanálise. É dessa época a criação da IPA (International Psychoanalytic Association) e o desenvolvimento dessa ciência em Berlim como sua sede principal, e com desdobramentos, como as clínicas sociais criadas então.

A Primeira Guerra Mundial trouxe uma validação para a psicanálise, pois consolidou uma ruptura com a razão, trazendo uma visão pulsional dos processos históricos coletivos. Na guerra a pulsão é superdimensionada e pode-se ver que a tradição é extremamente precária e a cultura tem limitações. Além disso, tudo que é produzido pelo ser humano é relativo e nessa circunstância de um conflito armado há uma quebra de padrões de normalidade.

No pós-guerra Freud se dedicou à sustentação teórica de sua clínica e produziu muitos textos importantes: *Além do princípio do prazer*, *O ego e o id*, *Inibição, sintoma e angústia*, *Análise leiga*, entre outros. Mais no final de sua vida, escreveu, os grandes textos culturais, como *O futuro de uma ilusão*, *O mal-estar na civilização*, *A questão de uma weltanschauung*, *O homem Moisés e a religião monoteísta*, *O esboço da psicanálise*, que iriam se juntar aos já publicados *Totem e tabu* e *Psicologia das massas e análise do ego*.

A década de 1930 vai encontrá-lo doente, com um câncer na mandíbula e confrontado à ascensão dos nazistas. Com a anexação da Áustria ao Terceiro Reich de Berlim (1938), as obras de Freud foram destruídas, o que lhe valeu o seguinte comentário: “Fizemos progresso. Na Idade Média teriam queimado o autor, hoje se contentam em queimar os livros” (vídeo *A invenção da psicanálise*, de Roudinesco e Kapnist). Mal sabia ele que os campos de concentração se encarregariam de exterminar também os homens. Essa fúria destrutiva e sua decepção com a cultura alemã culminaram com sua aceitação do exílio na Inglaterra, patrocinado por sua amiga, a princesa da Grécia Marie Bonaparte, que pagou à Gestapo por sua liberação. O regime de Hitler devastou a psicanálise de língua alemã. A psicanálise nunca pode sobreviver em governos autoritários, pois é libertária em sua essência. A submissão e a repressão são incompatíveis com os princípios psicanalíticos.

Com sua morte em Londres, em 23 de setembro de 1939, e a subida macabra dos nazistas na Alemanha, a Inglaterra passa a ser o centro da psicanálise, com a rivalidade entre as psicanalistas Melanie Klein (que trouxe grandes contribuições principalmente à psicanálise da criança e ao papel da mãe) e Anna Freud, que não aderiu à teoria kleiniana, favorecendo aspectos mais pedagógicos da terapia. Um pouco mais tarde aparece Winnicott, também dedicado ao desenvolvimento infantil, trazendo novos aportes à clínica psicanalítica.

Nos anos 1940 e 1950, a psicanálise é levada aos Estados Unidos da América pelos psicanalistas judeus exilados que escaparam do Holocausto. Mas com a morte desses o *American way of life*, com sua hegemonia adaptativa, vai propiciar uma psicanálise rala, diferente da psicanálise subversiva proposta por Freud. Nesse meio tempo, entre os anos 1950 e 1960, surge o psiquiatra francês Jacques Lacan, que vai reler Freud. Suas contribuições mantêm e fazem evoluir o ideário freudiano, com uma leitura da sociedade pós-moderna, inaugurada na década de 1960, atualizada para os contemporâneos. Freud, um homem marcado pelo iluminismo e o romantismo de sua época, rompeu com a moral vitoriana do século XIX, batalhou pela desrepressão do sexo e deu voz às históricas. Lacan, por sua vez vai trazer o conceito de gozo, muito pertinente à época atual, em que a radicalidade e a busca do prazer aparecem em primeiro plano. Sintomas tais como a adição à droga, ao álcool, ao jogo, à comida, bem como a anorexia e a bulimia são comuns nesses novos tempos, além dos comportamentos radicais que envolvem o corpo em perigo mortal como a prática de alguns esportes, a variação intensa de parceiros sexuais, com a exposição a doenças letais e altamente lesivas à saúde, como Aids, hepatite e outras. Lacan é bem recebido na América Latina, sendo que sua teoria baseada na constituição do inconsciente como uma linguagem é favorecida pelas línguas de origem latina como o francês, além de representar uma abertura maior ao novo e à pós-modernidade. As traduções editoradas na Argentina contribuíram muito para a divulgação da sua obra nos países latinos.

A psicanálise está tão imbricada na cultura atual que já não podemos entender o mundo sem seus conceitos básicos e seu jargão peculiar. A influência claramente assumida dos conceitos psicanalíticos por movimentos artísticos como o surrealismo nas artes plásticas, no cinema, e no teatro se fez logo notar. Salvador Dalí, André Breton, Luis Buñuel, entre outros, com seu arrojo criativo

e a desconstrução das convenções desconcertaram o próprio Freud, ele mesmo um burguês comportado em sua vida particular, embora tivesse revolucionado o mundo com sua ciência nascente, a psicanálise. O terreno da ética, como não podia deixar de ser, é também muito caro à psicanálise, também chamada de a ética do bem dizer.

A ética através dos tempos

A palavra ética tem origem do grego *ethos* que significa costume, caráter ou modo ser. Ela é um ramo da filosofia que estuda os princípios que regem a ação dos humanos. Ou seja, ela analisa os valores por trás das ações humanas. A moral, por sua vez, é o conjunto de regras que determinam os comportamentos. A ética é uma reflexão sobre a moral. É importante frisar que a ética e a moral variam de sociedade para sociedade; além disso, são sujeitas à variação das mentalidades de cada tempo. A ética e a moralidade pressupõem que o comportamento humano deve buscar o bem-estar de todos que integram o grupo. Para isso, é imprescindível que haja consciência de si (o eu que constitui a própria identidade) e consciência do outro (saber os limites dessa identidade).

A ética surge na Grécia Antiga, no século V a.C. Na Antiguidade compreendia o estudo das formas de alcançar a felicidade. Os gregos entendiam que os princípios morais eram resultado de convenções sociais e não de uma moral religiosa. Na Idade Média, porém, houve uma mudança e a ética passa a ser regida pela interpretação dos mandamentos e preceitos religiosos (do cristianismo e do islamismo). Com o fim da idade Média são retomados os temas éticos da Antiguidade. A ética deixa as tradições religiosas e volta a ser entendida como um meio de se alcançar a felicidade e o bom convívio social. Há diversos tipos de ética segundo as escolas de filosofia grega (ética helenística, ética epicurista, ética estoica, ética cínica, ética céptica, ética utilitarista, ética deontológica). Aí também se inclui o imperativo categórico de Kant, que é uma forma de ética cujo con-

ceito é desenvolvido a partir da necessidade de tomar decisões como um ato moral, sem afetar ou agredir outras pessoas. Desde o Renascimento o ser humano é o princípio que norteia a organização social e a produção do conhecimento. Com a revolução científica e o Iluminismo a razão impulsiona o desenvolvimento tecnológico. Novos ramos da ética se desenvolvem, como a bioética, que faz uma intercessão entre a filosofia e as ciências da saúde, se ocupando dos limites que se devem impor ao avanço tecnológico e à ciência, para balizar as transformações que se fazem no ser humano: eutanásia, aborto, clonagem, transplante de órgãos, fertilização in vitro, suicídio, alimentos transgênicos e outros.

A psicanálise, como ciência do inconsciente e da subjetividade, não poderia ficar de fora dessas formulações. Freud (1930), n' *O mal-estar da civilização*, vai dizer que a ética trata das relações dos seres humanos uns com os outros. Dentro das três causas de maior sofrimento humano estão a falta de domínio da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a inadequação das regras que procuram ajustar relacionamentos mútuos entre os seres humanos na família, no estado e na sociedade. Este último item é um assunto que pode facilmente ser identificado como sendo “o ponto mais doloroso de toda a civilização” (Freud, 1930/1969, p. 95).

Para Freud, o mandamento máximo das religiões “Amar ao próximo como a si mesmo” é mais fácil de ser dito do que ser vivido. Só a ética é capaz de fazer face a isso. “Ela deve, portanto, ser considerada como uma tentativa terapêutica como um esforço por alcançar, através de uma ordem do superego, algo até agora não conseguido por meio de quaisquer outras atividades culturais” (Freud, 1930/1969, p. 167). Com a nova ciência vai existir uma ética do sujeito do inconsciente, mais próxima à verdade de cada um.

Segundo Lacan, o desejo do homem é sempre o desejo do Outro. Isso nada mais é do que o desejo de desejar. Entre suas muitas elaborações teóricas sobre esse tema, é essen-

cial a questão do desejo do analista, que se encontra na base da ética da psicanálise, pois o desejo é correlato à ação do analista em sua clínica. Ele não se encontra do lado do analista, e sim do analisando, mas vai depender do analista e do desejo dele que todo o processo ocorra ou não. O analista tem desejo, mas não é o desejo singular dele que está em causa. Mesmo após uma longa análise o analista não fica desprovido de desejo nem de inconsciente. Os desejos são sempre infantis, inconscientes e indestrutíveis. O analista, pela própria experiência de análise, adquire não só uma nova forma de saber reconhecer o que é o desejo; essa é uma das vertentes do seu 'saber fazer' no processo analítico. O desejo do analista é o de que a análise ocorra, que o analisando vá/compareça à sessão para falar. O analista não pode ceder de sua posição, caso contrário acabará demonstrando autoritariamente seu saber sobre o outro. É ele quem guia a análise, mas isso não quer dizer que ele guia a vida de quem ele escuta. O analisando vai ao tratamento procurando o suposto saber do analista, mas este deve reendereçar essa suposição de saber ao inconsciente do analisando. O analista não pode dar consistência ao lugar que ocupa, porque não pode se colocar como o grande Outro e repetir a condição do analisando de assujeitamento ao desejo do Outro, ao desejo dos pais. Como analista ele é apenas uma função operadora. Essa é a ética lacaniana para o par analista-analisando.

Para concluir, temos de dizer que estes 125 anos de história psicanalítica transformam Freud talvez no principal pensador do século XX, alguém que realmente arejou o conhecimento sobre o mundo e o incidiu na vida das pessoas. Como ganhos para a humanidade, a psicanálise legou todo um empenho que assistimos em relação à pedagogia e à educação infantil, assim como aos movimentos que foram fortificados pela sua ótica como: maior paridade entre os sexos, o acatamento às diversidades sexuais, a luta pela aceitação das minorias étnicas, a compreensão do sofrimento psíquico e a escuta incondicional

dos seus portadores, o enriquecimento das artes, em geral, a busca de maior igualdade social (hoje vemos atendimentos em praça pública), até uma abertura às descobertas da neurociência, que Freud previu para o futuro. Enfim, todo um caudal de procedimentos e da criação de uma mentalidade que valoriza o ser humano em si mesmo, pelo que ele é. Sigamos, pois, adiante. Ainda há muito caminho a palmilhar.

Abstract

The author presents an overview of human cultural evolution, starting from the beginnings of humanity, until the appearance of psychoanalysis, in the late 19th and early 20th centuries. It introduces the figure of Sigmund Freud, the creator of Psychoanalysis, and the trajectory of this new knowledge, which brings to light the instance of the unconscious. She also talks about the main Freudian works, reaching Jacques Lacan, in the 20th century, who rereads Freud. It also discusses the concept of Ethics, emphasizing that Psychoanalysis has its own ethics, which is the ethics of the subject of the unconscious, the ethics of saying this subject's truth. Finally, she highlights the role of the analyst in society and the various openings that Psychoanalysis has brought to human beings.

Keywords: *Cultural evolution, Psychoanalysis and its trajectory, Subject of the unconscious, Ethics of psychoanalysis.*

Referências

DE MASI, D. Em busca do ócio. *Veja 25 anos. Reflexões para o futuro*. Tradução: Marco Antônio de Rezende. São Paulo: Abril, 1993. p. 40-49.

FREUD, S. *Estudos sobre a histeria* (Breuer e Freud) (1893-1895). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 43-369. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. História de uma neurose infantil (1919 [1918]). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1918). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 171-184. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). In: _____. *Uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1918). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 142-153. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

<https://descomplica.com.br/blog/o-que-e-etica-historia-e-resumo>.

LACAN, J. *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (1959-1960). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. (Campo Freudiano no Brasil).

MASSON, J. M. (Ed.). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

SCHORSKE, C. E. *Viena fin-de-siècle*. Política e cultura. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Recebido em: 16/04/2023

Aprovado em: 20/05/2023

Sobre a autora

Eliana Rodrigues Pereira Mendes

Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Especialização em Psicologia Clínica na PUC/MG.

Psicanalista formada pelo Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Coordenadora do Seminário Psicanálise e Cultura na formação de psicanalistas no CPMG, presidente do CPMG 1997-1999 e 2011-2014,

e vice-presidente de 2017-2021.

membro do corpo editorial da Revista Reverso, publicação semestral do CPMG. Delegada do Brasil junto à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS) desde 1998. Editora Regional para a América do Sul da revista International Forum of Psychoanalysis (IFP) de 1997 a 2020.

Artigos publicados em livros e revistas nacionais e estrangeiros. Publicou três números da revista IFP como editora convidada: *Psychoanalysis and Social Realities*; *The Multiple Faces of Perversion*; e *Psychoanalysis and Work in Contemporary Times*.

E-mail: elianarpmendes@hotmail.com

O concern e a liquidez das relações humanas: uma leitura winnicottiana

Concern and the liquidity of human relations:
a winnicottian reading

Luan Sampaio Silva
Janari da Silva Pedroso

Resumo

O artigo discute o fenômeno da modernidade líquida sob a ótica da teoria do amadurecimento humano, de Winnicott. Para isso, analisou-se fragmentos do livro e cenas do filme homônimos *Precisamos falar sobre o Kevin*, com foco na relação de Kevin e seu ambiente, para sustentar a proposição de que a liquidez e a fragilidade dos laços sociais humanos são um fenômeno macrossocial, composto por vários fenômenos microssociais, que apontam para “falhas ambientais” em diversas esferas, mas que, de forma microssocial, têm sua origem na qualidade da relação entre o ambiente-cuidador e o bebê, em um período primitivo específico do desenvolvimento emocional – estágio de *concern* –, que compromete a aquisição da capacidade de se preocupar com o outro.

Palavras-chave: Winnicott, Bauman, Modernidade líquida, *Concern*.

Introdução

Na contemporaneidade, vive-se um momento no qual as relações intersubjetivas estão cada vez mais fragilizadas e inconsistentes. O ser humano desprovido de empatia não adquire a capacidade de se preocupar genuinamente com os vínculos interpessoais estabelecidos. A esse respeito, Bauman (2004) desenvolve uma teoria que explica, do ponto de vista sociológico, a vulnerabilidade e a flexibilidade das relações humanas, que ocasionam diversos níveis de insegurança potencializados no dia a dia, os quais denominou de “modernidade líquida”.

Nesse cenário, há uma valorização dos relacionamentos e contatos em rede (*internet*, *WhatsApp*, *e-mail*, mensagens de texto etc.), que podem ser diluídos/desconectados a qualquer momento e de forma instantânea. Como consequência desse processo, as pessoas não conseguem se preocupar afetivamente com suas relações interpessoais, e

objetifica os indivíduos que fazem parte de seu convívio social.

Em sua obra *Modernidade líquida*, Zygmunt Bauman (2001) sustenta que a sociedade carece de relações sociais afetivas sólidas. E usa o adjetivo “líquido” para designar o estado transitório com que os líquidos alteram seu estado, sem muito esforço, levando em conta que os líquidos são incapazes de manter seu estado por muito tempo.

Partindo da analogia dos líquidos e das relações, Bauman (2001) defende que, no cenário da modernidade líquida, os líquidos não encontram meios e alternativas para se solidificar. A elevação da temperatura, isto é, o impulso à transgressão, bem como a substituição, a aceleração e a circulação de mercadorias lucrativas não oferecem ao fluxo a oportunidade de abrandamento nem o tempo suficiente para o condensamento e a solidificação em formas estáveis, visando uma expectativa de vida mais ampla.

De acordo com Bauman (2004), em linhas gerais, os relacionamentos interpessoais, são objetivados e adquirem o valor de mercadorias. Caso haja algum defeito em um deles, troca-se por outro, porém nada garante que o indivíduo goste do novo produto ou que receberá seu dinheiro de volta. O fato é que as mercadorias são trocadas em alta velocidade e rotatividade, por exemplo, automóveis, aparelhos telefônicos ou computadores em bom estado são descartados como dejetos quando versões atualizadas eclodem no mercado de consumo.

Assim acontece nos relacionamentos humanos: se não estiver satisfeito, troque por outro e, supostamente, evite o sofrimento. Há também o que Bauman (2004) denomina de “relacionamentos de bolso”: aqueles em que o indivíduo pode usufruir e dispor a qualquer momento de conveniência e depois guardá-lo para ser utilizado em outras ocasiões.

Procure as pessoas apenas quando estiver precisando de algo, depois delete, já que não lhe servirão mais para nada. Caso um suposto amigo faça algo que o desaponte, desconecte-se dele e procure outro para exercer o papel de ombridade. Isso também serve para frustrações geradas por familiares: afaste-se deles sem ao menos entender o contexto da situação vivenciada geradora do conflito. Todos são descartáveis e servem apenas para satisfação das necessidades de quem as utiliza.

A sociedade se pauta em uma nova ética das relações sociais, que estão cada vez mais desumanas e fragilizadas. A confiança no próximo está em ruínas, há uma dificuldade de se confiar no outro. Nesse sentido, os seres humanos estão sendo usados por eles mesmos. Os seres humanos temem o sofrimento e, de acordo com Bauman (2004) imaginam, que, como não mantêm uma relação duradoura e estável, poderão controlar esse sofrimento ou diminuir a dor ao descartar os amigos, se afastar de seus familiares etc. O desgaste emocional e a solidão, sob essa perspectiva, são os principais problemas para a humanidade.

Os seres humanos, na visão desse autor, estão sendo ensinados a não ter apego por nada nem ninguém, para não se sentirem sozinhos. Com isso, na modernidade líquida, não se pensa mais na qualidade e sim na quantidade, isto é, quanto mais houver dinheiro e relacionamentos, melhor será. O consumismo cresce a cada dia, fazendo com que os indivíduos não comprem mais por desejo, e sim por impulsividade, tal qual acontece nas relações humanas.

Apesar de Bauman descrever o fenômeno da modernidade líquida sob o ponto de vista sociológico, carece de uma compreensão do ponto de vista psicológico mais abrangente. Em consequência disso, recorreremos a Donald Woods Winnicott para refletir sobre esse fenômeno da liquidez dos laços humanos a partir de seu referencial teórico do amadurecimento humano, com ênfase no conceito de *concern*.

O estágio de *concern* em Winnicott

Um dos principais textos em que Winnicott (1954-1955/2021) aborda o conceito de *concern* é *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*. O termo “posição depressiva”, na verdade, é uma expressão formulada por Melanie Klein, de quem o autor faz uma releitura particular ao apresentar ao leitor uma forma de articular esse conceito com a teoria do amadurecimento humano. A ênfase do artigo recai sobre a posição depressiva como uma conquista do desenvolvimento emocional primitivo do ser humano.

A respeito da nomenclatura “posição depressiva”, Winnicott (1954-1955/2021) considera que o termo não é adequado para descrever um processo normal do desenvolvimento emocional que engloba a totalidade dos fenômenos ocorrentes nesse período. Todavia, é preciso frisar que, até o momento da redação do seu artigo, na década de 1950, ninguém havia lançado uma terminologia mais adequada para essa fase. Diante disso, o autor propõe “estágio de *concern*”, que foi adotado neste trabalho.

O estágio do *concern*, de acordo com Winnicott (1954-1955/2021), é uma aquisição pertencente à idade do desmame. Quando há um “ambiente suficientemente bom”, essa posição é alcançada e se estabelece em algum período da segunda metade do primeiro ano de vida. O estágio de *concern* localiza-se na fase de dependência relativa e aponta para a construção de um espaço intermediário inserido entre o pequeno ser – que se encontra totalmente dependente de seu ambiente cuidador –, mas que já começa a caminhar, a reconhecer seus aspectos instintivos e se preparar para as relações interpessoais.

Nesse sentido, entende-se o *concern* como a culpa instaurada após o bebê se integrar a uma unidade. Trata-se de uma conquista do amadurecimento na vida desse pequeno ser que aponta para o estabelecimento do círculo benigno, o qual se mantém sem rupturas. Diante dessa conquista, o *concern* pode ser vivenciado na posição do Eu Sou, momento em que o *infans* é capaz de adquirir posição mais autônoma, reconhecer seu potencial instintivo e agressivo e responsabilizar-se por seus atos e pensamentos, adquirindo, assim, a capacidade de reparação (Winnicott, 1954-1955/2021).

Para que haja a conquista do *concern*, são necessárias algumas condições ambientais ofertadas pelo ambiente-cuidador, que facilita esse processo de amadurecimento. A saber: a sobrevivência do ambiente-cuidador aos ataques instintivos do bebê, possibilitando que ele vá em direção ao mundo externo; e a sustentação da situação no tempo – o que favorece a noção de temporização do bebê. A conquista do *concern* possibilita à criança vir a tornar-se pertencente e relacionar-se com o mundo, além de contribuir para com ele por meio do uso construtivo dos instintos.

As condições essenciais para que ocorra esse processo são: (a) que o bebê consiga estar integrado a uma unidade; (b) que os estágios primitivos tenham sido percorridos sem inúmeros entraves e problemas na vida; (c) que o indivíduo tenha uma noção temporal

mais estabelecida; e (d) que consiga diferenciar fantasias de fatos (Moraes, 2010).

No estágio de *concern*, um dos fenômenos mais importantes diz respeito à percepção da criança de que ela e o cuidador são pessoas únicas e totais, seja no estado excitado, seja no estado tranquilo. Além disso, a partir da integração da vida instintual de forma consistente, o bebê se torna uma pessoa inteira, com capacidade para se relacionar com pessoas inteiras e não apenas com pessoas parciais.

Winnicott (1954-1955/2021, p. 440) afirma:

Os estágios anteriores devem ter sido negociados com sucesso, na vida ou na análise, ou em ambas, para que a posição depressiva seja alcançada. A fim de alcançá-la, o bebê deve ter conseguido estabelecer-se como uma pessoa inteira, e relacionar-se com pessoas inteiras como pessoa inteira.

E é nessa perspectiva que Winnicott (1954-1955/2021) finaliza ao ressaltar que, caso tudo ocorra bem no desenvolvimento emocional da dupla cuidador-bebê, é possível perceber um bebê inteiro (pessoa inteira) relacionado a um cuidador inteiro (pessoa inteira), no qual foi alcançado o estágio de *concern*. Do contrário, há outros percalços a serem trilhados, que serão analisados a partir do personagem Kevin e sua relação com seu ambiente/cuidadores: a mãe, o pai e seu contexto de relações, tendo como referência o livro (Shriver, 2012) e o filme homônimos *Precisamos falar sobre o Kevin* (2011), dirigido por Lynne Ramsay, do qual esses personagens fazem parte.

Kevin e seu ambiente: por uma incapacidade de se preocupar com os outros

Logo na contracapa do livro é possível entrever o resumo da obra. Lionel Shriver narra a história de Kevin Khatchadourian, jovem de 16 anos, responsável por cometer uma chacina no ginásio de uma escola localizada

no subúrbio da cidade de Nova Iorque, que vitimou, ao todo, sete colegas, uma professora e um servente. Segundo a autora, não se trata de mais uma ficção de crime, castigo e pesadelos americanos. A obra em questão é, sobremaneira, um romance epistolar em que Eva, mãe de Kevin, redige cartas ao pai do adolescente, Franklin, já falecido.

Com essas cartas, Eva tenta racionalizar as possíveis razões que levaram Kevin ao ato extremista de extermínio em massa, mediante reflexões e meditações que envolvem as lembranças construídas durante o seu relacionamento com Franklin, ao mesmo tempo em que relembra sua trajetória profissional, na qual, num dado momento, precisou abandonar suas atribuições bem-sucedidas de fundadora de uma empresa de guia de turismo.

Por fim, Eva realiza um reexame global: desde o fato de ter medo de ser mãe e do momento do parto, passando pelo distinto bebê que já causava pânico nas *baby-sitters*. Expõe os relatos biográficos de um garoto maquiavélico que apresentou desvios de condutas sociais e comportamentos incomuns na adolescência, quando, por exemplo, colecionou vírus de computadores e praticou exercícios de arco e flecha, uma de suas poucas distrações. Eva também revela o sentimento de felicidade interior que encontrou após o nascimento de segunda filha, que, diferentemente da gestação de Kevin, foi desejada e com quem tinha uma relação amável.

A relação cuidador-ambiente e Kevin: os primórdios de sua história

Já nos afirma Winnicott que o bebê por si só não existe, porém existe dentro de uma relação com alguém que dele cuida. Partindo dessa premissa, as nossas discussões em torno da história ficcional começam com o estágio de gestação de Eva Katchadourian, mulher que não nutre o desejo de ser mãe. De imediato,

Eva se questiona:

O que deu em nós? Éramos tão felizes! Então por que motivo retiramos todas as nossas fi-

chas e as pusemos nessa aposta ridícula de ter um filho? (Shriver, 2012, p. 22).

Gradativamente, a vida profissional exitosa e a relação amorosa estável que Eva tinha, cedem espaço à discussão de ter um filho. Nessas discussões, entre ela e o companheiro, Eva admite que

[...] quando o assunto era procriar, um de nós sempre acabava entalado no papel de desmancha-prazeres e, em nossa última contenda, eu havia jogado água fria na fervura da procriação: uma criança significava barulho, sujeira, restrições e ingratidão (Shriver, 2012, p. 33).

É como se Eva não se sentisse confortável com a ideia da maternidade, ainda assim acabou cedendo em prol de que algo maior poderia acontecer na vida do até então casal, em “querer mais alguém para amar” (Shriver, 2012, p. 31). Contudo, a fantasia que vai sendo construída em torno da vinda de um filho é igualada ao sentimento de “uma menina de sete anos de idade à espera de ganhar de Natal uma boneca que fizesse xixi” (Shriver, 2012, p. 23), isto é, um brinquedo, completamente distante de qualquer dimensão real de implicações e responsabilidades que envolvem criar uma criança.

É quando Eva enumera uma lista de ressalvas sobre a maternidade, que aprendeu ao longo de suas vivências:

1. Pentelhação;
2. Menos tempo só para nós dois. (Que tal tempo nenhum só para nós dois?);
3. Os outros. (Reunião de pais e mestres. Professores de balé. Os amigos insuportáveis das crianças e seus insuportáveis pais);
4. Virar uma vaca gorda, (Eu era esbelta e preferia ficar como estava. Minha cunhada teve varizes durante a gravidez, aquelas veias enormes nas pernas dela nunca mais desincharam, e a perspectiva de ver minhas panturrilhas se ramificando em radículas azuis me torturava mais do que eu

- poderia admitir. De modo que não admiti nada. Sou vaidosa, ou já fui um dia, e uma de minhas vaidades era fingir que eu não tinha vaidade);
5. Altruísmo artificial: ser reforçada a tomar decisões segundo o que é melhor para uma outra pessoa. (Eu sou pavorosa);
 6. Redução nas minhas viagens. (Note que eu disse redução. Não fim delas);
 7. Tédio enlouquecedor. (Eu achava criança pequena uma chatice inominável. E, desde o princípio, sempre admiti isso para mim mesma);
 8. Vida social imprestável. (Nunca consegui ter uma conversa decente na presença de crianças de cinco anos na sala);
 9. Rebaixamento social. (Eu era uma empresária respeitada. Assim que aparecesse com uma criança a tiracolo, todos os homens que eu conhecia – e todas as mulheres também, o que é deprimente – deixariam de me levar tão a sério);
 10. Arcar com as consequências. (Procriar é saldar uma dívida. Mas quem quer saldar uma dívida da qual se pode escapar? Tudo indica que as mulheres sem filhos escapam impune e furtivamente. Além do mais, de que adianta pagar uma dívida para o credor errado? Só a mais desalmada das mães poderia se sentir recompensada da trabalhadora ao ver a própria filha levando finalmente uma vida tão horrenda quanto a sua) (Shriver, 2012, p. 38-39).

É notório que as inúmeras preocupações de Eva recaem sobre sua própria pessoa, inclusive a vida profissional, social, amorosa. Em nenhum momento cogita-se as necessidades naturais de uma criança de receber um olhar especial como se as suas demandas devessem ser sempre prioritárias diante das necessidades do filho. “Qualquer que seja o gatilho, o chamado não penetrou meu sistema e isso me deixou com a sensação de que havia sido enganada” (Shriver, 2012, p. 39).

A qual chamado Eva se refere? À maternidade, enraizada a um sistema social e cultu-

ral normativo do patriarcado (modelo de sistema social/cultural que favorece o homem), que, ao instaurá-la como a obrigação prioritária e o destino de toda mulher, acarreta intensos sofrimentos psíquicos a ela, pois não está em questão aqui o instinto biológico materno, mas sim o desejo de maternar. Eva, talvez, sinta-se cobrada em ter o “algo a mais” em seu relacionamento, situação que vem à tona quando argumenta que o filho fará companhia ao marido.

Você tivesse me deixado com um filho na barriga. Com um filho na barriga: há uma ressonância quente e gostosa nessas palavras, um reconhecimento arcaico, mas terno de que, pelos nove meses seguintes, você terá companhia para onde quer que vá (Shriver, 2012, p. 39).

Em contraposição ao termo “grávida”, que Eva considera “pesado, volumoso, que aos meus ouvidos sempre me pareceu uma péssima notícia”, prefere “eu estou grávida”. E complementa:

Instintivamente, já imagino uma garota de dezesseis anos, à mesa do jantar –pálida, doentia, com um namorado canalha – fazendo um esforço danado para desembuchar os piores temores de sua mãe (Shriver, 2012, p. 39).

Trata-se de uma representação da diferença quando o filho é pensado para si, o filho, aqui, irá apenas trazer prejuízos a si mesma. Eva parece não conceber positivamente o desejo de maternar e conseguir cuidar de uma criança, fator que aponta para o não surgimento de uma “preocupação materna primária”, que, futuramente, irá incidir na sua relação com Kevin. Infere-se que suas representações sobre a maternidade e gravidez são sempre atravessadas por sentimentos hostis e confusos.

A preocupação materna primária, é apontada por Winnicott (1956/2021) como uma “doença normal” que possibilita ao cuidador uma adaptação delicada e sensível às neces-

sidades do bebê nos primórdios de sua vida, pela via da identificação, deixando de lado temporariamente seus interesses pessoais, não se materializa na relação de Eva e Kevin. Isso porque o cuidador que desenvolve esse estado de adaptação fornece um contexto para que se manifeste o desenvolvimento da criança, em que tendências ao amadurecimento começam a ser desdobradas e o bebê experimenta movimentos espontâneos e se apropria das sensações equivalentes a essa etapa inicial de vida (Winnicott, 1956/2021).

É por meio do cuidado ofertado ao bebê que a continuidade de seu ser se manteria. Falha o ambiente/cuidador que não consegue ofertar esses cuidados ao bebê. Tais falhas estão presentes em todas as relações entre cuidador e bebê, mas que aqui dizem respeito a uma falha ambiental que para o bebê é insuportável e persiste no tempo continuamente.

Nesse sentido, o bebê sente-se invadido por algo que Winnicott denominou de intrusão: aquilo que interrompe a continuidade de ser do bebê. E a natureza dessa intrusão provém do ambiente. Quando se trata de uma intrusão persistente no tempo, por demais intensa ou prematura, e o resultado é traumático, cabendo ao bebê apenas reagir a essas intrusões/falhas ambientais, conforme o psicanalista salienta:

[...] pode-se dizer que uma proteção do ego suficientemente boa pela mãe (em relação a ansiedades inimagináveis) possibilita ao novo ser humano construir uma personalidade que segue o padrão de um continuar a existir. Todas as falhas (passíveis de produzir ansiedade inimaginável) acarretam uma reação do bebê, e essa reação intercepta o continuar a ser do bebê. Se esse tipo de reação persiste e, o continuar a ser do bebê é recorrentemente interrompido, instaura-se um padrão de fragmentação do ser. O bebê cujo padrão é o de fragmentação da continuidade de ser tem uma tarefa de desenvolvimento que fica, praticamente desde o início, sobrecarregada no sentido da psicopatologia (Winnicott, 1962/2022, p. 76).

Essa falha ambiental vivida pelo bebê no início de sua vida provoca uma ameaça de aniquilação, um sentimento de ameaça à existência pessoal. No romance, observamos o descompasso dessa ausência de identificação entre cuidador e bebê, quando Kevin, ainda pequeno, chora frequentemente e desperta em Eva o sentimento da frustração e do incômodo, já que ela não consegue abrandar o filho.

A mãe está tão perdida nessa função de cuidados, que nem sabe o que fazer e quais decisões deveria tomar em relação a Kevin. No filme, este momento é muito nítido na cena em que Eva aparece na rua diante de uma obra de construção, depois de várias tentativas frustradas de apaziguar o choro de Kevin, porém muito satisfeita ao perceber que o filho cessava o choro com o barulho das máquinas.

Outro aspecto importante que cabe ressaltar nas dificuldades de Eva – nesse primeiro momento, quanto ao cuidado de Kevin – reporta aos cuidados da mãe recebidos quando era um bebê. Cumpre esclarecer que não está em discussão aqui a hipótese de culpabilização do ambiente-cuidador que falha no sentido de uma intencionalidade de cuidados não ofertados, mas de uma incapacidade de identificação com um lugar que não pôde ocupar quando também era um bebê e, assim, poder desfrutar de um ambiente facilitador.

Winnicott (1966/2019, p. 20) articula a preocupação materna primária com esse fator:

[...] penso que é comum a mulher entrar em uma fase, da qual é comum ela se recuperar em algumas semanas ou meses após o nascimento do bebê. Não há nada de místico nisso. Afinal, ela já foi um bebê e tem em si as memórias de já ter sido um bebê; ela também tem a memória de ter sido cuidada, e essas memórias ou ajudam ou atrapalham suas experiências como mãe.

A relação de Eva e sua mãe também é descrita nas cartas endereçadas ao companheiro

Frankin, quando confessa que um de seus esportes favoritos era falar mal de seus pais, que foram, nas palavras de Eva, “pessoas que me deixaram maluca” (Shriver, 2012, p. 34). Em um desses momentos comenta o seu receio de se parecer com a própria mãe e de ter o mesmo destino desta, descrita como alguém ausente, ainda que presente em sua casa. A possível falta de identificação da mãe para com Eva é ainda mais notável no trecho em que afirma que precisava estar sempre disponível para realizar as necessidades e desejos de sua mãe, sem ter as suas próprias necessidades consideradas.

Quando criança, estava sempre indo fazer algo para o qual era pequena demais, e isso, portanto, me apavorava. Ela me fez sair para procurar uma junta de vedação para a pia da cozinha quando eu tinha oito anos de idade. Ao me forçar a ser sua emissária, quando eu ainda era muito nova, minha mãe conseguiu reproduzir em mim a mesma angústia desproporcional diante das pequenas interações com o mundo externo que ela própria sentira aos trinta e dois anos (Shriver, 2012, p. 44).

Com base nessa citação, /Diante disso, podemos depreender que Eva se sentia forçada a ter que atender sempre às demandas de sua mãe, de quem relembra com pavor. São recordações associadas a um ambiente não facilitador que anulava as necessidades pessoais de Eva, como se ela fosse apenas um brinquedo, expressão utilizada pela personagem para se referir ao filho Kevin.

Desse modo, a ausência de cuidados exercidos continuamente no tempo e no espaço dificulta o processo de internalização de um ambiente suficientemente bom, que possibilitasse a Eva transmitir ao próprio filho uma experiência ambiental satisfatória, pois ela mesma não foi uma criança valorizada e acolhida em seus gestos espontâneos.

No que diz respeito ao seu pai, Eva relata que faleceu um ano antes de ela nascer e que, por isso, se queixava já que restaram a ela somente “minha mãe e irmão, e isso não

dá muita opção de escolha” (Shriver, 2012, p. 35). Após a apresentação de um panorama do ambiente psíquico-familiar em que Eva esteve refém por muito tempo, dedicaremos nossa atenção a partir de agora à relação turbulenta de Eva e Kevin, marcada por uma série de dificuldades de estabelecimentos de vínculos afetivos entre mãe e filho, cujas causas remontam, entre outros fatores, a aspectos transgeracionais, isto é, aqueles que estão envolvidos na transmissão da relação cuidador-bebê.

Um tópico interessante que merece a suscitação de debates, e que está presente nessa relação, é o *holding*, na passagem em que Eva não consegue conter e aconchegar Kevin em seu colo. Já no filme, por sua vez, é mostrada a cena da mãe balançando o filho para cima e para baixo, longe de seu próprio corpo, numa tentativa desesperada de acalmá-lo.

Sobre o *holding*, Winnicott (1967/2019, p. 76) reitera:

[...] no início, entretanto, é o segurar físico da estrutura física do bebê que fornece uma condição psicológica boa ou ruim. Segurar e manusear bem facilita os processos de amadurecimento, enquanto segurar mal implica interrompê-los repetidamente em decorrência das reações do bebê ante falhas na adaptação.

O fato é que o *holding* é a base sobre a qual a confiança é estabelecida em um mundo amigável, pois, ao ser bem segurado, o bebê se torna apto a amadurecer emocionalmente. Como pudemos observar, Eva não conseguiu oferecer esse suporte a Kevin. E quanto à figura do pai? Qual a sua função nesse processo?

Winnicott (1966/2019, p. 21) trata desse momento inicial da relação cuidador-bebê:

[...] penso que, quando o bebê está pronto para o nascimento, a mãe — se amparada adequadamente por seu companheiro, pelo Estado de bem-estar social ou por ambos — está preparada para essa experiência em que

ela sabe extremamente bem quais as necessidades do bebê.

É inegável nesse momento o apoio do ambiente, inclusive todas as pessoas envolvidas no processo de amadurecimento do bebê, sejam elas o pai, sejam outras representações significativas ou substitutas de referências, uma vez que compõem o ambiente facilitador. Em relação/Quanto ao ambiente-facilitador, Winnicott (1968/2019, p. 38) pontua:

Do meu ponto de vista, a saúde mental do indivíduo começa a se estabelecer desde o início pela mãe que fornece o que chamei de ambiente-facilitador, em meio ao qual os processos naturais do crescimento do bebê e as interações com o ambiente podem evoluir de acordo com o padrão herdado pelo indivíduo.

De forma mais ampla engloba-se, ao longo do desenvolvimento da criança, a rede de apoio do cuidador de referência, como a escola, o Estado etc. No tocante à rede de apoio de Eva, ela se faz precária, já que ao seu redor não há pessoas que possam ajudá-la nesse processo complexo de maternagem. Em se tratando do pai de Kevin, não houve demonstrações de atenção às necessidades de Eva, a ponto de menosprezá-las taxativamente ou até de achar que estaria inventando coisas sobre Kevin, falhando, assim, em perceber os comportamentos desafiadores e violentos expressos pelo filho.

Já no que diz respeito à percepção de Kevin, vislumbramos que seu pai vivia distante, aparentando estar em uma realidade paralela. Kevin reclama até de que o pai não o conhecia de verdade, como o leitor pode ser perceber na cena em que há o diálogo entre Kevin e Marlin, apresentador de um veículo de comunicação.

Podemos falar um pouco de seus pais, Kevin? Recomeçou Marlin. Mãos atrás da cabeça. “Manda ver”. “O seu pai... vocês se davam bem, ou brigavam?” “O sr. Plástico?”, zombou Kevin. “Seria sorte minha se a gente tivesse

uma briga. Não, era tudo alegrinho, na base do cachorro-quente e das pastinhas de queijo. Uma fraude completa, sabe? Era tudo *Vamos ao Museu de História Natural, Kev, eles têm umas pedras que são mesmo geniais!* Ele era ligado numa espécie de fantasia da Liga Infantil de basebol, ficou congelado lá nos anos cinquenta. Eu ouvia aquele negócio de *Eu te aaaaaaaaamo, parceiro!* e ficava só olhando pra cara dele, tipo assim, *Com quem você tá falando, cara?* Que quer dizer esse negócio de o papai ‘amar’ você e não ter uma p[bip] de ideia de quem você é? Então, quem é que ele amava? Algum garoto do *Happy Days*, não eu (Shriver, 2012, p. 411).

Nesse ponto, o pai de Kevin parece ter falhado também como parte de um ambiente facilitador sob inúmeros aspectos, em razão das dificuldades psíquicas e dos aspectos subjetivos que atravessaram o seu desenvolvimento emocional pessoal. Em outras palavras, Franklin não conseguiu ofertar a sua companheira uma “capa protetora” para que ela pudesse exercer a maternagem adequada nos momentos iniciais da vida de Kevin.

Além disso, diante da ausência de alguma figura de referência que ofertasse uma maternagem suficientemente boa, não conseguiu exercer tal função que perpassaria pela figura de um “pai suficientemente simbólico” (Dethiville, 2014), que viria, mais adiante, durante o percurso do desenvolvimento emocional.

Ademais, fica evidente no filme que o pai não reconhecia os comportamentos desafiadores e violentos, expressos pelo filho, minimizando os problemas sob o argumento de que era apenas um menino e que, portanto, era natural os garotos apresentarem esse perfil.

Todas as situações aqui discutidas em torno de Kevin e de seu ambiente/cuidadores nos conduziram a conjecturas acerca de determinados entraves relacionados ao desenvolvimento emocional e ao comprometimento em estabelecer e manter os laços sociais do protagonista, sobretudo quanto à

sua incapacidade de reconhecer a alteridade – não importando se os outros são pessoas ou animais.

O estágio de *concern* em Kevin e suas raízes na relação líquida cuidador-bebê

Sobre a capacidade de *concern*, Winnicott (1963/2022) afirma que é um aspecto central da vida em sociedade. O *concern* implica mais integração, mais amadurecimento e se relaciona com o senso de responsabilidade do indivíduo, principalmente no que se refere aos relacionamentos que envolvem os impulsos instintivos. “A consideração é um indício de que o indivíduo se preocupa, ou se importa, e tanto sente como aceita responsabilidade” (Winnicott, 1963/2022, p. 92). Trata-se de uma organização mais complexa do ego, uma conquista do cuidado do bebê, da criança e dos processos internos de crescimento destes.

Em vários momentos do livro e do filme, somos surpreendidos pelo nível de frieza que Kevin demonstra pelas pessoas ao seu redor, revelando incapacidade de se preocupar com os outros e ausência de empatia ou consideração por outrem. Essa falta de benevolência, como já foi discutido em parágrafos anteriores, se traduz pelo estágio de *concern*, à luz da concepção winnicottiana.

Cumpramos esclarecer que o *concern* surge na vida do pequeno ser como uma experiência de união, na mente do bebê, envolvendo a “mãe-objeto” e a “mãe-ambiente”. Essas expressões de Winnicott (1963/2022) destacam duas faces dos cuidados maternos ofertados pela figura de referência para o bebê.

Nas palavras do teórico, há

[...] a mãe como objeto, ou possuidora do objeto parcial que pode satisfazer as necessidades urgentes do bebê, e a mãe como a pessoa que evita o imprevisto e que ativamente provê o cuidado, por meio do manuseio e do manejo em geral. O que o bebê faz no ápice da tensão do id e o uso que assim faz do objeto me parecem muito diferentes do uso que faz

da mãe como parte do ambiente total (Winnicott, 1963/2022, p. 24).

Em circunstâncias ambientais favoráveis ao desenvolvimento emocional, a face de mãe-objeto do cuidador sobrevive aos impulsos instintivos emitidos pelo bebê, assim como na condição de face de mãe-ambiente do cuidador há uma função primordial: estar lá para receber o gesto espontâneo do bebê, ser empática e cuidar desse pequeno ser.

Os impulsos instintivos levam ao uso desmedido dos objetos, fazendo com que surja um sentimento de culpa, que é aplacado pela contribuição à mãe-ambiente que o bebê pode fazer no decorrer temporal. Além do mais, há que considerar

[...] a oportunidade para doar e fazer reparação – que a mãe-ambiente oferece por sua presença consistente – permite que o bebê se torne cada vez mais ousado ao experimentar seus impulsos instintivos; ou, dito de outro modo, libera a vida instintiva do bebê (Winnicott, 1963/2022, p. 96).

Consoante Winnicott (1963/2022), o fracasso das faces de mãe-objeto em sobreviver ou de mãe-ambiente em fornecer oportunidades sólidas para a reparação coordena não somente a perda da capacidade de *concern* como também sua substituição por ansiedades e determinados tipos de defesas, a exemplo da cisão e desintegração.

Retomemos alguns dos principais episódios e fatos da vida de Kevin, que nos permitem apresentar exegeses a respeito da maneira/do modo como a capacidade de *concern* falhou no desenvolvimento emocional do personagem central, cujas consequências, quando levadas ao extremo, revelam, senão, sua incapacidade de consideração pelas pessoas. E aqui estamos aludindo diretamente à cena da famosa quinta-feira, abordada no livro e no filme, na qual Kevin arquiteta, friamente, todos os passos do seu plano de assassinar cada uma das pessoas que foram atraídas até o ginásio da escola. A maneira

como Kevin se relacionava com sua irmã, seu pai e sua mãe nesse sentido, revela alguns dos indícios de comprometimento dessa capacidade de *concern*.

Um dos atos dessa trama que ilustra a incapacidade de Eva de sobreviver aos ataques e não conseguir conter os impulsos instintivos de Kevin é o instante em que o adolescente pintou, com diversas tintas, a sala inteira da mãe, destruindo o trabalho dela. Esse episódio gerou excessiva fúria e reação desmedida por parte de Eva em relação ao filho, que é segurado por ela e arremessado contra a parede, resultando na fratura de um dos braços de Kevin.

Há outros momentos turbulentos nos quais Eva não sabe lidar com a agressividade de Kevin e, ao mesmo tempo, não consegue se identificar com as necessidades do primogênito, no sentido de oferecer a ele atenção e cuidados necessários enquanto mãe-ambiente, o que nos possibilita usar o argumento da dificuldade de Kevin em integrar essas duas facetas da mãe.

Kevin, por causa disso, não poderia desenvolver nenhum tipo de sentimento de culpa que, hipoteticamente, o fizesse ter consideração pelo outro e isso pressupõe naturalmente tentativas de reparação/aniquiação dos seus impulsos agressivos direcionados ao mesmo objeto, caso conseguisse integrá-los psiquicamente.

Os seus laços sociais, destituídos da não aquisição da capacidade de *concern*, são extremamente frágeis, como se a ele não fosse concedido o exercício de reconhecer a alteridade, ou ainda mesmo que ela existisse, materializa-se precariamente. Sob esse prisma, o reconhecimento do outro não é ponderado como pessoa total, isto é, Kevin se relaciona com objetos parciais mediante mecanismos primitivos como a cisão.

Outras cenas que evidenciam a ausência do sentimento de culpa de Kevin são aquelas protagonizadas entre ele e Célia, sua irmã. No filme fica subentendido que o adolescente matou o ratinho de estimação de sua irmã, além de ter sido o responsável direto pelo

acidente que fez a irmã perder um dos olhos. Frente a esses atos condenáveis socialmente, Kevin não manifesta nenhum tipo de sentimento de culpa ou remorso. Na verdade, mostra-se apático diante dos sentimentos da irmã, que sofre duplamente, tanto pela perda de seu animal quanto pelo trauma de ter um dos olhos lesionados permanentemente.

Por tudo que foi problematizado até aqui, julgamos a análise de Kevin e seu ambiente como um tipo de relação revoltosa, marcada fundamentalmente por sentimentos ambivalentes e inúmeras dificuldades de investimento emocional, quando se trata do ambiente e da manifestação da fragilidade de estabelecimento de vínculos afetivos.

Esses tipos de vínculo podem ser lidos, diante das passagens retomadas do livro e do filme ao longo do trabalho, como entraves ao estágio de *concern*, ainda que não tenhamos desprezado outras abordagens teóricas complementares em torno dessa categoria psicanalítica, principalmente aquelas que estão situadas no campo das psicopatologias, as quais também podem ser apropriadas, para fins de análise, com base no caso de Kevin. Eis uma pequena amostra de um contexto mais amplo de modernidade líquida, em que os laços sociais são efêmeros e precários.

Considerações finais

O caso de Kevin ilustra as fragilidades e precariedades dos laços humanos desprovidos de empatia. É na direção desse quadro de fragilidade que Bauman (2001) descreveu suas observações em torno do conceito de modernidade líquida – os laços sociais efêmeros, atravessados por uma lógica neoliberal consumista, nos quais as pessoas são reduzidas a mercadorias. Ao realizar leituras, de caráter sociológico, o estudioso apontou para a ausência de solidificação nas relações humanas e capacidade de se preocupar com o outro.

Tendo como parâmetro o caso Kevin, propusemos examinar a modernidade líquida com base na teoria do amadurecimento, de Winnicott, enquanto fenômeno macros-

social permeado por incontáveis ambientes microssociais que falharam e não foram capazes de facilitar o desenvolvimento da capacidade de *concern* nesses seres humanos. A respeito desse ambiente microssocial, denominamos de “relação cuidador-bebê líquida”, como forma de analogia aos preceitos de Bauman (2001) em torno da liquidez primeira na relação primordial entre o bebê o ambiente que dele cuida — e que aqui foi representado pela família e por pessoas significativas.

A modernidade líquida é, à vista disso, a soma desses seres humanos que tiveram percalços durante o estágio de desenvolvimento emocional primitivo, o qual, ao se transfigurar substancialmente, nos estimula a refletir em torno de algumas das principais falhas, em termos ambientais, mais macrossociais: seria o ambiente de políticas públicas voltadas à facilitação dos cuidados ofertados pelos ambientes microssociais ou o investimento em escolas e educação como elementos pertencentes a esse mesmo ambiente? Há várias questões a serem consideradas nesses debates, em que determinadas questões originais são inevitavelmente desencadeadas e certamente poderão ser desdobradas em futuras pesquisas.

Em suma, ao longo do trabalho, após análises, procuramos sustentar a proposição de que o fenômeno da modernidade líquida e a origem da fragilidade dos laços humanos minuciados por Bauman (que argumenta com base numa linha de pensamento sociológico da sociedade de consumo), podem ser localizadas coerentemente em um período primitivo particular do desenvolvimento emocional do ser humano, que foi apontado por Winnicott como o estágio de *concern*.

Essa designação nos possibilitou compreender a qualidade dos vínculos estabelecidos na infância seguidos de suas repercussões psíquicas na criança e no adulto. E é nesse estágio, em verdade, que ocorre a construção da capacidade de se preocupar com o outro, fator que demanda mais integração e amadurecimento no que se refere ao senso

de responsabilidade do indivíduo frente aos seus vínculos afetivos.

Abstract

The article discusses the phenomenon of liquid modernity from the perspective of Winnicott's theory of human maturation. For this, literary fragments and scenes from the homonymous film were analyzed: “We need to talk about Kevin”, focusing on Kevin's relationship and his environment, to support the proposition that liquidity and the fragility of human social ties are a macrosocial phenomenon, composed of several microsocial phenomena that point to “environmental failures” in different spheres; but which, in a microsocial way, have their origins in the quality of the relationship between the caregiver-environment and the baby, in a specific primitive period of emotional development – stage of concern –, which compromises the acquisition of the ability to worry about the other.

Keywords: Winnicott, Bauman, Liquid modernity, Concern.

Referências

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004

DETHIVILLE, L. O pai suficientemente simbólico? / The enough symbolic father? Winnicott e Prints. *Revista Internacional de Psicanálise Winnicottiana*, v. 9, n. 1, 2014.

ENGELBERG DE MORAES, A. A. R. Caso B: a experiência da perda do concernimento e a importância da análise. *Nat. hum.*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 1-30, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jan. 2023.

SHRIVER, L. *Precisamos falar sobre o Kevin*. São Paulo: Intrínseca, 2012.

WINNICOTT, D. W. A integração do ego no desenvolvimento da criança normal (1962). In: _____. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. São Paulo: Ubu, 2022. p. 70-78.

WINNICOTT, D. W. A mãe dedicada comum (1966). In: _____. *Bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu, 2019. p. 17-28.

WINNICOTT, D. W. A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal (1954-5). In: _____. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021. p. 493-501.

WINNICOTT, D. W. Amamentação como forma de comunicação (1968). In: _____. *Bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu, 2019. p. 36-46.

WINNICOTT, D. W. O ambiente saudável na infância (1967). In: _____. *Bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu, 2019. p. 73-82.

WINNICOTT, D. W. O desenvolvimento da capacidade para a consideração (1963). In: _____. *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. São Paulo: Ubu, 2022. p. 91-103.

WINNICOTT, D. W. Preocupação materna primária (1956). In: _____. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Ubu, 2021. p. 437-461.

Recebido em: 10/05/2023

Aprovado em: 20/06/2023

Sobre os autores

Luan Sampaio Silva

Psicanalista.

Formação em psicanálise pelo Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Filiado ao Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana (IBPW) e à International Winnicott Association (IWA).

Psicólogo pela Universidade da Amazônia (UNAMA).

Aperfeiçoamento em psicoterapia psicanalítica de casal pelo Instituto Sedes Sapientiae.

Especialista em psicanálise com crianças e adolescentes: teoria e clínica pelo Instituto de Pós-Graduação e Graduação (IPOG).

Mestre em psicologia na linha de psicanálise, teoria e clínica pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e doutorando em psicologia pela UFPA.

Professor do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Metropolitano da Amazônia (UNIFAMAZ) e do cursos de especialização em psicanálise com crianças e adolescentes; Psicanálise e clínica contemporânea; e Psicopatologia e Psicanálise, do Instituto de Pós-Graduação e Graduação (IPOG).

Supervisor clínico de psicanálise.

E-mail: psi_luansampaio@hotmail.com

Janari da Silva Pedroso

Psicólogo pela Universidade da Amazônia (UNAMA).

Mestre e doutor em desenvolvimento sustentável do trópico úmido pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Pós-doutor em psicologia pela Universidade Católica de Brasília (UCB/DF).

Professor Associado IV da Faculdade de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPA.

Coordenador do Laboratório de Desenvolvimento e Saúde (LADS/UFPA).

Participa da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP), no Grupo de Trabalho “Família, Processos de Desenvolvimento e Promoção da Saúde”.

Participa da diretoria da Associação Brasileira de Psicologia da Saúde (ABPSA).

Membro associado do Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (IBAP).

E-mail: pedrosoufpa@gmail.com

Teoria dos sistemas de justificação (JUST) e alguns pressupostos psicanalíticos: reflexões transdisciplinares

*Justification Systems Theory (JUST)
and some psychoanalytic assumptions:
transdisciplinary reflections*

Márcia Gralha
Paulo Roberto Ceccarelli

Resumo

Este ensaio estabelece pontos de contato entre uma abordagem metateórica denominada Teoria dos Sistemas de Justificação (JUST; Henriques, 2022) e algumas premissas psicanalíticas. A Teoria dos Sistemas de Justificação oferece um arcabouço explicativo visando esclarecer a singularidade da consciência e da comunicação humana. Essa abordagem mantém uma perspectiva evolutiva, preservando a continuidade com a experiência primata e enquadrando a cultura humana como sistemas de justificação. Destaca-se a convergência com pressupostos freudianos, notavelmente evidenciados pelo modelo tripartido atualizado, composto por eu experiencial, eu privado (ego) e eu público (persona), paralelos com a estrutura tripartida do isso, eu e supereu na teoria freudiana. A consciência humana é interpretada como um aparato mental evolutivamente novo, cumprindo uma função adaptativa de narrar justificações que legitimam e coordenam ações no plano cultural. Parte inferior do formulário

Palavras-chave: Metateoria; Transdisciplinaridade; Consciência; Cultura.

Introdução

O pensamento de Freud se caracteriza por um diálogo constante com a produção filosófica e científica de sua época. Não por acaso, sua teoria sofreu constantes modificações, reflexo da inquietação intelectual que sempre o acompanhou (Trotta, 2010).

Adentramos aqui o campo da psicopatologia fundamental, que entende a noção de fundamental

[...] no sentido de uma “fundamentalidade”, uma “intercientificidade” dos objetos conceituais. Trata-se de um projeto de natureza intercientífica onde a comparação epistemológica dos modelos teórico-clínicos e de seus

funcionamentos propiciaria a ampliação do limite e da operacionalidade de cada um destes modelos e, conseqüentemente, uma transformação destes últimos (Ceccarelli, 2005, p. 374).

Trata-se, pois, de uma transdisciplinaridade que reúne em uma rede de significações conhecimentos específicos e singulares de cada modelo em torno de uma concepção ética, possibilitando o surgimento de novos campos discursivos que produzam interações e levem a novas construções metafóricas.

Com essa ideia em mente, procuramos pontos de contato que nos propiciem um

diálogo produtivo e nos levem a traçar interconexões entre a teoria dos sistemas de justificação [Justification Systems Theory – JUST] (Henriques, 2022) – e algumas premissas da teoria psicanalítica.

1. A teoria dos sistemas de justificação (JUST)

A JUST é uma metateoria que propõe uma hipótese sobre a transição dos primatas para o *homo sapiens*. Ela busca compreender como a aquisição da consciência¹ e do mundo social ocorreram em resposta à capacidade singular da espécie humana para desenvolver linguagem proposicional.

Parte-se da hipótese segundo a qual um problema adaptativo transformou a evolução da comunicação humana, tornando-a qualitativamente única no reino animal e moldando os caminhos pulsionais responsáveis pela dinâmica da consciência humana. Esse processo levou o ancestral do homem a desenvolver a linguagem em uma fase específica do desenvolvimento da espécie, foram mudanças climáticas de proporções avassaladoras, e esse desenvolvimento faz parte de nossa herança filogenética (Freud, 1915/1987).

A metateoria JUST está inserida no contexto mais amplo da teoria unificada do conhecimento [Unified Theory of Knowledge – UTOK] (Henriques, 2022). A UTOK se configura como uma metapsicologia que viabiliza um alinhamento entre as ciências naturais, a experiência subjetiva e o conhecimento intersubjetivo. Essa teoria encontra seus fundamentos na ciência da psicologia e na prática da psicoterapia, cumprindo a função de estruturar um panorama integrativo na ciência psicológica e nas diversas escolas de pensamento em psicoterapia. Cabe ressaltar que uma descrição completa da UTOK

está além do escopo deste artigo e detalhes aprofundados podem ser encontrados em Henriques (2022).

1.1 As três alegações da teoria dos sistemas de justificação

A questão central explorada pela JUST é a seguinte: Quais desafios adaptativos emergiram com o desenvolvimento da linguagem proposicional e quais foram as implicações estruturais e funcionais subsequentes desse processo evolutivo?

Para investigar a interligação entre o uso da linguagem proposicional e a estrutura e a função da mente humana, a JUST adota uma abordagem de “engenharia reversa” (Dennett, 1995; Pinker, 1997; Kaminski; Milkowski, 2013). Essa abordagem baseia-se na observação fundamental de Darwin de que o *design* funcional dos organismos é resultante da seleção natural. Dessa forma, a metodologia teórica da JUST consiste em associar as características do *design* da consciência humana e do uso da linguagem aos problemas enfrentados no ambiente ancestral, orientando a formulação de hipóteses sobre a função evoluída da linguagem e a consciência humana. Para um aprofundamento na formulação teórica da JUST, remetemos o leitor interessado a Henriques (2003).

A JUST propõe a possibilidade de que a autoconsciência humana tenha evoluído como resposta a uma nova pressão seletiva enfrentada por nossos ancestrais hominídeos: a necessidade – que surgiu pela primeira vez na história evolutiva – de nossos antepassados justificarem suas ações para si e para os outros. Essa necessidade foi um problema adaptativo: o problema da justificação.

A JUST defende que a natureza da consciência humana apresenta diferenças fundamentais em relação à dos outros animais e que o problema da justificação deu origem à organização estrutural e funcional do eu humano e ao desenvolvimento de sistemas de justificação em larga escala que coordenam grupos de pessoas, de tribos a nações.

1. Para Freud (1920), o desenvolvimento da consciência num estrato particular da matéria viva foi um processo similar aos atributos da vida que, em determinada ocasião, foram “evocados na matéria inanimada pela ação de uma força de cuja natureza não podemos formar concepção” (Freud, 1920/1996, p. 56).

A JUST é composta por três alegações interligadas: (1) a evolução da linguagem gerou dinâmicas que podem ser enquadradas como problema adaptativo da justificação, tendo moldado a evolução da consciência e da cultura humana, de forma que (2) a natureza da consciência humana pode ser caracterizada pelo modelo tripartido atualizado da JUST, consistente com as noções fundamentais de Freud a respeito da tensão entre as pulsões e os julgamentos do mundo social, e (3) os ancestrais dos seres humanos se tornam sujeitos por meio do processo de socialização em sistemas de justificação. Nas seções subsequentes, exploramos mais essas ideias centrais.

2. O problema adaptativo da justificação: a hipótese da justificação

A primeira ideia que compõe a teoria dos sistemas de justificação (JUST) é delineada pela hipótese da justificação. Essa hipótese se apoia na premissa fundamental de que, em contraste com qualquer outra espécie animal, os seres humanos desenvolveram a capacidade de fornecer explicações para seus pensamentos, seus sentimentos e suas ações. Dessa maneira, a JUST estabelece sua análise a partir da evolução da linguagem proposicional, argumentando que, à medida que a linguagem se desenvolveu para abranger o uso de proposições e a habilidade de questioná-las, os seres humanos se tornaram os primeiros animais a apresentar a necessidade de se justificar para os outros e para si próprios.

Ainda que diversas outras espécies animais exibam sistemas de comunicação complexos, a linguagem humana permanece única dentro do reino animal. Em sua essência, a linguagem humana abrange a habilidade de conferir símbolos a objetos e eventos mantidos na memória de trabalho e organizá-los em uma estrutura semântica e gramatical para compor significados (Henriques, 2022). Ao expressar asserções, os seres humanos empregam proposições, unidades linguísticas que transportam informações de caráter factual ou descritivo e que podem ser ava-

liadas como verdadeiras ou falsas de acordo com sua correspondência com a realidade. Consequentemente, as proposições se estabelecem como unidades fundamentais de significado que sustentam a comunicação e o pensamento lógico.

Dessa maneira, a linguagem pode ser entendida como um sistema composto por proposições que carregam asserções de verdade, o que as torna sujeitas a questionamento (Henriques, 2022). Tal questionamento dá origem a um ciclo de retroalimentação crucial para a evolução da comunicação humana: a dinâmica de perguntas e respostas.

Aqui, o termo “respostas” refere-se a afirmações ou proposições que conferem significado, enquanto o termo “perguntas” diz respeito a questionamentos com a finalidade de: (1) adquirir conhecimento proposicional sobre o estado das coisas (“o que aconteceu?”), (2) contestar afirmações (“por que isso ocorreu?”) ou (3) destacar a ausência de conhecimento (“como isso se desenrolou?”). Ao considerar a interação dinâmica entre perguntas e respostas, a JUST reconfigura a unidade elementar de significado linguístico, frequentemente identificada como uma proposição, como uma justificação.

A premissa para tal é a seguinte: o papel funcional das proposições no campo social é delineado por justificações empregadas para legitimar algum conhecimento. Qualquer proposição inserida no contexto social é suscetível de questionamentos, seja por parte do indivíduo que a apresenta, seja por parte de terceiros quanto a, pelo menos, (a) seu conteúdo lógico ou empírico; (b) o propósito para enfatizá-la naquele momento específico; e (c) as implicações para o que deveria acontecer, dada a proposição. A partir dessa perspectiva, emerge um aspecto importante da dinâmica da justificação. O problema da justificação envolve um conjunto de questões relacionadas tanto aos aspectos factuais quanto aos aspectos de valor de dada proposição. Uma distinção entre esses dois domínios foi destacada por David Hume, que propôs a divisão entre questões de fatos ou

precisão (ou seja, o que *é*) e questões de valor ou interesse pragmático (ou seja, o que *deve* ser). Embora esses elementos estejam intimamente entrelaçados na experiência cotidiana, eles podem ser discernidos de forma conceitual.

O aspecto factual da justificação diz respeito à avaliação das proposições quanto à sua veracidade, isto é, se podem ser consideradas como correspondentes à realidade atual. Esse aspecto é prontamente identificado quando questionamos se a informação que estamos obtendo de outra pessoa é verdadeira ou não. O aspecto de valor do problema da justificação se refere às considerações sobre o que deveria ser, ou como as coisas deveriam ser conduzidas, no contexto em que a justificação é empregada. Em sua forma mais pragmática, esse aspecto é representado pela indagação: Por que atenção está sendo direcionada para essa afirmação proposicional neste momento e quais são as implicações disso para os envolvidos caso acreditem nela ou tomem ações com base nela?

Essas posições da JUST guardam ressonâncias com uma das questões centrais da psicanálise, a saber, a da realidade psíquica. Para Freud (1914/1996), uma modificação psíquica só pode ser compreendida, e talvez alterada, quando se alcança a verdade do sujeito. Contudo, só podemos falar de verdade em psicanálise se evidenciarmos a realidade que sustenta: a histórica ou a material? E, mais ainda: como essas verdades são construídas e de que elementos dispomos para diferenciá-las (Ceccarelli, 2019).

2.1 Três elementos do problema adaptativo da justificação

Além das dimensões factuais e dos valores presentes na dinâmica da justificação, três componentes adicionais do problema adaptativo podem ser identificados: (1) o problema analítico; (2) o problema social; e (3) o problema pessoal.

O problema analítico se alinha com a dimensão factual da justificação e abrange uma ampla gama de questões. Em sua forma mais

básica, o problema analítico permeia nossas interações cotidianas, manifestando-se sempre que a veracidade de uma justificação é questionada. A partir do momento em que os sistemas de justificação evoluíram e se refinaram na era moderna, o problema analítico tornou-se um elemento central para o empreendimento filosófico e científico. Por exemplo, a questão do comportamento dos objetos físicos na mecânica clássica é um problema analítico de justificação.

Os elementos pessoal e social podem ser entendidos através do processo de “filtragem” que emerge à medida que a nossa capacidade de justificar evolui. Primeiramente, a linguagem humana pode ser concebida como uma rodovia intersubjetiva de informações que flui entre os sujeitos sem perder sua forma informativa. Em outras palavras, o nosso uso da linguagem estabelece uma conexão mental direta entre sujeitos, dando origem a uma forma de intersubjetividade explícita única na comunicação humana (Henriques, 2022). Esse desenvolvimento representa tanto vantagens quanto desafios. Quando um grupo apresenta coesão em seus valores, seus interesses e seus objetivos, a via de intersubjetividade explícita facilita o compartilhamento de informações e a coordenação em empreendimentos conjuntos, como caças organizadas ou decisões políticas. Entretanto, quando há divergências nos interesses, nos valores e nos objetivos de um grupo, surgem questões, como: (1) Quais informações você planeja compartilhar? Quando e como deseja fazê-lo? e (2) Como você pode determinar se as informações compartilhadas por outros são verdadeiras, válidas e úteis?

É plausível considerar a existência de um processo de filtragem dessas informações, uma vez que é provável que certos dados sejam preferencialmente mantidos em sigilo. Dessa forma, mesmo com a presença de uma via explícita de compartilhamento de informações por meio da linguagem, supomos que os seres humanos ainda teriam que enfrentar a demanda de avaliar

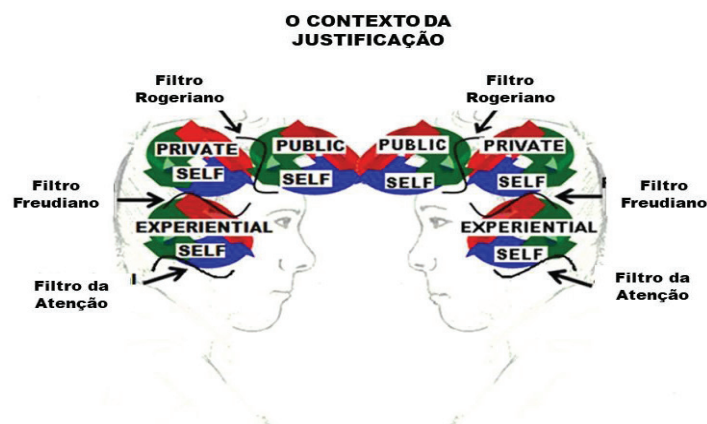
e controlar tanto as informações que compartilham com os outros quanto as que recebem. Essa análise nos permite começar a diferenciar os aspectos pessoal e social do problema da justificação. A relação entre esses dois aspectos diz respeito aos interesses pessoais e como essas/suas explicações influenciam as relações sociais.

A referência aos processos de filtragem entre o campo privado e o social no problema adaptativo da justificação traz à tona como a formulação teórica de JUST se alinha com as considerações freudianas sobre a dinâmica do aparelho psíquico e talvez sobre as posições freudianas em relação ao narcisismo e seus desdobramentos (Freud, 1914/1996). Mais especificamente, essa perspectiva esclarece por que o eu deve adestrar as moções pulsionais (Freud, 1914/1996) do isso para se adaptar às demandas do trabalho de cultura [*Kulturarbeit*]. Há interesses pessoais que devem ser resguardados dos olhares críticos da sociedade e dos interesses sociais promovidos e protegidos por ela. A partir dessas conclusões, podemos explorar como o problema adaptativo da justificação deu origem ao modelo de consciência humana proposto na metateoria JUST: o modelo tripartido atualizado.

3. A evolução da consciência humana: o modelo tripartido atualizado

O modelo tripartido atualizado (Henriques, 2011) constitui uma revisão contemporânea das observações de Freud sobre o isso, o eu e o supereu (FIG. 1) Esse modelo é composto por: (1) um eu experiencial, que engloba a vivência e a experiência de estar no mundo, combinado a um modelo relacional do eu que reside em nosso núcleo emocional; (2) um eu privado ou ego, que ocupa uma posição de autorreflexão e narração interna sobre o que ocorre e por quê; e (3) o eu público ou persona, que administra os papéis sociais e as impressões externas.

Figura 1 – O modelo tripartido atualizado da consciência humana



Fonte: Henriques, 2011, p. 124.

3.1 O eu privado ou ego

Na JUST, o eu privado, também conhecido como ego, pode ser considerado como o “órgão mental da justificação” (Henriques, 2022). Isso significa que a dinâmica de interpretação e a explicação de sentimentos, pensamentos e ações, que está envolvida na criação de justificações, ocorre principalmente no âmbito privado do ego. Na JUST, o eu privado ou ego é definido como o núcleo da autoconsciência reflexiva, composto pelo diálogo interno que constrói narrativas sobre o que está acontecendo e por quê. É um sistema de consciência que traduz eventos e sentimentos em linguagem, além de reintroduzir esses pensamentos no sistema experiencial. Embora outros animais possam ter elementos rudimentares de autoconsciência, esse domínio de consciência autorreflexiva mediado pela linguagem é qualitativamente diferente em seres humanos, devido à nossa capacidade de formar justificações e à nossa socialização em um contexto cultural composto por sistemas de justificação. Freud (1938/2020) sustenta que nos animais superiores há que supor um esquema geral de um aparelho psíquico semelhante ao do homem: “é de se presumir um supereu onde quer que, assim como entre os humanos, tenha existido uma dependência infantil de longa duração” (Freud, 1938/2020, p. 21).

3.2 O eu experiencial

O eu experiencial pode ser compreendido a partir de dois domínios distintos. Um deles abrange a consciência sensorial e perceptual do mundo exterior, estando mais relacionado ao aspecto “experiencial” dessa parte da consciência. Esse é o assento da experiência de estar ciente do mundo, a função de testemunhar o mundo ao abrir os olhos e percebê-lo conforme se apresenta, antes de qualquer interpretação ou afeto em relação a ele (Wright, 2018). O segundo domínio diz respeito à maneira como reagimos a essas percepções, ou seja, as motivações que levam o indivíduo a prestar atenção aos estímulos do ambiente que são relevantes para si e reagir a eles com uma valência emocional e desejo de se aproximar ou se afastar desses estímulos.

De acordo com a JUST, essa camada da consciência é compartilhada com outros animais que também experienciam o mundo através de sua consciência sensorial e perceptual, suas motivações e suas emoções. Em referência à hierarquia de necessidades de Maslow (1954), os dois primeiros níveis referentes às necessidades fisiológicas e de segurança de alinhariam com esse aspecto da consciência, abrangendo coisas como prazer e dor, fome e sede, e as sensações de segurança ou perigo, confiança ou ameaça. Podemos também identificar uma camada do eu experiencial alinhada com nossa experiência como primatas inseridos no contexto social, com redes relacionais complexas. Na hierarquia de Maslow, essa camada é enquadrada em termos de pertencimento e estima, associada às necessidades de amor, poder ou influência social, além da necessidade de ser visto, conhecido e valorizado por pessoas importantes.

3.3 O eu público ou persona

O eu público, ou persona, se refere à articulação explícita e pública das justificações antes reservadas ao âmbito privado. Tal domínio da consciência ganha esse nome com referência ao trabalho de Carl Jung (2008),

especificamente à ideia da “máscara” que os seres humanos usam em suas interações sociais. Além disso, esse aspecto da consciência se relaciona com a noção de que os seres humanos se tornam pessoas a partir do aprendizado da dinâmica de troca de relatos sociais que envolvem justificações e alocação de papéis sociais. Em alinhamento com esse pensamento, Dan McAdams (2013) aponta para a primeira fase do desenvolvimento da autoconsciência como a fase do “ator social”, abrangendo dos 2 aos 10 anos de idade, faixa etária correspondente à socialização das crianças sobre regras e papéis sociais que desempenham, e se serão aplaudidas ou disciplinadas por suas ações.

No modelo de McAdams, a fase subsequente é a do agente, em que o eu se estabiliza com o desenvolvimento do autoconceito e da capacidade de refletir e tomar decisões. Finalmente, McAdams identifica a fase adulta plena, em que a criança é capaz de narrar os acontecimentos e interpretá-los em uma linha contínua para contextualizar o “eu” em uma trajetória de desenvolvimento. Esse mapeamento do desenvolvimento do narrador interno é consistente com os domínios do ego e persona no modelo tripartido atualizado.

Em conclusão, de acordo com o modelo tripartido atualizado da teoria dos sistemas de justificação (JUST), o sistema de consciência humana é um aparato mental evolutivamente novo, que funciona para construir narrativas de justificação que legitimam ações e proposições. Em outras palavras, a autoconsciência humana é a parte da mente baseada na linguagem que narra o que está acontecendo, por que está acontecendo e por que alguém está agindo de determinada forma nesse contexto.

O que se depreende sobre a constituição do aparelho psíquico na perspectiva da JUST é a sua proximidade da constituição do sujeito na psicanálise, embora as palavras e os autores citados não façam parte do arsenal teórico da psicanálise. No *Projeto para uma psicologia científica* (Freud, 1950

[1895]/1996), as concepções da neurologia refletem a evolução da consciência humana tal como entendida pela JUST. Mais tarde, o eu é uma instância psíquica a ser compreendida entre as outras (isso e supereu) e as exigências da realidade. No narcisismo, o Eu se opõe ao objeto e pode ocupar seu lugar oferecendo-se ao amor do isso. Em *O ego e o id*, Freud (1923/1996, p. 41) atribui ao ego um precipitado de identificações; uma instância psíquica e, mais tarde, uma “projeção mental da superfície do corpo”: um “eu corporal” derivado de sensações.

Falar que nos tornamos sujeitos “a partir do aprendizado da dinâmica de troca de relatos sociais que envolvem justificações e alocação de papéis sociais” é dizer que somos constituídos pelo desejo do Outro, instância fundamental para a inserção da criança na linguagem e na cultura (Lacan, (1957-1958/1999).

Piera Aulagnier (1975), em sua obra de referência *A violência da interpretação* apresenta uma teoria inovadora na psicanálise ao falar do eu como instância, algo ligado à consciência e a um projeto identificatório.

Ainda utilizando a noção lacaniana de Outro, Aulagnier modifica o conteúdo do Eu ao historicizá-lo, ao redefini-lo nas circunstâncias de seu surgimento. O que faz a particularidade da teoria de Aulagnier é que se refere ao lugar que ela atribui à noção de encontro e à de complementaridade. Seu pensamento inova no que diz respeito àquilo que precede a chegada da criança no mundo.

Nessa perspectiva, a questão em relação ao Outro começa, para o sujeito, em um tempo outro. O Outro lhe é preexistente e constitui, como sustenta Aulagnier, o espaço onde o eu pode aparecer. Enfatizando a temporalidade, Aulagnier dá nova dimensão à relação mãe-bebê, em uma dinâmica profundamente psicanalítica, redimensionando a noção de *a posteriori* [*Nachträglich*] para pensar tanto o traumatismo quanto o sexual no humano.

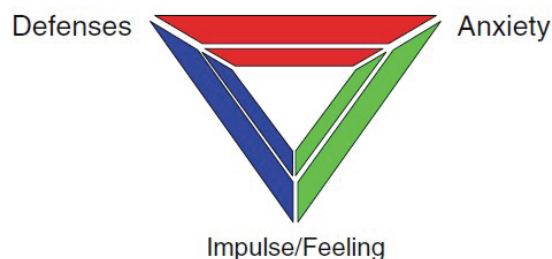
4. Os filtros entre os domínios da consciência no modelo tripartido atualizado

Um aspecto importante do modelo de consciência humana proposto pela JUST é a presença de três filtros que operam entre os domínios da consciência para regular a interface de informações, a fim de manter o equilíbrio psíquico. Os filtros são: (1) o filtro de atenção, (2) o filtro freudiano e (3) o filtro rogeriano.

O filtro de atenção se refere ao processo de filtragem neurocognitiva em relação ao que entra no domínio subjetivo da consciência. Ele envolve processos de atenção direcionada e de percepção, que medeiam a correspondência entre informações sensoriais e a construção cognitiva de sentido para identificar estímulos relevantes e prever mudanças no ambiente.

O filtro freudiano opera entre o eu experiencial e o eu privado e se refere à visão fundamental de Freud de que existe uma relação dinâmica e um processo de filtragem entre as percepções e impulsos e o processo narrativo autoconsciente. Esse filtro desempenha a função de inibir, evitar ou reprimir sentimentos, imagens e impulsos disruptivos, perturbadores ou problemáticos, enquanto emprega estratégias de racionalização para redução de dissonância cognitiva, visando manter um senso de equilíbrio psíquico. O triângulo do conflito proposto por David Malan (Malan; Osimo, 2014) é congruente com a concepção do filtro freudiano.

Figura 2 – O triângulo do conflito de Malan



Fonte: Henriques, 2011, p. 128.

A relação entre o filtro de atenção e o freudiano pode ser descrita da seguinte maneira: quando uma imagem mental, pulsão ou sentimento emerge na atenção do domínio do eu experiencial, o sistema de filtragem detecta as suas possíveis associações ou implicações e, em seguida, determina se a imagem deve ser trazida à consciência. Se as implicações forem identificadas como problemáticas, emerge a experiência de ansiedade, que por sua vez ativa um deslocamento de atenção que visa inibir ou afastar a imagem ou pulsão emergente da atenção do indivíduo. Esse deslocamento de atenção é inconsciente e tem a função de afastar o estímulo que representa ameaça e gera ansiedade, mantendo-o fora da consciência do eu privado. Esse mecanismo é clássico na teoria psicanalítica: o recalque. As formulações freudianas expostas em *Inibição, sintoma e medo* (Freud, 1926/2016), sobretudo no que diz respeito à teoria sobre a angústia como sinal de perigo, vão no mesmo sentido.

Finalmente, o modelo tripartido atualizado da JUST também inclui um filtro entre os domínios do eu privado e o eu público (ou persona). Esse filtro é denominado filtro rogeriano, uma alusão direta às ideias de Carl Rogers (1995) sobre a relação entre o eu e o mundo social. Rogers observou que parte do sofrimento humano está ligada ao impacto do julgamento dos outros em suas ações e na sua autopercepção. Esse processo de filtragem é ilustrado por situações em que omitimos ou ajustamos informações ao mover da esfera privada para a esfera pública, a fim de proteger essa informação e controlar sua influência no contexto social. Temos aqui, em linguagem diferente, as diferenciações psicanalíticas entre o Eu-ideal, e o Ideal do Eu.

5. Os sistemas de justificação que compõem a cultura humana

O esforço metateórico da JUST pode ser resumido como a construção de um fundamento teórico que explique a singularidade da consciência e a comunicação humana. Nesse empenho, a terceira e última alega-

ção da JUST envolve considerações sobre a formação cultural humana, tendo por base o conceito de justificação como elemento fundamental na comunicação linguística.

Embora o termo “cultura” seja desafiador de definir, pode-se apontar para um consenso entre os teóricos de que o termo não abarca a totalidade da experiência humana e da sociedade (Henriques, 2022). Em vez disso, podemos nos referir mais especificamente aos padrões nas esferas de crenças, valores, símbolos e discursos que são compartilhados por um grupo de indivíduos (Smith, 2001). Alinhada à essa percepção, a JUST oferece uma nova perspectiva sobre a interrelação entre linguagem, autoconsciência humana e a evolução da cultura, interpretando tanto a autoconsciência humana quanto à cultura como sistemas de justificação. Nesse contexto, os sistemas de justificação são tidos como redes interconectadas de crenças e valores fundamentados na linguagem, que operam para legitimar uma determinada interpretação da realidade ou visão de mundo específica (Henriques, 2011).

A ideia é que os sistemas de justificação emergem em contextos sócio-históricos com o propósito de atuar como referências de pensamento e comportamento, coordenando as ações das pessoas. Por exemplo, a legislação pode ser considerada um conjunto formalizado de justificações respaldadas por poder institucional, com o intuito de legitimar o controle social sobre condutas consideradas impróprias. A ciência, a governança e a religião também podem ser compreendidas como sistemas coletivos de justificação. Em um nível mais abstrato da cultura humana, encontra-se uma organização desses sistemas de justificação composta por visões de mundo, narrativas, conceitos, valores e declarações centrais que atuam para estruturar e organizar os processos de construção coletiva de significado. Dito de outra forma, os sistemas de pensamento, assim como os laços sociais em suas mais variadas expressões, nos dão a impressão de sermos protegidos em nosso desamparo, condição antropológi-

ca fundamental do ser humano (Ceccarelli, 2009).

Considerações finais

A influência do pensamento seminal de Freud na teoria dos sistemas de justificação (JUST) é indiscutível. O modelo tripartido atualizado é nomeado explicitamente em referência ao trabalho de Freud, uma vez que os domínios do eu experiencial, eu privado (ego) e eu público (persona) apresentam paralelos com o modelo tripartido do mesmo, eu e supereu.

Em consonância com a ideia de que os seres humanos são “animais culturais” (Baumeister, 2005), ou de horda (Freud, 1921/1996) o eu humano desempenha um papel central na dinâmica da cultura, uma vez que permite aos indivíduos aprender os padrões de linguagem e comportamento dos contextos em que nascem, possibilitando, assim, a sua socialização como membros da sociedade. Essa conexão entre o eu privado e o domínio cultural público nos permite estabelecer um paralelo com o conceito de supereu em Freud, que reflete os padrões sociais internalizados e idealizados. O conceito de supereu se sobrepõe significativamente ao eu público, ou persona, na teoria dos sistemas de justificação, podendo ser compreendido como a imagem que o indivíduo procura projetar e regular para administrar a forma como é percebido pelos outros.

Abstract

This essay establishes conceptual connections between a metatheoretical approach, namely, Justification Systems Theory (JUST; Henriques, 2022) and some psychoanalytic premises. Justification Systems Theory provides an explanatory framework aiming to clarify the uniqueness of human consciousness and communication. This approach maintains an evolutionary perspective, preserving continuity with the primate experience and framing human culture as systems of justification. The convergence with Freudian assumptions is highlighted, notably evidenced by the updated tripartite model, composed of experiential self, private self (ego), and public self (persona), paralleling the tripartite structure of id, ego, and superego in Freudian theory. Human consciousness is interpreted as an evolutionarily novel mental apparatus, serving an adaptive function by narrating justifications that legitimize and coordinate actions in the culture plane.

Keywords: *Metatheory; Transdisciplinarity; Consciousness; Culture.*

Referências

- AULAGNIER, P. *A violência da interpretação* (1975). Imago: Rio de Janeiro, 1979.
- BAUMEISTER, R. F. *The cultural animal: Human nature, meaning, and social life*. Oxford University Press, 2005.
- CECCARELLI, P. R. Laço social: uma ilusão frente ao desamparo. *Reverso*, Belo Horizonte, ano, 31, v. 58, p. 33-42, set. 2009.
- CECCARELLI, P. R. O sexual e a verdade do sujeito. In: ANDRADE, E; FREITAS, V; CECCARELLI, P. (Orgs.). *A psicanálise na vida cotidiana*. Bom Despacho: Literatura em cena, 2019. p. 193-204.
- CECCARELLI, P. R. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005
- DENNET, D. C. *Darwin's dangerous idea*. New York: Simon & Schuster, 1995.
- FREUD, S. Além do princípio de prazer (1920). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 17-75. (Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. *Compêndio de psicanálise* (1940 [1938]). Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 3).
- FREUD, S. *Neurose de transferência: uma síntese* (1915). Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. Conferência XXVII: Transferência. In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (Parte III. Teoria geral das neuroses. 1917 [1916-1917]). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 433-448. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).
- FREUD, S. *Inibição, sintoma e medo* (1926). Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 27-80. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos* (1886-1889). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 347-454. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).
- FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-108. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- HENRIQUES, G. *A new synthesis for solving the problem of psychology: Addressing the enlightenment gap*. Springer International Publishing, 2022.
- HENRIQUES, G. *A new unified theory of psychology*. Springer New York, 2011.
- HENRIQUES, G. The Tree of Knowledge System and the theoretical unification of psychology. *Review of General Psychology*, v. 7, n. 2, pp. 150-182, 2003.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução: Maria Luiza. Appy e Dora Ferreira da Silva. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LACAN, J. *O seminário, livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (Campo Freudiano no Brasil).
- MALAN, D.; OSIMO, F. *Psychodynamics, training, and outcome in brief psychotherapy*. United Kingdom: Elsevier Science, 2014.
- MASLOW, A. H. *Motivation and personality*. New York: Harper & Row Publishers, 1954.
- MCADAMS, D. P. The psychological self as actor, agent, and author. *Perspectives on Psychological Science*, v. 8, n. 3, pp. 272-295, 2013.

MILKOWSKI, M. Reverse engineering in cognitive science. In: KAMINSKI, K.; MILKOWSKI, M. (Org.). *Regarding the mind, naturally: Naturalist approaches to the sciences of the mental*. United Kingdom: Cambridge Scholars Publishing, 2013. pp. 12-29.

PINKER, S. *How the mind works*. New York, 1997.

ROGERS, C. R. *On becoming a person: A therapist's view of psychotherapy*. United States: Houghton Mifflin, 1995.

SMITH, P. *Cultural theory: An introduction*. New York. Blackwell, 2001.

TROTTA, F. C. *Considerações sobre o afeto em psicanálise*. Dissertação (Mestrado em psicologia). 2010. 101 fl. Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 2010.

WRIGHT, R. *Por que o budismo funciona: como a psicologia evolucionista e a neurociência explicam os benefícios da meditação*. Cidade: Rio de Janeiro, RJ. Sextante, 2018.

Recebido em: 20/06/2023

Aprovado em: 26/06/2023

Sobre os autores

Márcia Gralha

Psicóloga.

Mestre em psicologia clínica pela Western Carolina University, Cullowhee, Carolina do Norte, EUA.

E-mail: mdgralha@gmail.com

Paulo Roberto Ceccarelli

Psicólogo. Psicanalista.

Sócio do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG) e sócio fundador do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA), ambos filiados ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

Doutor em psicopatologia fundamental e psicanálise pela Université Paris 7 - Diderot. Pós-doutor pela Université Paris 7 - Diderot. Chercheur associé de l'université Paris 7 - Diderot.

Membro da Société de Psychanalyse Freudienne (SPF) - Paris, França.

Membro do Corpo Docente do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade – POA, RS. Professor das especializações do Instituto ESPE e coordenador de programas de formação livre. Professor na pós em Psicanálise do Hospital Santa Catarina, Blumenau, SC. Pesquisador Associado do LIPIS (PUC-RJ).

Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

Professor e orientador de pesquisas na Pós-Graduação em Psicologia/UFPA. Professor e orientador de pesquisas do Mestrado em Promoção de Saúde e Prevenção da Violência/MP da Faculdade de Medicina da UFMG. Coordenador e professor da pós em Sexualidade Humana, da Fac. Santa Casa, BH. Membro do Programa Antártico Brasileiro. Diretor científico da Clínica Ampliada de Saúde Mental (CASM).

Fundador e Coordenador do Instituto Mineiro de Sexualidade (IMSEX).

E-mail: paulorcbh@mac.com

Homepage: www.ceccarelli.psc.br

Wikipedia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Roberto_Ceccarelli

A supervisão na clínica do curso do NEPIA-CPRS

*Supervision in clinic
at the NEPIA-CPRS training course*

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

Resumo

Este ensaio objetiva caracterizar a demanda da supervisão em grupo do curso complementar em formação psicanalítica na clínica com crianças e adolescentes do Núcleo de Estudos de Psicanálise da Infância e Adolescência (NEPIA) do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), situando a história da supervisão na formação psicanalítica e examinando seus efeitos no processo formativo. A presente reflexão parte de recortes clínicos fornecidos por analistas ou candidatos do curso. A partir desses fragmentos, procura-se abrir possibilidades de intervenções, analisando algumas das hipóteses diagnósticas com fundamentos teóricos de Freud, Gutfreind, Rassial, Sigal, Volich, entre outros.

Palavras-chave: Supervisão, Crianças e adolescentes, Recortes clínicos.

Introdução

Escrever sobre a supervisão em grupo do curso do Núcleo de Estudos de Psicanálise da Infância e Adolescência (NEPIA) do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), que é um espaço de reflexão sobre a clínica, faz com que nos deparemos com algumas interrogações: Qual é a diferença na constituição psíquica do sujeito de hoje em relação aos tempos de Freud? Será que a economia psíquica está se organizando no ser humano de forma diferente, considerando as mudanças nas relações familiares e o maior uso das tecnologias digitais? Se, para Freud (1915/2010), a repressão ou o recalque foram a pedra angular, nas últimas décadas, a renegação ou o desmentido parecem estar em evidência. Ou seja, as defesas de um funcionamento psíquico mais arcaico ou primitivo aparecem, com frequência, com falta de vínculo, de apego, de laço com o outro, ou mesmo em menor intensidade.

Examinar a clínica da criança e do adolescente requer pensarmos, além do seu mundo interno, o seu mundo externo, o ambiente de que esse psiquismo dispõe para se constituir, que, por vezes, pode não oferecer as condições minimamente saudáveis. Assim, este ensaio pretende situar a história da supervisão no tripé da formação psicanalítica (teoria, análise, supervisão), bem como trazer alguns fragmentos de vinhetas clínicas examinados nos encontros de supervisão em grupo no curso do NEPIA-CPRS, abrindo possibilidades de pensar alternativas de intervenção para os casos.

1 A história da supervisão na formação psicanalítica

A história da supervisão remete aos dados de sua fundação. Mendes (2012), no artigo *Sobre a supervisão*, discute sobre o que ela consiste. Quais as demandas e os efeitos, na prática, de quem a busca? O que está em sua origem? Saiba-se do relato de que a primeira supervisão

na história da psicanálise ocorreu entre Freud e Fliess. O termo “supervisão” foi utilizado por Freud em 1919. Mendes (2012, p. 49) assinala que “o nascimento formal da Supervisão aconteceu no primeiro instituto de formação de analistas, fundado por Karl Abraham e Max Eitingon, em 1920, em Berlim”.

O termo “supervisão” pode ter diferentes denominações. Alguns o definem como uma visão a mais, uma covisão, ou uma intervenção clínica, mas todos concordam que seja um dos pilares do tripé da formação psicanalítica. Duvidovich, Goldenberg e Broide (2020, p. 117) destacam que a supervisão é o “espaço intermediário” entre a análise pessoal e os seminários teóricos. Volich (2015, p. 287) menciona que sua função é “a criação de um espaço de continência para as vivências mobilizadas no terapeuta pelo encontro com seu paciente”.

Mas o que tem mudado nas últimas décadas nas pessoas que buscam o espaço analítico? Quais as implicações das relações mais líquidas, conforme Bauman (2007), no processo de subjetivação? Por que tantas crianças ou adolescentes chegam ao consultório com diagnósticos de transtorno do espectro autista ou com outras denominações do DSM-5 (2013)?

Percebemos que alguns paradigmas na clínica precisam receber uma escuta e um olhar diferentes daqueles do século XX. Volich (2022, p. 447-448) refere que o fio do recalçamento, que sempre tem orientado a clínica, depara-se com novas manifestações psicopatológicas:

Atravessados por esse fio, intuído e preconizado por Freud, *recordar, repetir e elaborar* são operadores fundamentais de uma análise. [...]: Ao longo desse caminho, evidencia-se a importância de outro paradigma clínico, *no-mear, subverter, organizar* (Grifos do autor).

Birman (2004) segue a mesma perspectiva ao examinar o empobrecimento da capacidade de pensar e o reflexo disso na linguagem. Muitos têm apenas a representação

da imagem, e não a capacidade de um discurso próprio. Para Kristeva (2002, p. 15), nas novas sintomatologias do mal-estar da atualidade, há “um denominador comum: a dificuldade de representar”. Rassial (2000) aponta a grande dificuldade dos jovens de vencer a etapa da adolescência e de realizar a travessia ao mundo adulto, fenômeno denominado de “estado limite”. Gutfreind (2021), no livro *A nova infância em análise*, sugere que algo vem mudando na constituição do sujeito ou no processo de subjetivação.

Na mesma direção de mudanças que estão sendo observadas, Forbes (2012) analisa a segunda clínica descrita por Lacan, em que o simbólico, o complexo de Édipo e a verticalidade nas relações perdem lugar para o Real, com novos sintomas, com o mundo das redes, em que as relações são mais horizontais.

Percebemos que esses são temas a serem aprofundados, uma vez que, para Forbes (2012, p. xxix):

Temos hoje uma série de novos sintomas, próprios da horizontalidade do laço social da globalização, que não respondem ao tratamento *standard* da Psicanálise do século passado.

2 Supervisão em grupo com recortes clínicos

Por ser uma supervisão em grupo, cada analista ou candidato(a) do curso complementar (NEPIA-CPRS) que se dispunha a apresentar um caso clínico fornecia-nos os dados com antecedência. A partir desses recortes, procuramos abrir possibilidades de escuta e de intervenção, examinando hipóteses diagnósticas, indicando alguns fundamentos da psicanálise.

Assim, vamos abordar oito fragmentos, aqui bastante resumidos, de casos apresentados em quatro encontros, nos módulos 1 e 3 do curso: *As entrevistas preliminares na clínica psicanalítica da infância e adolescência*; e *As histórias contadas, escritas e compartilhadas*. Todos os nomes citados são fictícios. As vinhetas não contêm nenhuma identifica-

ção; um subtítulo caracteriza o tema do caso. Nossa intenção é examinar as demandas de crianças e adolescentes que chegam à clínica e pensar alguns vieses psicanalíticos para compreender a clínica contemporânea.

2.1 Possíveis entraves ou impactos na constituição psíquica

Maria tem 2 anos e 9 meses de idade. Na entrevista com a psicanalista, os pais referem as crises de choro sistemáticas e prolongadas e a pouca interação. Nas primeiras semanas de vida, ela fora hospitalizada em função de complicações sanguíneas.

A hospitalização e o choro prolongado podem remeter a rupturas abruptas, separações não nomeadas, ansiedades ou angústias. Angústia é o afeto por excelência. Na psicanálise, Freud, ao longo de seus escritos, tem examinado a ansiedade ou a angústia, especificando a da separação, a da castração, a angústia como sinal, e assim por diante. Outros autores, igualmente, analisam o assunto, entre os quais Winnicott (1990), que se centra na angústia de aniquilamento ou nas agonias impensáveis, em etapas pré-edípicas.

Maria, é bem possível, vivenciou angústias marcantes quando hospitalizada. Ao falarmos de bebê, falamos de um psiquismo se constituindo, se organizando e se estruturando, o que remete ao arcaico, ou seja, às primeiras marcas, inscrições, representações-coisa, ainda não simbolizadas ou em processo de simbolização. O bebê precisa da palavra, da nomeação, da narrativa, do toque, do cheiro, do olhar e da escuta da voz do outro. Acreditamos que a menor interação de Maria possa ser um reflexo da pandemia, que afetou a socialização das crianças. Antes de pensarmos em transtorno do espectro autista, no caso de Maria, defendemos ser importante investigar com os pais histórias de doenças transgeracionais na família, suas fantasias sobre possíveis entraves nessa constituição de sujeito, bem como oferecer à criança diferentes espaços de interação, observando, na clínica, na relação transferencial, o que Maria manifesta de mal-estar ainda não nomeado.

2.2 Dificuldades de lidar com frustrações e um possível sentimento de incerteza

No primeiro atendimento, os pais relatam que João (com 6 anos de idade), na escola, apresenta choro, briga com os colegas, agressividade; em casa, quando contrariado, deita no chão e chora como um bebê, brigando muito com o irmão menor.

Como, na psicanálise, podemos entender a agressividade da criança? O que é mais primitivo no ser humano, a violência ou a agressão? Enquanto, na agressividade, há um predomínio da pulsão de vida, na agressão, prevalece a pulsão de morte. Ao examinar a violência na evolução afetiva humana, Bergeret e colaboradores (2006) mostram que a violência é um fenômeno universal, uma tendência instintiva, presente de alguma forma na raça humana. A agressividade é caracterizada como uma atividade mental elaborada, e não como parte do processo primário, como a violência.

Até que ponto o comportamento agressivo de João é um sintoma relacionado ao que não entendeu o suficiente, com a vinda do irmão, a necessidade de dividir um espaço que antes era só dele, uma vez que se encontrava em uma etapa mais narcísica e/ou egocêntrica? Para McDougall (1997, p. 168), “os sintomas são, sem exceção, resultados de esforços infantis no sentido de encontrar soluções para a dor mental e o conflito psíquico”.

João, “quando contrariado, deita-se no chão e chora como um bebê”. Isso nos parece que tem a ver com sua dificuldade em aceitar o NÃO do outro. Kupfer e Bernardino (2022) fazem a diferenciação entre birra e desorganização. A birra é um comportamento da criança para obter reconhecimento; busca chamar a atenção do adulto sobre si mesma. Ela cuida do lugar, ao se jogar no chão. Na desorganização, demonstra uma imagem frágil e pouco constituída; a criança “não percebe o outro, não se cuida em relação às consequências físicas de se jogar no chão, descontrola-se completamente” (Kupfer; Bernardino, 2022, p. 52).

2.3 Um ambiente conturbado, um jeito de agredir o ambiente com dejetos do corpo que não passavam pela palavra

A mãe relatou, na entrevista preliminar, que a encoprese de Pedro iniciou por volta dos 6 anos de idade, no início da pandemia. O que significa a encoprese na psicanálise?

Barbosa, Silva e Ceccarelli (2020), no artigo *A psicanálise e os transtornos da excreção: enurese e encoprese na clínica com crianças*, destacam, em relação à encoprese, “que o termo é introduzido por S. Weissenberg, em 1926, para designar qualquer defecação involuntária que ocorra em uma criança que já tenha ultrapassado a idade de 2 anos, e na ausência de lesão evidente do sistema nervoso ou de outra afecção orgânica”. Alvarez (1994) afirma que o passado patogênico da criança pode estar causando danos no momento presente. A confiança e a regularidade nos atendimentos (mesma sala, mesmo horário) são aspectos importantes, “para que a estrutura e a ordem comecem a desenvolver-se na mente da criança” (Alvarez, 1994, p. 14).

Gutfreind (2022), em *O livro dos lugares: dos pais na análise da criança, do bebê na análise do adolescente*, escreve sobre a importância de um trabalho com os pais, no enquadre da psicanálise da criança, escutando deles as fantasias ou resistências diante da situação apresentada pela criança.

2.4 Os entraves edípicos que podem perturbar o desenvolvimento

Júlia, com 10 anos, frequenta o 4.º ano do ensino fundamental. Na primeira entrevista, os pais se queixaram de que, durante a pandemia, a menina passou a não querer dormir sozinha.

Freud (1926/1996), em *Inibições, sintomas e ansiedade*, evidenciou sua compreensão acerca da angústia em relação às situações de perigo. As fobias correspondem aos sintomas de angústia e estão associadas a perdas, insatisfações e desamparo. A angústia passa a ocupar um lugar na teoria das neuroses.

No caso de Júlia, será que as fantasias edípicas não estão sendo alimentadas com

a cama compartilhada? Quais os ganhos secundários em seguir sentindo medo de dormir após determinado horário? Quais são as tentativas dos pais em tranquilizá-la em seu quarto?

Gutfreind (2021) examinou várias vinhetas de casos que nos ajudam a pensar diferentes maneiras de possibilitar que o outro (re)escreva sua história. O autor menciona: “Imperam sintomas, sobram atos, faltam pensamentos, escondem-se sentimentos, carece interesse por aquilo que as inibe” (Gutfreind, 2021, p. xii). Como entender, na citação de Gutfreind (2021), que “faltam pensamentos”?

Ao examinar a noção de mentalização, nos *fundamentos psicanalíticos da clínica psicossomática*, na perspectiva do modelo econômico, Volich (2007, p. 19) refere as três vias das excitações e suas descargas. São elas: “a via orgânica, a ação e o pensamento, que representam, nesta ordem, o grau hierárquico progressivo da evolução das respostas do indivíduo”. Essa terceira via, a do pensamento, em alguns casos, encontra-se em uma forma muito empobrecida, em função de menos narrativas, de mais uso de tecnologias e de relações interpessoais mais variadas e menos intensas.

A falta do diálogo em muitas famílias tem repercussões no corpo e na capacidade de simbolizar, ou seja, a capacidade de simbolizar é necessária à capacidade de pensar: “Quando a simbolização falha, algo que deveria ter sido transformado, derivado, reaparece em seu estado arcaico, primitivo, puro” (Sigal, 2009, p. 180).

2.5 O desejo de nascer e o desejo de dar nascimento em meio ao jogo da vida

Felipe, com 10 anos de idade, foi atendido de forma *on-line*. Em uma das sessões, muito empolgado com seu álbum de figurinhas da Copa do Mundo, diz-se um ótimo jogador. Com o passar dos atendimentos, resolveu fazer o próprio pacotinho de figurinhas, dizendo à analista: “Esse é o meu pacotinho. Vamos abri-lo?”. A analista associou a fala

“abrir o pacotinho” ao ato de ele nascer. Nessa interação de Felipe com a analista, esta se interroga sobre qual é o seu lugar. Como defende Sílvia Bleichmar (2005, p. 11), em seu livro *Clínica psicanalítica e neogênese*: “A psicanálise continua se revelando como a teoria mais fecunda para sustentar e firmar esse caminho, nestes tempos em que a dessubjetivação espreita constantemente”.

O ambiente de convívio de Felipe parece bastante saudável, por ele conseguir pensar, representar, criar novos jogos durante os atendimentos, o que nos parece não ser a realidade de muitos brasileiros. Hoje, inúmeros caminhos são possíveis, tão possíveis que algumas crianças podem estar se sentindo diante de uma encruzilhada, muitas vezes desamparadas da palavra de um adulto de referência. Os vínculos iniciais de amor adubam o psiquismo para aí seguirem brotando sentimentos amorosos na relação com o (O) outro.

2.6 A arte surrealista como resgate das memórias escondidas no pátio da infância

Aline, uma adolescente, começou a pintar no período pandêmico mundial. Na ausência de um quadro, utilizou a parede lateral de seu guarda-roupa como espaço possível para externar suas emoções.

Para Aberastury (1983), todo adolescente leva, além do selo individual, o selo do meio cultural, social e histórico. Aline nos lembra do caso Anne Frank: Aberastury (1983, p. 242) justifica que Anne teve pais saudáveis em seu mundo interno, “quis falar de sua adolescência e da de todos e despertar em todos o impulso para lutar pela conservação da liberdade e do amor”.

Aline, além de seu gosto pela pintura, enviou três músicas à analista, nas quais foi observado algo em comum: uma referência ao tempo. Qual é a importância do tempo para os adolescentes? Algumas respostas à pergunta encontramos no texto de Knobel (1983) *O pensamento e a temporalidade na psicanálise da adolescência*, no qual comenta

a elaboração dos lutos de seu paciente, que sai da indiscriminação temporal e passa para a temporalidade conceitual.

2.7 Falhas no suporte ambiental na constituição psíquica

A mãe de Bárbara relata, na entrevista, que o casal está separado e que a adolescente tem vivido um período de lutos e mudanças significativas na capacidade de pensar, sentir e agir. A adolescente comenta sua dificuldade de relacionamento com a mãe, motivo de ter ido morar com o pai.

Parece-nos que Bárbara, quando bebê, não experimentou um ambiente seguro, de confiança no outro, o que sugere que pode ter sido difícil para ela realizar a diferenciação entre o eu e o não eu.

Para Sigal (2009, p. 180),

[...] o pânico se apresenta como produto de uma patologia do arcaico, ou seja, produz-se um desamparo do eu diante de uma invasão pulsional causadora de momentos de falência do aparelho psíquico.

Anne Brun (2018, p. 39) menciona que, nas últimas décadas, está sendo percebido um “retraimento da subjetivação”: “Passa-se de uma psicanálise concebida como tomada de consciência do inconsciente para uma psicanálise centrada nos processos de subjetivação”. Rassial (2000, p. 27) defende que o estado limite afeta o sujeito, o laço social e o próprio pensamento, requerendo que a psicanálise aprofunde esse tema. Em suas palavras: “O estado limite é, em primeiro lugar, uma resposta adequada a uma incerteza das referências que caracteriza o laço social contemporâneo”.

2.8 Uma adolescente confusa em relação ao seu corpo, à sexualidade, ao trabalho e com marcas de “ausência” das funções materna e paterna

Sofia buscou a clínica por causa de sua ansiedade, por não conseguir finalizar as coisas,

trazendo a hipótese diagnóstica de transtorno de ansiedade.

Como demonstra dificuldades de concluir as coisas, é possível inferir que o transtorno de ansiedade esteja acompanhado de algumas características de depressão. Kehl (2009), em *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*, faz uma retomada histórica do conceito de depressão e justifica o título do livro, fazendo a analogia de um cão atravessando uma estrada com automóveis e a velocidade dessa travessia. Uma das características do depressivo é não dar conta do que tem por fazer.

Segundo McDougall (1997, p. 169): “É importante aqui discernir em que medida os problemas inconscientes dos pais tornaram mais difícil do que já é a tarefa de crescer, da infância à vida adulta”. Percebe-se que, em diferentes momentos, a adolescente não pôde contar com a mãe e o pai como amparo.

Para Winnicott (1982, p. 257), a criança, nas primeiras fases do desenvolvimento emocional, tem uma personalidade e um ego ainda não integrados, e o “amor primitivo tem uma finalidade destrutiva”. A criança, desde cedo, precisa aprender a tolerar frustrações, a conhecer a realidade interna e a externa e a estabelecer vínculos de continuidade.

As frequentes mudanças de emprego podem sugerir um comportamento de sempre estar à procura, achando que o melhor se encontra em outro lugar. Para Rassial (2000), o estado limite é instável, mas suscetível de mudança.

3 Tecendo considerações

Descrever algumas vinhetas clínicas da supervisão de grupo leva-nos a pensar que a clínica da criança e do adolescente convoca ao diálogo com a psicanálise sobre a constituição psíquica do sujeito. Para que o bebê possa sair do inconstituído ou inorganizado e realizar a travessia para o mundo das relações, do laço social, dos vínculos, precisa contar com o (O)outro para poder se inscrever no circuito pulsional. A supervisão em

grupo, diferentemente da supervisão individual, favorece uma troca, ampliando, a partir das diferentes contribuições, o entendimento sobre o caso e as possibilidades de intervenção na clínica com crianças, adolescentes, família e escola.

Cabe mencionar que as vinhetas descritas são de filhos e filhas de mães e pais que reconheceram a necessidade de consultar um profissional da saúde mental, certamente percebendo que algo poderia estar perturbando o desenvolvimento psicomotor, afetivo, psíquico ou relacional. Sabe-se que o atendimento clínico atinge um percentual bastante reduzido de pessoas, uma vez que muitas crianças e adolescentes não conseguem esse tipo de atenção, mesmo que muitas instituições ofereçam atendimento por meio da clínica social.

A partir das vinhetas citadas e de casos atendidos no consultório, constata-se que muitos deles apresentam prejuízos no que diz respeito à etapa narcísica, ou seja, evidenciam-se perturbações na etapa pré-edípica. Possivelmente, por vezes, o ambiente não consegue ser continente às angústias de desamparo em que o bebê se encontra, nesse novo mundo fora da placenta materna. Acreditamos que as mudanças nas relações, mais líquidas, horizontais e variáveis, estão trazendo mais incertezas sobre o processo resultante da presença ou ausência da função materna. Em contrapartida, a função paterna, há algumas décadas, tem se mostrando, em muitos casos, mais ausente. Isso não favoreceria um espaço de maior permanência na etapa perverso polimorfa descrita por Freud (1905/1996)?

Entendemos que as primeiras inscrições ou marcas no psiquismo abrem caminho para as representações-coisa ou representações-palavras, conforme Freud (1915/2010). Mas o que significa cada uma dessas representações e quais são os reflexos na clínica contemporânea? As representações-coisa são as marcas e sensações corporais, são inconscientes e precisam ser nomeadas. Por exemplo, quando o bebê chora de fome, isso

precisa ser-lhe dito, assim como as demais sensações que ainda lhe são inomináveis e ainda não são pensamentos. A representação-palavra tem acesso ao pré-consciente e ao consciente, manifestando-se em palavras simbolizadoras.

Finalizando, sabemos que o mundo sempre está em movimento, mudança e transformação. Interrogamo-nos sobre os reflexos do excesso de telas utilizadas por crianças e adolescentes e a influência das tecnologias digitais no convívio familiar. Qual é o espaço da narrativa e do diálogo com o outro fora das redes sociais? Como a inteligência artificial, que vem contribuindo com as ciências, vai influenciar na constituição psíquica do sujeito?

Abstract

This essay aims to characterize the demand for group supervision under the scope of the complementary course in psychoanalytic training in children's and adolescents' clinic at the Núcleo de Estudos de Psicanálise da Infância e Adolescência (Center for Psychoanalytical Studies of Childhood and Adolescence — NEPIA) of the Círculo Psicoanalítico do Rio Grande do Sul (Psychoanalytical Circle of Rio Grande do Sul — CPRS), situating the history of supervision in psychoanalytic training and examining its effects on the training process. This reflection is based on clinical clippings provided by analysts or course candidates. From these fragments, we try to open up possibilities for interventions, analyzing some of the diagnostic hypotheses with theoretical foundations from Freud, Gutfreind, Rassial, Sigal, and Volich, among others.

Keywords: Supervision, Children and adolescents, Clinical clippings.

Referências

- ABERASTURY, A. *Adolescência*. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- ALVAREZ, A. *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, borderline, carentes e maltratadas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5)*. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- BARBOSA, K.; SILVA, L.; CECCARELLI, P. R. A psicanálise e os “transtornos da excreção”: enurese e encoprese na clínica com crianças. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.fundamentalpsychopathology.org.br/wp-content/uploads/2020/07/KELVINN-LUAN-SAMPAIO...-TRANSTORNOS-DA-EXCRE%C3%87%C3%83O.-1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERGERET, J. *et al. Psicopatologia: teoria e clínica*. Tradução: Maria Elisa Viallitti Flores. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BIRMAN, J. Excesso e ruptura de sentido na subjetividade hipermoderna. *Caderno Psicanalítico*, CPRJ, ano 26, n. 17, p. 175-195, 2004.
- BLEICHMAR, S. *Clínica psicanalítica e neogênese*. São Paulo: Annablume, 2005.
- BRUN, A. A escuta das formas primárias de simbolização no trabalho analítico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 52, n. 2, p. 35-53, 2018.
- DUVIDOVICH, E.; GOLDENBERG, R.; BROIDE, E. (Orgs.). *Supervisão psicanalítica: ofício e transmissão*. São Paulo: Zagodoni, 2020.
- FORBES, J. *Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI*. Barueri, SP: Manole, 2012.
- FREUD, S. Inibições, sintomas e ansiedade (1926 [1925]). In: _____. *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos (1925-1926)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 91-170. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

- FREUD, S. O inconsciente (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 171-222. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos* (1901-1905). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 128-229. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).
- GUTFREIND, C. *A nova infância em análise*. Porto Alegre: Artmed, 2021.
- GUTFREIND, C. *O livro dos lugares: dos pais na análise da criança, do bebê na análise do adolescente*. Porto Alegre: Artes e Ecos, 2022.
- KEHL, M. R. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Bomtempo, 2009.
- KNOBEL, M. O pensamento e a temporalidade na psicanálise da adolescência. In: ABERASTURY, A. *Adolescência*. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 33-72.
- KRISTEVA, J. *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- KUPFER, M. C.; BERNARDINO, L. F. *APEGI – Acompanhamento psicanalítico de crianças em escolas, grupos e instituições: um instrumento para o trabalho com a criança-sujeito*. São Paulo: Escuta; Fapesp, 2022.
- McDOUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros*. Tradução: Pedro H. B. Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MENDES, E. R. P. Sobre a supervisão. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 34, n. 64, p. 49-55, dez. 2012.
- RASSIAL, J. *O sujeito em estado limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- SIGAL, A. M. *Escritos metapsicológicos e clínicos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- VOLICH, R. M. A clínica da supervisão, da desorganização à autonomia. In: SOARES, A. M. *et al.* (Orgs.). *Psicanálise e psicossomática: casos clínicos, construções*. São Paulo: Escuta, 2015. p. 281-303.
- VOLICH, R. M. Fundamentos psicanalíticos da clínica psicossomática. In: VOLICH, R. M.; FERRAZ, F. C.; ARANTES, M. A. A. C. (Orgs.). *Psicossoma II: psicossomática psicanalítica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 17-31.
- VOLICH, R. M. *Psicossomática, de Hipócrates à psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2022.
- WINNICOTT, D. *A criança e o seu mundo*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- WINNICOTT, D. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre o desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1990.

Recebido em: 25/05/2023

Aprovado em: 19/06/2023

Sobre a autora

Maria Melania Wagner Franckowiak Pokorski

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS). Psicopedagoga titular. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutora e pós-doutora em psicologia social pela Universidad Argentina J. Kennedy. Professora da Faculdade Porto-alegrense (FAPA) de 1996 a 2017. Coordenadora de seminários de formação psicanalítica no CPRS desde 2009. Autora de artigos sobre psicopedagogia e psicanálise e do livro *O mutismo seletivo no espaço escolar* (Diálogo Freiriano, 2019).

E-mail: mwagnerpokorski@gmail.com

As (des)construções identitárias: reflexões sobre os povos indígenas na Amazônia

*Identity (de)constructions:
reflections on indigenous peoples
in the Amazon*

Maria do Rosário de Castro Travassos

Resumo

Este trabalho visa provocar um debate sobre os processos identificatórios em relação às populações indígenas na Amazônia. A violência de atos discriminatórios que se opera em relação a essa parcela da população brasileira, está presente desde os tempos coloniais e continuam no presente. Neste recorte, representado pela história de Mary, uma indígena da etnia Tembé, no Estado do Pará, emerge de sua escuta singular, o conflituoso laço com o social dominador. Seguiremos o enfoque psicanalítico.

Palavras-chave: Psicanálise, Diversidade étnica, Processos identificatórios.

Introdução

Para se conhecer algo dos intrincados caminhos das construções identitárias de um povo, a história está aí implicada, visto que o homem não pode ser visto isoladamente, mas em sua relação com o outro, marcado pelos ideais de poder, da cultura, da religião e outros aspectos que prevalecem em um determinado espaço e tempo. A região amazônica brasileira tem sido atravessada, desde os tempos coloniais, por conjunturas político-ideológicas impostas pelo colonizador, seguindo um projeto de supremacia eurocêntrica, com justificativas de salvar os povos “primitivos” e “selvagens”, o que resultou em uma nova ordem sociocultural, com consequências psíquicas na dinâmica dos sujeitos.

O encontro étnico forjou novas identidades sociais na região, a partir de categorias que podem ser reconhecidas hoje como os caboclos, os pescadores, os ribeirinhos, os remanescentes quilombolas, entre outras

designações, pela diversidade que abriga. As identidades formadas ao longo desse processo, que garantem uma “unidade”, uma “igualdade”, uma característica distintiva regional, para a psicanálise, não recobrem o sujeito em sua singularidade.

Há um profundo silêncio da historiografia em relação à história indígena, registros que ficaram restritos ao campo laboral e religioso. A miscigenação resultante do encontro – europeu e nações autóctones – justificava atribuir à “mistura de raças” a responsabilidade pela dificuldade de implantação do “processo civilizador” em terras coloniais, em que os nativos eram tomados como objeto do processo civilizatório e do evangelismo, começando, assim, um processo desagregador da ordem simbólica entre as nações.

Cabe às sociedades indígenas hoje, remanescentes do processo colonizador, o desafio de manter um contato com a sociedade nacional, sem perder sua integridade cultural e

étnica. Esse desafio é enfrentado tanto pelas populações indígenas em suas aldeias como por aqueles que migraram para os centros urbanos. Tal mobilidade fragiliza *extremamente* os traços culturais no trânsito entre dois universos distintos, o que compromete, em muitos casos, a saúde mental desses sujeitos.

A psicanálise, ao especificar a singularidade do sujeito, reconhece a diversidade a se expressar por diversos caminhos pulsionais frente às diferenças, sejam étnicas, de gênero, sejam outras formas culturais. Propõe-se, assim, a abordar pontos carregados de uma história antiga de violência vivida na Amazônia brasileira pelos povos originários, mas que é, ao mesmo tempo, recente, provocando cicatrizes narcísicas profundas, pois, como argumenta Ceccarelli (2007, p. 2), “a psique é função da história e, ao mesmo tempo, a história determina a constituição da psique”.

População indígena no Pará

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicou dados preliminares do Censo Demográfico realizado em 2022, que registrou a presença de aproximadamente 1.700.000 indígenas no Brasil, distribuídos em 305 etnias. O maior contingente concentra-se na Região Norte. No Estado do Pará, segundo o censo de 2010, conta-se 56 etnias originárias de troncos linguísticos diferentes. Muitas cidades amazônicas são indianizadas, pois possuem, entre seus habitantes, grande número de indígenas.¹

Mary é uma mulher indígena da etnia Tembé, que vive na cidade e que dá significativa singularidade à história do convívio com o não índio, cujo recorte apresenta-se aqui.

A diversidade, como vivência e interação humana, sempre existiu. O sentido do significativo “diversidade” é de pluralidade, de diferença. É um substantivo feminino que caracteriza tudo o que é diverso, que tem

multiplicidade. Diversidade é a reunião de tudo que apresenta múltiplos aspectos e diferenças entre si, como a diversidade cultural e a étnica, entre outras.

A diversidade cultural é constituída pelos múltiplos elementos que representam as diferentes culturas, como a linguagem, as tradições, a religião, os costumes, a organização familiar, a política, entre outros, com características próprias de cada grupo social.

A Constituição Federal de 1988, no título que trata da Ordem Social, no artigo 231, específico sobre os indígenas, determina que:

São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

A visão inovadora da Carta Magna, para além do reconhecimento do direito à terra ocupada pelos indígenas, reconhece sua organização social, seus costumes, suas línguas, crenças e tradições, valida a existência de minorias nacionais e institui normas de proteção à singularidade étnica, especialmente da língua, dos usos e costumes, ou seja, reconhece uma pluriétnicidade.

Temos, assim, um ordenamento jurídico estabelecendo certos códigos de conduta – um direito, para harmonizar a existência de indivíduos e grupos sociais. A lei no Brasil reconhece hoje direitos individuais e coletivos, tais como os direitos culturais e de identidade. Fundamentalmente reconhece “que as pessoas indígenas têm o direito a integridade física e mental, liberdade e segurança, ou seja, que os povos ou pessoas indígenas têm o direito a não serem forçosamente assimilados, ou destituídos de sua cultura”²

1. Próximo a Belém, encontra-se a etnia Tembé (do tronco Tupy), que habita a Reserva Indígena Alto Rio Guamá (RIAG), próximo à cidade de Capitão Poço.

2. Documento base, p. 31, jun. 2015. Texto apresentado durante a I CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICA INDIGENISTA, fórum democrático entre a administração pública e a sociedade civil, realizada entre 14 e 17 dez. 2015, no Centro Internacional de Convenções de Brasília.

O Governo Federal, por meio do Ministério da Educação e Cultura – MEC –, em 2006 p. 71, como responsável pela política indígena no Brasil, expressa que:

[...] não tem como traçar programas de assistência aos índios fora das aldeias. Os índios que moram nas cidades vivem uma espécie de “limbo jurídico” com dificuldade de fazer valer qualquer direito. Morar na cidade tem sido entendido “como um dado revelador da perda da intenção de manter a condição indígena, o que implicaria uma certa renúncia à proteção especial garantida pela legislação.

Esse tipo de entendimento é conflitante para o indígena, pois fortalece velhos tipos de preconceito não vislumbrados pelo ordenamento jurídico, posto que o sujeito é o efeito de sua relação com o outro e se constitui a partir de sua inserção na cultura.

Por questão de sobrevivência, Mary mudou-se para a cidade, para estudar, trabalhar e sustentar os três filhos que ficaram na aldeia. Nesse processo, teve de assimilar hábitos dos não indígenas sem perder sua identidade étnica. Ante o impasse do confronto, ao ter que transitar por dois universos distintos, Mary me endereça a seguinte pergunta: “Tira onça do mato e traz para a cidade, ela deixa de ser onça?”

O que é ameaçador para Mary é a violência da cidade, os assaltos, o trânsito, mas, acima de tudo, o preconceito que teve de enfrentar por ser mulher, indígena e conquistar uma vaga na universidade para cursar Direito. A castração – a perda metafórica – assinala os limites do corpo, os limites do convívio, os limites sociais, que provocam a dor de existir, posto que a questão psíquica se encontra intimamente relacionada com o cultural.

Os códigos simbólicos que estabelecem a ordem social nas aldeias, as crenças, as regras de casamento, a filiação, os crimes, as práticas sexuais, o culto aos antepassados, os mitos de origem, os sistemas de cura, entre outros, são quase sempre ignorados pelo outro não índio. Diante disso, o que se pode

constatar são as leis indígenas se adaptando às leis civis de nossa sociedade. A letra da lei protetiva do Estado não se coaduna com o desejo dos sujeitos. A tentativa de homogeneização do sujeito é, na verdade, uma violência imposta que provoca o apagamento de desejo, ao destituir os signos culturais, afetando tanto a cultura como o sujeito.

Aliás, o termo “índio”, que foi atribuído aos povos autóctones devido a um erro geográfico dos navegadores portugueses ao “encontrarem” a Nova Terra, utilizado muitas vezes para discriminar os sujeitos etnicamente diferenciados, com os direitos estabelecidos pela Carta de 1988, em seu artigo 231, passou a ser defendido para dar sustentação ao movimento indígena organizado a partir da década de 1970, como uma *identidade*, como textualiza Gérson Luciano (2006, p. 30), antropólogo da etnia Baniwa:

[...] os povos indígenas do Brasil chegaram à conclusão de que era importante manter, aceitar e promover a denominação genérica de índio ou indígena, como uma identidade que une, viabiliza e fortalece todos os povos originários do atual território brasileiro e, principalmente, para demarcar a fronteira étnica e identitária entre eles, enquanto habitantes nativos e originários dessas terras, e aqueles com procedência de outros continentes, como os europeus, os africanos e os asiáticos.

Temos aí uma relação entre individual e social, entre Estado e indivíduo, enlaçados pela cultura. Para Freud (1930/1929, p. 87), a palavra cultura implica:

[...] soma total de realizações e disposições pelas quais a nossa vida se afasta da de nossos antepassados animais, sendo que tais realizações e disposições servem a dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação das relações dos homens entre si.

Tecemos aqui uma breve articulação teórica sobre o conceito de identidade, estuda-

do principalmente pelas ciências sociais com outro conceito, o de *identificação*, mecanismo psíquico ao qual o conceito de identidade encontra-se inter-relacionado. Etimologicamente, a palavra “identidade” remete ao pronome “*idem*”, que significa “o mesmo, a mesma coisa” de algo que se “assemelha” a outro (Souza, 2007, p. 19).

Hall (2011, p. 8) analisa que as

[...] “crises de identidade” decorrem de mudanças estruturais das sociedades modernas, que podem abalar a identidade cultural, definidas como “aspectos de nossas identidades que surgem do pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais.

O duplo deslocamento – descentramento do indivíduo de seu lugar no mundo social e cultural, assim como de si mesmo – constitui uma crise de identidade. Para o sociólogo, a identidade se forja a partir de atributos culturais que passam a fazer parte do sujeito, sutura o sujeito à estrutura (Hall, 2011, p. 8).

Processos identificatórios e a psicanálise

Para a psicanálise, a identificação é um processo pelo qual o sujeito humano se constitui. As primeiras relações são primordiais para garantir a sobrevivência da criança, que antes mesmo de nascer, já é falada pela cultura, porta os desejos e anseios das figuras parentais. Freud (1921, p. 42) denomina de identificação primária o processo de identificação com o “pai de sua própria pré-história pessoal”, lei que se encontra velada na cultura, mas que é duradoura e será a base para os futuros vínculos a serem construídos.

Em 1921, Freud teoriza sobre o *Einzigster Zug*, único traço que, na *identificação ao traço*, o Eu copia do objeto tomado como modelo. Trata-se de um tipo de identificação no qual o nome próprio é seu principal representante, processo pelo qual o indivíduo constrói sua identidade como experiência subjetiva e que permite guardar os traços de sua história familiar. É justamente esse tra-

ço que é “apagado” nos documentos civis de Mary. Assim,

Evocamos aqui a questão da *carteira de identidade*, um papel que define a diferença do sujeito pelo fato de o documento civil *identificar alguém* no simbólico, mas que, no caso de Mary, acabou criando impasses e constrangimentos ao Eu, haja vista que sua emissão pelo órgão oficial não se deu em conformidade com seu “sentimento” de pertencimento étnico e subjetivo, e sim com um nome no qual não se reconhecia e por isso rejeitava, por não fazer sentido para ela (Travassos, 2014, p. 93, grifos da autora).

Por ocasião do registro civil de Mary, o cartorário – o outro da cultura – não aceitou o nome indígena escolhido por sua mãe, que quer dizer missanga, enfeite e mudou-o para Jaqueline, por considerar que o nome pretendido não era “nome de gente”.

Quando a menina cresceu e foi para a escola, se deparou com o nome “estranho” em seus documentos legais oficiais, com o qual não se identifica, por não encontrar representação em seus signos culturais, não fazer parte de sua história, por isso o recusa.

A questão da nomeação que criava impasses para Mary se estendia ao grupo social do qual faz parte, que hoje luta na justiça pelo direito de acrescentar o nome étnico ao nome próprio.

A identidade, no sentido de ser “idêntico ou igual a si mesmo no tempo, não é dada pelo nascimento, é, antes de tudo, uma construção que se dá a partir dos processos de identificação com o outro”, como textualiza Ceccarelli (2008, p. 97). A identidade é uma construção, dinâmica e complexa, que se interliga ao processo identificatório, mecanismo pelo qual cada sujeito adquire não sua unidade, mas sua singularidade, que no caso de Mary, parece sofrer uma desconstrução.

A falta originária que funda o sujeito será repetida pelo adulto, como protótipo infantil. Uma das formas de preencher o desamparo é por meio das referências identificatórias

com os ideais da cultura na qual se insere. Quando esses ideais são incompatíveis com seu acervo individual, pode ocorrer a perda das referências identitárias – aquilo que ele tinha como “verdade”, não o é mais e, sem ter onde se apoiar, pode desorganizar-se (Ceccarelli, 2007).

Mesmo que haja uma lei civil para proteger os direitos dos indígenas quanto ao direito a terra, sua organização social, seus costumes, suas línguas, crenças e tradições, ou seja, quanto à singularidade étnica, essa norma não é capaz de recobrir o sujeito em seu desejo, e por isso escapa ao que é simbolizado.

A ressonância psíquica dos fragmentos do caso abordado nos permite vislumbrar o sujeito dividido em sua singularidade, cujos sintomas sobredeterminados pelo inconsciente colocam em evidência a primazia do simbólico na constituição do sujeito. A busca por uma identidade ressoa como a busca de uma completude do vazio, que se almeja alcançar.

É a singularidade dos povos tradicionais, seus traços, sua história, sua vida, que é confrontada pela cultura hegemônica do não indígena, muitas vezes de forma violenta e invasiva, que precisa ser questionada. Assim, ter de conviver com a invasão do outro em seus territórios ou deslocar-se para a cidade em busca de sobrevivência, como aconteceu com Mary, pode levar o sujeito a ser atravessado por uma confusão psíquica, pela paralisação das funções simbólicas e imaginárias, e ser afetado nos laços sociais e nos processos identificatórios que lhes dão sustentação.

No confronto homem *versus* meio, os aspectos psíquicos estão presentes, pois, como enuncia Freud (1930/1996), o sofrimento do humano provém de três fontes principais: do mundo externo, do corpo e dos relacionamentos “na família, no Estado e na sociedade” (Freud, 1930/1996, p. 93). A cultura é produtora de mal-estar, pois, para o bem da sociedade, o indivíduo é sacrificado, tendo que pagar o preço da renúncia da satisfação

pulsional. A civilização substitui o poder do indivíduo pelo poder da comunidade. O mal-estar na civilização é o mal-estar dos laços sociais.

Essas posições parecem subscrever o etnocídio, que significa erradicar as culturas tradicionais ou desfigurá-las, o que nos conduz aos pressupostos freudianos sobre a íntima implicação da cultura na questão do inconsciente. Pressupomos, assim, uma mudança de lugar psíquico, pois os indígenas deixam de reconhecer o território onde vivem pela interferência do desejo do outro, ou de reconhecer a si mesmos em sua singularidade, afetados na sua forma de ler o mundo. É como se o indígena fosse um refugiado em seu próprio país, um “outro” estranho, dividido e desamparado, sem um lugar de pertencimento e reconhecimento. Com as referências de mundo abaladas, com a violência do outro dominador, além do trauma, vem o adoecimento.

Aproprio-me da análise de Melman (2000), segundo o qual, quando a castração é feita por meio de violência, pode entrar no registro do traumatismo, sem nenhuma relação com a castração simbólica. O sujeito, estruturalmente insatisfeito, como no caso do colonialismo, e hoje o mesmo colonialismo com outra roupagem, mantém indígenas e ribeirinhos “numa relação com o seu objeto, não como se ele tivesse sido perdido, mas como se ele tivesse sido roubado” (Melman, 2000, p. 18), o que desorganiza o sujeito quanto à manutenção de sua existência.

Considerações finais

O sujeito se constitui a partir de múltiplos enlaces, a partir do Outro, assim como com os outros. Contudo, subsistem na atualidade, formas de laço social de dominação que destituem o sujeito do seu lugar, tanto físico quanto psíquico, evidenciando o enunciado freudiano de ser “a psicologia individual [...], ao mesmo tempo, também psicologia social” (Freud, 1921/1996, p. 81).

Nessa medida, a psicanálise, cuja práxis é o discurso sobre a subjetividade é convoca-

da ao debate das práticas de dominação que segrega essa parcela de brasileiros a encontrar seu lugar no campo social, escutar suas demandas – sujeitos que, em sua diversidade étnica, precisam ser reconhecidos e reconhecer a si mesmos em sua singularidade, a fim de sustentar na forma possível, suas referências identificatórias.

Abstract

This work aims to provoke a debate about the identification processes in relation to indigenous populations in the Amazon. The violence of discriminatory acts that operates in relation to this portion of the Brazilian population has been present since colonial times, which are updated in the present. The violence of discriminatory acts that operates in relation to this portion of the Brazilian population has been present since colonial times, which are updated in the present. In this clipping, represented by the story of Mary, an indigenous woman from the Tembé ethnic group, in the State of Pará, the conflicting bond with the dominant social emerges from her singular listening. We will use the psychoanalytic approach.

Keywords: *Psychoanalysis, Ethnic diversity, Identification processes.*

Referências

BELTRÃO, J. F. *Povos indígenas na Amazônia*. Estudos Amazônicos: Belém, 2012. (Col. Estudos Amazônicos História).

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

CECCARELLI, P. R. Mitologia e processos identificatórios. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 179-193, 2007.

FREUD, S. O ego e o id (1923). In: _____. *O ego e o id e outros trabalhos* (1923-1925). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 27-80. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930). In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 73-148. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo de 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatística>. Acesso em mar. 2017; jul. 2023.

LUCIANO, G. S. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. Brasília. MEC/SECAD; Laced/Museu Nacional, 2006, v. 1. Disponível em: http://www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/livros/arquivos/CoLET12_Vias01WEB.pdf. Acesso em: 15 mar. 2017.

MELMAN, C. Casa grande e senzala. In: *Um inconsciente pós-colonial, se é que ele existe*. Association Freudienne Internationale. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA - MEC/UNESCO. *Povos indígenas e a Lei dos "Branco"*: o direito à diferença. Série Via dos Saberes, v. 3. 2006.

SOUZA, E. M. S. *Processos identificatórios e suas vicissitudes em uma comunidade quilombola*. 2007. Dissertação (Mestrado em psicologia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2007.

TRAVASSOS, M. R. C. *Mitos de origem e processos identificatórios: uma visão psicanalítica*. 2014. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica e cultura) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

Recebido em: 27/05/2023

Aprovado em: 20/06/2023

Sobre a autora

Maria do Rosário de Castro Travassos

Psicóloga.

Psicanalista e membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS). Pós-graduada em teoria psicanalítica pela Faculdade Integrada Brasil Amazônia (FIBRA), Mestre em psicologia clínica e cultura pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

E-mail: rosatravassos23@gmail.com

O desenho e a clínica psicanalítica com crianças e adolescentes

Drawings and the psychoanalytic clinic with children and adolescents

Noeli Reck Maggi
Paola Giacomini Fachini

Resumo

O presente trabalho apresenta parte dos estudos desenvolvidos no módulo *O desenho infantil na clínica psicanalítica com crianças e adolescentes*, promovido pelo Núcleo de Estudos da Infância e Adolescência (NEPIA) do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS). Um dos recursos utilizados pelos profissionais que trabalham na área o desenho atende à demanda anunciada pelos que buscam compreender e amenizar o sofrimento de pacientes que estão vivenciando a infância e a adolescência. O estudo tem como propósito refletir sobre o desenho como possibilidade de entrar em contato com o mundo interno desses pacientes e perceber os movimentos pulsionais, libidinais e agressivos que estabelecem um vínculo e um diálogo com os seus conteúdos conscientes e inconscientes. As reflexões propostas se fundamentam em Donald Winnicott e Antonino Ferro, complementados com atividades de pesquisadores nesta área de conhecimento.

Palavras-chave: Desenho como recurso clínico, Psicanálise, Clínica com crianças e adolescentes.

A clínica com crianças e adolescentes possibilita pensar num trabalho em que estão implicados muitos recursos materiais que realçam as significações e representações simbólicas. O desenho é uma das ferramentas recorridas com frequência entre os profissionais da área. Trata-se de uma ferramenta importante e necessária para o atendimento à demanda anunciada pelos que buscam compreender e amenizar o sofrimento desses pacientes. Seguindo Winnicott e Antonino Ferro, o propósito de pensar o desenho como recurso na clínica com crianças e adolescentes é fornecer elementos para entrar em contato com o mundo interno de tais pacientes, a fim de perceber os movimentos pulsionais, libidinais e agressivos que estabelecem um vínculo e um diálogo com os conteúdos conscientes

e inconscientes. Nesse sentido, não se trata de fornecer elementos para fazer um psicodiagnóstico: esse é objetivo da psicologia.

Na Antiguidade e na Idade Média, não se dava importância à criança, que era vista como um adulto em formação (Ariés, 1986): a criança, logo que caminhasse, era misturada aos adultos, partilhando trabalhos e jogos, transformando-se em um jovem adulto sem passar pelas etapas do desenvolvimento que hoje consideramos essenciais nas sociedades evoluídas. Foi com Rousseau, no fim do século XVIII, com a obra *Émile*, que a infância adquiriu importância. Por isso, Rousseau é considerado o primeiro filósofo da educação.

Em 1909 Freud escreve a história do Pequeno Hans, criança de cinco anos que era atendida pelo pai sob supervisão dele. Na

análise, o menino expressava o medo de ser devorado por um cavalo, que anteriormente ele vira cair. O material da análise dizia respeito ao conflito edípico do Hans com seu pai pela disputa do amor da mãe, deslocando a raiva do pai para o cavalo. Um dia, o pai fez o desenho de um cavalo e o mostrou para Hans, que, muito surpreso, quis um lápis e acrescentou algo que faltava ao animal: um pipi grande! Freud apreciou a iniciativa do pai dizendo que era bem disso que se tratava: o pipi grande do pai e seu medo de castração.

Figura 1 – Alongamento desenhado pelo pequeno Hans (medo de castração)



Fonte: Freud, 1909/1966, p. 23.

Em 1926 Sophie Morgen Stern introduz o desenho no tratamento psicanalítico de uma criança com mutismo. Nas décadas seguintes, a sociologia e a pedagogia comparam o desenho infantil com a produção dos mestres, sem ver seu valor de manifestação de conteúdos tanto conscientes quanto inconscientes. Piaget (1978) contribuiu muito com seu estudo sobre o conhecimento, para valorar a expressão gráfica e plástica, gestual e musical. Contribuiu para ver o grafismo infantil como produto original do universo infantil e não mais associado à inabilidade motora.

A aparição do lápis e do papel em escala industrial facilitou a inserção do desenho nas atividades lúdicas e pedagógicas. Antes se escrevia na areia, nos papiros, nas paredes e nos pisos com carvão, tintas e outros materiais. Assim como os homens primitivos deixavam suas marcas registradas nos desenhos rupestres que descreviam seus rituais e comemorações, também a criança tem prazer em deixar uma marca de si nos seus desenhos.

O que desenha uma criança? Primeiro são rabiscos, borrões, aglomerados, círculos, quadrados, triângulos, abóbadas, imagens que geram várias figuras do vocabulário infantil. A criança projeta no desenho seu próprio esquema corporal, em forma narrativa e figurativa. Durante seu desenvolvimento, a criança usa seu traço para se situar no campo espacial: é um espaço existencial aberto, constituído pelo corpo que vai se estruturando progressivamente. Primeiro são linhas e formas, uma mancha, um rabisco, uma superfície que se suja, um território imaginário. O espaço é afetivo, a grandeza das formas é afetiva.

Os desenhos apresentados a seguir ilustram o modo como uma criança de 20 meses (FIG. 2) e uma criança entre 2 e 3 anos (FIG. 3) expressam o que sentem e percebem. O psiquismo vai se revelando de diferentes modos e formas.

Figura 2 – Criança de 20 meses, traçado circular



Fonte: Mèredieu, 2003, p. 26.

Figura 3 – Criança entre 2 e 3 anos, aparecimento de formas isoladas

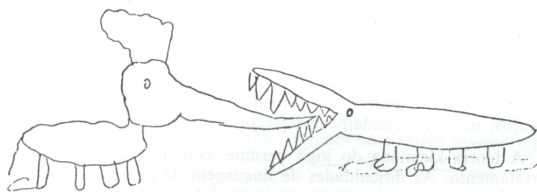


Fonte: Mèredieu, 2003, p. 27.

A criança gosta de desenhar a casa, árvores, flores, animais e aquilo que faz parte do seu cotidiano, especialmente a sua família. Aqui teríamos muitas observações a fazer a respeito daquilo que é desenhado, aquilo que falta, as cores usadas, a proporção etc. Para Klein (1997) tanto o jogo lúdico quanto a grafia correspondem à associação livre dos adultos, expressando seus temores, suas angústias e seu desenvolvimento afetivo e intelectual. Lembramos também que há semelhanças entre o uso dos mecanismos de deslocamento e condensação no ato de desenhar, bem como na produção de um sonho.

Na ilustração seguinte (FIG. 4), a criança pode falar do seu desenho, enquanto o psicanalista registra o que é verbalizado e auxilia nas associações possíveis diante da história do paciente.

Figura 4 – O elefante e o jacaré (angústia de castração)



Fonte: Mèredieu, 2003, p. 74.

O desenho e a clínica

O desenho é uma entre as diferentes expressões da função simbólica, que envolve

a capacidade de empregar símbolos e signos para substituir as coisas. Através do desenho, a criança sustenta as representações daquilo que percebe. Ao mesmo tempo, a expressão gráfica do desenho pode revelar a distância entre o eu e o não eu, o pensamento, a palavra não falados, os conflitos intrapsíquicos provocados pela forma de acolhimento concedido à criança.

Os desenhos representados nas FIG. 5 e 6 revelam como uma criança de 10 anos com dificuldades de aprendizagem se representa. Esse menino expressa, através do seu desenho, como gostaria de ser percebido e como percebe que o outros o veem.

Figura 5 – Menino de 10 anos desenha como gostaria de ser: “Normal, eu mesmo!”



Fonte: Chamat, 2004, p. 191.

Figura 6 – Menino de 10 anos desenha como se vê: “Já disse! Normal!”



Fonte: Chamat, 2004, p. 192.

Como diz Winnicott (1994), um lugar especial precisa ser concedido às primeiras entrevistas, e o desenho pode ser uma técnica para explorar o material dessa entrevista. Um paciente, criança ou adulto, terá, no atendimento clínico, uma certa capacidade de acreditar na obtenção de auxílio e de confiar naquele que o oferece. O que se espera do psicólogo ou do psicanalista é um *setting* estritamente profissional, no qual a criança ou o adolescente fiquem livres para explorar a oportunidade que a consulta proporciona para a comunicação.

Donald Winnicott denominou o **deseenho** de área transicional, recurso utilizado pela criança a meio caminho entre o subjetivo e o objetivo, vivência da desilusão, que é substituída pela realidade e representação de um espaço ambíguo entre um “dentro” e um “fora”.

Uma criança com 5 anos e 6 meses, abandonada pelo pai, pode revelar o seu estado emocional através do desenho (FIG. 7). Também a concepção de família e das pessoas, bem como os elementos que nela estão incluídos podem ser observados no desenho (FIG. 8).

Figura 7 – Criança de 5 anos e 6 meses, abandonada pelo pai, desenha a si mesma com a mãe



Fonte: Di Leo, 1985, p. 82.

Figura 8 – Criança com 11 anos e 3 meses desenha todos os componentes da família incluindo os animais de estimação: cachorro e tartaruga

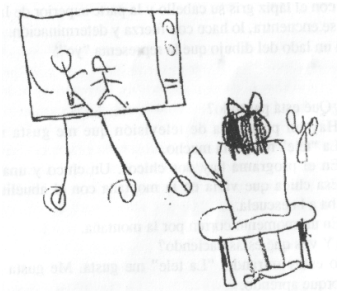


Fonte: Di Leo, 1985, p. 72.

Winnicott propõe que no atendimento clínico às crianças e adolescentes, embora ocorram oportunidades para comentários interpretativos na produção dos desenhos, estes podem ser mantidos em um mínimo ou, em verdade, deliberadamente excluídos. O psicanalista, na consulta terapêutica com uma criança (ou um adulto também), precisa ser capaz de utilizar lucrativamente o tempo limitado e ter técnicas já prontas, por mais flexíveis que possam ser. Em relação a qualquer técnica, inclusive o desenho, é importante que o terapeuta esteja preparado para usar, mas a base de todo o trabalho é o brincar. Presume-se que o terapeuta possa brincar e tenha prazer em brincar.

A rotina proporcionada a uma criança no decorrer do dia pode ser observada através do seu desenho, ilustrando o que prioriza e realiza predominantemente (FIG. 9).

Figura 9 – Menina se desenha assistindo a um programa de TV de que gosta muito



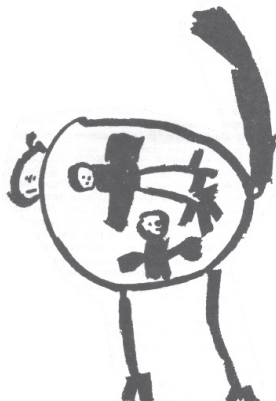
Fonte: Visca, 1995, p. 101.

O jogo do rabisco é uma atividade da qual duas pessoas quaisquer podem participar, mas geralmente, na vida social, o jogo rapidamente deixa de ter significado. A razão por que essa atividade pode ter valor para a consulta terapêutica é que o terapeuta utiliza os resultados de acordo com o seu conhecimento sobre o que a criança gostaria de comunicar. O que mantém a criança interessada é a maneira pela qual o material produzido é utilizado no ato de brincar ou jogar.

O desenho, como o jogo do rabisco, pode ser aprendido facilmente e tem a vantagem de facilitar muito a tomada de notas. Se um menino ou uma menina se comunicam pela fala ou pelo relato de sonhos, então a tomada de notas torna-se um problema. O desenho como o jogo do rabisco pode ser um jogo natural que duas pessoas quaisquer podem jogar. Não é um teste, e o psicanalista contribui com sua própria engenhosidade tanto quanto a criança o faz. A contribuição do terapeuta é abandonada por ser a criança e não o psicanalista quem está comunicando aflição.

A forma como a criança representa a sua realidade interna é bastante singular e está relacionada com os aspectos tanto cognitivos quanto afetivos. As crianças que vivenciam o período de intensa fantasia, aproximadamente entre os 3 e 6 anos, fazem os seus desenhos como imaginam e como percebem a realidade, como na FIG. 10.

Figura 10 – Fenômeno de transparência: o gato engoliu a velha e o papagaio

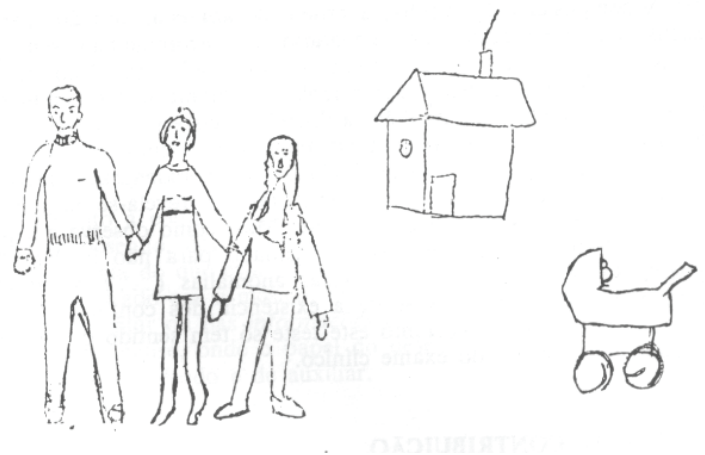


Fonte: Mèredieu, 2003, p. 21.

Um aspecto que nos chama a atenção no trabalho de Winnicott com as crianças é a disponibilidade para brincar e para ser flexível. O jogo, o desenho, a história falada e contada fazem parte de uma importante comunicação. O desenho é indissociado do amadurecimento da criança e do adolescente.

Um aspecto importante na utilização do desenho como recurso clínico é a verbalização que a criança emite sobre o seu desenho. Na FIG. 11, a criança inclui os irmãos na família, mas eles se encontram dentro de casa.

Figura 11 – Desenho da família, incluindo os irmãos dentro de casa e o bebê no carrinho

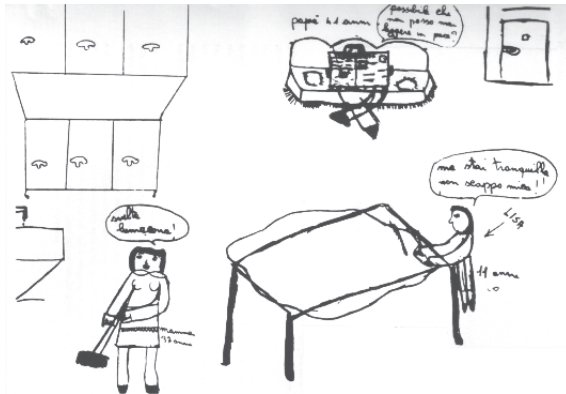


Fonte: Mèredieu, 2003, p. 71.

Somos povoados de medo e de angústia. A criança precisa consolidar a angústia e o seu esquema, que é de natureza cognitiva e afetiva, pois ela está elaborando através da representação simbólica o que lhe falta. O psicanalista precisa se identificar com o desenho e com a técnica para acompanhar o que a criança ou o adolescente expressam.

Os desenhos ilustram também a dinâmica familiar, como na FIG. 12. A criança com 11 anos se desenha junto com a mãe exercendo as atividades da casa, enquanto o pai lê o jornal. Esse desenho poderá responder a muitas angústias e desigualdades vivenciadas pela criança.

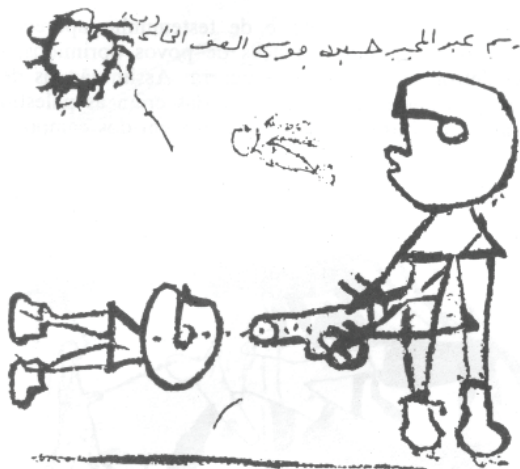
Figura 12 – Criança de 11 anos desenha ela e a mãe trabalhando enquanto o pai se queixa ao ler o jornal



Fonte: Di Leo, 1985, p. 74.

A criança escuta a história, rabisca o desenho e se diverte. As representações podem ocorrer através do desenho, do teatro e do jogo. O trabalho com o desenho não pode atropelar a narrativa. A criança joga com os personagens ou expressa o seu grafismo e tem autoria sobre o que produz. Como na FIG. 13, o menino com 12 anos reproduz através do desenho a violência experimentada no seu cotidiano, na sua cultura.

Figura 13 – Menino de 12 anos, palestino: “um soldado matando uma criança”



Fonte: Mèredieu, 2003, p. 114.

Ao se referir ao desenho como técnica no atendimento às crianças, Winnicott (1994, p. 232) nos diz:

Isso é tudo o que existe a título de técnica, e tem-se de enfatizar que sou totalmente flexível mesmo neste estágio muito inicial, de maneira que, se a criança quer desenhar, ou conversar, ou brincar com brinquedos, ou fazer música ou traquinagens, fico livre para adaptar-me aos desejos dela. Com frequência um menino querará jogar o que chama de “jogo de pontos”, isto é, algo que pode ser ganho ou perdido. Apesar disso, em uma alta proporção de casos de primeira entrevista, a criança aceita por tempo suficiente longo os meus desejos e o que gosto de jogar para que algum progresso seja alcançado. Cedo as recompensas começam a aparecer, de maneira que o jogo continua. Amiúde, no decorrer de uma hora, fizemos juntos 20 a 30 desenhos e, gradualmente, a significância destes desenhos conjuntos tornou-se cada vez mais profunda e é sentida pela criança como fazendo parte de uma comunicação de importância.

Nesse sentido, o desenho é uma atividade livre ou com alguma indicação de um tema. Além disso, pode ser considerado um jogo sem regras. Na clínica com crianças e adolescentes, o jogo do rabisco (Winnicott, 1994, p. 243) é importante pelo “uso que se faz do material que o jogo pode produzir, especialmente no trabalho de uma só sessão que é chamada de “consulta (diagnóstica) terapêutica”.

A descrição de um caso pode ilustrar o desenho produzido pela criança ou adolescente. Não existem dois casos iguais e um só exemplo. Portanto, cada desenho é produzido pelo paciente numa circunstância específica, portanto deve-se considerar o que é verbalizado também no momento de sua produção. O que se considera importante nesta técnica é que ela possibilita um diálogo e uma “aproximação com o paciente”.

Abstract

This paper presents part of the studies developed in the module “Children’s drawings in the psychoanalytic clinic with children and adolescents”, promoted by the CPRS Childhood and Adolescence Studies Center. Drawing is one of the resources used by professionals working in the field that meets the demand announced by those seeking to understand and alleviate the suffering of patients who are experiencing childhood and adolescence. The purpose of this study is to reflect on drawings as a way of getting in touch with the internal world of these patients and perceiving the impulsive, libidinal and aggressive movements that establish a link and a dialog with their conscious and unconscious contents. The proposed reflections are based on Donald Winnicott, Françoise Dolto and Antonino Ferro, complemented by the activities of researchers in this area of knowledge.

Keywords: *Drawing as a clinical resource, Psychoanalysis, Clinical practice with children and adolescents.*

Referências

ARIÉS, P. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

CHAMAT, L. S. J. *Técnicas de diagnóstico psicopedagógico*. São Paulo: Vetor, 2004.

DI LEO, J. H. *A interpretação do desenho infantil*. Tradução: Marlene Nives Strey. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERRO, A. *A técnica na psicanálise infantil: a criança e o analista da relação ao campo emocional*. Tradução: Mercia Justum. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FREUD, S. Análise de uma fobia de um menino de cinco anos (1909). In: _____. *Dois histórias clínicas: “O pequeno Hans” e “O homem dos ratos”* (1909). Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 15-133. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 10).

GREIG, P. *A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KLEIN, M. *A psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MÈREDIEU, F. *O desenho infantil*. Tradução: Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini. São Paulo: Cultrix, 2003.

PIAGET, J. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Tradução: Álvaro Cabral e Cristiano Monteiro Oiticica. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ROUSSEAU, J.-J. *Emílio ou Da educação*. São Paulo: UNESP, 2022.

TANIS, B. *O infantil na psicanálise: memória e temporalidades*. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2021.

VISCA, J. *Técnicas proyectivas psicopedagógicas*. 2. ed. Buenos Aires: AG Servicios Gráficos, 1995.

WINNICOTT, C. *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott*. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Recebido em: 28/05/2023

Aprovado em: 18/06/2023

Sobre as autoras

Noeli Reck Maggi

Psicanalista e sócia efetiva do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).
Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Psicóloga pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).
Doutora em educação pela UFRGS.
Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação, Cultura e Sociedade (CNPQ) no período de março de 2007 a dezembro de 2017.

E-mail: nrmaggi@gmail.com

Paola Giacomini Fachini

Psicanalista e Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e a International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).
Professora do curso de formação do Instituto de Estudos de Psicanálise do CPRS.
Presidente do CPRS (2007-2008; 2008-2009; 2020-2023).
Psicóloga. Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).
Especialista em psicologia clínica pelo CRP/07.
Especialização em Saúde Mental Coletiva pela Secretaria Municipal de Saúde (SMS Porto Alegre) e Universitat de Roviri I Virgili.

E-mail: paola.fachini@gmail.com

Considerações sobre a sensibilidade do cuidado poético-analítico: coisa versus humano em pandemia¹

*Considerations about the sensibility
of the poetic-analytical care:
thing versus human in pandemic*

Ricardo Azevedo Barreto

Resumo

Este artigo resgata o contexto do evento comemorativo dos 65 anos do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS) em 2021, durante a pandemia da covid-19, bem como os eixos centrais da apresentação do autor nesse evento e alguns outros elementos teóricos que têm acompanhado seu pensamento na atualidade. Entre outras dimensões, a humanização e a sensibilidade do cuidado poético-analítico são enfatizadas.

Palavras-chave: Cuidado, Humanização, Pandemia.

*Isso fala de psicanalistas e da psicanálise,
assim como de nosso mundo nem sempre poesia!...*

Ricardo Azevedo Barreto

Considerações iniciais

Em 26 de setembro de 2021, o Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS) e o Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) completaram 65 anos.

Nos dias 24 e 25 de setembro de 2021, foi realizada com muito esmero pelo CPRS uma jornada *on-line* comemorativa de seus 65 anos em plena pandemia da covid-19, cujo tema central foi *A psicanálise através dos tempos* e uma programação de conteúdos da atualidade.

O CPRS vem contribuindo há muito tempo com o campo da psicanálise brasileira. É filiado ao CBP e à IFPS (*International Federation of Psychoanalytic Societies*), tendo uma

bela história na transmissão da psicanálise e no desenvolvimento dos ofícios psicanalíticos.

O CBP inclui as filiadas Círculo Brasileiro de Psicanálise – Seção Rio de Janeiro (CBP-RJ), Círculo Psicanalítico da Bahia (CPB), Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), Círculo Psicanalítico do Pará (CPPA), Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS) e Círculo Psicanalítico de Sergipe (CPS).

A IFPS, à qual temos filiação institucional, abrange diferentes instituições psicanalíticas no mundo, diferenciando-se da IPA (Associação Psicanalítica Internacional) e dos grupos lacanianos.

1. Texto sobre a apresentação do autor no evento *on-line* comemorativo dos 65 anos do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), na jornada intitulada *A PSICANÁLISE ATRAVÉS DOS TEMPOS*, realizada em 24 e 25 set. 2021.

Junto com as amigas Eliana Mendes (CPMG) e Marli Piva (CPB), psicanalistas notáveis, participei como palestrante do painel *A ética na diversidade dos caminhos do ser psicanalista*, sob a coordenação de Magda Maria Colao (CPRS), que possibilitou com seu conhecimento uma interlocução ímpar à ocasião.

O painel foi muito especial. Eliana Mendes discorreu de forma fulgurante sobre *Os 125 anos de psicanálise*. Marli Piva, também de forma brilhante, desenvolveu sua temática *A ética da psicanálise e/ou a ética do psicanalista*. Minha apresentação *A sensibilidade do cuidado poético-analítico: coisa versus humano em pandemia* trilhou os caminhos da poética, da poesia, e assim falei da po...ética em psicanálise.

Após o lançamento de meu livro de poesia *O sol ruivo em pandemia* (Barreto, 2021a), que despertou em mim múltiplos significados afetivos e resgates simbólicos, minha fala no evento se desenvolveu com base no meu artigo *O cuidado poético-analítico em um mundo pandêmico coisificado* (Barreto, 2021b), publicado na revista *Estudos de Psicanálise*, número 55, em 2021. A capa desse número da revista estampa 65 e 26 de setembro de 1956 em alusão à história do CPRS e do CBP.

O presente artigo tem por objetivo trazer alguns eixos centrais de minha apresentação no evento comemorativo dos 65 anos do CPRS e do CBP em 2021, no contexto da pandemia da covid-19, ministrada após as publicações de meu artigo *O cuidado poético-analítico em um mundo pandêmico coisificado* (Barreto, 2021b), que embasou minha apresentação, e de meu livro de poesia *O sol ruivo em pandemia* (Barreto, 2021a) – isto é, quando, frente ao sofrimento da pandemia do novo coronavírus, a poesia era minha aliada, o que fala também de meu vínculo com a literatura poética e as artes desde a tenra infância. Este artigo tem ainda por finalidade contemplar alguns outros elementos teóricos que vêm acompanhando meu pensamento no momento e em algumas de minhas publicações psicanalíticas atuais.

Resgatando a minha participação no evento

Gostaria de cumprimentar os organizadores e os participantes deste belo evento. Agradeço ao Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS), por meio de sua admirada presidente Paola Fachini, e a todos os membros da criativa instituição gaúcha, onde encontro laços fraternos, pelo convite para falar aqui em seu aniversário, assim como na data comemorativa do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP), que também completa 65 anos!

Meus cumprimentos às amigas que comigo estão: Eliana Mendes e Marli Piva. Eu as admiro demais! Tantas representações que têm e ações no campo internacional da psicanálise, assim como no cenário brasileiro! Entendo, neste momento, que a psicanálise está se reinventando, e a situação deste evento é histórica!

Amplio meus gratos cumprimentos à coordenadora deste painel, a sensível psicanalista do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS): Magda Maria Colao. Como mencionei anteriormente, cumprimento a todos os amigos gaúchos.

Cumprimento a todos de nossa federada por meio de nosso presidente do CBP, tão dedicado à causa psicanalítica, Anchyses Jobim Lopes (CBP-RJ).

Gratidão especial ao Círculo Psicanalítico de Sergipe (CPS), instituição à qual pertencço e onde encontro laços afetivos, intelectuais e de admiração significativos. Cumprimento seus membros por meio da fundadora e presidente do CPS Déborah Pimentel.

Posteriormente aos cumprimentos e agradecimentos, expressei-me da seguinte forma:

Estamos em um momento histórico, único, entre outros aspectos, pela situação do planeta Terra pandêmico e *on-line* de fortalecimento de laços de pertencimento e transferência com nossa instituição, a psicanálise, e os círculos psicanalíticos de nossa federada CBP, o que o ofício psicanalítico tem de inovador diante do mundo contemporâneo esmigalhado.

Penso que nossa instituição é marcada pela pluralidade fundante, pelas humanidades que a constituem, pela psicanálise em interfaces com muitos saberes e não saberes, por sócios sensíveis que labutam em investimentos pulsionais diante dos desafios diários em busca da dignidade do viver.

Nossa instituição psicanalítica é um lugar simbólico, paterno, materno, fraterno, psíquico, social e democrático transformador com vetores potentes da psicanálise. E “falo” da psicanálise em várias dimensões: do Círculo Psicanalítico de Sergipe (CPS), através de minha amiga-irmã Déborah Pimentel; do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP), representado por Anchyses Jobim Lopes; do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul, representado por Paola Fachini. E podemos pensar na *International Federation of Psychoanalytic Societies* (IFPS).

Nossos laços de pertencimento estão sendo pensados aqui! O que significa a psicanálise no Brasil, no mundo e quais são seus efeitos analíticos. Como são os pertencimentos em um mundo tão coisificado e despatriado!

O “falo” circula. Somos falantes e castrados. Supostamente maduros, temos uma relação com o pai, Sigmund Freud, que não é de submissão, mas de filiação, pertencimento, respeito e autonomia de continuidade da história da psicanálise.

A função paterna não é efetiva quando a relação com o pai se constitui em servidão ou “ética servil”!

Fala-se muito de ética em psicanálise.

Já foram mencionados muitos aspectos. Não vou me repetir, apenas retomar alguns. A ética como ramo da filosofia, que ajuda a refletir sobre a ação humana, o modo de viver, e diferente da moral, da obediência a costumes socioculturais! A ética também pode ser pensada em suas ramificações. Temos a bioética. Em Freud, há uma polifonia sobre o que se relaciona com a ética. O discurso ético é polifônico. Não há algo linear. Podemos pensar no superego, no conflito neurótico, na relação entre o pulsional e a cultura,

a civilização [...]. Podemos levar em conta os textos sociais e técnicos de Freud [...].

Podemos, a partir do artigo de Di Matteo (2006) na revista *Estudos de Psicanálise*, pensar em moral e ética em psicanálise, passando por vários textos freudianos e o amor que Freud coloca [...]. E, com base em muitos autores, essa relação do sujeito com a cultura, essa ética do desejo tão falada, que não é o desejo do psicanalista. O desejo do psicanalista precisa silenciar para o analisando encontrar-se como sujeito desejante. Podemos passar por Lacan. Também a questão da falta [...].

Podemos levar em conta vários autores. Em Sergipe, Déborah Pimentel estuda a ética voltada para a saúde dos médicos [...] inclusive valores e princípios na relação dos profissionais com os pacientes. Podemos também pensar em vários outros aspectos neste discurso polifônico e polissêmico da ética.

Como o “falo” circula – e estamos “falando” de círculos de psicanálise – caminharei pela po...ética, pois, na poesia, existem muitas possibilidades de sobrevivência, potencialidades fecundas de reinvenção de sujeitos, das linguagens, da psicanálise e do mundo com as múltiplas reflexões éticas na diversidade dos caminhos do ser psicanalista.

Por isso, compreendo que a poética acolhe a ética no que existe de possibilidades de construção de um mundo melhor para si, para os outros, para a Terra. E a psicanálise se encontra nas marcações, nas pausas e nas rimas da poesia da ética da escuta.

A poesia não liga significante a significados de maneira fixa. Ela é “uma brincalhona”. Na brincadeira, “falo” muitas “coisas” sérias. E como é sério viver com ética em um mundo de coisas! Pois é!

Neste momento, fui, em minha palestra, a meu artigo *O cuidado poético-analítico em um mundo pandêmico coisificado* (Barreto, 2021b), do qual, por esta ocasião, enfatizarei algumas falas e eixos:

Há muito tenho visto o mundo contemporâneo como uma “pandemia” de coisas ou obje-

tos, sendo a humanização uma das perspectivas preciosas para o reencantamento do que tem sido coisificado ao longo dos tempos.

Não estou falando de coisa ou objeto nos sentidos habituais da psicanálise, mas como aquilo que não tem vida e é destituído de humanidade (Barreto, 2021b, p. 135).

Continuei a “falar” do que destaco aqui:

[...] o termo “pandemia” deslizará neste discurso do sentido comum de uma doença que se alastra no globo terrestre, em que há o caso pandêmico exemplar e tenebroso da atualidade – da covid-19 – para o significado plural daquilo que se espalha intensamente na Terra.

[...] meu trabalho psicanalítico tem sido crivado por minha análise psicossocial da coisificação das subjetividades, pois percebo um duelo na contemporaneidade:

“Pandemizar” as coisas ou o humano, o sensível? (Barreto, 2021b, p. 135).

Atualmente, e há algum tempo, quando falo de coisificação do humano e de ameaças à coisificação da psicanálise, tenho feito recortes e costuras com autores como Ritzer (1993), que aborda a a mcdonaldização da sociedade, e Bryman (2004), que apresenta a concepção de a disneyzação da sociedade.

Não levei essas contribuições à palestra, todavia me acompanham em algumas conferências e publicações minhas, nas interlocuções que faço, pois a racionalização do trabalho e do mundo nos atravessa de modo sistêmico. O que se faz nos *fast-foods* passa a fazer parte da vida social. Eficiência, cálculo, previsibilidade e controle, entre outros aspectos, nos tocam, como nos ensina Ritzer (1993) ao falar de a mcdonaldização da sociedade (Thorpe, 2016).

Fazer interface com essas ideias sociológicas para pensar sobre os ofícios da psicanálise e a clínica em sua singularidade me parece importante.

Enfatizo a singularidade do ofício psicanalítico em um mundo mcdonaldizado e disneyzado em meu artigo sobre o assunto (Barreto, 2022), publicado na revista *Estudos de Psicanálise* n.º 58. A disneyzação é vista por por Bryman (2004) como no âmago da sociedade de consumo de modo que os princípios dos parques temáticos da Disney alcançariam distintos âmbitos da sociedade.

Ressalto que a psicanálise promove, entre outras dimensões, o contato com o mal-estar de forma singular, a autenticidade, e não o espetacular, o sensacional (Barreto, 2022).

Alguns pontos centrais de meu artigo que embasou minha exposição no evento de 2021 serão resgatados aqui:

- Problematiza a pandemia ou da coisificação ou do humano.
- O humano se coisifica quando esquece sua história.
- A psicanálise em sua ética é pensada como um tensionamento para marcar sua posição periférica ou extraterritorial no mundo coisificado do século XXI.
- Acena para a importância da “pandemização” do paradigma da humanização para a psicanálise ganhar sustentação no futuro em sua pluralidade teórico-técnica nos mais diversos contextos e quanto a seu ofício poético, sensível e sagrado.
- A escuta balizada pela sensibilidade do cuidado poético-analítico é enfatizada.

Fiz ainda algumas teorizações, como núcleos e dinâmicas de coisificação em antagonismo a núcleos e dinâmicas de humanização, campo de “pandemização” (ou espalhamento) *versus* campo de “reclusão” e ressaltei a importância do trabalho com as feridas abertas ou não, assim como com o tecido cicatricial em análise.

Atualmente, observando essa trajetória, percebo marcas de minha história pessoal e profissional; experiências de vida antes, durante e depois da pandemia da covid-19 atravessando meu pensar psicanalítico, assim como o trabalho em vários campos: consultório, hospital geral e na docência universitária, entre outros exemplos.

O tempo passa! O CBP e o CPRS têm avançado na idade. No segundo semestre de 2023, teremos mais um congresso do CBP, e em Belo Horizonte, organizado pelo CPMG. Irei falar mais uma vez! Tenho, entre outros aspectos, percebido a importância da clínica psicanalítica ampliada para o futuro de nosso ofício singular como psicanalistas.

Também tenho me preocupado com a toxicidade dos relacionamentos humanos na contemporaneidade como gritos de socorro. O século XXI precisa ser considerado ainda com a Quarta Revolução Industrial, descrita por Schwab (2017), transformadora do modo de viver, estabelecer relacionamentos e trabalhar na confluência de tecnologias digitais, biológicas e físicas.

Nessas digressões entre passado, presente e futuro, a olhar a minha participação na jornada do CPRS em 2021, e para além, volto a “falar”, em contato com tantas mortes, perdas e lutos que assolam nossos tempos em 2023, retomando, em meus sentimentos e elaborações, o que fora pronunciado com ênfase na jornada, entre outras dimensões:

O caminho da abordagem psicanalítica adiante será de *po...eira* ou *ética*?

Que o mundo e a psicanálise não se transformem em pó com a destruição e a morte do humano e da vida!

A poética da psicanálise e de seu cuidado sensível com os sujeitos, as coletividades, o mundo e o universo permaneça hoje e seja lançada no amanhã! (Barreto, 2021b, p. 143).

Considerações finais

Não adentrarei outros pontos aqui de minha palestra no painel memorável de 2021 junto com Eliana Mendes (CPMG) e Marli Piva (CPB), baluartes do Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP), sob a coordenação da sensível Magda Maria Colao (CPRS), numa jornada de celebração da bela história do CPRS e do CBP. Indico aos que me acompanham que complementem a leitura deste artigo (Barreto, 2023) com a de *O cuidado*

poético-analítico em um mundo pandêmico coisificado (Barreto, 2021b).

Saliento, então, que, ao término de minha palestra de 2021, em um momento histórico da pandemia da covid-19, das tecnologias *on-line* em alta, dos 65 anos do CPRS e do CBP, bem como do florescer das sensibilidades humanas e “inconclusões”, fui às estrofes de minha poesia *Caminhos de sol* que se encontra em meu livro *O sol ruivo em pandemia* (Barreto, 2021a, p. 49):

Palavras
guilhotinadas
sem amor
e chaminé.

Insensatez
humana
sobredeterminada
escombros da sorte?

Confiança
depurada
ao ar
do desamparo...

Insubordinação
aos autoritarismos...
nos versos tortos do destino
a liberdade e muito mais...
em seus caminhos de sol
inacabados...

Ricardo Azevedo Barreto

Abstract

This paper recounts the context of the commemorative event of 65 years of the *Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul (CPRS)* in 2021 during the covid-19 pandemic, as well as the central axes of the author's presentation at this event and some other theoretical elements that have accompanied his thinking today. Among other dimensions, the humanization and the sensibility of the poetic-analytical care are emphasized.

Keywords: Care, Humanization, Pandemic.

Referências

BARRETO, R. A. A singularidade do ofício psicanalítico em um mundo “mcdonaldizado” e “disneyzado”. *Estudos de psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 58, p. 121-124, dez. 2022.

BARRETO, R. A. O cuidado poético-analítico em um mundo pandêmico coisificado. *Estudos de psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 55, p. 135-146, jul. 2021b.

BARRETO, R. A. *O sol ruivo em pandemia*. Aracaju: J. Andrade, 2021a.

BRYMAN, A. *The disneyization of society*. London: Sage, 2004.

DI MATTEO, V. Os discursos éticos de Freud. *Estudos de psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 29, p. 57-66, set. 2006.

RITZER, G. *The mcdonaldization of society*. Thousand Oaks: Pine Forge, 1993.

SCHWAB, K. *The fourth industrial revolution*. New York: Crown Business, 2017.

THORPE, C. et al. *O livro da sociologia*. São Paulo: Globo Livros, 2016.

Recebido em: 11/06/2023

Aprovado em: 18/07/2023

Sobre o autor

Ricardo Azevedo Barreto

Psicólogo graduado pela Universidade de São Paulo (USP).

Tem mestrado e doutorado em psicologia escolar e do desenvolvimento humano pela USP.

Tem especialização em psicologia hospitalar pelo CEPSIC da Divisão de Psicologia do Instituto Central do Hospital das Clínicas da FMUSP.

Teve experiência de treinamento no Butler Hospital (RI-USA).

Psicanalista do *Círculo Psicanalítico de Sergipe (CPS)*, filiado ao *Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP)* e à *International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS)*.

Tem experiência de ensino na área de psicanálise. Foi presidente do *Círculo Brasileiro de Psicanálise (2014-2017)*.

Foi coordenador do programa de humanização, assim como membro do conselho administrativo do hospital São Lucas em Aracaju-Sergipe por muitos anos.

Foi professor titular da Universidade Tiradentes (UNIT) por muitos anos, ensinando nos cursos de psicologia e medicina.

É um dos editores da revista *Estudos de Psicanálise do Círculo Brasileiro de Psicanálise*.

É um dos editores regionais para a América do Sul da revista *International Forum of Psychoanalysis*.

Escritor e poeta.

Tem experiência de desenvolvimento de trabalhos na área da humanização, articulando psicanálise, psicologia, artes e humanização.

E-mail: riazabarreto@gmail.com

A atemporalidade do inconsciente entre restos e crocodilos que ainda vivem

*The timelessness of the unconscious
among remains and crocodiles
that still live*

Scheherazade Paes de Abreu

Resumo

Este artigo propõe como recorte metapsicológico as metáforas arqueológicas sobre o aspecto atemporal do inconsciente. O problema sobre a irrepresentabilidade do elemento que sobrevive ao lado, que Freud analisou em *O mal-estar na cultura* e na *Carta 52*, de Freud a Fließ, e deu prosseguimento em *A análise finita e infinita*. O inconsciente é em absoluto atemporal, mas o que exatamente isso significa? Não existem os tempos no inconsciente, ou, até que ponto coexistem todos os instantes de tempo? Não por acaso, Freud insistiu em afirmar em muitos escritos, que algo se conserva – uma sobrevivência, mesmo que um trapo, uma cicatriz, um lampejo, um pedaço, um resto, uma ruína. Mas estará todo material sujeito a transformações e reescritas em épocas posteriores? Na experiência de uma análise, os crocodilos são os companheiros de viagem. Uma transformação é sempre incompleta: partes de uma organização anterior continua a existir ao lado da mais recente, e mecanismos antigos podem permanecer intocados pela análise. Sobrevivem os restos, o grão de Real que resiste.

Palavras-chave: Inconsciente, Atemporalidade, Real, Resto, Metapsicologia.

*O tempo, se é que podemos intuir
essa identidade, é um logro:
a indiferenciação e a inseparabilidade de um momento
de seu aparente ontem de outro de seu aparente hoje
bastam para desintegrá-lo.*
Jorge Luís Borges (1936/2010, p. 33-34)

Construir um conceito, uma narrativa ou uma metáfora sobre o que é o tempo, pressupõe perguntar o que é o tempo. Pois, o que está pressuposto não necessariamente está posto. Então, de maneira mais restrita, o que é o inconsciente atemporal [zeitlos] freudiano? Note-se: dizer que algo é atemporal é comum e cotidiano, o que é palavra, o que é

conceito? Observa-se que o tempo pode ser um logro, como na epígrafe de Borges.

Freud se apropria de palavras comuns em alemão e empresta-lhes um estatuto conceitual, por exemplo, ao dizer do infamiliar [*Das Unheimliche*], observa Iannini (2019, p. 7). Por outra forma, a atemporalidade recebe um conceito na psicanálise. As palavras de

Freud no primeiro esboço teórico do aparelho psíquico – *Carta 52*, de 6 dez. 1896 – podem servir de rede epistemológica para nossa escrita. Pois, é de “tempos em tempos” que o material inconsciente sofre uma reorganização, uma reescrita, pois a experiência de uma análise ocorre em um processo variável no tempo, como afirmou Freud (1937/2017, p. 375) “ao longo dos acontecimentos” na “continuidade da análise”. Estará todo material sujeito a transformações e reescritas em épocas posteriores?

Então, algo atemporal é o que se mostra fora do campo de ação do tempo. Além disso, poderia ser uma operação subjetiva, mas isso não faz desaparecer o problema sobre o que é a atemporalidade para a psicanálise. Freud, por intermédio de uma palavra qualquer, subverte concepções familiares sobre o tempo e, assim, dispõe o tempo do inconsciente noutro lugar diverso do senso comum. Convidamos o leitor a ter em suspensão, temporariamente, os efeitos de sentidos já concedidos à perspectiva atemporal. O que exatamente isso significa? Não existem os tempos no inconsciente ou até que ponto coexistem todos os instantes de tempos?

Com efeito, aqui está o trecho da *Carta 52*:

Você sabe que trabalho com a suposição de que nosso mecanismo psíquico tenha surgido de uma sobreposição de camadas, na qual, de tempos em tempos, o material presente na forma de traços mnêmicos [*Erinnerungsspuren*] sofre uma reorganização, uma reescrita, a partir de novas relações. Portanto, o que há de fundamentalmente novo em minha teoria e a afirmação de que a memória não está disposta em apenas uma, mas em várias camadas, que é a escrita com vários tipos de signos (Freud, 1896/2021, p. 35).

Um dos impasses que surgem é que, quando Freud afirma que o tempo do inconsciente como atemporal, pois nada se acha que corresponda à ideia de tempo, podemos compreender na leitura do seu texto que o

passado, o presente e o futuro estão proscritos dos processos temporais inconscientes. Entretanto, observou-se a presença dos tempos nas instâncias e nas operações de processos inconscientes. Inferimos sobre a possibilidade de uma coexistência dos tempos, na qual, ao demarcar o inconsciente como atemporal, Freud não abandona totalmente a possibilidade da existência de tempos. Para mais, destaca-se o problema da invariância, da imutabilidade, dos restos, dos resíduos e a permanência de materiais, e isso poderia diferir de eternidade.

Nesse sentido, é importante examinar as relações entre atemporalidade e a irrepresentabilidade da morte. Se a morte não pode ser representada no inconsciente, ou seja, para o inconsciente o que ocorre é a imortalidade, pergunta-se até que ponto este só pode ser atemporal.

Na parte II - *Nossa relação com a morte*, do artigo *Considerações atuais sobre a guerra e a morte*, Freud (1915/2020, p. 127) analisa como o inconsciente se conduz em relação ao problema da morte. Percebemos a morte apenas para aqueles que são estranhos e inimigos. Além disso, nos desejos inconscientes de morte, mata-se até por pequenas coisas. No inconsciente há sobrevivências de um desejo ávido por morte. Sobrevive o humano primevo, de fato, é como um sujeito no tempo pré-histórico que o inconsciente vai nortear os efeitos sobre a morte.

Por outro lado, verifica-se que Freud extrai o homem primevo de um tempo contínuo pré-histórico, e de uma norma cronológica, para restituí-lo a uma dimensão de insurgência. Cabe lembrar que o recurso ao aspecto atemporal do inconsciente é um “fato polêmico”, como escreve Paul-Laurent Assoun (1978, p. 159). Note-se em Freud (1933/2010, p. 154) a radical particularidade de que o Isso é uma província sem leis, sem razão, um caldeirão de excitações fervilhantes: as leis do pensamento e os processos de contradição não valem, não se conhece juízo de valor, nem o bem, nem o mal, nem a moral. No Isso, impulsos opostos podem

coexistir. Nada existe que se compare à negação.

Em nosso campo de pesquisas, os tempos não se reduzem a uma linha na qual o que opera é o que sucede, pois os tempos e os sujeitos são inadequados e desiguais em relação a si mesmos. Não temos a possibilidade de visitar exatamente os mesmos instantes de tempos do passado, nem temos notícias da chegada de um viajante do tempo proveniente do futuro. Lembremos da invenção do cientista H. G. Wells (1895/2019, p. 45), isto é, uma “máquina do tempo” cuja possibilidade é se movimentar entre o passado, o presente e o futuro, e sob esse aspecto, trata-se de uma certa operação que desintegra a própria concepção de que o tempo poderia ser absoluto. Talvez as hipóteses do inconsciente e da máquina do tempo de Wells sejam as únicas máquinas capazes de atemporalidade. Dito de outro modo, o material de outro tempo é um sinal de que há qualquer coisa em nós, que é colonizada, ou seja, estruturada no e pelo discurso do Outro.

Freud construiu uma hipótese fundamental e subversiva para a psicanálise, e é sobre o tempo em exceção – a atemporalidade que ocorre nos processos inconscientes. Por outro lado, essa é uma maneira de dizer que a representação abstrata de tempo se constrói no Eu (consciente) e de distinguir o tempo inconsciente por características negativas. De que maneira o inconsciente não conhece o tempo? Qual o tempo que o inconsciente não tem?

Segundo Christian Dunker (2023, p. 237) em *Pequeno glossário lacaniano*, do livro *O que é sexo?*, de Alenka Zupančič, o sujeito se distingue do eu e da consciência, como função de descentramento, divisão e negatividade; o sujeito é para Lacan, um efeito de fala e de discurso que ocorre no tempo. E para inserir certa complexidade, o analista deve operar de modo tão atemporal quanto o próprio inconsciente. Com efeito, Freud (1918/2022, p. 635) coloca diante dos analistas esse dever para a psicanálise.

No ponto de partida desta escrita encontra-se o problema da permanência do passado anímico. Trata-se de uma pergunta que se extrai do texto freudiano: “podemos supor sobrevivências do mais antigo ao lado do que lhe é posterior e dele surgiu por transformação?” Isso interessa, pois o analista se ocupa com material vivo, e o único lugar em que o tempo passado e o futuro podem viver, e se intrometer é o tempo presente. Em uma análise, o ancestral não está morto, não se trata de um passado morto, um passado que passou, mas um passado do qual efeitos sobrevivem no presente.

Nesse ponto, elaboram-se as perguntas: de que maneira a metáfora de uma topologia arqueológica das camadas em sobreposição e lado a lado sinalizam efeitos de atemporalidade no inconsciente? Que metáforas Freud utiliza para construir uma teoria dos tempos? O que é o inconsciente atemporal, e como este se distingue do tempo do recalcado e do esquema *a posteriori*? Inferimos que uma teoria dos tempos presentes em Freud, encontra-se em redes fragmentadas e conexões laterais, e parece construir-se em confluência com o conceito de inconsciente.

No capítulo V do ensaio *O inconsciente*, ao afirmar as características especiais, Freud (1915/2010, p. 93-94) dirá que os processos inconscientes são atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo. É nesse sentido que a atemporalidade significa para Assoun (1978, p. 158) que os processos inconscientes não estão submetidos à ordenação temporal, à sucessividade do antes e do depois, portanto são não diacrônicos. E Freud, ao afirmar que o tempo em nada os modifica, quer dizer que de certa forma são eternos, entretanto, por eternidade compreende-se não uma infinitude de tempo, tampouco oposição a temporalidade, mas uma dimensão que é fora do tempo, é inacessível a uma modificação temporal. Por isso, é que o inconsciente não está sujeito às ações do tempo.

Nesse sentido, a atemporalidade, para Assoun, significa imutabilidade. Por fim, no dizer que não se pode aplicar à noção de tempo, é dizer que os processos psíquicos inconscientes exigem uma categorização particular. Trata-se, portanto, do sentido radical de *Zeit-losigkeit*. A atemporalidade é, assim, um conceito de tempo para o sistema inconsciente. Nesse sentido, é importante lembrar esta passagem da *Conferência 31: A dissecação da personalidade psíquica*, em que Freud (1933, p. 154-155) traz a imutabilidade do passado através dos tempos:

Nada existe no Isso que possamos equiparar à negação, e também constatamos, surpresos, uma exceção à tese filosófica de que tempo e espaço são formas necessárias de nossos atos psíquicos. Nada se acha que corresponda à ideia de tempo, não há reconhecimento de um transcurso temporal e, o que é muito notável e aguarda consideração no pensamento filosófico, não há alteração do evento psíquico pelo transcurso do tempo. Desejos que nunca foram além do Isso, mas também impressões que pela repressão afundaram no Isso, são virtualmente imortais, comportam-se, após décadas, como se tivessem acabado de surgir. Podem ser reconhecidos como passado, desvalorizados e privados de seu investimento de energia somente quando se tornam conscientes mediante o trabalho analítico, e é nisso que se baseia, em medida nada pequena, o efeito terapêutico do tratamento analítico. Sempre tive a impressão de que tiramos pouco proveito, para a nossa teoria, desse indubitável fato da imutabilidade do recalcado através do tempo. Isso parece permitir um acesso aos mais profundos vislumbres. Infelizmente, tampouco fiz maiores progressos nesse ponto.

O que se verifica ao examinar a *Carta 52*, de Freud a Fließ (1896/2021, p. 35), é que nessa/na construção conceitual do sistema de escrita, que é o aparelho psíquico, Freud utilizou metáforas e palavras retiradas da arqueologia, por exemplo, a demonstração de que o aparelho psíquico surgiu de uma “so-

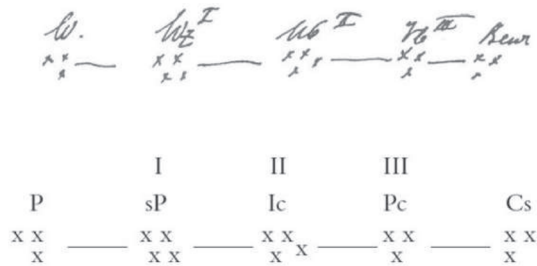
breposição de camadas”, de modo que a memória não se dispõe em apenas uma, mas em várias camadas sobrepostas de escritas. Na arqueologia, a estratigrafia é um método que estuda as camadas, estratos que aparecem sobrepostos no corte geológico temporal. São sobreposições que, de tempos em tempos, se reorganizam, sofrem uma reescrita, estão, assim, submetidas às subjetividades de cada época, ao anacronismo, às sobrevivências e às discontinuidades que ocorrem. E isso as relaciona com o fator tempo.

Para o pensamento freudiano, a questão era formular fundamentos sobre a memória e verificar hipóteses tópicas sobre o aparelho psíquico, assim como, nessa *Carta* ocorreu uma reflexão clínica e nosográfica ao identificar as estruturas clínicas freudianas: histeria, neurose obsessiva, paranoia e perversão. Por um lado, tratava-se de assegurar um aparelho de escrita, em que, no primeiro sistema, a superfície estaria sempre lisa, disponível e receptiva após receber o estímulo sem, contudo, escrever vestígios. Por outro lado, um outro sistema com possibilidades de escrever o que foi apagado no sistema perceptivo. Portanto, a novidade na teoria era demonstrar que a memória estava disposta em camadas, mas tal como um sistema de escrita. Então, Freud formulou um diagrama, uma espécie de esquema em que diferentes modos de escrita [*Niederschriften*] se apresentam separados conforme os respectivos neurônios portadores [*Neuronträgern*]. Em *Notas do editor*, os termos escolhidos por Freud contribuíram para afirmar o aparelho como sistema de escrita, literal, pois são processos da ordem de uma escrita. Vejamos, por exemplo, [*Eindruck*] que são efeitos ou a impressão do mundo exterior assim disposto em uma escrita [*Niederschriften*] e posterior reescrita [*Umschrift*] do signo [*Zeichen*], que se modifica em traço de memória [*Erinnerungsspur*].

Nessa rede conceitual, Freud procurou mostrar que o inconsciente, esse sistema de memória, tem como suporte a dimensão do escrito. Com efeito, vamos partilhar o dia-

grama¹ pensado por Freud (1896/2021, p. 36). A propósito, P: neurônios nos quais se originam as percepções ligadas a consciência, porém não retém vestígios do que aconteceu. sP: signos de percepção trata-se do primeiro modo de escrita das percepções, incapaz de consciência e se organiza por simultaneidade. Ic: inconsciência [*Unbewusstsein*], mas neste ponto ainda não é o inconsciente [*Das Unberwusste*], trata-se do segundo modo de escrita a partir de outras relações. E, Pc: pré-consciência, terceiro modo de escrita, ligado à representação da palavra [*Wortvortellungen*], corresponde ao Eu. Investimentos [*Besetzungen*] provenientes do Pc se fazem conscientes por regras determinadas, e essa consciência secundária do pensamento é algo da ordem da posterioridade [*nachträgliches*]. Outro aspecto, é que nesse trecho se observa que Freud introduziu novamente a questão do tempo e, em específico, o *a posteriori* [*nachträgliches*].

O diagrama foi assim estabelecido por Freud:



Fonte: Freud, 1896/2021, p. 36.

Freud (1896/2021, p. 37) demonstrou ainda na *Carta 112 [52]* que o trabalho psíquico é representado por formas de escritas em sobreposições, e sequências de épocas diferentes da vida. A tradução ou transposição [*Übersetzung*] do material psíquico acontece nas fronteiras entre duas épocas. Para Freud, as subjetividades que se constatarem nas neu-

roses se devem ao fato e às consequências de que a tradução não ocorreu para determinado material, pois a escrita sobreposta [*Überschrift*] posterior inibe a escrita anterior e desvia o processo excitatório. No entanto, se falta a escrita sobreposta posterior, a excitação segue os caminhos e as soluções vigentes no tempo anterior. Essa falha na tradução é o recalque, que acontece devido a uma liberação de desprazer consequente da tradução. Por efeito, no que falha a escrita sobreposta posterior, persiste o anacronismo, ou seja, em determinada província ainda vigoram os *fueros*² (uma região e seus direitos), “sobrevivências acontecem”. Em outras palavras, o anacronismo é uma errância cronológica, intempestividade, que consiste em atribuir a uma época, ou a alguém, ou a uma província, ou a um acontecimento, efeitos que são de um outro tempo. De forma que, em algumas províncias ocorrem sobrevivências, pois estão em vigor os *fueros*, assegurou Freud. As sobrevivências, esse desvio que Freud assegurou, são apenas “lampejos” (Huberman (2011, p. 84) porque a destruição não é um absoluto, mesmo se fosse contínua. Não por acaso, Freud insistiu em afirmar em muitos escritos que algo se conserva – uma sobrevivência, mesmo que um trapo, um vestígio, um lampejo, um pedaço, um resto, uma ruína. Sobrevivências e é exatamente o resto, o que dispensa a salvação.

Onde quer que falte a escrita sobreposta posterior, a excitação é resolvida de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico anterior e segue pelos caminhos disponíveis naquela ocasião. Dessa maneira, subsiste um anacronismo: numa determinada província ainda vigoram os *fueros*, “sobrevivências” acontecem (Freud, 1896/2021, p. 37).

O que faz com que o contemporâneo não seja todo, nem o único tempo? A psicanálise

1. Nota do editor: As siglas designam P: percepções; sP: signos de percepção; Ic: inconsciência; Pc: pré-consciência; Cs: consciência. No original alemão, correspondem a W: *Wahrnehmungen*; Wz: *Wahrnehmungszeichen*; Ub: *Unbewusstsein*; Vb: *Vorbewusstsein*; Bew: *Bewusstsein* (N.E., p. 57).

2. A palavra “*fueros*”, de maneira geral, designa o conjunto de direitos locais espanhóis na Idade Média e passa a significar o direito especial de alguma região (N.E. p. 57).

não está aprisionada a um tempo de nascimento. O que faz com que a época de Freud possa coexistir com o tempo atual [com a contemporaneidade]? E se “o contemporâneo não é todo o tempo” em absoluto, até que ponto uma obra escrita no século XX, como um texto da obra de Freud, poderá ser um expoente do século XXI, isto é, operar de modo atemporal, tal como o inconsciente e o analista? Freud é tão inevitável agora quanto em outro tempo? O que faz uma época estar fora de adesão ao seu tempo e, assim, explodir em outro tempo ou outro mundo de modo que o antigo e o novo possam se interpenetrar? Não é porque está pressuposto um tempo sempre outro, que não se faz urgente situar que o tempo não é tão só um tempo que sucede ou prevalece – tal como percebido no Eu, mas muito mais pode ser descontinuidade e anacronismo. Que dificuldades e impasses teóricos se apresentam ao pensamento e à formalização, ao passo que a atemporalidade é um aspecto do inconsciente?

Observa-se esse ponto para sinalizar que, quando pensamos o tempo, esse pensamento se elabora no Eu. Mas não somente, pois se sabe estar advertido do determinismo psíquico. Foi a partir do determinismo psíquico que Freud (1901/2023, p. 331) demonstrou que efeitos inconscientes devem prevalecer sobre motivações conscientes. Nossas escolhas são, assim, inconscientemente determinadas, e não se trata de um mal funcionamento cerebral. Freud também nos adverte que, para a psicanálise, nada é arbitrário, pequeno ou casual. O psicanalista se distingue pela convicção de que os sujeitos são desse modo determinados. Mas isso não elimina a questão colocada. Pode-se inferir que os materiais serão identificados como “passado” em uma experiência de análise, pois o modo de tempo é atualizado no processo de análise, na presença de analista. Foi também a partir dos esquecimentos que Freud (1901/2023, p. 369-370, nota 110), afirmou que o aspecto atemporal é o mais importante e “assombroso” aspecto da experiência psíquica. O inconsciente é em absoluto atemporal, pois

cada estado anterior poderia ser recuperado, mesmo que seus elementos tenham trocado, há muito tempo, todos os vínculos originários por outros novos.

O ensaio *O mal-estar na cultura*, de 1930, foi escrito num momento de conceitos já fundamentados. Não foi por acaso que Freud propôs como metáfora de sobrevivências do material psíquico, a Cidade Eterna de Roma. Podemos inferir as fronteiras porosas entre o aparelho psíquico, o mundo [a cultura] exterior/interior na metáfora da cidade. Trata-se também de uma nova forma de escrever a clínica. A clínica nunca esteve desenraizada, a economia psíquica não é sem relação com a cultura e estruturas normativas da sociedade. Questões de cultura não são tratadas por Freud sem uma contrapartida clínica, mas de modo algum isso significa a supremacia do clínico. A hipótese metapsicológica de que o mecanismo psíquico advém da sobreposição de camadas, proposta feita por Freud na *Carta 52* (1896/2021, p. 35) manifestará complexidades e expressão mais elaborada nas metáforas arqueológicas de *O mal-estar na cultura*. Ocorre, para Freud, que o esquecimento não é a destruição ou apagamento de traços, mas o contrário. Iniciaremos pela pergunta de Freud: até que ponto temos o direito de supor a sobrevivência daquilo que é originário ao lado do que é posterior e que dele se originou?

Freud recorreu ao desenvolvimento e transformações na cidade de Roma. Apresentou Roma como uma metáfora arqueológica do aparelho psíquico. A cidade foi reconstruída muitas vezes por cima das mesmas fundações e, em vez de morada humana, seria um ser psíquico. Nota-se que a metáfora incidirá sobre uma perspectiva temporal, na qual nada do que tenha uma vez acontecido – o tempo passado, pereceu, e a última fase de desenvolvimento ainda reflete fases anteriores desse tempo. O que se pode encontrar do passado na Roma atual? Apenas restos, rastros, vestígios e fantasmas? Das construções que não mais existem e que, algum dia, ocuparam esses antigos contornos, não se

encontrará nada, ou apenas restos escassos. “O que agora ocupa esses lugares são ruínas, mas não são ruínas deles próprios, e sim de suas renovações de épocas posteriores, após incêndios e destruições” (Freud, 1930/2020, p. 312). Nesse sentido, parte do material antigo ainda está enterrado no solo da cidade, e é, de fato, um tipo de presença do passado. Lembremos que a ruína é consubstancial aos sujeitos como seres falantes, o quer dizer que tem a mesma substância. É um objeto falante, o objeto que fala, como pronunciou Freud em 1896, em conferência sobre a causa da histeria “as pedras falam” (*saxa loquuntur!*). A Freud as pedras se permitiam falar. Ou seja, as ruínas revelam sozinhas seu próprio sentido. Dizer que há ruínas falantes, significa dizer que há linguagem. E, de modo recíproco, dizer que há linguagem é anunciar a ruína nas palavras de Wajcman (2016, p. 58).

Diante do cenário de destruição em Roma, o que se pode encontrar do primitivo são ruínas de sua renovação de tempos posteriores, isto é, são as sobrevivências, são as permanências. Para Freud, no aparelho psíquico, preserva-se o que é primitivo ao lado do que dele surgiu por transformação, ou seja, é diferente de uma operação de justaposição ou sobreposição de camadas, que ocorre na perspectiva da cidade e Roma e na *Carta 52*. Os crocodilos ainda vivem entre nós. Freud nos apresentou um problema: o “irrepresentável” e o “absurdo” no inconsciente. Note-se que as cidades, Roma ou Londres, são “inapropriadas” – para comparar com passado anímico. “Inapropriada” é a palavra utilizada no texto freudiano, de forma discreta, por isso se faz necessária uma leitura em detalhes para não sucumbir à metáfora como puro ornamento. A disjunção que se observa é a dificuldade topológica de expor um tempo contínuo (linear, sucessão) de maneira espacial, pois o mesmo espaço não suporta duas formas de preenchimento. E, com efeito, as dificuldades de representar processos inconscientes residuais que permanecem de forma atemporal. Se o real é o impasse da formalização impossível de se inscrever,

trata-se mesmo de escrever a discordância, e formalizar os impasses no ponto em que a literalização³ do real é o principal dispositivo de formalização científica da psicanálise.

É por efeito de que protozoários não são imortais que o leitor pode ler a perplexidade de imutabilidade da morte. Quando se procura lembrar de algo que aconteceu, aquilo que se ouviu de outros, se confunde com experiências próprias. Para todas as vidas /existe a morte, e para os sobreviventes uma morte não representada dentro de si. O mais elevado grau do infamiliar [*unheimlich*] pode estar associado à morte, ao retorno dos mortos, espíritos e fantasmas, e aos cadáveres, demonstrou Freud (1919/2019, p. 87-89), na medida em que pensamentos persistem em não representar a morte. Goethe, dado como nascido “morto”, a ele somente com muitos cuidados foi possível sobreviver, e embora tenha vindo ao mundo para morrer, permaneceu vivo. Mas onde há a vida, há também a morte, essa é uma maneira de lembrar a tese de Freud (1920/2020, p. 137) em *Além do princípio de prazer*, na qual o conflito teórico opera frente ao problema da morte, para Freud a meta de toda vida é a morte, o inanimado esteve aqui antes do vivo. Com efeito, vejamos em Freud (1917/2021, p. 259) o fragmento clínico exposto no primeiro parágrafo de Uma lembrança de infância em poesia e verdade: “[...] por imperícia da parteira, vim ao mundo como morto e foram precisos grandes esforços para me trazer à vida”.

Tomaremos um breve fragmento de caso clínico, Júlia é também feita de fantasmas, e de mortes não representadas dentro de si. Então, na sessão clínica diz o seguinte: lembro-me do pequeno filhote de galinha, aqueles felpudos pintinhos amarelos, e ainda com poucos dias de vida, podem antecipar a nossa própria morte, pois sabemos que os

3. Para Badiou (2017, p. 20) o irrepresentável nos processos inconscientes, o Real, é exatamente o que frustra a representação. O Real se manifesta na ruína de um semblante, e diante do impasse à formalização do conceito, trata-se mesmo de escrever a discordância.

outros morrem. Então, não sei por que resolvi enterrar a pequena ave recém-nascida. Cavei um buraco no quintal da casa, não tão profundo, coloquei o animal morto. Apenas duas camadas de terra sobrepostas. Marquei o lugar. O buraco foi raso o suficiente para que em pouco tempo, fosse possível escavar e verificar as ocorrências. A terra já se misturava ao corpo, tal como um quiasmo. Ao levantar o pedaço de pano, que embrulhava o que restou de corpo, vermes se mexiam, e estavam vivos, um horror para os sobreviventes. O infamiliar é exatamente o que recobre “sob uma fina cobertura” a relação que cada sujeito vivo tem, com a angústia de morte, demonstrou Freud (1919/2019, p. 87-89).

Terminamos, sem a esses fragmentos clínicos acrescentar substâncias. Mas uma análise também exige não outorgar muito sentido. Por fim desta escrita, uma análise pode movimentar e produzir restos de materiais irrepresentáveis, crocodilos que existem de forma viscosa. O problema que Freud (1930/2010) analisou em *O mal-estar na cultura* sobre a irrepresentabilidade do elemento que sobrevive ao lado e deu prosseguimento em *A análise finita e infinita*. Nesse texto, Freud (1937/2017, p. 331) estava preocupado com a questão da duração do tratamento e dos fenômenos residuais. Para ele, uma transformação nunca ocorre de forma completa, ou seja, partes de uma organização anterior continuam a existir ao lado da mais recente, e mecanismos antigos podem permanecer intocados pela análise, de modo que sobrevivem os restos. Na experiência de uma análise, os crocodilos são os companheiros de viagem. Faltam as palavras, dirão apontando assim o sintoma do Real, mas convém acrescentar que algo também se diz sempre a mais, que não era pedido, escreve Jean-Claude Milner (2006, p. 24-25). Um real é, pois, o grão que resiste a qualquer jogo que pudesse afetá-lo, aparece sob as espécies enganosas da permanência e da impenetrabilidade, poderá se inscrever como cicatriz do que permanece e resiste. De fato, para Freud (1930/2020, p. 311), “os crocodilos ainda vivem entre nós”.

Abstract

This paper proposes, as mearchaeological approach, archeological metaphors about the timeless aspect of the unconscious. The problem that Freud analyzed in “Civilization and Its Discontents” and in “Letter 52 from Freud to Fließ” about the unrepresentability of the element that survived alongside, Freud demonstrated elucidation in “The Finite and Infinite Analysis”. The unconscious is absolutely timeless, but what exactly does that mean? Do times not exist in the unconscious, or to what extent do all instants of time coexist? Not by chance, Freud insisted on stating, in many writings, that something is preserved – a survival, even if it is a rag, a scar, a flash, a piece, a remainder, a ruin. But, will all material be subject to transformations and rewritings in later times? In the experience of an analysis, the crocodiles are our traveling companions. A transformation is always incomplete, parts of an earlier organization continue to exist alongside the more recent one, and old mechanisms may remain untouched by analysis. The remains survive, the grain of reality that resists.

Keywords: *Unconscious, Timeless, Real, Rest, Metapsychology.*

Referências

ASSOUN, P.-L. *Freud: a filosofia e os filósofos* (1978). Tradução: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

BADIOU, A. *Em busca do real perdido*. Tradução: Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BORGES, J. L. *História da eternidade* (1936). Tradução: Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DIDI-HUBERMAN, G. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

Dunker, C. Pequeno glossário lacanian. In: ZUPANČIČ, A. *O que é sexo?* Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

FREUD, S. Carta 112 [52], de 6 de dezembro de 1896. In: _____. *Neurose, psicose e perversão* (1925). Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 36-45. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 5).

FREUD, S. Conferência 31: A dissecação da personalidade psíquica (1933). In: _____. *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte (1915). In: _____. *Cultura, sociedade e religião: O mal-estar na cultura e outros textos*. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 99-135. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

FREUD, S. O inconsciente (1915). In: _____. *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos* (1914-1916). Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 12).

FREUD, S. *Psicopatologia da vida cotidiana* (1904). Tradução: Elizabeth Brose. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2023. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

IANINNI, G. *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MILNER, J.-C. *Os nomes indistintos*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

WAJCMAN, G. A arte, a psicanálise, o século. In: _____. *Lacan. O escrito, a imagem*. Tradução: Yolanda Vilela. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

WELLS, H. G. *A máquina do tempo: uma invenção* (1895). Tradução: Adriano Scandolara. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

Recebido em: 27/06/2023

Aprovado em: 28/07/2023

Sobre a autora

Scheherazade Paes de Abreu

Psicanalista.

Mestranda em Estudos Psicanalíticos pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Membro do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS).

E-mail: scheherazade_abreu@yahoo.com.br

*Presos na rede: efeitos do virtual na subjetividade contemporânea dos adolescentes*¹

Trapped in the net: effects of the virtual on the contemporary subjectivity of adolescents

Vanessa Campos Santoro

Resumo

A autora problematiza os efeitos danosos das redes sociais na constituição do sujeito adolescente. A psicanálise pretende soltar o adolescente desse imaginário funesto, acedendo ao simbólico e ao desejo.

Palavras-chave: Redes sociais, Estádio do espelho, Discurso do capitalista, Ética da psicanálise.

Muito se tem falado sobre os efeitos do mundo virtual na subjetividade de nosso tempo. Aqui, nesta plenária que trata de bebês e crianças, vamos abordar os jovens internautas, presas fáceis das redes sociais.

Redes sociais são espaços de subjetividade em que os usuários se socializam e se reinventam, criando uma imagem, como querem ser vistos, sem nenhuma restrição à veracidade do conteúdo. As redes sociais oferecem fontes de objetos de desejo múltiplos e variados, como o desejo de se conectar com os semelhantes ou deles se desconectar.

As conexões das redes sociais, esse coletivo ilimitado, geram relações narcisistas, líquidas e escapistas. Propiciam a proliferação do imaginário e o deslizamento metonímico do objeto.

Nas redes os jovens podem viver vidas sucessivas sem nenhum compromisso, haja vista a possibilidade de ter várias fotos e vários perfis, onde a pessoa apresenta a melhor imagem, buscando na visibilidade o desejo

de ser diferente. Trata-se de um eu idealizado mas fragmentado.

O exibicionismo virtual é um sintoma da vida moderna?

O que o sujeito busca com a revelação de sua intimidade?

Nos dias atuais, o sujeito só existe se estiver na rede. Ali ele se sente visto e conectado a uma tribo social. Adquire nova identidade com seu perfil divulgado e daí é reconhecido pelo número de curtidas ou *likes*.

Quem de nós não escreveu um diário escondido dos pais a sete chaves e mostrado para poucos amigos? Na atualidade, vemos que se rompem os limites entre o público e o privado. Os diários virtuais favorecem o espetáculo de cada usuário. *Facebook, Instagram, Youtube, WhatsApp, blogs e fotoblogs*, entre outros. Assim, o privado descamba para o confidencialismo: o público se revela na exposição da própria vida (exibicionismo) ou em ver a vida do outro (voyeurismo).

A privacidade vai perdendo o valor. O gozo é se mostrar e despertar a inveja dos

1. Trabalho apresentado no XXIII CONGRESSO DO CÍRCULO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE E III JORNADA DO CÍRCULO PSICANALÍTICO DO PARÁ, de 7 a 11 nov. 2019, em Belém (PA).

outros, numa presentificação extrema, como nos *friendling*. Busca-se a aprovação do outro através das postagens. Então, o “penso, logo sou” passa a ser “posto, logo sou”.

A propaganda veicula *fake news* e falsos *selfs*, tudo em nome do consumismo que favorece a ilusão de estar tudo disponível *on-line*. Não há perdas.

A desagregação do Facebook é o oposto da livre associação. O próprio desejo é suprimido em favor de uma vontade que se impõe de fora e que é vendida como se fosse do próprio sujeito. Assim acontece nos *cyber-bulling* e *trolling*, onde o pensamento crítico é eliminado mediante a rapidez da imagem (*flashes*), o anonimato e a falta de legislação específica, produzindo a desinibição da agressividade.

Fala-se da adicção sem droga, *cyberadicção*, com a perda da noção de tempo, repetições compulsivas e uma relação com a internet como suporte para comportamentos adictivos.

O *WhatsApp*, muito usado para mensagens, divulgação de pensamentos, tem seu valor como meio de comunicação. Nas redes, os parentes se frustram menos e satisfazem mais o ideal desejado, fazendo da distância um contraponto de presença/ausência. As redes dividem famílias e destroem e constroem amizades.

É inegável o uso de internet como auxiliar no estudo, no trabalho e na comunicação. A internet oferece meios de aplacar o mal-estar inerente ao ser humano, com seu cardápio variado de serviços. O problema é o exagero das soluções imaginárias, o que cria outros tipos de mal-estar. Deve-se avaliar se há prejuízo funcional na vida diária e detectar quais motivos levam as pessoas a usar a internet e o modo como usam.

Transtornos de humor, como irritabilidade, ansiedade, depressão, transtornos obsessivos-compulsivos, distúrbios de sono e distúrbios alimentares ocorrem como efeito do mundo virtual sobre a subjetividade do jovem.

O homem atual se volta para o virtual e evita as pessoas. Estamos no tempo do sujeito sem subjetividade, que cultua sua imagem, interferindo na vida privada dos outros, supondo-se narcisicamente onipotente e inatingível pelo sofrimento, já que arranjou uma defesa para tamponá-la rápida e eficientemente.

A promessa veiculada pelo discurso do capitalismo é preencher o jovem de tudo, garantindo-lhe a satisfação imediata, que torna o desejo inconsistente e o objeto mais indeterminado. Falta a falta e sobram falsas faltas.

Lacan (1949/1998) contribui para a psicanálise, quando teoriza sobre o estágio do espelho. Entre 8 e 12 meses, o bebê é capaz de se reconhecer no espelho, com uma expressão de júbilo e diante do olhar do adulto que, olhando, valida a imagem antecipada refletida ali. Algumas criancinhas olham atrás do espelho, buscando aquele outro que é ela mesma. É a primeira imagem que se tem de si. Lacan, nesse artigo, cita Konrad Lorenz e sua etologia animal. A imagem da pomba refletida no espelho a faz ovular como se estivesse diante de um semelhante da sua espécie.

O imaginário é a sede do narcisismo e do comportamento automático, mas precisamos dele para nos constituir como sujeitos. A virtualidade é do campo do Eu, que é sempre, uma construção ilusória. A ética da psicanálise é bem diferente. Procuramos ressignificar a história e a memória de cada sujeito.

No *Projeto para uma psicologia científica*, Freud (1950 [1895]/1996). diz que se pode obter satisfação com o objeto alucinado. Mas o ser humano tem que aprender desde cedo a fazer a distinção entre objeto alucinado e o objeto lembrado. Disso depende não só a sobrevivência física, mas a própria constituição do eu. Se o objeto real estiver sempre dando satisfação, há alucinação, não há falta, não há desejo.

Segundo Gerez-Ambertín (2017, p. 13), “o individualismo e a coletivização são modos de gozo que impõem a decadência do

desejo, a fragilização do sujeito do inconsciente e de sua eventual dessubjetivação”.

Isso acontece em decorrência do imperativo de gozo, que aniquila a malha simbólica na subjetividade tecida pela linguagem. Aniquila-se os discursos e há proeminência da imagem (olhar) e do real da pulsão.

Sua majestade, o mercado, pretende reinstalar o campo perdido das pulsões, fazendo a castração simbólica perder seu efeito, levando ao declínio da função paterna e oferecendo seus *gadgets*. O sujeito fica esmagado pelo olhar e pelo objeto voz. É o próprio sujeito quem fica ávido por olhos, para ser olhado. A autora aponta como consequência a perda do pudor e a degradação do saber articulado ao desejo inconsciente.

Quem faz hoje a função do Nome-do-Pai é a identificação ao discurso técnico-científico.

Dufour (2005, p. 149) afirma que

[...] o sujeito pós-moderno se representa como não engendrado, no sentido de que ele se vê na posição de não dever mais nada à geração precedente. Muito pelo contrário, até tudo se passa como se tudo lhe fosse devido.

Uma frase comum falada pelos jovens, principalmente quando lembramos a eles deveres para com os mais velhos é a famosa “eu não pedi para nascer”.

A passagem adolescente torna-se paradigma de nosso sistema social, porque tanto quanto a adolescência, a própria cultura vive seu tempo de passagem. É o interregno tempo em que o velho está morrendo e o novo ainda não pode nascer.

Lacan (1962-1963/2005) a partir do *Seminário 10: A angústia* chega ao objeto *a* como aquilo que causa o sujeito.

Mas é preciso situar o objeto *a* no campo do Outro por meio da nomeação da marca que vai do objeto *a* a sua passagem para a história (365-356) que conjuga tempo e constituições do sujeito. Assim, nominar-se é estabelecer a direção de seu desejo (Vorcaro, 2018, p. 73).

Ou seja, a maneira como a linguagem marca o corpo do *infans* através do traço unário faz parte da constituição daquele sujeito. Ele carrega na sua história a memória dessa relação com o Outro.

No caso do atendimento de adolescentes e como analistas, temos que despertar o sujeito para suas próprias marcas. Então, nesse momento de passagem, o jovem se depara inicialmente com o “despertar da primavera”, o sexual, e a possibilidade de vivê-lo em ato. É o corpo na urgência pulsional e convocado pela imagem.

O sexual é polimorfo, múltiplo, infantil e perverso. É o recalcado, por excelência. É o próprio inconsciente que se manifesta nas fantasias, nos devaneios, nos atos falhos, nos sintomas. Quando somos surpreendidos pelo estranho dentro de nós, temos que lidar com o retorno do recalcado e seus temas superegoicos de culpa e castigo.

É importante marcar o papel da fantasia e do devaneio. Brincar de ser outra pessoa, insatisfação com a própria imagem e a própria vida (família, contexto socioeconômico), desconhecimento de si e de seus próprios recursos “O do outro é melhor”. Esses são temas recorrentes na análise de jovens, descambando nas dúvidas quanto à posição sexual e à escolha profissional. Mas aí temos um analista que é procurado e que escuta, ao invés da imersão patológica e alienante no mundo virtual.

Temos na adolescência uma vacilação da estrutura formada na infância e que só vai ser validada com a possibilidade de viver o sexual em ato. A relação virtual com seu binarismo e a relação imaginária dificultam a inclusão do terceiro, garantia de um simbólico que sustenta a estrutura.

Sabemos que a estrutura e a contingência determinam o modo de responder ao discurso do capitalismo que usa perversamente dos meios virtuais para abolir a alteridade. O discurso do capitalismo vinculado ao mundo virtual tampona a falta e transforma os jovens em consumidores vorazes que não

suportam frustração e buscam fazer um com o semelhante.

Daí a impossibilidade de admirar o outro em sua diferença, por não conseguir descender de si mesmo.

Pensando moebianamente (Lacan, banda de Moebius), há continuidade entre os campos do subjetivo e do social. É na interação com o outro e atravessado pela linguagem que o sujeito irá se formar como efeito de discurso, isto é, como constituinte do meio em que vive.

Quando o pré-púbere se vê desguarnecido do amparo familiar, que lhe permite tempo para construir identificações e ideais comuns e se torna, imaginariamente autosuficiente ele está obedecendo à lei perversa da cultura. Vemos isso acontecer no trabalho infantil, na prostituição de menores e no tráfico de drogas, muitas vezes induzido pelas redes sociais. A adolescência é, portanto, um tempo da delicadeza. Como aquele anúncio nos carros “Atenção! Bebê a bordo”.

Há pouco tempo tivemos no Círculo Psicanalítico de Minas Gerais o trabalho de Bruno Almeida Guimarães, que acompanhou durante anos a supervisão dada por Célio Garcia junto ao Tribunal de Justiça intitulada *Clínica Social: Jovens em conflito com a lei*. As soluções dos jovens nas oficinas clínicas davam espaço para formar saberes desconhecidos por eles e desprezados no laço social. Dando representabilidade a eles, abriam-se brechas para construir um novo modo de estar no mundo. Ou seja, em vez do simbólico no lugar da Lei, os jovens criaram suas “gambiarras”, vistas como soluções híbridas para bordejar o real.

Freud (1914) nos brinda com *Recordar, repetir e elaborar*, de onde se pode extrair muitos aspectos sobre nosso psiquismo. Recordar nos faz pensar no objeto lembrado, nos traços de memória e no modo como nos constituímos, sempre *a posteriori*. A repetição tem duas vertentes: a repetição diferencial, autômaton, que é o recordar lembrando, como na transferência e a repetição do mesmo, tiquê, pulsão de morte, sede da

reação terapêutica negativa e da compulsão à repetição que aparece no jogar compulsivo. As duas são tentativas de elaboração simbólica para bordejar o real.

Diante do saber inconsciente temos duas posições: (1) não querer saber nada disso; (2) a magia, a religião e a ciência e tecnologia. A psicanálise nos aponta outra posição: quero saber do meu inconsciente. Ou seja, a psicanálise nos liberta da “rede”.

O exagero desacerbado das redes sociais, comandado pelo discurso do capitalismo, nos impede de pensar, de aproveitar as saídas possíveis quando se toca no inconsciente. Para tal, atendemos adolescentes em análise nos tempos do virtual.

Abstract

The author discusses the harmful effects of social networks on the constitution of the adolescent subject. Psychoanalysis intends to free the teenager from this disastrous imaginary, reaching the symbolic and the desire.

Keywords: *Social networks, Mirror stage, Capitalist discourse, Ethics of psychoanalysis.*

Referências

BARBIERI, C. P. As redes virtuais: campo da fantasia. In: LOPES, A. J.; BARBIERI, C. P.; RAMOS, M. B. J.; BARRETO, R. A. (Orgs.). *Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2017. p. 179-194.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DUFFOR, D. R. *A arte de reduzir cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal (1969/1970)*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]). In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 347-454. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: _____. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 81-154. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914). In: _____. *O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-171. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 12).

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GEREZ-AMBERTÍN, M. O olhar planetarizado e o espetáculo onivoyeur (nas conexões digitais). In: LOPES, A. J.; BARBIERI, C. P.; RAMOS, M. B. J.; BARRETO, R. A. (Orgs.). *Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2017. p. 13-27.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu (1949). In: _____. *Escritos*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 10: A angústia (1962-1963)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante (1970-1971)*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. (Campo Freudiano no Brasil).

LOPES, A. J.; BARBIERI, C. P.; RAMOS, M. B. J.; BARRETO, R. A. (Orgs.). *Conexões virtuais: diálogos com a psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2017.

VORCARO, A. Identificação e nomeação na adolescência. In: ORNELAS, L. (Org.). *Desafios da subjetividade frente às vicissitudes contemporâneas: práticas psicanalíticas*. São Paulo: Instituto Langage, 2018. p. 73-83.

Recebido em: 25/05/2023

Aprovado em: 03/07/2023

Sobre a autora

Vanessa Campos Santoro

Psicóloga.

Psicanalista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG), filiado ao Círculo Brasileiro de Psicanálise (CBP) e à *International Federation of Psychoanalytic Societies (IFPS)*.

Coordenadora dos seminários *O pequeno Hans e O homem dos ratos* no 2.º tempo de formação do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais.

E-mail: vansantoro@uol.com.br

Normas de Publicação¹

1. Serão publicados apenas trabalhos inéditos de psicanálise e textos de colaboradores convidados pela Comissão Editorial. Entende-se como inéditos os trabalhos que não foram publicados – seja no todo, seja em parte – em periódicos, capítulos de livros, anais de jornadas das filiadas ao Círculo Brasileiro de Psicanálise ou em congressos do CBP.

2. Os trabalhos serão publicados em língua portuguesa ou em língua estrangeira. O autor é responsável pela tradução para o português do texto, resumo e palavras-chave do seu trabalho. A revisão de linguagem e a diagramação são responsabilidade da revista.

3. Conteúdo a ser publicado

- Casos clínicos
- Ensaios
- Entrevistas
- Reflexões sobre a psicanálise em articulação com outras áreas do conhecimento
- Resenhas

4. Formatação

- Papel: A-4
- Margens: superior e esquerda: 3 cm; inferior e direita: 2 cm
- Fonte: Times New Roman 12 – em todo o texto
- Espaçamento entre linhas nos parágrafos: 1,5 cm
- Espaçamento entre linhas nas citações: simples
- Primeira linha dos parágrafos: 1,25 cm
- Recuo das citações à esquerda: 1,25 cm assim como os parágrafos

5. Estrutura do trabalho

O trabalho deverá ser obrigatoriamente acompanhado de:

- Título em português e em inglês no corpo do trabalho
- Nome completo do autor ou autora, ou autores
- Resumo antes do texto, com o máximo de 250 palavras, seguido de 3 a 5 palavras-chave; Abstract depois do texto, seguido de 3 a 5 Keywords
- Referências

6. Referências

• Segundo a ABNT (NBR 6023, de 2018), “tudo o que está citado no texto deve ser referenciado e tudo o que está referenciado deve ser citado no texto”. As obras citadas no texto devem ser **alinhadas à esquerda**, principalmente por causa dos extensos links. Na *Estudos de Psicanálise*, o título das obras fica em itálico.

Obs.: Não se usa mais o termo “bibliográficas” já que são citadas outras fontes além de livros.

1. Atualização em dezembro de 2023 para as próximas edições.

a. Livro

AUTOR. *Título*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação.

- LACAN, J. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de psicanálise*. Direção: Daniel Lagache. Tradução: Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WINNICOTT, D. W. A comunicação entre o bebê e a mãe e entre a mãe e o bebê: convergências e divergências. In: _____. *Os bebês e suas mães*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1994. p. 79-92.

b. Capítulo de livro

AUTOR DO CAPÍTULO. Título do capítulo. In: Autor do livro. *Título*: subtítulo. Edição. Local (cidade) de publicação: Editora, ano de publicação. Número do volume (se houver). Intervalo das páginas.

- FREUD, S. As pulsões e seus destinos (1915). In: _____. *As pulsões e seus destinos*. Tradução: Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 13-69. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 2).
- FREUD, S. Os instintos e seus destinos (1915). In: _____. *Introdução ao narcisismo, Ensaio de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. Tradução e notas: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 51-81. (Obras completas, 12).
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: _____. *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)*. Direção da tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1996. p. 123-144. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- IANINNI, G.; SANTIAGO, J. Prefácio. *Mal-estar: clínica e política*. In: FREUD, S. *Cultura, sociedade e religião, O mal-estar na cultura e outros textos*. Tradução: Maria Rita Salzano Morais. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 33-63. (Obras incompletas de Sigmund Freud).

c. Artigo de revista

AUTOR. Título do artigo. *Título do periódico*, local de publicação (cidade), número do volume, número do fascículo, páginas inicial e final, mês e ano.

- LOPES, A. J. Sigmund Freud - O manuscrito inédito de 1931 - As aventuras e desventuras de um texto e as ideias desconhecidas de Freud sobre o cristianismo e a sublimação. *Estudos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, n. 50, p. 39-58, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372018000200004. Acesso em: 06 out. 2021.

- MENDES, E. R. P. Sobre a transmissão da psicanálise nas instituições psicanalíticas. *Reverso*, Belo Horizonte, ano 40, n. 76, p. 23-30, dez. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952018000200003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 maio 2020.

6. Citações

Em 19 jul. 2023 passou a vigorar a norma NBR 10520 de citações, que a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) atualizou com o objetivo de facilitar a elaboração dos trabalhos acadêmicos.

O que foi alterado

A indicação de autoria pessoa física, dentro dos parênteses, deve ser feita em letras maiúsculas e minúsculas (Freud, 1920/2020). O ponto final deve ser usado para encerrar a frase e não a citação.

- **As citações** deverão ser acompanhadas de sua fonte e página(s).
- **Citação direta:** Quando é extraído um trecho literal, copiado fielmente do original. Nesse caso, deve-se colocar o sobrenome do autor, o ano da obra consultada e a(s) página(s). As citações diretas podem ser de dois tipos, conforme o número de linhas.
- **Até três linhas**
Aparece incorporada ao texto, entre aspas.
a. Pontalis (1998, p. 274) afirma: “Nossas memórias, para serem vivas, nossa psique, para ser animada, devem se encarnar”.
b. “O objetivo da análise é preparar o paciente para a autoanálise” (Green, 1988, p. 302).
- **Mais de 3 linhas**
Deve ser destacada com recuo de 1,25 cm da margem esquerda e espaçamento simples – sem uso de aspas. Ex.:
Em *Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte*, Freud (1915/2020, p. 99) afirma:

Parece-nos que jamais um acontecimento destruiu tanto os bens preciosos comuns à humanidade, confundiu tantas das mais lúcidas inteligências, rebaixou tão radicalmente o que era elevado. A própria ciência perdeu sua desapaixonada imparcialidade; seus servidores, profundamente exasperados, procuram extrair-lhe armas para oferecer uma contribuição na luta contra o inimigo.

- **Citação indireta ou paráfrase:** Texto baseado na obra do autor consultado.
a. Diversos autores citam a importância do estudo das perversões para entender as psicopatias da vida cotidiana (Clauvreul, 1990; Dor, 1991; André, 2003; Corrêa, 2006).
b. A concepção médica de oposição entre o normal e o perverso se desfaz, segundo Corrêa (2006), à medida que o inconsciente vai sendo revelado.

c. Para a psicanálise, o Sujeito não seria natural como queria Sade, seria um Sujeito irremediavelmente dividido, como demonstrou Freud, ao que Lacan acrescenta que isso aconteceria pela relação dele, Sujeito, com a linguagem (Lacan, 1962/1998 citado por Leite, 2000).

7. Notas de rodapé

Devem ser usadas apenas as notas explicativas, já que as notas de referência fazem parte do corpo do texto.

8. Uso de destaques gráficos no texto/recursos visuais

- ‘Aspa simples’: Em destaque do autor do texto.
- “Aspas duplas”: Nas citações do autor consultado e nas transcrições das falas de pacientes, entrevistados e outros interlocutores.
- *Itálico*: Em título de obras, palavras de língua estrangeira, em destaque ou grifo do autor.
- **Negrito**: Somente no título do texto e suas seções.

9. Ao Conselho Consultivo de cada sociedade participante do CBP cabe examinar e aprovar, em primeira instância, os trabalhos de seus respectivos sócios e, posteriormente, encaminhá-los ao Conselho Editorial, já dentro das normas de publicação da revista, que decidirá sobre a sua publicação de acordo com a programação da revista.

10. O Conselho Editorial reserva-se o direito de recusar os trabalhos que não se enquadrem ao conteúdo (item 3) ou não tenham qualidade editorial.

11. Para submissão, os trabalhos deverão ser enviados por e-mail para **cbp.rj@terra.com.br**.

Revista Estudos de Psicanálise

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504

22050-002 - Rio de Janeiro-RJ

Tel.: (21)2236-0655

Roteiro de avaliação dos artigos

1. Título claro e preciso sobre o conteúdo do artigo.
2. Resumo claro e preciso sobre o conteúdo do artigo, máximo de 250 palavras.
3. Palavras-chave adequadas ao conteúdo, em número máximo de cinco.
4. *Abstract e Keywords* conforme instruções.
5. Normas para citações e referências conforme instruções.
6. Relevância do tema.
7. Clareza de pensamento.
8. Consistência e coerência na fundamentação teórico-metodológica do trabalho.
9. Linguagem, considerando objetividade, estilo e correção.
10. Aspectos éticos de acordo com a Resolução CNS 196/96 sobre privacidade e anonimato das pessoas envolvidas, e declaração de conflitos de interesses.
11. O artigo deverá conter conclusão ou considerações finais.

Local
de
aplicação
do selo
F S C

**Os
papéis
desta revista
são oriundos de
empreendimentos
florestais
que
seguem
normas
internacionais
de reflorestamento.**

Papel Certificado, o papel da revista!



Círculo Brasileiro de Psicanálise